

ADRIANO J. MARANGONI

O CAMINHO PARA O FUTURO

Ações da United States Information Agency (USIA) na Guerra Fria
(1953-1968)

DOUTORADO – HISTÓRIA

PUC-SP

2015

ADRIANO J. MARANGONI

O CAMINHO PARA O FUTURO

*Ações da United States Information Agency (USIA) na Guerra Fria
(1953-1968)*

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História Social, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Pedro.

DOUTORADO – HISTÓRIA

PUC-SP

2015

BANCA EXAMINADORA

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Para aqueles que gostavam de caminhar para longe, e
partiram.

RESUMO

Ao final da 2ª Guerra Mundial, os serviços de inteligência e informação empregados pelos Estados Unidos passaram por várias reformulações. Um dos resultados foi a criação da *United States Information Agency*, em agosto de 1953. Esta agência, segundo definia diretrizes estabelecidas pelo Congresso americano e pelo Presidente Dwight Eisenhower, tinha a missão de promover um melhor entendimento entre os Estados Unidos e outras nações do mundo. Na prática, as ações desta agência estavam diretamente ligadas às características e exigências impostas pela Guerra Fria. A USIA era regida pela oposição dos Estados Unidos contra a União Soviética e ao Comunismo. Nesta guerra, a arte, a literatura, os meios de comunicação, ou a ciência, entre várias outras expressões culturais, foram reunidas e mobilizadas em nome de um projeto político, ideológico e até mesmo filosófico. Sob uma perspectiva histórica é possível reconhecer que este “projeto”, difuso e fragmentado na concepção de seus idealizadores, continha uma matriz civilizatória homogênea, reconhecível nas diversas práticas da agência ao longo dos anos. Enquanto fatores como o aperfeiçoamento de armamentos militares, ampliação e emprego de exércitos se constituía como um fato pelo mundo, a cultura, nas mãos dos oficiais culturais da USIA, era empregada em termos quase equivalentes. Enquanto a barbárie da violência se constituía como um horizonte de possibilidade inescapável, uma concepção de civilização era sedimentada como alternativa, um caminho para o futuro.

Palavras-chave: História, futuro, USIA, guerra, Guerra Fria, relações culturais, relações internacionais, governo Americano, civilização, barbárie.

ABSTRACT

At the end of the 2nd World War, the information and intelligence services used by the United States have gone through several redesigns. One result was the creation of the *United States Information Agency* in August 1953. This agency, according to guidelines established by the US Congress and President Dwight Eisenhower, had the mission to promote a better understanding between the United States and other nations of the world. In practice, the actions of this agency were directly linked to the characteristics and requirements imposed by the Cold War. The USIA was ruled by the opposition of the United States against the Soviet Union and Communism. In this war, art, literature, the media, and science, among many other cultural expressions were pooled and mobilized on behalf of a political, ideological and even philosophical project. From a historical perspective, one can recognize that this "project", diffuse and fragmented in the design of its founders, contained a homogeneous civilization matrix, visible in the various agency's practices over the years. While factors such as the improvement of military weapons, expansion and armies employment constituted as a fact throughout the world, culture, in the hands of cultural officers of the US Information Agency, was used in almost equal terms. While the barbarity of violence which was one inescapable horizon of possibility, a conception of civilization was settled alternatively, a path for the future.

Keywords: History, future, USIA, war, Cold War, cultural relations, international relations, American government, civilization, barbarism.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – “POR QUE NÓS LUTAMOS”	18
I.I – Cerimônia, propaganda e “verdade”	18
I.II - Aprendendo com quem sabe.....	24
I.III - O caso britânico, precedentes oficiais e internacionais	33
I.IV – “ <i>An able, treacherous enemy</i> ”	41
CAPÍTULO II – MAIS QUE MERA IDEOLOGIA	51
II.I – O relatório Clifford-Elsey	51
II.II – Inteligência e informação	63
II.III – USIA X Agitprop	75
II.IV – O vetor das informações.....	82
CAPÍTULO III – O CAMINHO PARA O FUTURO	86
III.I – O processo “incivilizador”?	86
III.II – “ <i>Ria, camarada, ria</i> ”	94
III.III – “ <i>Thú khâu nhú bíhn, phûông ý nhû thàn</i> ”	100
III.IV – O caminho para o futuro	104
III.V – “ <i>Qué es esto? Una cruzada o algo así?</i> ”	118
III.VI – VOA, exibições, bibliotecas	125
CAPÍTULO IV – O PROTÓTIPO BRASILEIRO	128
IV.I - Uma brecha na defesa das Américas.....	128
IV.II – O protótipo brasileiro	139
IV.III – O “vírus comunista” contamina o Brasil	147
IV.IV- Como produzir “ <i>ardorosos defensores da democracia</i> ”	152
CAPÍTULO V – “A VERDADE É A MELHOR PROPAGANGA”	166
V.I – Histeria e Racionalização.....	166
V.II - “ <i>Eles sempre acham que sou 007 ou da CIA</i> ”	176
V.III – “ <i>A melhor propaganda é a verdade</i> ”	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
ANEXOS	214
Anexo I	214
Anexo II	215

Anexo III.....	216
Anexo IV.....	217
Anexo V.....	218
Anexo VI.....	219
Anexo VII.....	220
Anexo VIII.....	221
Anexo IX.....	222
Anexo X.....	223
Anexo XI.....	224
Anexo XII.....	225
Anexo XIII.....	226
Anexo XIV.....	227
Anexo XV.....	228
FONTES	229
BIBLIOGRAFIA	235

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, pelos subsídios que permitiram a execução desta pesquisa entre 2012 e 2015 na PUC-SP. Mais ainda, minha gratidão à esta Coordenação por aceitar o ingresso deste projeto no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) em 2013, um auxílio sem o qual seria impossível buscar as fontes documentais no *National Archives and Records Administration*, nos Estados Unidos. A eficiência do programa e prestatividade de seus agentes estão acima de qualquer censura. Devo muito a eles. Meu muito obrigado.

Ao *Center For Latin American & Latino Studies*, CLALS, centro de estudos da *American University* em Washington D.C., que receberam, incentivaram e ampararam todas as mínimas exigências desta pesquisa. Em especial, agradeço ao co-orientador deste trabalho no exterior, Eric Hershberg, aos membros do CLALS, Ashlee Armstrong, Inés Luengo de Krom, Dennis Sithcomb, Jacquelyn Dolezal, além da professora Dra. Cristina Pacheco, colega de pesquisa no centro e guia naquela desconhecida Tenleytown. Juntos eles me mostraram o retrato de um autêntico centro de estudos, comprometido com o incentivo da pesquisa, da crítica e do pensamento. Núcleo de conhecimento, uma fortaleza de reflexão e aprendizado, obrigado.

Às professoras Dra. Denise Bernuzzi de Sant’Anna e Dra. Lilian Marta Grisolio, que compuseram a banca de qualificação em junho de 2015. Foi graças aos apontamentos desta banca que uma “tese” se constituiu com maior clareza. Duvido que eu tenha alcançado as expectativas esboçadas ali. Espero que o resultado não desaponte aquelas a quem dedico tamanho respeito e admiração.

Aos funcionários, docentes e discentes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que já devem estar fartos de me ver entre suas salas e corredores ao longo de tantos anos. A esta altura já me considero parte da fauna local. É um privilégio ter sido aceito tantas vezes, de diferentes formas.

Aos colegas do POLITHICULT, centro de estudos do qual faço parte, e aos doutorandos da turma de 2012 na PUC-SP. As pesquisas de todos auxiliaram muitas considerações contidas nesta tese. Espero poder coloca-las em discussão com eles, meus amigos. Tomara que as ideias contidas aqui os ajudem tanto quanto as deles me ajudaram.

Aos alunos e funcionários das Escolas Estaduais Reinaldo Ribeiro da Silva, Pereira Barreto e Romeu de Moraes, que jamais me deixaram esquecer o porquê de fazermos pesquisas. São os alunos, nossos iguais dentro de poucos anos, onde reside o verdadeiro “caminho para o futuro”. São eles os habitantes das nossas melhores ideias, os desafiados pelos nossos piores vícios.

Aos colegas e funcionários da Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores, a EFAP, órgão jovem da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e imbuído de imensos potenciais. Agradeço todo o auxílio e consideração que todos ali ofereceram em doses generosas para a realização desta tese.

À Hector Cruz e Angela Sousa Cruz, casal incomparável, que abriram as portas de sua casa a um quase desconhecido (e desorientado) estudante brasileiro no final de um dos invernos mais severos que Washington já viu. Aquilo me ensinou muito sobre o significado de *humano*.

Aos Quadrinheiros, apaixonados e rigorosos, pela paciência e compreensão com as ausências e a baixa produtividade de um de seus membros. Mesmo que um pouco desgarrada dos

quadrinhos, esta tese é fruto direto de alguns temas que só eles são capazes de reconhecer com precisão.

Ao meu orientador, professor Dr. Antônio Pedro Tota, infatigável, que não cessa de me ensinar. Um desafio deste trabalho foi tentar descobrir a medida para me desviar ou aproximar do que ele apontava. Ao final desta etapa, só consigo reconhecer quanto ele sempre teve razão. Agradeço por nunca me deixar afastar do caminho, mesmo quando eu achava estar agindo sozinho. Jamais estive desamparado. As falhas deste trabalho são de quando me desviei. Os méritos são do esforço dele.

À minha família e amigos, pelo apoio irrestrito. Eles são inúmeros e meras palavras vão subtrair a importância que têm cada um. O mundo é um lugar melhor por causa deles. Farei o possível para demonstrar isso. Comecei com uma tese.

INTRODUÇÃO

Era 1939. Nas ruas de Nova York era exposto um cartaz de fundo azul, um céu noturno logo depois do crepúsculo. No canto à esquerda, alguns arranha-céus, enfileirados, mas acanhados diante da imagem central. Eram duas formas. Uma enorme torre triangular que se esticava para além do firmamento. Ao lado dela, um enorme globo. No desenho eles eram iluminados por feixes de luz que partiam da terra na direção do alto, onde habitava uma estrela solitária. Além do cartaz havia um panfleto, que convidava para uma experiência:

“[...] Os olhos da Feira estão no futuro – não no sentido de encarar o desconhecido nem tentar prever os eventos do amanhã e a forma das coisas que virão, mas no sentido de apresentar uma nova e clara visão do hoje na preparação para o amanhã; uma visão das forças e ideias que prevalecerão tanto quanto as máquinas que as engendraram. Estas são as ferramentas com que o Mundo do Amanhã deve ser construído. São todos fascinantes e muito esforço foi empregado para expô-los diante de você de uma forma interessante. Familiaridade com o amanhã é a melhor preparação para o futuro.”¹

Tratava-se do convite para a Feira de Nova York, realizada em Flushing Meadows-Corona Park, entre 1939 e 1940. Com a participação de vários países, inúmeros expositores mostravam os últimos avanços da tecnologia aplicados em eletrodomésticos, modelos arquitetônicos, novas ligas metálicas, novos tecidos, milagres engendrados pela ciência e pela razão. “*O futuro é agora*”, prometia a publicidade da feira.

¹ “[...] *The eyes of the Fair are on the future — not in the sense of peering toward the unknown nor attempting to foretell the events of tomorrow and the shape of things to come, but in the sense of presenting a new and clearer view of today in preparation for tomorrow; a view of the forces and ideas that prevail as well as the machines. To its visitors the Fair will say: “Here are the materials, ideas, and forces at work in our world. These are the tools with which the World of Tomorrow must be made. They are all interesting and much effort has been expended to lay them before you in an interesting way. Familiarity with today is the best preparation for the future.”* Apud <http://publicdomainreview.org/collections/new-york-worlds-fair-1939-40/> Acesso em 20/09/2015.

Razões e sentimentos, cálculos e emoções pareciam ser ingredientes de um futuro que se descortinava diante dos Estados Unidos naqueles tempos. Todos foram colocados à prova nos anos seguintes. Pelos seis anos que duraram a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), quatro com o envolvimento direto dos Estados Unidos no esforço contra as nações do Eixo, aquelas esperanças de arrojo e otimismo permaneceram adormecidas, caladas, silenciadas. Mas jamais esquecidas. Em agosto de 1945, depois da rendição do Japão, elas foram despertadas com a sede do amanhã e o vigor de uma juventude restaurada. A batalha pelo futuro estava para começar.

Esta pode ser uma forma de encarar a história da USIA, ou *United States Information Agency*. Com raízes na 2ª Guerra Mundial, inspirada por dogmas americanos, forjada por atos governamentais ao longo de décadas, de 1940 a 60, aquela agência foi um dos mais singulares recursos empregados pelos Estados Unidos na disputa com a União Soviética ao longo da Guerra Fria.

Diferente dos instrumentos que são convencionais numa situação de conflito entre nações, como armas ou exércitos, os principais expedientes da USIA foram a propaganda, a educação e a cultura. E não por acaso. Aquela agência foi criada no interior dos serviços de inteligência dos Estados Unidos. Muitos de seus componentes institucionais nasceram ainda em anos anteriores, na 1ª Guerra Mundial. Lá estavam concepções onde o emprego da “propaganda” era muitas vezes confundido, ou até mesmo substituído por “espionagem”, “contra-informação” ou simplesmente “mentira”. Com o fim da 2ª Guerra Mundial, estas concepções foram frontalmente reconsideradas pelo Departamento de Estado e por todo o governo americano. A tarefa que se cristalizava de 1945 em diante era garantir o amanhã. Havia competentes rivais que se fortaleciam além da “cortina de ferro”. Havia nações que podiam ser dissuadidas a apoiar os comunistas. Havia vários recursos a serem reconhecidos, examinados e utilizados. Havia uma nova missão para as crenças americanas:

conter o comunismo. Uma consequência indireta, reconhecível apenas com o distanciamento histórico, foi revelar o inesperado. Contar esta história, no entanto, não era o plano original deste trabalho.

A proposta de pesquisa original desta tese era outra, bem distinta do que se consolidou como resultado. Inicialmente buscava-se examinar uma hipótese simples, mas polêmica: os Estados Unidos estavam usando histórias em quadrinhos de super-heróis como instrumentos para influenciar a opinião pública no Brasil, especialmente entre os jovens? Havia, como acusavam muitos jornais brasileiros da década de 1950, interesses “imperialistas” na propagação de quadrinhos no Brasil? Estava a juventude nacional sendo manipulada? Abrindo mão dos seus sentimentos nacionalistas por conta dos gibis? Eram questões que já haviam sido tocadas em um trabalho anterior. Mas por conta de inúmeros fatores elas não tinham como ser mais exploradas. Uma das principais razões era o volume de documentação, notadamente os jornais da época. Os encartes do *O Globo*, do *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, as publicações vinculadas aos *Diários Associados*, eram centenas entre centenas de edições a serem reconhecidas, selecionadas e examinadas para fins de investigação. A seleção de uma publicação não teria respondido as questões. Recortes temáticos transversais poderiam levar ao descuido de problemáticas que podiam ser cruciais. Ademais, um breve levantamento bibliográfico revelou que muitas das acusações de “imperialismo americano” entre os jornais brasileiros contra os quadrinhos estavam relacionadas com disputas editoriais de naturezas variadas. Raramente estes debates convergiam à inquietação que impulsionava a pesquisa: qual era a relação que os Estados Unidos tinham com a cultura de massas no século 20? Teriam os americanos empregado a cultura como recurso de “manipulação” de vários países? Ou simplesmente a identidade americana se integrou a tal ponto com a difusão de bens culturais a ponto de os dois elementos serem indistintos? O que e qual era

a função da *cultura* para os Estados Unidos? Ora, havia estas e muitas outras questões que se multiplicavam na medida que sujeitos e fatores históricos eram identificados. Chegar ao exame da USIA era inevitável.

A documentação que permitiu esta investigação está concentrada nos acervos do *National Archives and Records Administration*, em Washington D.C. e em College Park, em Maryland. Ao longo de cinco meses, entre fevereiro e julho de 2014, foi levantado um considerável volume de documentos, cerca de 30 mil páginas que foram fotografadas para fins de pesquisa. Apesar disso, constituíam em um número significativamente menor do que aqueles produzidos pela imprensa brasileira no mesmo período. Os documentos produzidos pelos funcionários da *United States Information Agency* estão reunidos no Record Group 306 no National Archives. Seleccionados e explorados nesta tese, estes documentos estão espalhados em inúmeras entradas de indexação. Naqueles meses de pesquisa foi possível reconhecer que a USIA produzia uma enorme gama de documentos. Eram relatórios analíticos de pesquisa sobre diversos países e temas, dados estatísticos, enquetes, panfletos publicitários, revistas em quadrinhos, fotonovelas, conteúdos de programas de rádio, revistas jornalísticas, revistas de entretenimento, traduções de obras soviéticas, clippings de jornais de vários países, incluindo o Brasil, normas internas, relatórios orçamentários, relatórios para o Congresso americano, panfletos de exposições, além de uma variedade de outros materiais.

Para fins de seleção da documentação e que fossem suficientemente abrangentes para atender os propósitos da pesquisa, aqueles documentos passaram a ser organizados como se respondessem a questões. Eram perguntas simples, questões basilares, mas que justamente pareciam tão imperativas de ser respondidas. São estas questões que orientam o sentido da composição dos capítulos desta tese.

Colocando-se na perspectiva daqueles que produziam aqueles documentos, no Capítulo I buscou-se responder a seguinte questão: “Por que lutamos?”, uma dúvida que não apenas já tinha sido levantada na 2ª Guerra Mundial por um cineasta americano, como também a resposta se mostrou determinante para orientar a compreensão das ações da USIA. Os documentos selecionados para o Capítulo II foram organizados para que fosse respondida outra questão. Da mesma forma, da perspectiva dos autores dos documentos, perguntava-se “Contra quem lutamos?”, tentando reconhecer a forma que os funcionários da USIA enxergavam seus rivais na Guerra Fria. De forma análoga, o Capítulo III foi construído a partir de documentos que respondessem à questão “Como nós lutamos?” e examinava as várias formas de atuação da USIA, notadamente na disseminação e apreensão de bens culturais em vários países. O Capítulo IV explora os documentos como uma forma de responder “Quem são vocês?”, tendo em vista a atuação da USIA diretamente no Brasil. Por último, o Capítulo V foi elaborado como um exame da questão “Quem somos nós?”, uma alusão à forma como os próprios americanos e oficiais culturais da USIA se reconheciam e enxergavam seus valores na Guerra Fria.

Ao invés de uma demarcação temporal definida por convenções que fossem estranhas aos tópicos da pesquisa, priorizou-se respeitar a temporalidade dos documentos dentro das temáticas que as questões-guia conferiam à composição dos capítulos. Assim, algumas vezes a sequência dos capítulos não implica necessariamente numa escalada cronológica. Em seu lugar há temporalidades diversas com breves saltos. Este fato de modo algum deve atrapalhar a leitura ou a ordenação lógica da tese.

Nem todas as questões propostas ao longo da pesquisa foram completamente respondidas. Nem todas as respostas foram rigidamente satisfatórias para os potenciais focos de discussão que a pesquisa suscita. A despeito de quaisquer conclusões que estejam arroladas ao final do trabalho

é evidente que esta pesquisa não se configura como nada além de um início, um começo para a compreensão de algo consideravelmente maior. Aqui estão apenas os primeiros passos.

CAPÍTULO I – “POR QUE NÓS LUTAMOS”

I.I – Cerimônia, propaganda e “verdade”

Aquele era o fim. No dia 2 de setembro de 1945, a bordo do USS Missouri ancorado na Baía de Tokyo, o ministro do exterior japonês Mamoru Shigemitsu, em cerimônia solene, assinava a rendição. O Japão era a última nação do Eixo a se render aos Aliados na 2ª Guerra Mundial². Diante de Shigemitsu estava o Supremo Comandante das Forças Aliadas, General Douglas MacArthur. Ao lado dele estavam os almirantes Chester Nimitz (Estados Unidos), Sir Bruce Fraser (Reino Unido), Conrad Helfrich (Holanda), generais Hsu Yung-chang (China), Kuzma Derevyanko (URSS), Sir Thomas Bradley (Austrália), Philippe Leclerc de Hauteclocque (França), Coronel Lawrence Cosgrave (Canadá) e Vice-Marechal-do-Ar Leonard Isitt (Nova Zelândia). Acima do convés a tripulação do Missouri ainda dividia o espaço com testemunhas, fotógrafos e repórteres que registravam o acontecimento.³ Para muitos, aquele era o fim de um martírio iniciado no dia 1º de Setembro de 1939, data da invasão da Polônia pelos nazistas. Para os americanos, porém, foi o início de algo maior.

Embora o cerimonial tenha sido encenado como se aquele fosse um ato privado, restrito apenas às eminências militares e de estado, obviamente ele só teria validade enquanto fosse público, de conhecimento global. Os fotógrafos e jornalistas eram atores presentes, que sustentavam o vulto simbólico atribuído ao acontecimento histórico, a assinatura do documento de rendição. O mesmo valeria para qualquer outro fato histórico documentado: o fato só é conhecido enquanto existem evidências que o corroboram. Embora tenham suas identidades apagadas pelo

² YOUNG, Peter (Brigadeiro). *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Círculo do Livro/Melhoramentos, 1982, pp. 236-243.

³ http://www.archives.gov/exhibits/featured_documents/japanese_surrender_document/ Acesso em 23/03/2015.

tempo e não estejam completamente visíveis em muitas das imagens que registram os eventos dos quais participam, estes são sujeitos históricos tal qual aqueles que eles observavam. A ausência visual deles não pode ser confundida com ausência real. Fazer a história e observar a história, ali, caminhavam juntos.⁴

Em 28 de março de 1935 foi lançado nos cinemas alemães o filme documentário *Triunfo da Vontade*⁵. Em cortes teatrais, operísticos, precisos, a câmera deslizava seu olhar em paisagens bucólicas, edifícios, e claro, centenas de soldados alemães. Eles eram mostrados perfilados, fortes, simétricos, majestosos como uma lenda medieval, prontos para os desafios do futuro. O ontem e o amanhã congregados em imagens de beleza, ordem e aço. Lançado três anos depois, outro filme, *Olimpíadas e Mocidade Olímpica – Festa das Nações*⁶, a pretexto de documentar as Olimpíadas de 1936, mais uma vez deu destaque especial aos atletas alemães. Mais do que humanos, os retratados pareciam titãs, semelhantes a esculturas como o Davi de Michelangelo, ou a estátua de Vênus encontrada em Milo. A diretora dos dois filmes, Leni Riefenstahl, a serviço do Partido Nacional-Socialista Alemão, não criou apenas imagens de propaganda. Criou, sim, uma verdadeira arma de convencimento, de dissuasão, um recurso de mobilização, um instrumento de guerra.

⁴ Essa sutil diferença, risível ao senso comum, é crucial para o historiador e a relação entre fazer, observar e se reconhecer na História é um item determinante na presente tese. Por enquanto, basta apontar que se observa os ensinamentos de, entre outros, BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, vol. I-III*. São Paulo: Brasiliense, 1996; BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010; CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Ed. UNESP, 2014; LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

⁵ Informação tirada de <http://www.imdb.com/title/tt0025913/> Acesso em 23/3/2015. Embora muitos dos verbetes dispostos no site indicado sejam produto de esforço “wiki”, ou seja, colaborativo e aberto ao público, confia-se na qualidade das informações, grande parte em função do escrutínio público que os filmes da diretora alemã são submetidos ali. Ademais, a precisão do dia de lançamento deste filme em particular não compromete a qualidade das observações, análises ou conclusões desta tese. Para tanto, basta a indicação do ano, o que pode ser referendada em SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: LPM, 1986.

⁶ Informação tirada de http://www.imdb.com/title/tt0030522/?ref =nm_knf_t2 Acesso em 23/3/2015.

Os americanos⁷ não eram indiferentes aos potenciais políticos – e bélicos – das fotografias. Tampouco ficaram desatentos aos filmes de Leni Riefenstahl em especial. Uma reação ao uso desta “arma” era necessária. O diretor de filmes como *Aconteceu naquela noite* (1934) ou *A Mulher faz o homem* (1939)⁸, Frank Capra, foi o selecionado pelo *Office of War Department* e pelo *Office of War Information* dos Estados Unidos para fazer frente ao desafio da propaganda alemã. O resultado foi a série de filmes reunidos sob o título de *Why we fight*, um conjunto de sete documentários produzidos entre 1942 e 1945 que mostravam o vigor dos soldados americanos, alertavam sobre as táticas do Eixo para enfraquecer a América, e ensinavam aos cidadãos o que eles poderiam fazer para contribuir ao esforço de guerra.⁹ Propaganda nacionalista em doses concentradas, linguagem acessível, ao alcance de todos que pagassem um ingresso de cinema, *Why we fight* se tornou tão emblemático de sua época quanto as capas de um Capitão América socando a cara de Adolf Hitler¹⁰ ou a fotografia dos soldados levantando a bandeira americana em Iwo Jima.

De forma similar à teatralidade da cerimônia a bordo do USS Missouri, os filmes de Riefensthal e de Capra incitam uma digressão. Embora seu aprofundamento escape às pretensões

⁷ Optou-se por utilizar o termo “americanos” ao se referir aos cidadãos dos Estados Unidos da América por duas razões. Por uma questão prática, ao invés de “estadunidense”, cuja grafia, a despeito dos esforços do autor, ainda escapa à memória mecânica da digitação. E mais importante, o termo é usado pelos próprios cidadãos daquele país para se referirem a si próprios. Obviamente o significado semântico dos dois termos é contemplado, assim como as posições ideológicas atribuídas a cada um. A escolha aqui serve ao justamente propósito do possível encontro ao debate, essencial à construção do conhecimento, e não se furtar dele.

⁸ No original em inglês, “*It Happened one night*” e “*Mr. Smith Goes to Washington*”. A análise sobre a vida e obra do diretor pode ser vista em FURHAMMAR, Leif & ISAKSSON, Folke. *Cinema e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

⁹ No momento da redação desta tese, os sete filmes que compõem *Why we fight* estão disponíveis online no canal do *National Archives and Records Administration* no Youtube. Os títulos dos episódios são 1. *Prelude to war*, 2. *The Nazis Strike*, 3. *Divide and Conquer*, 4. *The Battle of Russia*, 5. *The Battle of Britain*, 6. *The battle of China* e 7. *War Comes to America*. Eles estão disponíveis em

<https://www.youtube.com/user/usnationalarchives/search?query=why+we+fight> Acesso em 30/03/2015.

¹⁰ Item explorado na dissertação de mestrado do autor. Ver em MARANGONI, Adriano. *História em Quadrinhos: Entre a tradição e o desajuste como síntese da cultura americana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2006.

desta tese, ela é contemplada como horizonte teórico indispensável. Qual seja, a teoria da guerra em Claus von Clausewitz, discutida por Raymond Aron, John Keegan, Eric Hobsbawn, referências importante nos trabalhos nas Ciências Humanas. Ensinava o general prussiano, veterano das guerras napoleônicas, a guerra nada mais é, por um lado, que um duelo - a diferença é que os rivais são substituídos por forças de vastas proporções. Por outro lado, a guerra é também o exercício da política por outros meios. Uma má leitura da clássica obra de Clausewitz encerraria o pensamento dele em máximas como as duas apontadas. Não é o caso¹¹. Assume-se aqui a concepção de que a guerra não se restringe apenas ao uso da violência física praticadas por exércitos profissionais, treinados e organizados nas formas tradicionais de combate físico. A guerra seria um expediente social, um mecanismo de articulação de estruturas históricas, culturais, materiais e políticas. Em outras palavras, um processo civilizador¹² que abrange várias aptidões humanas, inclusive artísticas, como a literatura, a fotografia e o cinema. Esta concepção, de que a arte e a propaganda foram colocadas a serviço deste “expediente social” – a guerra – é uma das premissas desta tese. Mas ela não é a única.

Parte-se também da premissa que a partir da 2ª Guerra Mundial, o governo americano passou a reconhecer a importância maior da divulgação oficial dos próprios atos no exterior. Isto

¹¹ No período de vida de Clausewitz, a guerra estaria a serviço dos interesses do do Estado, da nação, conceitos suficientemente abrangentes e que serviam aos propósitos e identidade nacional daquele militar. No século XX, escopo temporal aqui contemplado, conceitos como “nação” ou “estado” não são suficientes e devem ceder espaço igual a termos como “ideologia” e “verdade”, aglutinadores de posicionamentos bélicos de larga escala e que passaram a determinar a retórica dos sujeitos históricos, agências governamentais e ações praticadas a partir do fim da 2ª Guerra Mundial, recorte temporal deste excuro. Para uma análise mais ponderada da obra de Clausewitz confia-se na abordagem de LEMOS, Thiago Tremonte de. *Cultura e Política: a natureza da guerra moderna no pensamento de Claus von Clausewitz*. Mestrado em História. São Paulo: PUC-SP, 2008.

¹² Tema explorado especialmente em ELIAS, Norbert. *Os Alemães – A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

está diretamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação no século XX¹³. Isso explicaria o registro jornalístico do armistício do Missouri e dos filmes de Capra.

O diretor americano afirmou em sua biografia que a base dos seus filmes de propaganda na 2ª Guerra Mundial, para serem bem sucedidos, tinham que se distinguir daqueles produzidos pela Alemanha Nazista. Haviam de contrabalançar aquele “fascinante fascismo”¹⁴ arquitetado por Josef Goebbels, Ministro da Propaganda do 3º Reich, e executado por Riefenstahl.

Não bastaria reagir. Os americanos deviam trazer uma mensagem diferente, mais notável. Responder à pergunta que deu nome aos filmes de Capra – *Por que lutamos* - precisava de algo mais poderoso, mais ancestral. Relembrou o diretor: “[...] *eu pensei na Bíblia. Havia nela uma sentença que sempre me deu arrepios: ‘E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’.*”¹⁵

A passagem, um versículo do livro de João, atenderia aos propósitos da guerra? Afinal, não se lutava apenas em nome da vitória sobre a Alemanha Nazista. Não se lutava porque queriam vencer o Japão imperial. Tampouco porque tinham que derrotar a Itália fascista. Os americanos faziam aquilo, revelou o diretor/*policy-maker*, porque lutavam pela *verdade*. Se o Eixo representava o totalitarismo, a supressão da democracia e da liberdade, a *verdade*, por oposição, conjurava o inverso.

¹³ Uma questão absolutamente abrangente, discutida por inúmeros autores. Aqui ela é entendida sob as interpretações de autores da chamada “Escola de Frankfurt” como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, ou de “teóricos da comunicação”, como Umberto Eco, Marshall McLuhan e Edgar Morin. As referências específicas dos autores estão arroladas na sessão “bibliografia”.

¹⁴ Termo utilizado pela ensaísta americana Susan Sontag. Para ela, o nazismo tinha um apelo estético que superava a mera racionalidade política. O nazismo, por meio de suas marchas, uniformes, indicadores de uma rigidez moral e física, conteria um ingrediente de virilidade libidinoso, sexual. Estes traços, tanto quanto campanhas de pureza racial, eram fatores que explicavam a adesão do povo alemão às ações do partido. Esta discussão está presente em SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: LPM, 1986.

¹⁵ “[...] *I thought of the Bible. There was one sentence in it that always gave me goose pimples: ‘Ye shall know the truth, and the truth shall make you free.’*” Apud CAPRA, Frank. *The Name Above the Title: An Autobiography*. New York: MacMillan, 1971, pp. 343.

Finda a guerra, sob a perspectiva da retórica de Capra, a “verdade” venceu. E desde a Conferência de Postdam, um novo rival se erguia: o comunismo. Ocorrida de 17 de Julho a 2 de Agosto de 1945, a Conferência de Postdam contou com a presença dos principais líderes Aliados, o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman sucessor de Franklin D. Roosevelt, e o Secretário Geral do Partido Comunista Soviético, Joseph Stalin. Entre outros resultados, a conferência sedimentou a nova geografia política global depois da 2ª Guerra Mundial, desenhada nos termos da bipolaridade, uma divisão entre os blocos de influência ocidental capitalista e oriental comunista, a origem da Guerra Fria.¹⁶

No cenário que se abria após 1945 e com o iminente novo conflito era preciso se perguntar novamente: por que lutamos, especialmente contra ex-aliados, a União Soviética. A “verdade”, uma concepção semântica de amplo significado histórico, precisava ser ponderada, debatida, concordada e, finalmente, integrada como às ações dos Estados Unidos no exterior¹⁷. O que leva a uma série de questões.

Propaganda devia ser usada mais uma vez? Como? O que deveria compor esta propaganda? “Propaganda” não seria um sinônimo de “mentira” ou “hipocrisia”, como pareciam os panfletos alemães durante a 2ª Guerra? O uso dela não poderia surtir o efeito inverso? Quem ela atingisse não poderia se tornar mais simpático à causa oposta? Não seria mais racional mudar o sentido das

¹⁶ Em perspectiva ampla, ver sobre o tema em HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 e POWASKI, Ronald E. *The Cold War – The United States and the Soviet Union, 1917-1991*. Nova York: Oxford Press, 1998.

¹⁷ Muitas das quais eram praticadas pelo Departamento de Estado, o órgão do governo americano responsável pelas relações diplomáticas e estratégicas do país. Como informa o site do Departamento, “[...] *The Department's mission is to shape and sustain a peaceful, prosperous, just, and democratic world and foster conditions for stability and progress for the benefit of the American people and people everywhere.*” Disponível em <http://www.state.gov/s/d/rm/index.htm#mission> Acesso em 30/04/2015. Outras ações, porém, nem sempre passavam sob o crivo direto deste órgão. Fundações privadas, como a Carnegie e a Rockefeller, atingiam os mesmos resultados, senão ainda mais consistentes, do que aqueles chancelados pelo State Department. Sobre isso ver em TOTA, Antonio Pedro. *O Amigo Americano – Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ações culturais? Propaganda, cultura, informação, inteligência, educação, usados como recursos diplomáticos ou estratégicos, eram sinônimos? Eles eram eficazes? Quem seriam os responsáveis por se encarregar dessas questões? Militares ou civis? Afinal, qual era a função da cultura¹⁸ para os Estados Unidos na segunda metade do século XX?

Muitas dessas questões não foram completamente respondidas. Suas implicações talvez jamais serão completamente estimadas. Mas elas certamente podem ser exploradas ao se analisar os documentos produzidos pela *United States Information Agency*, ou USIA.

I.II - Aprendendo com quem sabe

Além da vitória dos Aliados, o fim da 2ª Guerra Mundial deixou uma herança talvez indigesta para os americanos. Muitas das operações, funcionários, escritórios e secretariados, que tinham sido criados e empregados para esforço de guerra, agora tinham que ser desmobilizados ou readaptados a outras atividades. Sem uma guerra declarada, que funções caberiam ao *Office of War Information* e ao *Office of Strategic Service*, por exemplo? Ambos tinham atribuições convergentes, mesmo que não concorrentes. Além disso, as embaixadas americanas no exterior já executavam certas ações relacionadas a cultura como a divulgação de informações sobre o Estados Unidos ou promoção de ensino da língua inglesa nos países que as sediavam desde antes do início da 2ª Guerra.

Entre 1945 e 1953 as atividades ligadas à cultura e informação no exterior dos Estados Unidos permanecerem contínuas, embora relativamente descentralizadas, até a criação da *United*

¹⁸ Cultura é um termo complexo e caro aos historiadores. Seu uso e concepção são determinantes para esta tese e não podem, a este momento, serem encerrados a uma classificação teórica tradicional. Por enquanto, basta reconhecer que o termo é inicialmente reconhecido nas reflexões de WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

States Information Agency. Oficialmente a USIA “nasceu” em Agosto de 1953, resultado indireto dos trabalhos do *Special Comitee on Government Organization*, do presidente Dwight Eisenhower, eleito em 1952. O comitê tinha como atribuições rearticular várias secretarias e órgãos criados desde a década de 1930, entre eles, as operações de informação, programas educacionais e ações de propaganda que já existiam. O grupo era liderado pelos acadêmicos Milton Eisenhower (irmão de Dwight), reitor da Pennsylvania University, Arthur Fleming, reitor da Ohio Wesleyan University, além do magnata filantropo Nelson A. Rockefeller.. Ao final dos trabalhos várias daquelas atividades foram centralizadas na USIA.¹⁹

Em termos de propaganda, inteligência e informação havia várias lições a serem aprendidas no passado e coube a aquela nova agência lembrá-las, reuni-las e disseminá-las entre todos seus funcionários ou para os vários ramos do governo americano. Por exemplo, um documento²⁰ datado de janeiro de 1955 trazia estampado na capa “*Four Working Papers on Propaganda Theory*”, ou “*Quatro Ensaios sobre a Teoria de Propaganda*” que reunia análises sobre experiências de propaganda realizadas por outras nações. Os títulos dos ensaios eram seguidos do nome de seus autores:

“[1] *Mobilização Espiritual – o Conceito Japonês de Propaganda por HIDEYA KUMATA*

[2] *A Teoria da Propaganda dos Nazistas Alemães por HIDEYA KUMATA e WILBUR SCHRAMM*

¹⁹ A história da USIA é convulsionada, o que será explorada neste e nos capítulos seguintes. Sobre o *Special Comitee on Government Organization* pode ser visto em ARNDT, Richard. *The First Resort of Kings – American Cultural Diplomacy in the Twentieth Century*. Washington D.C.: Potomac Books Inc., 2005, pp. 264-276. Sobre o envolvimento de Rockefeller na ampliação da USIA ver em TOTA (Op.Cit.), p. 284-285.

²⁰ Assinala-se, o corpus documental privilegiado foi retirado do Record Group 306, referência numérica dos documentos da USIA arquivados no *National Archives and Records Administration (NARA)*, em Washington D.C.. Suas localizações de indexação estarão indicadas em nota de rodapé apontando as informações como o descrito a seguir: Record Group (por exemplo, “RG 306”), a “entrada” alfanumérica (por exemplo, “A1-42”), o nome do agrupamento documental (por exemplo, “*International Survey 1953-64*”) e o número da caixa (Box 1).

[3] *Notas sobre o Conceito Britânico de Propaganda por WILBUR SCHRAMM*

[4] *O Conceito Soviético de ‘Guerra Psicológica’ por WILBUR SCHRAMM*²¹

Uma referência ao fim da página assinalava a parceria entre a agência e o mundo universitário:

“[...] *Escrito em parte com a ajuda da United States Information Agency, sob o contrato IA-W-362, entre a USIA e o Instituto de Pesquisas de Comunicação, Universidade de Illinois. Janeiro, 1955*”²²

O primeiro ensaio, “*Spiritual Mobilization*”, introduzia o tema do uso da propaganda feita no Japão e remetia a origem da questão ao século XII, fundação da mais duradoura dinastia a assumir o governo do país. O autor, Hideya Kumata, indicava que a lealdade ao imperador e a coesão nacional, particularmente visível na Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), derivava de um “espírito popular” historicamente construído. Este espírito popular era baseado em quatro princípios: (a) *da divina origem*, sustentada nas mitologias de criação da terra e do povo japonês; (b) *das divinas características*, referente aos traços distintivos do povo japonês; (c) *da divina liderança*, o que alimentava a crença na infalibilidade do imperador; e (d) *da divina missão*, como descreve Kumata, “*a extensão dos benefícios do domínio imperial japonês sobre as inferiores e mortais raças do mundo*”. Estes conceitos, compartimentados e incorporados em diretrizes de propaganda pelo governo japonês foram sumarizados em dez princípios de ação. Eram eles:

[...] *1. O objetivo ideal da propaganda é de fixar um sistema de crenças [...];*

²¹ “[...] *Spiritual Mobilization – the Japanese Concept of Propaganda by HIDEYA KUMATA; The Propaganda Theory of the German Nazis by HIDEYA KUMATA and WILBUR SCHRAMM; Notes on the British Concept of Propaganda by WILBUR SCHRAMM; The Soviet Concept of ‘Psychological’ Warfare by WILBUR SCHRAMM*” Documento de janeiro de 1955. Apud NARA, RG 306 – P160, *Special Reports, Box 9*. Ver Anexo I ao final da tese.

²² “[...] *Written in part with the help of the United States Information Agency, under contract IA-W-362, between USIA and the Institute of Communications Research, University of Illinois. January, 1955*” Idem.

2. *Um sistema de crenças pode melhor se estabelecer sob as condições de monopólio [...];*
3. *Novas atitudes a se formar ou atitudes existentes a serem mudadas devem estar de acordo com o sistema de crenças [...];*
4. *Repetição da propaganda garante convicção [...];*
5. *Organização social deve ser controlada, desde os movimentos nacionais até os grupos locais informais [...];*
6. *Grupos locais devem desenvolver espírito de corpo. Este espírito pode ser instilado não apenas pela propaganda mas pelos resultados conjuntos de tarefas específicas [...];*
7. *Apenas notícias favoráveis serão apresentadas [...];*
8. *Sempre que possível, regulação de mídias privadas será feita por uma organização de operadores de mídia, sujeitos à avaliação do departamento de propaganda governamental [...];*
9. *Propaganda em países ocupados deve ser da natureza de completa invasão cultural [...]*
10. *A agência de propaganda de um governo deve ser independente, reportando-se diretamente a um alto executivo [...]*²³

Chamam a atenção os itens 1, 3, 9 e 10. Fixar sistemas de crenças e introduzir novas atitudes de acordo com esse sistema, itens 1 e 3, são ações que muito provavelmente um diretor de agência de propaganda, estatal ou privado, concordaria sem o ônus de ser acusado de fazer parte do Eixo. É certo que lendo ou não este ensaio muitos funcionários da USIA agiam em concordância com aqueles termos. O item 9, porém, era distintamente imperialista e se colocava na posição do invasor. É de se imaginar o sucesso de uma medida que dita que “*a propaganda em países ocupados deve ser da natureza de total invasão cultural*” após o Massacre de Nanquim, em

[...] 1. *The ideal objective of propaganda is to inculcate a system of belief [...];* 2. *A belief system can best be established under conditions of monopoly [...];* 3. *New attitudes to be formed or existing attitudes to be altered must be in line with the belief system [...];* 4. *Repetition of propaganda makes for conviction [...];* 5. *Social organization must be controlled, from national movements to the local informal groups [...];* 6. *Local groups must develop spirit de corps. This spirit can be instilled not only by propaganda but through the joint accomplishments of specific tasks [...];* 7. *Only favorable news will be presented [...];* 8. *Whenever possible, regulation of privately owned media will be done by an organization of media operators subject to review by government propaganda office [...];* 9. *Propaganda in occupied countries must be in the nature of a complete cultural invasion [...];* 10. *The propaganda agency within a government should be independent, reporting directly to a high executive [...].* Idem.

dezembro de 1937. Já o item 10 parece legitimar a existência da própria USIA ao dizer que “*uma agência de propaganda de governo devia ser independente, apenas se reportando a um alto executivo*”. Ou seja, observou Kumata, havia um precedente histórico para aquilo que os americanos estavam fazendo. Afinal a USIA era uma agência composta por civis, acadêmicos ou profissionais de comunicação, com razoável autonomia e que se reportavam ao Congresso e estavam à disposição dos serviços de informação do governo americano.

Novamente, Hideya Kumata estava produzindo um ensaio que analisava as diretrizes da propaganda japonesa durante as décadas de 30 e 40. O objetivo ali, o texto sugere, era de instrução, provavelmente aos funcionários da agência ou do governo americano em geral. Havia-se de aprender com o exemplo japonês, para o bem ou para o mal. Mas além do conteúdo, há algo mais no documento que chama a atenção. Diferente de muitos documentos produzidos pela USIA e analisados na pesquisa, este não tem classificação sigilosa²⁴, normalmente estampada no rodapé e no topo das páginas. Ao que parece, não havia nada de comprometedor em se estudar o país vencido.

O segundo ensaio, *The Propaganda Theory of the German Nazis*, de Hideya Kumata e Wilbur Schramm seguia o mesmo eixo de análise, mas fazia uma ressalva logo de início: no caso dos nazistas havia notável ausência de um “manual” definitivo de propaganda (aparentemente, diferente do caso japonês). Afirmam os autores:

“[...] *A única razão para isso é que não estamos totalmente certos o quanto podemos confiar nos escritos nazistas sobre propaganda.*”

²⁴ Como “classificação sigilosa” entende-se a categorização dos documentos produzidos por órgãos governamentais, especialmente aqueles com potencial uso militar. Convencionalmente, essa categorização obedece a seguinte hierarquia: Top Secret (Ultra Secreto), Secret (Secreto), Confidencial, Restricted (Reservado) ou “Ostensivo”, este último, sem estampar qualquer marcação. Entre os documentos da USIA pesquisados, raramente foi encontrado um documento com a classificação “Top Secret”; eventualmente foram encontrados alguns “Secrets”, mas na maioria eram classificados como “Confidential”, “Restricted” ou sem marcação.

*Quem pode dizer que Adolf Hitler, ditando Mein Kampf para Rudolf Hess na prisão da fortaleza de Landsberg, não tinha de antemão o efeito de propaganda em mente – em outras palavras, que ele não estava escrevendo como propagandista sobre propaganda, invés de um explanador de uma teoria? [...]”*²⁵

A desconfiança dos autores, de uma natureza analítica sofisticada, aponta uma preocupação importante, a de distinguir dois elementos: ideologia e teoria. Estes dois, mostra o ensaio, foram mesclados pelos nazistas de modo a sustentar uma plataforma discursiva coesa, permanente, onde os principais “agentes” da propaganda se espelhavam nos artistas, escultores, compositores e pintores. Os propagandistas nazistas seriam sujeitos talentosos que moldavam “harmoniosamente” as emoções e vontades da massa. Segundo os autores, a ausência de um manual definitivo de propaganda era sinal da característica “instintiva” que os nazistas se imbuíam na prática da retórica política, associada ou até mesmo confundida com a arte. O “bom nazista” seria um hábil artesão da retórica.

Entre as reflexões de Hideya Kumata e Wilbur Schramm, eles reconheceram princípios que determinavam a prática da propaganda nazista e que explicavam boa parte do apelo que esta técnica surtiu no povo alemão. Por exemplo, para os nazistas, o coração da sociedade seria composto de pessoas cuja consciência política era baixa, o que tornava suas decisões suscetíveis ao controle. Que o intelecto das pessoas era mais governado por sentimentos e emoções invés de puro racionalismo. Que as questões políticas eram vistas em termos de “preto e branco” e qualquer discussão que fugisse destes polos resultava mais em confusão do que em esclarecimento. Que um

²⁵ “[...] *The reason for this is simply that we are seldom entirely sure how far we can trust Nazi writings on propaganda. Who can say that Adolf Hitler, dictating Mein Kampf to Rudolf Hess while imprisoned in the fortress at Landsberg, did not have the propaganda effect of the work uppermost in his mind – in other words, that he was not writing as a propagandist about propaganda, rather than an expositor of a theory? [...]”* Idem.

movimento político, por meio do uso “adequado” de coerção e persuasão, podia levar as pessoas a segui-lo.²⁶

A análise dos autores era minuciosa, sumarizada, decomposta em itens e subitens, como um manual de operações de um aparelho eletrônico. Num destes itens, os autores dizem que para os nazistas a propaganda era um instrumento da política, uma arma poderosa, um dispositivo de controle social. Assim sendo, o propósito da propaganda seria idêntico aos objetivos do movimento político. A função da propaganda não era necessariamente converter. Invés disso, servia para atrair seguidores e mantê-los na linha. Em termos práticos Kumata e Schramm explicavam, a propaganda para os nazistas devia mirar no sujeito menos inteligente da audiência. Ou, nas palavras do próprio Adolf Hitler: “[...] *Toda propaganda deve ser popular e tem que adaptar seu nível espiritual à percepção daquele menos inteligente aos quais a propaganda é dirigida.*”²⁷

Entre outros fatores que balizavam o sucesso da propaganda nazista, Kumata e Schramm ainda indicavam a importância de vincular a propaganda à ideologia; de que o controle da propaganda devia estar nas mãos de uma “autoridade responsável” já que tinha uma função equivalente a qualquer outra função governamental. De que o propagandista devia ter acesso a toda informação e planos de outras agências. De que poucos e selecionados temas deveriam ser repetidos; de que os temas abordados deveriam trazer apenas o lado positivo do assunto (“*there is no benefit in considering the opposing point of view*”). Apontavam a importância de “estereotipar” sempre que possível (“*Build up images in such a fashion that the mere name will provoke the*

²⁶ “[...] *The bulk of society is made up of people whose political knowledge is low and whose political decisions can be controlled. The intellect of the people is such that they act through sentiment and emotion rather than through reason. Issues are seen as black or white and any discussion of shades of gray results in confusion rather than clarification. A movement, by the proper use of coercion and persuasion, can sway people into following it.*” Idem.

²⁷ “[...] *All propaganda has to be popular and has to adapt its spiritual level to the perception of the least intelligent of those towards whom it intends to direct itself.*” Idem. A tradução do alemão para o inglês é dos autores daquele ensaio. Eles não fazem menção da origem ou da data das palavras do ditador alemão.

desired feeling”). Observaram que, para os nazistas, o uso de agentes de propaganda em países estrangeiros devia ser encorajado; de que a propaganda estrangeira deveria ser contida na fonte ou punindo aqueles que lessem ou ouvissem suas mensagens. Apontaram que para os líderes do Nacional-Socialismo, depois das assembleias, o rádio era o meio mais eficaz de propaganda e que filmes, e especialmente cinejornais, são armas igualmente eficientes. Ou que escolas, igrejas, arte, organizações culturais deviam todas trabalhar junto à mídia de massa de forma que a mensagem do movimento seja levada por todos os canais. Enfim, era uma peroração de diretrizes, selecionadas segundo o objetivo de seus autores, Kumata e Schramm. E qual era este objetivo? É seguro considerar, um deles devia ser o potencial de utilização daquelas experiências pela própria USIA.

Kumata e Schramm pareciam querer ser os mais rigorosos possíveis. Na ausência de um “manual” oficial do Partido Nazista sobre propaganda, eles confiavam no trabalho dos autores que eles apontavam como peritos no tema. Um deles era do Dr. Gerhardt Niemeyer, do Departamento de Estado, cujo trabalho era baseado nos registros escritos de Hitler, e outro era do Dr. Leonard W. Dobb, da Universidade de Yale, cujo trabalho era baseado no diário de Goebbels. Curiosamente, na bibliografia que sucede as conclusões de Kumata e Schramm, não havia qualquer menção ao trabalho de Hannah Arendt, por exemplo. A obra *Origens do Totalitarismo* já havia sido publicada em 1949 e poderia acrescentar alguma camada de compreensão àquele ensaio. Fosse contemplado na bibliografia, o trabalho de Arendt poderia esclarecer, por exemplo, que existem momentos distintos no uso da propaganda em nações totalitárias e que

“[...] Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda

*existe a oposição política), mas para dar realidade às duas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias.”*²⁸

Ou seja, Kumata e Schramm tratavam da propaganda nazista como um todo, sem fazer uma distinção cronológica das etapas em que esta propaganda era usada, antes ou depois do governo totalitário nazista ter assumido o poder, como faz Arendt. Mas apesar disso, eles apontaram um fator que chama a atenção e que de certa forma converge com um elemento mencionado por Arendt: a mentira.

Diz um dos itens do ensaio: “[...] Credibilidade, invés da verdade, deve determinar como a propaganda divulga os fatos”²⁹ A verdade valeria menos do que a credibilidade. Importante ressaltar, a análise sobre a maior importância da credibilidade invés da verdade não é a opinião dos americanos, funcionários da USIA em 1955 “conspirando” para dominar corações e mentes do mundo todo por meio da propaganda. Esta era a forma como aqueles dois acadêmicos enxergavam a propaganda da Alemanha nazista. Dito isso, da forma como colocam os autores, a *mentira utilitária* aludida por Arendt e a qual Hitler ou Goebbels recorriam, quando envolva em credibilidade, era um contraponto ao *fato*. O que mostra este documento é que se havia uma lição a ser aprendida no caso alemão é de que os fatos só se tornavam “verdades” na medida em que eram submetidas ao verniz da divulgação e da propaganda.

²⁸ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 390

²⁹ No original, “[...] Credibility, rather than truth, should determine how propaganda handle facts. It was Hitler who emphasized that big lie is preferable to a small one, and that in a big lie there is a factor of credibility. Goebbels took a more cautious view of lying in propaganda. He was not averse to lying, but seemed always to consider the likely credibility or plausibility of the message. He seemed to have a preference for truth, not on moral grounds, but because later events were less likely to prove him false.[...]” (grifo dos autores) *Four Working Papers on Propaganda Theory*. Documento de Janeiro de 1955. Apud NARA, RG 306 – P160, Special Reports, Box 9.

I.III - O caso britânico, precedentes oficiais e internacionais

No ensaio seguinte, *Notes on the British Concept of “Political” Warfare*, diz Wilbur Schramm:

“[...] *Há pouco de doutrina impressa em qualquer lugar sobre a atividade política, ou, como também chamada, ações psicológicas dos britânicos. Isto não surpreende. O povo britânico jamais foi muito bom em registrar suas doutrinas; eles chegaram mesmo a se organizar perfeitamente bem sem uma constituição escrita.*”³⁰

É quase certo afirmar que Schramm tinha algum sentimento negativo pelo hábito britânico de não documentar suas leis e doutrinas. Mas isso não quer dizer que ele se furtaria de apreender da melhor forma possível a forma que a ex-metrópole fazia uso da, como eles mesmos chamavam, “*psychological warfare*”.

Para suprir a ausência de manuais ou documentos, Schramm recorreu a declarações daqueles sujeitos ou órgãos que de alguma forma se envolveram nas operações de propaganda e ações psicológicas na 2ª Guerra Mundial. Um destes órgãos afirmava que para os britânicos a “guerra política” (“*political warfare*”), podia ser definida como uma forma de conflito entre estados, cujos líderes, representando o povo, buscam impor sua vontade sobre seus oponentes usando outros métodos além da força armada. Ou, como explicou de forma mais prática um funcionário³¹ do serviço de propaganda britânico na 2ª Guerra,

“[...] *Entendo que o objeto da guerra psicológica é infligir certas coisas ao inimigo: primeiro, por desmoralizá-lo; segundo, se eu*

³⁰ “[...] *There is little doctrine anywhere in print concerning British political or, as it is otherwise called, psychological warfare. This is not entirely surprising. The British people have never been great ones to record doctrine; they have even been able to get along perfectly well without a written constitution.*” Idem.

³¹ Este funcionário seria nada menos que Richard H. S. Crossman, autor de por exemplo, *Biografia do Estado Moderno*, referência em vários trabalhos e que, além de funcionário do *Political Warfare* britânico na 2ª Guerra, teve longa carreira política antes de se voltar à atividade editorial, que exerceu até 1972 à frente do periódico *New Statesman*.

*puder cunhar o termo, por ‘desdoutinar’, por enfraquecer a crença na doutrina totalitária que foi imposta a ele; e em terceiro, por dar início ao processo de doutrinação. Estes são os três estágios de uma campanha de guerra psicológica bem sucedida.”*³²

Desmoralizar, “desdoutinar” e minar a confiança do inimigo na doutrina totalitária, tais eram as etapas das operações psicológicas que os britânicos executaram durante a guerra, uma experiência a ser considerada pelos americanos em suas futuras empreitadas. Mas como? Repetindo, corrigindo, ou rejeitando? Ao que indica a leitura do ensaio produzido em 1955, os britânicos pensavam o uso da propaganda como um recurso frágil, secundário, e de longa duração.

Schramm apontou logo de início que os Britânicos não gostavam usar os recursos da propaganda, diferente dos alemães ou dos soviéticos. Sob o ponto de vista dele, os britânicos estavam menos interessados em priorizar a propaganda do que qualquer outro expediente militar que fosse mais diretamente eficaz. Para fins práticos, a “*psychological warfare*” poderia ser descrita como uma operação combinada de diplomacia e propaganda. Ou então, que as operações psicológicas pareciam ser vistas pelos britânicos como um aliado da diplomacia em tempos de paz, um auxiliar das forças militares na guerra, uma arma útil, mas cujos resultados demoravam para ser sentidos. Mais ainda, segundo afirmavam os próprios britânicos, a propaganda era na melhor das hipóteses um “mal necessário”. Como diz Sir Robert H. Bruce, funcionário dos serviços de propaganda britânicos, “[...] *Eu vejo a moderna forma de guerra política como um mal necessário em tempos de guerra e uma das maiores ameaças à nossa civilização e modelos de conduta em tempos de paz.*”³³

³² “[...] *I take it that the object of psychological warfare is to do certain things to the enemy; first, to demoralize him; secondly, if I may coin a word, to exdoctrinate him, to undermine his belief in the totalitarian doctrine which he has been given; and thirdly, to begin the process of indoctrination. Those are three stages of a successful psychological warfare campaign against the enemy.*” Idem.

³³ “[...] *I regard the modern form of political warfare as a necessary evil in wartime and as one of the greatest menaces to our civilization and standards of conduct in peacetime.*” Idem.

Como reconheceu o ensaio de Schramm, um dos maiores recursos de “relações culturais” que a Grã-Bretanha fazia uso (“*por volta de dois terços dos gastos com nações estrangeiras*”) era o British Council, um ramo autônomo – e civil - do aparelho de governo, embora sancionado pela Coroa. O termo “relações culturais”, dizia Schramm, não era à toa, mas para distinguir aquelas atividades de outras, relacionadas à política ou economia, jurisdição do *Foreign Office* e seus departamentos associados. Já o British Council tinha uma lista de atribuições que o funcionário da USIA achou importante destacar. O Council deveria realizar,

“[...] (1) *A manutenção dos centros culturais Britânicos – institutos Britânicos – no exterior;*

(2) *O encorajamento de sociedades “anglófilas” no exterior;*

(3) *O encorajamento da fundação de escolas britânicas no exterior;*

(4) *A promoção de estudo e uso da língua inglesa;*

(5) *O encorajamento de estudos ingleses em escolas e universidades estrangeiras;*

(6) *O intercâmbio de alunos, professores e outras pessoas sob o propósito de estudos e treinamento;*

(7) *Facilitar contatos entre cidadãos britânicos e aqueles de outros países em plano doméstico e internacional;*

(8) *A disseminação de informação sobre todos os aspectos da civilização britânica, incluindo leis e governo, ciência, drama, arte, música, literatura, filosofia e assim por diante.”*³⁴

Importante lembrar, os autores do ensaio que analisavam a propaganda britânica eram americanos que provavelmente buscavam lições na experiência dos ingleses naquela atividade.

Entre manter centros culturais, promover uso da língua inglesa em nações estrangeiras, encorajar

³⁴ “[...] (1) *The maintenance of British cultural centers – British institutes – overseas;* (2) *The encouragement of “Anglo-phil” societies abroad;* (3) *The encouragement or founding overseas of British schools;* (4) *Promotion of the study and use of the English language;* (5) *The encouragement of English studies in foreign schools and universities;* (6) *The exchange of students, professors, and other persons for purposes of study or training;* (7) *Facilitating contacts between British citizens and those of other countries both at home and abroad;* (8) *The dissemination of information regarding all facets of British civilization, including law and government, science, drama, art, music, literature, philosophy, and so on.”* Idem.

sociedades bilíngues, facilitar o intercâmbio de estudantes e professores com o objetivo de estudo e treinamento, ora, exceto por aqueles itens que versam sobre as características exclusivamente britânicas (itens 1, 3, 7 e 8), os Estados Unidos já praticavam precisamente as mesmas ações desde pelo menos 1948. Naquele ano foi aprovado o “*Smith-Mundt Act*”, também conhecido como “*United States Information and Educational Exchange Act of 1948*”, “*Public Law 80-402*” ou *PL-80-402*. Aprovado pelo Congresso americano, o Smith-Mundt Act tinha como objetivo promover um “melhor entendimento dos Estados Unidos em outros países, e estimular um entendimento mútuo entre o povo dos Estados Unidos e o de outros países”³⁵. O Smith-Mundt Act era a sanção legislativa para os programas de intercâmbio e trocas culturais entre os Estados Unidos e o mundo, uma medida que reconhecia a *troca* (e não necessariamente a difusão) da cultura como fator relevante das relações entre os países. Entre os meios para alcançar estes objetivos estavam:

“[...] (1) um serviço de informação para disseminar no exterior informações sobre os Estados Unidos, seu povo, e políticas promulgadas pelo Congresso, pelo Presidente, pelo Secretário de Estado e outros oficiais responsáveis do Governo envolvidos com assuntos estrangeiros;

(2) um serviço de intercâmbio para cooperar com outras nações em–

(a) na troca de pessoas, conhecimentos e habilidades;

*(b) na concepção de técnicas e outros serviços; (c) na troca de avanços no campo da educação, artes e ciências.”*³⁶

³⁵ A PL-80-402 é um dos documentos oficiais que antecederam o surgimento formal da USIA em 1953, A leitura integral desta nota congressional célebre está disponível online no site do State Department. Ela voltará a ser mencionada nesta tese. Disponível em <http://www.state.gov/documents/organization/177574.pdf>. Acesso em 1/04/2015.

³⁶ “[...] (1) *an information service to disseminate abroad information about the United States, its people, and policies promulgated by the Congress, the President, the Secretary of State and other responsible officials of Government having to do with matters affecting foreign affairs; (2) an educational exchange service to cooperate with other nations in – (a) the interchange of persons, knowledge, and skills; (b) the rendering of technical and other services; (c) the interchange of developments in the field of education, the arts and sciences.*” Apud *Public Law 80-420* ou “*Smith-Mundt Act*”. Documento de 27 de janeiro de 1948. Disponível em <http://www.state.gov/documents/organization/177574.pdf> Acesso em 1/04/2015.

O resultado da PL 80-402 foi a ampliação de práticas e órgãos que estavam razoavelmente descentralizados desde o governo do presidente Woodrow Wilson e que só começaram a ser reunidos após a 2ª Guerra Mundial. Mais de trinta anos antes da PL-80-402, em abril de 1917, em meio à 1ª Guerra Mundial, o presidente Wilson determinou a “*Executive Order 2594*”, uma medida que criava o *Comitee of Public Information (CPI)*. O conselho do Comitê de Informação Pública era composto por membros do Secretaria da Guerra, do Estado e da Marinha, e foi dirigido por George Creel, um civil com experiência em jornalismo e propaganda. Creel é considerado um dos “fundadores” da propaganda governamental nos Estados Unidos e seu trabalho à frente do CPI, de certa forma, balizou as políticas culturais daquele país nos anos seguintes. Os postos do CPI no exterior, por exemplo, eram encarregados de difundir as doutrinas e valores americanos, moldar a imagem da América em nações estrangeiras, por meio de panfletos, cartazes ou programas de rádio. Era propaganda no seu sentido mais estrito. Os postos do CPI no exterior, chamados de *United States Information Services*, eram ligados às embaixadas, espalhados pelo globo³⁷.

Era de responsabilidade dos USIS realizar justamente a maior parte daquelas atribuições que Schramm reconheceu no British Council, como encorajar programas de estudos da língua inglesa, escolas, bibliotecas, programas de intercâmbio, divulgação de arte, ciência etc. Portanto, os USIS, antecedem a própria USIA, criada no governo Eisenhower sendo que depois de 1953 o termo “USIS” passou a se referir aos “ramos” internacionais da USIA no exterior.

Não se sabe se Schramm ressaltou aquelas características do British Council porque viu nelas um arranjo original concebido na 2ª Guerra Mundial e que foi incorporada pelo governo americano em 1948. Ou se ele estava justamente tentando salientar que os britânicos haviam

³⁷ “[...] *Abroad, the freewheeling CPI helped embassies put in place the first national effort to shape foreign images of the U.S. [...] CPI’s foreign outposts were called US Information Service (USIS) posts and they were headed by a public affairs officer (PAO); both titles were adopted from military practice.*” Apud ARNDT (Op.Cit.), p. 30

reproduzido um tipo de prática que para os americanos já era bem natural àquela altura, no ano de 1955. Quem teria sido o primeiro a conceber um programa de ações culturais daquela forma?³⁸ Seja como for, o modelo de práticas de ações culturais dos britânicos foi perfilado ao lado dos antigos rivais dos Estados Unidos, os membros do Eixo, Japão e Alemanha, assim como do maior inimigo dos americanos naquele momento, a União Soviética. Mas por que?

Se o critério era aprender com os inimigos vencidos, a inclusão da Grã-Bretanha claramente violava o princípio. Haveria algum motivo sequer para os americanos desconfiarem dos britânicos? Afinal, o próprio analista do documento indicava que os britânicos não concediam maior importância à propaganda do que os soviéticos ou os nazistas.

Entre várias, há duas hipóteses para explicar isso. Uma sugere uma atitude mais “passiva” e a outra mais “agressiva” por parte dos americanos. A primeira hipótese é de que os americanos queriam se afastar dos erros cometidos em Versalhes em 1918. Embora os britânicos fossem os maiores aliados dos Estados Unidos na 2ª Guerra, assim como várias outras nações europeias, eles foram brutalmente atingidos pelos ataques alemães. E assim como os alemães, os ingleses foram contemplados com o auxílio americano para a restauração econômica nos termos do Plano Marshall e executado pelo SHAPE (*Supreme Headquarters Allied Powers, Europe*)³⁹. A presença americana na Grã-Bretanha era inevitável e poderia haver risco de incitar algum tipo de

³⁸ Na verdade, o British Council foi criado em 1934. Naquele ano “[...] *the British agreed with the French that they should fight the lies of the Axis propaganda by exchanging truth and founded the British Council. [...] The British, reluctant to deal with overseas cultural relations and education because of class attitudes and mistrust of the word ‘culture’, held angry memories of wartime propaganda.*” Apud ARDNT (Op. Cit.), p. 38

³⁹ O general Eisenhower foi o primeiro comandante do SHAPE em Londres e depois acompanhou sua transferência para Paris em 1951, quando a direção foi assumida por Averell Harriman deixando o general livre para concorrer à presidência. Um dos funcionários do SHAPE, assessor de Harriman, tem estreita ligação com o Brasil, com as forças armadas e com o governo militar, o General Vernon Walters. Suas memórias dão pistas importantes sobre estes episódios. Particularmente sobre sua presença no SHAPE pode ser lido em WALTERS, Vernon. *Missões Silenciosas*. Rio de Janeiro: Record, 1980, pp. 199-221.

animosidade entre os dois países. Essa lógica, que derivou no cuidado de priorizar a *troca* cultural invés da *difusão*, foi justamente o que os americanos buscaram fazer na Alemanha e Japão nos anos que seguiram à 2ª Guerra. O argumento é de Richard Arndt, ao dizer que, evitando o que fizeram França e Grã-Bretanha depois da 1ª Guerra “[...] *os programas culturais iniciais Americanos voltados para a Alemanha Ocidental mostram que exceder o foco elitista dos Britânicos e Franceses, granjearam a cooperação dos vencidos ao explorar o alcance total dos recursos culturais e educacionais disponíveis.*”⁴⁰ Assim, o ensaio de Schramm indicaria não necessariamente a um tipo de “cautela” contra os britânicos, como se eles fossem vencidos ou potenciais rivais no futuro. Diferente disso, apontava apenas um esforço de homogeneidade das práticas americanas em relação às suas políticas culturais no exterior. A troca, e não a difusão, era uma prioridade, fosse para aliados ou fosse para ex-inimigos.

Uma outra possibilidade, mais agressiva, é de que os americanos viam, sim, com alguma desconfiança as atitudes britânicas, fossem elas historicamente, ideologicamente ou politicamente enraizadas, fossem elas por qualquer outro motivo. As circunstâncias poderiam levar a uma oposição aos interesses americanos no futuro. Bem conhecer como os britânicos faziam uso da cultura e da propaganda ofereceria subsídios valiosos de neutralização dessas oposições potenciais, mesmo hipotéticas. Ora, era necessário pensar em termos de contra-propaganda ou então, de “contra-informação”.

Essa possibilidade é plausível. Um documento de 6 de julho de 1955, produzido pelo departamento de pesquisa e inteligência da USIA, assinado por “MGLawson”, intitulava-se:

⁴⁰ “[...] *the early US cultural program with West Germany shows how the U.S., outspending the elite-focused British and French, earned the cooperation of the vanquished by rolling out the full range of available cultural and educational resources.*” Apud ARNDT (Op.Cit.), p. 240

“CRÍTICA DA IMPRENSA BRITÂNICA AOS ACORDOS DE INTERCÂMBIO ATÔMICOS ANGLO-AMERICANOS”⁴¹. Diz o texto do documento:

“[...] Embora o acordo de trocas de informação atômica civil foi visto como ‘um prospecto de douradas colheitas para benefícios pacíficos’ (do conservador *Daily Telegraph*), este acolhimento foi eventualmente temperado com uma dose de crítica. [...] o liberal *News Chronicle* deu voz a uma suspeita comum de que o acordo civil seria mais benéfico aos Estados Unidos do que à Grã-Bretanha [...]”⁴²

O documento alude aos programas de uso civil da energia atômica defendidos por Dwight Eisenhower, algo sobre qual ele buscou caracterizar sua gestão. Muitas dessas iniciativas, como a troca de informações sobre pesquisas atômicas referidas no documento, eram amparadas por decretos presidenciais e observados pelas duas casas do Congresso americano. Todas de modo geral estavam ligadas de alguma forma com o programa “*Atoms for Peace*” (“Átomos para a Paz”), uma iniciativa de Eisenhower originada em 8 de dezembro de 1953.⁴³

O documento assinado por MGLawson indica, a USIA, não era portanto um “mero” órgão de propaganda, responsável por conceber e executar ações de difusão cultural ou dos valores americanos entre nações estrangeiras. Ou seja, não era mais apenas aquele tipo de organização nos modelos do CPI de George Creel em 1917. Em 1955, a USIA era um órgão também de coleta e

⁴¹ “BRITISH PRESS CRITICAL OF ANGLO-AMERICAN ATOMIC EXCHANGE AGREEMENTS” Documento de 6/07/1955. Apud RG 306, A1-1022, *Intelligence Bulletins*, Box 1.

⁴² “[...] Although the agreement for the Exchange of civil atomic information was generally herald as holding out ‘prospects of a Golden harvest for peaceful benefits’ (*Conservative Daily Telegraph*), this welcome was occasionally tempered with a measure of criticism. [...] the *Liberal News Chronicle* voiced a fairly common suspicion that the civil agreement would be more beneficial to the United States than to the United Kingdom [...]” Idem.

⁴³ O discurso do presidente Eisenhower que dá origem ao programa está disponível no site da biblioteca que reúne documentos da sua gestão. Disponível em “*Text of the address delivered by the president of the United States before the general assembly of the United Nations in New York City Tuesday Afternoon, December 8, 1953*”.

Documento de 8 de dezembro de 1953. Disponível em http://www.eisenhower.archives.gov/research/online_documents/atoms_for_peace/Binder13.pdf Acesso em 13/04/2015.

indisfarçável análise de informações sobre outros países. O caso da observação sobre os britânicos de certa forma é revelador, pois indica que os americanos consideravam importante contemplar a opinião pública até mesmo de seus aliados. A cultura, estrategicamente, era um fator a ser equacionado.

I.IV – “*An able, treacherous enemy*”⁴⁴

O ensaio sobre a Inglaterra produzido por Schramm tinha 32 páginas. Aquele sobre a Alemanha, 42 páginas, o mesmo número de páginas do ensaio sobre o Japão escrito por Kumata. Já o último ensaio de Wilbur Schramm, “*O Conceito Soviético de ‘Guerra Psicológica’*”⁴⁵, era o mais longo, com 71 páginas. Se isso serve como indicativo de prioridade, sem dúvida as condutas soviéticas ganharam maior atenção. Após um preâmbulo, sentencia o documento:

*“[...] Desde o início, os comunistas escutam de seus líderes que palavras não bastam, que palavras devem ser mescladas a ações e ambas unidas em organização. A simples verdade [...] é que os comunistas não estão lutando uma batalha pelas mentes dos homens, exceto se for necessária para granjear certas mentes em favor de ganhar certos recursos de poder sobre os quais as mentes das massas supostamente são influenciadas. Quando tentamos descrever as operações psicológicas soviéticas, nós estamos falando não tanto sobre o uso da palavra como uma arma, mas como uma arma de organização [...]”*⁴⁶

A batalha pelas mentes era secundária, só valia como um meio para um fim ulterior. Uma tensa relação entre atos e palavras, teoria e prática, voltada para um objetivo materialmente

⁴⁴ “*Um hábil, traiçoeiro inimigo*”.

⁴⁵ “*The Soviet Concept of ‘Psychological’ Warfare*” IN “*Four Working Papers on Propaganda Theory*” Documento de Janeiro de 1955. Apud NARA, RG 306 – P160, Special Reports, Box 9

⁴⁶ “[...] *From the very first, communists were told by their leaders that words were not enough, that words had to merge with deeds, and both into organization. The plain truth [...] is that the communists are not fighting a battle for men’s minds at all, except as it is necessary to win certain minds in order to gain the material sources of power by which the minds of the masses are supposedly influenced. When we try to describe soviet psychological operations, therefore, we are talking not so much about a word weapon as about an organization weapon [...]*”
Idem. O grifo é do autor do documento.

determinado, tal era a percepção que Schramm fazia da “*psychological warfare*” praticada pelos soviéticos. Apontava ele, a propaganda era apenas uma manifestação das doutrinas emanadas pelo Politburo. Afinal, a liderança do partido não deveria se preocupar com a consistência das declarações que faziam, mas sim com *as posições* que essa liderança assumia sobre todos os assuntos (o que lembra a análise feita sobre a “credibilidade” priorizada pelos nazistas). Acima de tudo, cabia ao partido - e por extensão, seus órgãos de propaganda - possuir um conjunto completo de posições claras e precisas voltadas a dar o “primeiro passo” numa ação prática. Portanto, uma má concepção teórica, aponta Schramm sobre os soviéticos, levaria fatalmente a uma liderança mal organizada.⁴⁷

Este ensaio era diferente dos outros. Aqueles outros possuíam um academicismo mais estéril, laboratorial, raramente cedendo a avaliações morais. Já “*O Conceito Soviético de ‘Guerra Psicológica’*” parecia ser assumidamente partidário, quase passional. Ele estava dividido em cinco sessões amplas e desmembrada em vários subitens vinculados. Os títulos explicam seu sentido quase tanto quanto o conteúdo que os compõem.

A primeira sessão era reservada à “Base” (“*1. The Basis*”) e era dividida em 5: “*Importância de uma doutrina clara*”, “*Importância da massa*”, “*Natureza do partido*”, “*Padrões de progresso*”, “*O conceito de tempo político*”. A segunda, mais longa, era reservada a “*2. A estrutura*”, desmembrada em “*Palavras e atos*”, “*Organização para o combate*”, “*Liberdade dentro da estrutura*”, “*Educação*” e “*Implicações dessa estrutura para a guerra psicológica.*” A terceira, mais reveladora, era reservada à “Visão de Mundo” e desmembrada em: “*Um mundo*

⁴⁷ “[...] *The communist position [...] is that whereas the party leadership need not be concerned with the consistency of statements it makes, it must be sure of the consistency of position on all issues. It must have a ‘complete set’ of ‘definite’, ‘precise’, ‘clear’ position on all matters, and it must in a ‘practical’ and ‘business-like’ fashion indicate ‘the transition from general considerations to the question of how to make the first and practical step.’ [...] Poor theoretical leadership to the communists therefore means poor organization leadership.*” Idem.

bipolar”, “Um hábil, traiçoeiro inimigo, mais perigoso por sua pulsão de morte”, “Os alvos” e “Implicações dessa visão de mundo para a guerra psicológica”. A quarta sessão era reservada à “4. Táticas”, desmembrada em: “Uma tática básica: escolha de áreas de tensão”, “Slogans”, “Repetição e variação”, “Ataque”, “A mudança brusca”, “Organização e reforço de grupo” e o último, “A direção do partido”⁴⁸.

Este último item do relatório sobre a propaganda soviética, relativo à direção do partido, era subdividido em outros seis menores, pontuais, como estudos de caso. Alguns traziam comentários, por exemplo, de como foi a propaganda soviética relativa à Coreia em 1950 e trazia exemplos de frases emitidas pelos soviéticos como “Nós vamos trazer a vocês uma Coreia unida, uma Coreia livre”⁴⁹. Outro era sobre as difusões na Alemanha nazista entre 1942 e 1943 em frases como “Ergam-se e derrubem Hitler; Como um estado dos trabalhadores, a Alemanha vai alcançar a grandeza”⁵⁰.

Outro item era dedicado à forma como os soviéticos lidaram com o programa de rádio americano *Voice of America*. Aponta o documento, poucos meses depois do VOA começar a ser transmitido em russo, os soviéticos emitiram uma resposta em abril de 1947: “[...] O VOA é um instrumento e serviçal de Wall Street. É a ‘voz do dólar’. [...] Seu nível moral é o da vulgaridade,

⁴⁸ Em suma, no original: 1. *The Basis* – “Importance of a Clear Doctrine”, “Importance of the Mass”, “Nature of the Party”, “Pattern of Progress”, “The Concept of Political Time”; 2. *The Structure* – “Words and Deeds”, “Organization for combat”, “Freedom within this structure”, “Schooling” e “Implications of this structure in psychological warfare”; 3. *The World View* - “A bipolar world”, “An able, treacherous enemy, more dangerous because of its death-frenzy”, “The targets” e “Implications of this world view for psychological warfare”; 4. *Tactics* - “The basic tactic: choice of areas of tension”, “Slogans”, “Repetition and variation”, “Attack”, “The quick shift”, “Organization and group reinforcement”. Retirados do documento de Janeiro de 1955. Apud NARA, RG 306 – P160, Special Reports, Box 9.

⁴⁹ “We are going to bring you a United Korea and a free Korea”. Idem.

⁵⁰ “Rise and overthrow Hitler; As a worker’s state, Germany will reach greatness.” Idem.

*mentiras, cinismo, insulto, hipocrisia. Por conta de suas características repulsivas ela [A Voz da América], é claro, fracassará.”*⁵¹

A distribuição dos itens do ensaio, refletisse ou não uma avaliação correta sobre a forma como os soviéticos viam suas doutrinas, estruturas ou táticas, indica a forma como os americanos buscavam abordar seus rivais na Guerra Fria. Qual seja, era uma abordagem esquemática, racional, linear, procedimental, mas aqui, sem cruzar a linha de tecer uma contramedida. Isso certamente não cabia a Wilbur Schramm.

Contudo, ao que o documento revela, apesar dos esforços de hermetismo ao abordar nazistas, japoneses e ingleses, o engajamento anticomunista não era evitado, por exemplo, ao classificar os soviéticos como “*um hábil, traiçoeiro e perigoso inimigo*”. Talvez essa diferença nem fosse considerada pelo próprio autor quando escreveu. Conforme admitiu George F. Kennan, um dos “pais” da “Política de Contenção” na Guerra Fria, “[...] *Nada existe, asseguro, mais egocêntrico na natureza que uma democracia em guerra. É a primeira vítima a sucumbir à própria propaganda [...] O inimigo é a encarnação de todo mal. Nosso lado, em compensação, é o centro de toda virtude.*”⁵²

Teria sido esse o caso de Schramm? Ele foi um especialista em propaganda *vítima* de propaganda? Irrelevante talvez. Afinal, mesmo que ele fizesse parte da folha de pagamento da USIA, nada mais natural que ele condenasse os soviéticos porque *acreditava* na causa americana.

⁵¹ “VOA is a paid instrument and servant of Wall Street. It is the ‘voice of the dollar’. [...] Its moral level is that of vulgarity, lies, cynicism, slander, hypocrisy. Because of its repulsive features, it is, of course, doomed to failure.”. Idem. Vale dizer, o *Voice of America* era um dos recursos mais valiosos usados pela USIA. O tema será mais explorado ao longo da tese.

⁵² Apud KENNAN, George Frost. *A Rússia e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Forense, 1966, p. 15.

Isso, porém, não tira o valor analítico do ensaio ou revela menos sobre a época, considerando o órgão para o qual o documento foi produzido.

Chama a atenção, Schramm examinava as raízes filosóficas e ideológicas que guiavam as posições dos líderes do partido, em especial Lênin e Stalin. Mas para tanto buscava auxílio em outros autores. Um deles era Walt W. Rostow, o historiador que se tornaria anos depois o Conselheiro de Segurança Nacional do presidente Lyndon Johnson em 1966. Recorrendo a um trabalho de Rostow⁵³, Schramm descrevia o pensamento político de Marx a partir de três fundamentos: 1. a noção de um curso da história cientificamente determinado, 2. a noção de conquista de certos valores democráticos “*na acepção humanística do século XIX*” e por último, 3. a noção de que todas as sociedades deviam passar, por meio da luta de classes, de um estágio medieval capitalista-burguês para o estágio socialista. A interpretação de Rostow remete às matrizes históricas da concepção marxista. Para Schramm aquelas matrizes tinham força nos estágios pre-revolucionários na Rússia de 1917. E mais notável, ele reconhecia que essa concepção continha importantes elementos gerais do pensamento democrático, como o direito de reunião, a noção de eleições livres, do voto secreto, da inviolabilidade da pessoa e do lar, da liberdade de consciência, de opinião, de expressão, de imprensa e o direito de greve.

Aparentemente, o marxismo para Schramm (amparado em Rostow) poderia ser até louvável, afinal os americanos prezavam os mesmíssimos princípios. Seria o caso não fosse a

⁵³ O trabalho usado por Schramm é “*The Dynamics of Soviet Society*”, de 1952, provavelmente escrito entre 1947 e 1950, período em que Walt Rostow passou a lecionar História Econômica no Massachusetts Institute of Technology (M.I.T.). Além da atuação como assessor de Lyndon Johnson, Rostow ficou conhecido por outro trabalho célebre, a obra “*Étapas do Desenvolvimento Econômico – Um manifesto não-Comunista*”, publicado em 1960 nos Estados Unidos.

deturpação promovida pelo partido bolchevique. Levando isso em consideração, diferencia Schramm,

“[...] Dos cânones originais do marxismo, restou apenas a noção de um real e previsível padrão na história, compreensível para aquelas pessoas que entendem a doutrina marxiana. Sob Lênin, o partido tomou para si o direito de interpretar essa doutrina, e disso passou a mover as peças do xadrez da história de acordo com o próprio entendimento daquele caminho pré-determinado. Onde Marx reconhecia no Estado o ‘serviçal de uma classe dominante, cuja primazia resultava dos esforços de ‘condições historicamente objetivas’, os Bolcheviques passaram a reconhecer a si mesmos como os geradores das ‘condições historicamente objetivas’.”⁵⁴

Deve-se chamar atenção: para o autor do ensaio, o partido Bolchevique e seus líderes, e não o marxismo, era responsável por sufocar os direitos e possibilidades de pensamento que o próprio marxismo celebrava como objetivos históricos. O documento afirma que o partido, ao imiscuir-se do monopólio da doutrina, tomou para si a responsabilidade de guiar as “condições materiais objetivas” que levariam às etapas finais do socialismo utópico. O Partido, uma elite restrita e iniciada, teria usurpado do proletariado o seu papel de protagonismo na evolução material da história. Esta reflexão profunda e polêmica, sobre as ortodoxias teóricas e ideológicas do Marxismo, que talvez encontrasse ampla ressonância nas bibliotecas e salas universitárias (portanto restrita a poucos) era aqui levada em consideração para entender o antagonismo soviético e um fator a ser considerado pelos funcionários da *United States Information Agency*. Uma reflexão acadêmica levada aos corredores de agências de governo.

⁵⁴ “[...] *Of the original Marxist tenets, there remained only the notion of a true and predictable pattern for history, understandable by the person who understands Marxian doctrine. Under Lenin, the party took on itself the right to interpret that doctrine, and hence to move the chessmen of history in accordance with its understanding of that predetermined path. Whereas Marx had regarded the state as the servant of a ruling class, whose primacy, in turn, resulted from the working of ‘historically objective’ conditions’, the Bolsheviks came to regard themselves as the makers of ‘historically objective’ conditions.*” Idem.

Mas além da “usurpação” doutrinária, que outro prejuízo a atitude dos Bolcheviques teria como consequência? Diz o ensaio:

“[...] a racionalização Marxista-Leninista-Stalinista serve como justificativa da contínua hostilidade em relação ao exterior e aos contínuos métodos policiais do regime. É improvável que o regime Bolchevique pudesse existir sem uma racionalização ideológica que mantém os ‘abutres capitalistas’ como bodes expiatórios.”⁵⁵

Da forma como Schramm expõe a situação, o “conluio” Marxista-Leninista-Stalinista, portanto, era o responsável pela contínua hostilidade soviética contra o resto do mundo. Era por conta da manipulação doutrinária e coercitiva do partido que o povo soviético enxergava nos americanos – e no capitalismo – inimigos tão mortais, rivais não apenas do povo, mas uma nação comprometida com a negação das próprias forças da história. Como diz o autor, *“[...] algo bem estranho aconteceu com a ideologia Marxista sob os Soviéticos. [...] A legitimidade da herança ideológica foi zelosamente esculpida por Lênin, Stalin e seus sucessores como evidência de uma sucessão real numa monarquia”⁵⁶* Nesse sentido, seria de se pensar que os americanos têm ali um antagonista bastante claro, até familiar (como a monarquia), a dominação despótica do Partido Comunista.

De forma equivalente ao que foi para Frank Capra na 2ª Guerra Mundial, é possível se deduzir pelo ensaio de Schramm que os americanos na Guerra Fria não lutariam para se opor à União Soviética. Não lutariam porque queriam derrotar aquele povo, nem porque ansiavam destruir suas forças militares ou produtivas. Ou tampouco os americanos lutavam porque queriam

⁵⁵ “[...] the Marxist-Leninist-Stalinist rationale serves to excuse the continuing hostility toward the outside world and the continuing police state methods of the regime. The Bolshevik regime could hardly exist without such an ideological rationale by which to hold up ‘encircling capitalists’ as scapegoats”. Idem.

⁵⁶ “[...] some strange things have happened to Marxist ideology under the Soviets. [...] The legitimacy of ideological inheritance has been as zealously paraded by Lenin, Stalin, and their successors as is the evidence of royal succession in a monarchy.” Idem.

obrigar os soviéticos a mudar de pensamento (afinal havia até mesmo certas semelhanças filosóficas). Os americanos lutariam porque acreditavam lutar pela libertação daqueles que estavam submetidos à dominação (e deturpação) do Partido Comunista Soviético. Eles lutavam pelo futuro.

I.V – Os sujeitos da história

É interessante apontar, Wilbur Schramm estava amparado por uma bibliografia que julgava consistente e certas inclusões não deixam de ser curiosas. Na literatura de esquerda, incluiu títulos como *O Capital de Marx*, uma coletânea de textos Vladimir Lênin, *A História da Revolução Russa* de Leon Trotsky e *Os Problemas do Leninismo* de Joseph Stalin. Entre os documentos oficiais, havia alguns relatórios pelo Departamento de Estado. Entre os científicos, a obra supracitada de Walt W. Rostow, *The Dynamics of Soviet Society, The Sources of the Soviet Conduct*, um artigo da *Foreign Affairs* de 1947 assinada por um certo “X”⁵⁷. Além destes a bibliografia indica também duas obras do próprio Wilbur Schramm, “*Communication in the Sovietized State as Represented in Korea* (et. alii.)” e “*The battle for the Greek Air-Report to the International Administration, 1952* (et. alii.)”.

Uma breve pesquisa apontou que Schramm não foi apenas produtor de alguns ensaios para a *United States Information Agency* em 1955. Ele foi também uma referência importante na teoria das comunicações. Como apontou o professor José Marques de Melo em trabalho publicado pela ECA/USP:

“[...] Wilbur Schramm (1907-1987) adquiriu notoriedade mundial pela atuação como consultor da Unesco, onde formulou a estratégia de uso da comunicação de massa para o desenvolvimento dos países estagnados do terceiro mundo. Ele adquiriu legitimidade para essa

⁵⁷ Como dito, o próprio George F. Kennan, sob pseudônimo.

missão como decorrência do papel decisivo que desempenhou na renovação dos estudos comunicacionais nas universidades dos Estados Unidos da América.”⁵⁸

Melo informa, o pensamento de Schramm teve impacto no desenvolvimento das cátedras de comunicação brasileiras trazidas por alunos do Brasil que começaram a frequentar cursos de pós-graduação nas universidades uruguaias. Não só de Schramm, há indícios da produção de obras de comunicação de Hideya Kumata, que lecionou na universidade Michigan State até o início da década de 1970 e também em Tokyo.⁵⁹

Os posicionamentos de Shramm e Kumata contidos nos quatro ensaios de janeiro de 1955 estão imbuídos de uma série de significados históricos importantes. O exame sobre as práticas de propaganda empregadas pelo Japão, pela Alemanha nazista, pela Grã-Bretanha e União Soviética, exemplifica um tipo de ação executada pela *United States Information Agency*, oficialmente criada em agosto de 1953. Os autores dos ensaios, acadêmicos que colaboravam com o governo americano, agiam de forma coerente com ações e posicionamentos que já eram característicos dos Estados Unidos nas suas relações com nações estrangeiras desde antes da 2ª Guerra Mundial. Ao explorar as diferentes formas que a propaganda já havia sido usada em diferentes situações, o documento sinaliza a importância dedicada ao uso dos meios de comunicação de massa como instrumento de articulação de políticas internacionais na Guerra Fria.

A valorização da cultura nas relações internacionais não é um fato isolado. Estava de acordo com regulações legislativas americanas como o Smith-Mundt Act, de 1948. Além disso, os

⁵⁸ A comunicação, apresentada durante o *Seminário Schramm: os paradigmas da comunicação para o desenvolvimento*, em Recife/2007, está disponível integralmente em http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r6/art_01.pdf. Acesso em 14/04/2015.

⁵⁹ Outros dados sobre a produção e a biografia de Kumata, embora breves, estão disponíveis em <http://archives.msu.edu/findaid/ua17-94.html>. Acesso em 14/04/2015.

documentos produzidos pela USIA indicavam a relevância de diretrizes estéticas empregadas nos vários meios de comunicação, como rádio, jornais e também no cinema, a exemplo dos filmes de Leni Riefenstahl e Frank Capra, diretores que se empenharam em evocar as emoções mais primitivas e ancestrais dos espectadores.

Por que lutar? Porque algo estava em disputa. Evocava Capra, conhecereis a verdade, uma verdade que se contrapunha a outras, e ela libertaria as nações do mundo. A cultura, ao fim da 2ª Guerra Mundial, estava a serviço de uma nova meta, uma a ser materializada no porvir. O passado era reconhecido como fundamento do presente. O presente era um campo de disputa do futuro. Mas uma disputa contra quem?

CAPÍTULO II – MAIS QUE MERA IDEOLOGIA

II.I – O relatório Clifford-Elsey

Era outono em Washington. As folhas caíam das árvores nos jardins da Avenida Constitution. Entre a face sul da Casa Branca e a enorme torre de mármore dedicada ao 1º presidente americano ouvia-se o sibilo do vento. Ao fim da tarde, os cafés ao redor de *Dupont Circle* acolhiam seus primeiros clientes, empurrados pela brisa fria que vinha de *Foggy Bottom*, próximo ao rio Potomac. O inverno estava chegando.

Havia pouco mais de um ano, a 2ª Guerra tinha chegado ao fim e o tempo parecia ter passado rápido. Muita coisa mudou. Antigos inimigos, os alemães ocidentais e os japoneses, erguiam-se lentamente como novos aliados. Velhos companheiros de guerra, os soviéticos, estavam agora sob o matiz da suspeita. Essas transformações eram bruscas. Nem todos conseguiam acompanhar. Como foi possível que os russos tivessem se tornado inimigos?⁶⁰ Afinal, quem eram os soviéticos?

No dia 24 de setembro de 1946 chegava às mãos do presidente Harry S. Truman um relatório de 82 páginas intitulado “*Relações Americanas com a União Soviética*”⁶¹. Classificado como “*Top Secret*”, era reservado apenas à atenção do líder dos Estados Unidos. Foi elaborado por Clark Clifford, Conselheiro Especial do Presidente, e o secretário de Clifford, George Elsey.

⁶⁰ Quase tão importante como “o que”, “por que”, ou “quem”, enfatiza-se “como foi possível que” certas interpretações se tornassem, historicamente, “verdades”. Por exemplo, como foi possível a transformação da visão dos americanos sobre os soviéticos, tornados inimigos da segurança internacional depois da 2ª Guerra? Esta abordagem não é aleatória, mas segue os ensinamentos de Michel Foucault. Uma das referências contempladas nesse sentido vem de FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

⁶¹ “*American Relations with the Soviet Union*”. Documento de 24/09/1946. Disponível em http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/sectioned.php?pagenumber=2&documentid=4-1&documentdate=1946-09-24 Acesso em 15/04/2015.

O documento reunia os consensos gerais do Secretário Geral de Justiça (*Attorney General*), do Secretário da Marinha, do Diretor do Grupo Central de Inteligência, do Departamento de Estado e outros altos oficiais do governo⁶². Da forma mais ampla possível, o relatório Clifford-Elsey versava sobre vários itens. Como era organizada a União Soviética, quem era seu povo, o Partido, ideologia, táticas, fraquezas, preconceitos, e apontava quais medidas os Estados Unidos deveriam adotar no futuro. Acima de tudo, dizia o texto, era preciso conhecer o inimigo, potencialmente com tradições e valores diferentes dos americanos. Não podiam permitir suspeitas se transformarem em medo. Enfrentar o problema de frente, observar, analisar, questionar para depois agir era a melhor solução. O problema da relação entre os dois países, advertia Clifford, “*pode determinar se haverá ou não uma Terceira Guerra Mundial.*”⁶³

O dogma fundamental (“*tenet*”) da filosofia dos líderes soviéticos, dizia Clifford, era de que:

“[a] *coexistência pacífica das nações comunistas e capitalistas é impossível. Os defensores da fé comunista, como referem-se a si próprios os atuais líderes soviéticos, pressupõem que o conflito entre a União Soviética e os líderes capitalistas do mundo ocidental é inevitável e os líderes do partido acreditam que é dever deles preparar a União Soviética para o conflito que essa doutrina prevê. As políticas básicas, domésticas e internacionais, são pensadas para fortalecer a União Soviética e para garantir a vitória deles na batalha prevista entre Comunismo e Capitalismo.*”⁶⁴

⁶² Eram eles: Thomas C. Clark (Justiça), James Forrestal (Marinha), Hoyt S. Vandenberg (CIG), Robert P. Patterson (Guerra), James F. Byrnes (Estado). Importante ressaltar: Vandenberg foi nomeado diretor da *Central Intelligence Group*, órgão que precedeu a *Central of Intelligence Agency* e sucedeu o *Office of Strategic Services*. O tópico será abordado adiante no capítulo.

⁶³ “[...] *The gravest problem facing the United States today is that of American relations with the Soviet Union. The solution of that problem may determine whether or not there will be a Third World War*”. Documento de 24/09/1946. Apud CLIFFORD, Clark. (Op.Cit.) P. 1.

⁶⁴ “[...] *peaceful coexistence of communist and capitalist nations is impossible. The defenders of the communist faith, as the present Soviet rulers regard themselves, assume that conflict between the Soviet Union and the leading capitalist powers of the western world is inevitable and the party leaders believe that it is their duty to prepare the Soviet Union for the inevitable conflict which their doctrine predicts. Their basic policies, domestic and foreign, are*

Clark Clifford partia do pressuposto que os comunistas soviéticos, tal como apóstolos de uma nova religião, previam um conflito irrefreável com os capitalistas. Que aqueles líderes agiam em nome dessa previsão e que guiavam os recursos da nação no sentido de se preparar para a batalha no porvir. Nestes termos, o que Clifford fazia não era apenas uma análise, mas dava fundamentos para uma visão de mundo. Era o diagrama da Guerra Fria sendo projetado filosoficamente em 1946. Mas para além da mensagem contida no relatório, cujo impacto cultural e político seria sentido por décadas adiante, chama a atenção por outra razão. Clifford evocava o significado das intenções soviéticas em termos, alusões e analogias bastante específicas. Uma semântica peculiar, apocalíptica e hermética, idealista e racional, quase uma combinação de “postulação religiosa” e análise científica. O “evangelismo anti-comunista” não era naturalmente americano, mas uma resposta proporcional ao dogmatismo soviético.

Nos encontros em Teerã, Ialta e Potsdam ⁶⁵, os Soviéticos, liderados por Joseph Stalin, pareciam ter acatado os termos dos aliados ocidentais, em especial dos britânicos e americanos. A diplomacia, depois de duas guerras mundiais, finalmente parecia surtir resultados permanentes, como teria desejado Woodrow Wilson em 1918. O “*Lebensraum*”, a Polônia cobiçada pelos nazistas, ponto focal de enormes tensões políticas desde (no mínimo) a década de 1920, voltaria a ter sua soberania garantida. Um governo democrático seria reinstaurado no país e autonomia finalmente reparada. Isso se daria tão logo as forças de ocupação soviéticas voltassem aos limites de suas fronteiras. Mas não foi isso que aconteceu. Ainda em 1945, temendo um governo hostil aos interesses soviéticos, Stalin manteve suas posições militares inalteradas no país. Em 1947, nas

designed to strengthen the Soviet Union and to insure its victory in the predicted coming struggle between Communism and Capitalism.” Idem, p. 3

⁶⁵ Teerã, 28 de novembro a 1 de dezembro de 1943; Ialta - 4 a 12 de fevereiro de 1945, Potsdam -17 de julho a 2 de agosto de 1945.

eleições parlamentares poloneses, os partidos democráticos, de tendência centrista ou liberal, provavelmente venceriam. Contudo esses partidos foram perseguidos e seus membros foram caçados por milícias armadas, leais ao Politburo. Boleslaw Bierut foi eleito presidente “biônico” do país. Sob a liderança dele, em 1949, houve a reconfiguração da nação polonesa como a República Popular da Polônia, satélite da União Soviética. Assim como a Polônia, Hungria, Tchecoslováquia⁶⁶, Romênia, Bulgária, Albânia, além da República Democrática Alemã, seguiram destinos semelhantes. Naqueles países, os governos nacionais seguiam, amiúde à força, as determinações emanadas pela União Soviética. Como descreveu Winston Churchill, estava traçada a “Cortina de Ferro”. Nas palavras de Clark Clifford,

*“[...] Enquanto a União Soviética mantiver a presente política externa, baseada na teoria de uma batalha final entre Comunismo e Capitalismo, os Estados Unidos devem assumir que a URSS pode lutar a qualquer momento com o duplo propósito de expandir o território sob o domínio comunista e enfraquecer seus potenciais oponentes capitalistas.”*⁶⁷

Assim sendo, se os comunistas estavam determinados a se expandir e enfraquecer os capitalistas liderados pelos Estados Unidos, cabia ao governo americano dar o primeiro passo para

⁶⁶ Arrisca-se considerar, o caso da Tchecoslováquia, tal qual a Polônia, é exemplar para caracterizar a situação dos países do leste europeu depois da 2ª Guerra. Em 1946, foi eleito o presidente Edvard Benes, de tendência social-democrata e ex-exilado da ocupação nazista. Para o cargo de 1º ministro Benes convidou Klement Gottwald, líder do Partido Comunista Tcheco (KSC), apoiado por Stalin e Valerian Zorin, embaixador soviético em Praga. O fortalecimento de Gottwald no Ministério do Interior, nas forças armadas, educação e propaganda, levou a um antagonismo agudo entre os comunistas e parlamentares de oposição. Muitos destes renunciaram e foram substituídos por mais membros do KSC em 1948. A instabilidade política, agravada por greves gerais decretadas por Gottwald e milícias organizadas por Zorin acentuaram a crise. Enquanto isso, forças militares soviéticas, sob ordens de Stalin, acampavam nas fronteiras prontas para agir. Benes, que buscou ao máximo manter neutralidade, renunciou em 2 de junho de 1948. Gottwald assumiu 12 dias depois sem o auxílio de qualquer força soviética. O Golpe de Praga de 1948 deu início a um período de ditadura comunista que duraria até a Revolução de Veludo, de novembro de 1989.

⁶⁷ “[...] *As long as the Soviet Government maintains its present foreign policy, based upon the theory of an ultimate struggle between Communism and Capitalism, the United States must assume that the U.S.S.R. might fight at any time for the twofold purpose of expanding the territory under communist control and weakening its potential capitalist opponents.*” Documento de 28/06/1946, Apud CLIFFORD (Op. Cit.) p. 72.

prevenir agressões adicionais por parte dos soviéticos.⁶⁸ Era preciso colocar limites. Diplomacia, ao que parecia naquele momento, não era o recurso mais respeitado pelos soviéticos e portanto não era uma opção. A relação dos americanos com a União Soviética deveria se dar por meio de outras formas de interação, uma outra semântica, mais adequada àquilo que escapava aos salões das embaixadas e parlamentos, melhor usada e entendida pelos soviéticos: a força. Clifford reconheceu que:

*“[...] A linguagem da força militar é a única linguagem a qual os discípulos da força entendem. Os Estados Unidos devem usar essa linguagem de modo que os líderes soviéticos entendam que nosso governo está determinado a manter os interesses de seus cidadãos e os direitos de pequenas nações. Compromissos e concessões são considerados, pelos soviéticos, evidências de fraqueza e são encorajadas pelos nossos ‘recuos’ em nome da manutenção de novas e maiores exigências.”*⁶⁹

O relatório Clifford-Elsey espelhava uma visão de mundo que reconhecia nos valores e atitudes soviéticas a medida adequada da reação americana. Se os soviéticos consideravam o conflito entre comunismo e capitalismo inevitável, era preciso considerar que os russos não tinham pressa. Se os soviéticos não tinham pressa, os americanos deviam incluir o tempo como fator a ser contemplado. Planos de longo prazo, orçamento, pessoas, materiais, tudo devia ser considerado. Se a revolução proletária mundial era inevitável, os soviéticos buscariam facilitar essa revolução. Se os soviéticos incitariam os ideais revolucionários em todo o planeta, era de se pensar que eles alardeariam os males do capitalismo. Se os soviéticos consideravam capitalismo e comunismo

68 “[...] Unless the United States is willing to sacrifice its future security for the sake of ‘accord’ with the U.S.S.R. now, this government must, as a first step toward world stabilization, seek to prevent additional Soviet aggression.” Documento de 28/06/1946, Apud CLIFFORD (Op. Cit.) p. 72.

69 “[...] The language of military power is the only language which disciples of power politics understand. The United States must use that language in order that Soviet leaders will realize that our government is determined to uphold the interests of its citizens and the rights of small nations. Compromise and concessions are considered, by the Soviets, to be evidences of weakness and they are encouraged by our ‘retreats’ to make new and greater demands.” Documento de 28/06/1946, Apud CLIFFORD (Op. Cit.) p. 73.

irreconciliáveis, era preciso aceitar que os líderes do Politburo erradicariam focos capitalistas nos territórios sob sua influência. Se havia focos capitalistas dentro da União Soviética, era preciso entender que o partido (e Stalin) seria implacável.

Os anos posteriores à 2ª Guerra podem ter sido um choque para muitos americanos. Velhas alianças eram mais frágeis do que se poderia supor. Ou senão, eram apenas anos de constatação para muitos que já tinham sérias suspeitas sobre o comunismo, como J. Edgar Hoover, o célebre diretor do *Federal Bureau of Investigation*, um ferrenho anti-comunista desde a década de 1920. Seja como for, para a maioria era preciso racionalizar a nova realidade. Era preciso entender o porquê da ditadura e do comportamento totalitário da União Soviética. Era preciso entender que Lênin, Stalin e a liderança do partido consideravam-se uma elite, o resultado de uma evolução histórica, e que a União Soviética era uma espécie de “terra prometida” do comunismo. Que os líderes do partido se auferiram o monopólio da interpretação da doutrina. Que ao controlar a doutrina, eles ganhavam a aura da infalibilidade. Que a doutrina pressupunha a oposição da luta de classes, da luta material e que, portanto, o inimigo externo estava à espreita. Que a força, a agressividade militar, invés das palavras ou acordos internacionais, eram energias mais eminentes nas decisões, atitudes e reações russas. Que essas atitudes, para além da revolução comunista, tinham lastros tradicionais, históricos, que antecediam o comunismo mas que foram canalizados por ele. Ora, os americanos deviam entender, apontava Clifford, que eles estavam diante de algo diferente do que eram os americanos. E era necessário se posicionar. Essa posição, segundo Clifford, era uma só: a contenção. Diz ele:

“[...] A maior contenção ao ataque Soviético contra os Estados Unidos, ou contra as áreas do mundo que são vitais à nossa segurança, será o poder militar deste país. Deve ser visível ao governo Soviético que nossa força será suficiente para repelir

*qualquer ataque e suficiente para derrotar a União Soviética definitivamente se uma guerra chegar a começar.”*⁷⁰

A contenção dos possíveis ataques soviéticos aos Estados Unidos ou aos países aliados a eles (“*vitais para nossa segurança*”) seria uma exata sumarização da Doutrina Truman. O corolário assinalava a responsabilidade dos americanos por zelar pela segurança do “mundo livre” e da democracia contra a “ameaça comunista”. Se a origem teórica da política de contenção residisse apenas no relatório “*Relações Americanas com a União Soviética*”, à primeira vista o crédito pela Doutrina Truman recairia sobre os ombros de Clark Clifford e George Elsey, autores do documento. Eles seriam assim os verdadeiros ideólogos por trás das linhas gerais que definiram a política externa americana nos anos seguintes. Contudo não é o caso.

Em fevereiro de 1946, após a recusa da União Soviética em endossar a criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, o Tesouro americano enviou uma carta à embaixada dos Estados Unidos em Moscou solicitando algum tipo de explicação. Afinal, como os Soviéticos, recém-saídos de uma guerra pela libertação dos povos oprimidos pelo Eixo, contra os resquícios dos imperialismos, se opunha a uma ação que beneficiaria tantos países? Após os acordos de Potsdam, Teerã e Ialta (cujos termos os soviéticos até então ainda observavam) por que os soviéticos desviavam de uma decisão quase unânime? Por que a União Soviética, cujos milhões de soldados lutaram, sangraram e morreram da mesma forma que britânicos, franceses e americanos por uma causa comum, agora falhavam em coordenar suas ações com os outros vitoriosos? Por que, afinal, não endossar o Fundo Monetário Internacional? Essas questões, implícitas ou não, foram endereçadas à Averell Harriman, embaixador americano lotado em

⁷⁰ “[...] *The main deterrent to Soviet attack on the United States, or to attack on areas of the world which are vital to our security, will be the military power of this country. It must be made apparent to the Soviet Government that our strength will be sufficient to repel any attack and sufficient to defeat the U.S.S.R decisively if a war should start.*” Documento de 28/06/1946, Apud CLIFFORD (Op. Cit.) p. 73.

Moscou. Para respondê-las Harriman delegou a tarefa à George Frost Kennan, cônsul-conselheiro, subordinado de Harriman. A resposta foi um longo telegrama, recebido em Washington em 22 de fevereiro daquele ano. Aquele telegrama, restrito aos altos funcionários do Departamento de Estado, Secretariado da Marinha, do CIG e outros, passou a circular como referência basilar aos diversos ramos da estrutura administrativa dos Estados Unidos, inclusive o gabinete da presidência. Clark Clifford teve acesso àquele documento e foi citado pelo autor do relatório⁷¹. O conteúdo original sem alterações do longo telegrama de George F. Kennan é desconhecido. Contudo, o telegrama passou a ser mais conhecido quando foi publicado na edição de Julho de 1947 na revista *Foreign Affairs* sob o título de *The Sources of the Soviet Conduct*⁷².

Sob o pseudônimo de “X”, Kennan examinava no artigo as origens históricas, formas, valores e atitudes dos soviéticos, da forma mais abrangente possível. Mais ainda, apontava quais ações os americanos deveriam adotar diante da União Soviética. E sentenciava de modo bastante direto:

*“[...] a pressão soviética contra as instituições livres do mundo Ocidental é algo que pode ser contido pela precisa e vigilante aplicação de reações numa série de constantes mudanças políticas e geográficas, correspondendo às mudanças e manobras da política Soviética que não podem ser desarticuladas pela intimidação ou diálogo.”*⁷³

⁷¹ “[...] Mr. George Kennan, recently Chargé d’affaires of the U.S. Embassy in Moscow, analyzed for the State Department the reasons why the the Soviet Union adopted Marxist Communism as a political faith.” Apud CLIFFORD (Op.Cit), p. 5

⁷² Kennan teria sido autorizado pelo Secretário da Marinha, o Almirante James Forrestal, para publicar o longo telegrama como uma forma de, nos princípios do próprio artigo, esclarecer de forma racional e com o maior alcance possível as estruturas básicas de pensamento e atitudes comunistas. Essa seria uma das formas mais adequadas de conter a ameaça do novo rival global. O clássico artigo de Kennan está disponível no site da revista em KENNAN, George F. *The Sources of the Soviet Conduct*. Documento de Julho de 1947. <http://www.foreignaffairs.com/articles/23331/x/the-sources-of-soviet-conduct> Acesso em 15/04/2015.

⁷³ “[...] the Soviet pressure against the free institutions of the Western world is something that can be contained by the adroit and vigilant application of counterforce at a series of constantly shifting geographical and political points, corresponding to the shifts and maneuvers of the Soviet policy, but which cannot be charmed or talked out of existence.” Documento de Julho de 1947, Apud KENNAN (Op.Cit).

Talvez indo além das suas expectativas quando escreveu o telegrama endereçado ao Departamento do Tesouro, Kennan, ou X, foi o primeiro a usar de forma distinguível o termo “contenção” como matriz da política externa americana em relação à União Soviética. Como funcionário da embaixada na URSS, Kennan era uma testemunha “em primeira pessoa” das condutas soviéticas. Suas conclusões, não só plausíveis, eram confiáveis. Era natural que o telegrama corresse entre os departamentos como um postulado seguro e crível. Nada mais apropriado que fosse adotado por Clifford como referência de recomendação ao presidente Truman. Mas além disso, a forma como Kennan descrevia quais ações americanas eram necessárias precisa ser destacada.

Como incita o artigo, o uso de contra-medidas, ou reações, pressupunham uma atitude *reativa* por parte dos americanos. Ou seja, não cabia aos americanos uma ação “ativa”, como se eles fossem as pedras brancas de um tabuleiro de xadrez. Estas, portanto, pertenciam aos soviéticos.

A comparação dos dois documentos, o relatório Clifford-Elsey, de setembro de 1946, e o artigo de Kennan, publicado em julho de 1947 (mas redigido como telegrama ao Departamento de Estado em janeiro de 1946) revela que o relatório do Conselheiro Especial, embora mais longo e fracionado, é assumidamente influenciado pelo texto de Kennan. Mas, arrisca-se dizer, o excuro de Kennan é mais ressonante, assertivo, direto na forma como se refere aos soviéticos. Essas diferenças merecem alguma atenção.

Enquanto Clifford dizia que a linguagem da concessão e do compromisso eram expedientes diplomáticos espontâneos para os americanos, os mesmos eram sinais de fraqueza para os

soviéticos⁷⁴. Kennan dizia que a sucessão da liderança do Politburo era um tema difícil para os russos, uma vez que “[adesão ao partido] *no geral tem sido exercida apenas enquanto prática de uma disciplina férrea e obediência e não nas artes do compromisso e acomodação*”.⁷⁵

Em outra passagem do relatório de Clifford, ele diz que,

“[...] *O conceito de perigo externo é profundamente enraizado no senso de insegurança do povo russo herdado no passado. Esse medo é mantido pelos presentes líderes como uma justificativa para a natureza opressiva do estado policial soviético.*”⁷⁶

De sua parte, Kennan dizia de forma equivalente que,

“[...] *Hoje a maior parte da estrutura do poder Soviético está comprometida com o aperfeiçoamento da ditadura e com a manutenção do conceito de Rússia como se estivesse num estado de sítio, com o inimigo à espreita atrás dos muros.*”⁷⁷

Os textos são similares, análogos. Mas comparado com Clifford, Kennan assumia uma posição menos esquiva, menos analítica, quase colérica relativa aos soviéticos. Se não era um leal patriota, Kennan ao menos era um funcionário dedicado do serviço estrangeiro americano. Observando atentamente as atitudes russas em base cotidiana, ele reconhecia certos padrões de conduta que considerava condenáveis. A experiência dele mostrou que, por exemplo, o regime soviético via os americanos (e os capitalistas de modo geral) com tal desconfiança e antagonismo

⁷⁴ “[...] *Compromise and concessions are considered, by the Soviets, to be evidences of weakness*” Apud CLIFFORD (Op. Cit.) p. 73.

⁷⁵ “[...] *membership at large has been exercised only in the practices of iron discipline and obedience and not in the arts of compromise and accommodation.*” Apud KENNAN (Op.Cit).

⁷⁶ “[...] *... The concept of danger from the outside is deeply rooted in the Russian people’s haunting sense of insecurity inherited from their past. It is maintained by their present leaders as a justification for the oppressive nature of the Soviet police state.*” Apud CLIFFORD (Op. Cit.) p.5

⁷⁷ “[...] *Today the major part of the structure of Soviet power is committed to the perfection of the dictatorship and to the maintenance of the concept of Russia as in a state of siege, with the enemy lowering beyond the walls.*” Apud KENNAN (Op.Cit).

que qualquer documento ou acordo assinado que indicasse o contrário deveria ser visto como uma manobra tática da parte deles. Diz Kennan,

“[...] Basicamente o antagonismo persiste. [...] E disso deriva muitos dos fenômenos que consideramos perturbadores na conduta de política externa do Kremlin: a ‘furtividade’, a falta de sinceridade, a duplicidade, a cautelosa suspeita e a básica hostilidade de propósito.”⁷⁸

Uma história marcada por ataques e violência de grupos nômades, uma atávica desconfiança de promessas, acordos e tratados, uma indisfarçável tendência de usar e se influenciar pela força e coerção, a manutenção ferrenha de estruturas de poder e autoritarismo, um controle militaresco sobre todos os aspectos da produção, economia e pensamento, uma doutrina que negava qualquer negociação ou compromisso com o exterior, a União Soviética, tentavam esclarecer Clifford e Kennan para quem quisesse aprender, era um antagonista infatigável, intransigente, calculista e paciente. Acima de tudo, a energia soviética residia na fé resoluta da ameaça estrangeira, um semi-mito de hostilidade internacional. Uma ficção, deve-se salientar, que estava se tornando gradualmente verdadeira. Mas também era uma ficção da qual os líderes soviéticos de 1946 não poderiam abrir mão pois, como observou Kennan,

“[...] Pois esta ficção [a hostilidade Americana] foi canonizada na filosofia Soviética pelos excessos já cometidos em seu nome; e agora está ancorada na estrutura de pensamento Soviética por laços mais fortes que mera ideologia.”⁷⁹

Mais do que mera ideologia impulsionava a União Soviética, a antiga Rússia sob o comunismo. É isso que, para Kennan, Clifford e vários dos oficiais dos órgãos da administração

⁷⁸ “[...] Basically, the antagonism remains. [...] And from it flow many of the phenomena which we find disturbing in the Kremlin’s conduct of foreign policy: the secretiveness, the lack of frankness, the duplicity, the wary suspiciousness and the basic unfriendliness of purpose.” Apud KENNAN (Op.Cit).

⁷⁹ “[...]For this fiction has been canonized in Soviet philosophy by the excesses already committed in its name; and it is now anchored in the Soviet structure of thought by bonds far greater than those of mere ideology.” Apud KENNAN (Op.Cit).

americana, a começar pelo presidente, precisariam entender. Concluía ele, não teria havido na história um desafio mais implacável, algo pelo qual os americanos deviam sentir certa dose de gratidão. Afinal, graças à Providência, a segurança do país incitava a oportunidade de juntos aceitarem a responsabilidade da “liderança moral” e política que a história lhes imputava.⁸⁰

Qual teria sido o alcance e influência das ideias de George Kennan e Clark Clifford nos planos, concepções e ações das agências e departamentos do governo americano depois de 1946? A política contenção, como doutrina de reação dos americanos diante das ações soviéticas, foi uma diretriz seguida à risca por todas as gestões posteriores?⁸¹ Seria temerário dizer que sim. Se não é improvável, é ainda menos plausível sem as devidas fontes documentais que suportem essa hipótese. No entanto, ao menos uma dessas evidências já foi indicada no capítulo anterior. O relatório produzido por Wilbur Schramm, “*O Conceito Soviético de ‘Guerra Psicológica’*”, de 1955, indica na bibliografia que usou o artigo de “X” (Kennan) como base de suas afirmações. É de se imaginar que os funcionários da *United States Information Agency* também fossem influenciados em boa medida pelo trabalho de Kennan para entender quem eram os soviéticos.

⁸⁰ “[...] Surely, there was never a fairer test of national quality than this. In the light of these circumstances, the thoughtful observer of Russian-American relations will find no cause for complaint in the Kremlin's challenge to American society. He will rather experience a certain gratitude to a Providence which, by providing the American people with this implacable challenge, has made their entire security as a nation dependent on their pulling themselves together and accepting the responsibilities of moral and political leadership that history plainly intended them to bear.” Apud KENNAN (Op.Cit).

⁸¹ Genericamente pode-se dizer que não. Cada presidente americano, cada gestão e perfil de composição dos departamentos refletiu certas tendências variantes da “política de contenção” ou da Doutrina Truman. Suscintamente, a gestão de Eisenhower, John F. Kennedy e Lyndon Johnson ficaram associadas à “filosofia” do “Rollback”, de favorecer – e auxiliar – a substituição governos hostis pelos amigáveis aos Estados Unidos, muitas vezes de forma clandestina por meio da CIA. Um exemplo do rollback foi a tentativa de invasão da Baía dos Porcos, em 1961 e até mesmo o golpe militar no Brasil em 31/03/1964. O governo de Richard Nixon, James Carter e Gerald Ford, por outro lado, ficaram associados à “detente”, de “relaxamento” das tensões diplomáticas entre os blocos da Guerra Fria que resultaram nos acordos SALT (Strategic Arms Limitation Talks) entre 1969 e 1979. Sobre isso ver em GADDIS, John Lewis. *The cold War: A New History*. New York: Penguin Press, 2006.

A contenção do comunismo, se não como uma rígida diretriz que determinava práticas oficiais, pode ser considerada um aspecto dominante das mentalidades dos funcionários do governo americano durante a Guerra Fria. O próprio Clark Clifford, que oficialmente trouxe o termo “contenção” e suas concepções associadas para dentro do Salão Oval e para o Departamento de Estado em 1947, chegou a ocupar o cargo de Secretário de Defesa entre 1963 e 1968, no governo do Democrata John F. Kennedy. O mesmo cargo ele ocupou na gestão de Lyndon Johnson depois do assassinato de Kennedy. Exceto se ele tivesse mudado de ideia radicalmente, é plausível que aquelas concepções de 1947 ainda exercessem alguma influência e repercutissem nas gestões posteriores, de Nixon (1969-1974) à Reagan (1981-1989). É algo que merece maior aprofundamento e escapa a esta pesquisa.

Kennan havia dito que a “certeza” da hostilidade americana era uma força motriz das subjetividades soviéticas, ideia alimentada incessantemente pela liderança do partido e que justificava os excessos já cometidos por aquela ditadura. De forma equivalente, um anti-comunismo reativo foi incorporado à engrenagem dos serviços de inteligência e informação nos Estados Unidos. “Contra quem nós lutamos” tornou-se parte tão importante na vida política americana quanto o “por que nós lutamos”.

II.II – Inteligência e informação

Durante a 2ª Guerra, em 1941, por uma recomendação do então coronel William “Wild Bill” Donovan, foi criado um serviço de inteligência e informações que operava no exterior. A missão era coletar ou distribuir dados estratégicos que, se executados de forma precisa, ofereceriam uma ampla vantagem militar nos esforços contra o Eixo. Mais ainda, ficaria a cargo deste serviço executar missões de sabotagem e dissuasão sem o uso da força, as “*psychological*

warefare”. Esse órgão, cujas operações muitas vezes eram realizadas de forma clandestina no exterior, era o *Office of Strategic Service*, o OSS, principal órgão de espionagem e contra-espionagem americana naquele tempo. Porém, com o fim da 2ª Guerra, o presidente Harry Truman dissolveu a OSS por uma recomendação indireta do Coronel Richard Park, Jr, assessor de Franklin D. Roosevelt. O presidente falecido acreditava que a OSS, chefiada por Donovan, estava ganhando contornos de uma “Gestapo” americana, uma polícia política que, por conta de suas funções, tinha uma natureza paranoica arriscada e com potencial de lesar os direitos dos próprios cidadãos americanos, sem mencionar leis e acordos internacionais. Truman buscou descentralizar as atividades do *Office* neutralizando seu potencial risco. Mas o fim da guerra trouxe inúmeras disputas departamentais. A quem ficava a carga a coleta de informações? À Marinha? À Defesa? Ao Departamento de Estado? E a quem cabe decidir como usa-las? Ao Exército? Ao Estado Maior das forças armadas⁸²? Apenas à Presidência? Os interessados na questão não tinham maior inclinação em assumir mais responsabilidades do que tinham de rejeitar aquelas que eles achavam que não lhes cabia. O problema todo estava cercado por uma mesma questão: em tempos de paz, como combinar duas atividades distintas, diplomática e militar? Assim, em dezembro de 1945, a decisão de Truman levou à divisão da OSS em dois polos principais de atividade: o *Interim Research and Intelligence Service* (IRIS), um órgão de coleta e análise de dados de inteligência, e o *Strategic Services Unit* (SSU), responsável por fazer uso dos dados de informação coletados pelos postos estrangeiros. O SSU ainda era dividido em dois setores menores, a *Secret Intelligence*

⁸² Chamados nos Estados Unidos de *Joint Chiefs of Staff*, este corpo dos oficiais mais graduados das forças armadas americanas trabalha juntamente com o secretariado da defesa, no Pentágono. Oficialmente criado por força do *National Security Act* de 1947, ele já operava desde ao menos a 1ª Guerra Mundial como conselho deliberativo das ações militares americanas. Essa atribuição permaneceu praticamente inalterada até a Public Law 99-433, o *Goldwater-Nichols Department of Defense Act* de 1986 que retirava do JCS as diretivas de comando que possuía junto às unidades operacionais. Em 1986 essa diretiva passou a ser exercida de modo exclusivo pela presidência. O JCS passou a ser oficialmente um órgão consultivo no *National Security Council*. O conteúdo integral da PL 99-433 está disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-100/pdf/STATUTE-100-Pg992.pdf> Acesso em 20/04/2015.

(SI) e espionagem (X2), com funções diretamente relativas à segurança nacional americana e que realizavam ações táticas no exterior.

A compartimentação dos serviços de inteligência, agravado pela dificuldade burocrática da disseminação das informações entre as partes interessadas, obrigou a gestão de Truman a retroceder na questão. Uma conseqüente fricção departamental (quem seriam os diretores e funcionários daqueles órgãos? Militares ou civis?), agravada por fatores orçamentários (a quem ficaria a cargo o pagamento de vencimentos? Marinha? Exército? Estado?), levou a uma reorganização dos serviços de informação, além de uma re-centralização dos serviços de inteligência. Dessa reorganização resultou, em primeira instância, o surgimento do *Central Intelligence Group* (CIG) em 24 de janeiro de 1946. Mas foi apenas mais tarde, por meio do *National Security Act* de 26 de julho de 1947⁸³, divisor de águas na história das relações internacionais americanas, que as atribuições, objetivos, estrutura dos órgãos de inteligência, informação, diplomáticas e militares foram totalmente reunidos e delineados com maior precisão.

Em primeiro lugar, o *National Security Act* determinou a criação do *National Security Council*⁸⁴, um conselho liderado pelo presidente e composto por todos os diretores e chefes de órgãos cujas atribuições se relacionassem à segurança nacional. Em segundo lugar, foi o *National Security Act* que oficializou a criação da *Central Intelligence Agency*, a CIA.⁸⁵

⁸³ Disponível em <http://legisworks.org/congress/80/publaw-253.pdf> Acesso em 22/08/2015.

⁸⁴ Doravante também referido como NSC.

⁸⁵ A história da transformação da OSS na CIA pode ser lida em WARREN, Michael. *Salvage and Liquidation - The Creation of the Central Intelligence Group*. Disponível em <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/vol39no5/pdf/v39i5a13p.pdf> Acesso em 15/05/2015. O *National Security Act* de 1947, com emendas oficializadas pela Public Law 110-53 (2007) pode ser visto em <http://www.intelligence.senate.gov/nsaact1947.pdf> Acesso em 15/05/2015.

Como afirma Frances Stonor Saunders, a CIA tinha uma reputação elitista, herança do dos primeiros funcionários do OSS, oriundos das famílias mais ricas e tradicionais, alunos destacados das melhores universidades americanas⁸⁶. Além disso, seus oficiais eram animados por um espírito “missionário”, de salvar a “liberdade ocidental” do “obscurantismo Comunista”. Nos primeiros dias da agência havia, como diz a autora, a evocação de uma atmosfera medieval, cavalheiresca, como se seus membros fizessem parte da ordem dos Cavaleiros Templários⁸⁷.

As atividades da CIA, vagamente definidas pelo NSC em 1947, passaram a ter um amplo escopo de atribuições. As polarizações entre diplomacia e tática militar, entre “inteligência” e “informação”, se mesclavam e se complementavam. A consulta do Record Group 273, que reúne a documentação relativa ao *National Security Council* no NARA oferece numerosas evidências de como aquelas atribuições foram estabelecidas e distribuídas entre os vários departamentos e agências ao longo dos anos.

O documento “*National Security Council Intelligence Directive NO. 5 – U.S. Espionage and Counterintelligence Activities Abroad*”⁸⁸, datado de 15 de setembro de 1958, estava classificado como “*Top Secret*”. Ele continha as diretrizes de espionagem e contra-inteligência no exterior segundo o consenso do NSC. Para fins dessa diretiva, dizia o documento (sem assinatura):

“[...] a. *Espionagem é definida como aquela atividade de inteligência dirigida à aquisição de informações por meio de operações clandestinas.*

b. *Contra-inteligência é definida como aquela atividade de inteligência cujo produto resultante é voltado à destruição da eficácia das atividades de inteligência inimigas estrangeiras e [a contra-inteligência] é realizada de modo a proteger a segurança da*

⁸⁶ Ver em SOUNDRS, Frances Stonor. *The Cultural Cold War – The CIA and The World of Arts and Letters*. New York: The New Press, 2000. p. 34.

⁸⁷ Idem, p. 33.

⁸⁸ Documento de 15/09/1958. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1. Ver Anexo III ao final da tese.

nação, das suas pessoas, informações e instalações no exterior contra espionagem e subversão [estrangeira].”⁸⁹

Pela retórica do documento, a “espionagem” tinha uma natureza passiva, observadora, analítica, uma atividade contínua, potencialmente de longa duração, onde coletar informações exigiria um esforço rigoroso. Já a “contra-inteligência” sugeria uma atividade ativa, onde o uso das informações era voltado à neutralização das atividades de inteligência dos inimigos da segurança nacional. O item “b” ainda acrescentava uma diretiva importante: a contra-inteligência incluía a atribuição de procurar, desenvolver, gravar e disseminar informações concernentes às atividades clandestinas de qualquer grupo ou organização que tivesse capacidade equivalente de conduzir tais ações.

O documento “*Diretiva do Conselho de Segurança Nacional N. 5*”, de quatro páginas, está dividido em nove itens sendo que o item 3 é dedicado a especificar quais eram as atribuições da *Central of Intelligence Agency*, entre as quais merecem destaque:

“[...] a. Por executar a espionagem fora dos Estados Unidos e suas possessões de modo a atender as necessidades de inteligência de todos os departamentos e agências interessadas, a serviço da segurança nacional.

b. Por executar contrainteligência clandestina fora dos Estados Unidos e suas possessões. [...]

d. Por manter para benefício da central de inteligência índices e registros de contrainformação estrangeira. Todos os departamentos e agências devem colaborar para este índice, em base contínua, se tal material for apropriado para o arquivo central; este material será coletado e analisado para disseminação apropriada.”⁹⁰

⁸⁹ “[...] a. Espionage is defined as that intelligence activity which is directed toward the acquisition of information through clandestine operations. b. Counterintelligence is defined as that intelligence activity, with its resultant product which is devoted to destroying the effectiveness of inimical foreign intelligence activities and which is undertaken to protect the security of the nation, and its personnel, information and installations abroad, against espionage, sabotage, and subversion.” Idem.

⁹⁰ “[...] a. The conduct of espionage outside the United States and its possessions in order to meet the intelligence needs of all departments and agencies concerned, in connection with the national security. b. The conduct of

É importante indicar, o *National Security Council* teve importância variada ao longo das várias gestões presidenciais. Enquanto Harry Truman parecia deliberar suas decisões com o NSC frequentemente (o que é indicado no número de documentos nos acervos do National Archives) Richard Nixon exigia (ou tinha) menos participação nas reuniões do Conselho, ou havia um número menor de opiniões envolvidas nas decisões daquele republicano. No caso de Nixon, muitas das funções deliberativas em assuntos diplomáticos foram delegados ao seu Assessor de Segurança Nacional, Henry Kissinger, cuja autonomia levou aos acordos de Paris e que resultaram no fim das ações militares americanas no Vietnã⁹¹. Há poucas atas das reuniões do NSC ou novas diretivas como aquelas produzidas nos governos de Truman, Eisenhower, Kennedy ou Lyndon Johnson. Seja como for, em 1958, é certo que estavam presentes nas reuniões do *National Security Council* o presidente Dwight D. Eisenhower e seu Secretário de Estado, John Foster Dulles. Ambos estavam cientes da importância dos serviços de inteligência e informação para a segurança dos Estados Unidos e possivelmente o *Diretiva n. 5* não fosse mais do que uma formalização de práticas que já vinham acontecendo na CIA e agências associadas desde 1947. Se era o caso, não seria surpresa o item 5 do documento que diz:

“[...] 5. Os departamentos e agências envolvidas devem dar assistência à Agência Central de Inteligência na sua tarefa de espionagem oferecendo direcionamento na forma de requeridas informações, contínuas e prontamente coletadas. Estes departamentos e agências deverão prover tais informações para auxiliar umas às outras como necessário.”⁹²

clandestine counterintelligence outside the United States and its possessions. [...] d. The maintenance for the benefit of the intelligence community of central indexes and records of foreign counterintelligence information. All departments and agencies shall contribute to this index, on a continuing basis, such material collected by them as is appropriate for a central file; this material shall be collated and analyzed for appropriate dissemination.”. Idem.

⁹¹ Ver sobre isso em DALLEK, Robert. *Nixon and Kissinger – Partners in Power*. New York: Harper Collins, 2007. Pp. 245-324

⁹² “[...] 5. The departments and agencies concerned shall assist the Central Intelligence Agency in its conduct of espionage by providing guidance in the form of continuous, timely and specific collection requirements and, as

O “*Diretiva do Conselho de Segurança Nacional N. 5*” indicava que havia, portanto, uma prioridade para o compartilhamento de inteligência e informação disseminada entre os vários órgãos envolvidos com este tipo de atividade. Isso devia ocorrer da forma mais exata e imediata possível. Chama a atenção, o item 5 menciona ainda mais que os “departamentos e agências” devem auxiliar na orientação da CIA nas suas atribuições. Mas quais eram estes órgãos, agências e departamentos?

Um documento anterior, classificado como “*Secret*”, datado de 13 de janeiro de 1948 estava intitulado “*Diretiva do Conselho de Segurança Nacional n. 03 – Coordenação da Produção de Inteligência*”⁹³. Produzido durante a gestão de Harry Truman, o documento esclarecia muitos daqueles princípios conflitantes sobre a organização dos serviços de inteligência que marcaram o período anterior à formação da CIA. O conteúdo do documento clareava as atribuições qualitativas das informações que eram produzidas. “Inteligência Básica”⁹⁴, por exemplo, era considerada aquela de natureza factual, oriunda de informação enciclopédica de maior ou menor natureza estática e de interesse geral. “Inteligência Atual” era considerada aquela informação oriunda do calor do momento, de interesse e valor imediato aos envolvidos em operações ou responsáveis pelas políticas no exterior.⁹⁵ “Inteligência Departamental” era a “Básica”, “Atual” e institucional produzida segundo a requisição de qualquer departamento ou agência independente a serviço do

required, assessments of the information collected. Such departments and agencies shall provide similar support to each other as required.” Idem.

⁹³ “*National Security Council Intelligence Directive NO. 3 – Coordination of Intelligence Production*”. Documento de 14/01/1948. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1. Ver Anexo IV ao fim da tese.

⁹⁴ “[...] (1) *Basic intelligence is that factual intelligence which results from the collation of encyclopedic information of a more or less permanent or static nature and general interest which, as a result of evaluation and interpretation, is determined to be the best available.*” Idem.

⁹⁵ “[...] *Current intelligence is that spot information or intelligence of all types and forms of immediate interest and value to operating or policy staffs, which is used by them usually without the delays incident to complete evaluation or interpretations.*” Idem.

governo. Entre todas, chamava atenção especial o quinto item, a “Informação Nacional”. Como descreve o documento,

“[...] (1) Inteligência nacional é a inteligência departamental integrada que cobre amplos aspectos da política e segurança nacional, que é da alçada de mais de um Departamento ou Agência, e que transcende a exclusiva competência de um único Departamento, Agência ou Organização Militar.

(2) O diretor da Central de Inteligência deve produzir e disseminar a inteligência nacional [...]

(4) O Diretor da Central de Inteligência deve, de acordo com as pertinentes Agência ou Agências, requisitar e receber tais estimativas especiais, relatórios, e resumos frequentes ou sumários preparados individualmente pelos Departamentos e Agências nos seus campos de interesses dominantes ou de acordo com suas capacidades de produção que sejam necessárias na produção de relatórios de inteligência ou estimativas produzidas em conjunto.”⁹⁶

Sendo assim, os serviços de inteligência não estavam exclusivamente concentrados nas mãos de um ou outro órgão do governo, fossem eles militares ou civis. As informações deveriam ser colhidas e disseminadas de acordo com a esfera de atribuição e capacidade de produção de cada um daqueles setores. Mas, acima de tudo, cabia ao Diretor da Central de Inteligência acompanhar estes complexos ramos de atividade. Afinal, como dizia a Diretiva n. 5, apenas à CIA competia as ações ativas e reativas, espionagem e contra-espionagem, com o uso de informações. A CIA, como diz o nome, centralizava as informações, embora não necessariamente as produzisse. Mas persistia a questão, que órgãos específicos eram responsáveis por estas informações,

⁹⁶ “[...] (1) National intelligence is integrated departmental intelligence that covers the broad aspects of national policy and national security, is of concern to more than one Department or Agency, and transcends the exclusive competence of a single Department or Agency or the Military Establishment. (2) The director of Central Intelligence shall produce and disseminate national intelligence. [...] (4) The Director of Central Intelligence shall, by agreement with the pertinent Agency or Agencies, request and receive such special estimates, reports and periodic briefs or summaries prepared by the individual Departments or Agencies in their fields of dominant interest or in accordance with their production capabilities as may be necessary in the production of intelligence reports or estimates undertaken mutually.” Idem.

qualitativamente distintas? O mesmo documento respondia em sua quarta e última página. Para os propósitos de “produção de inteligência”, havia a seguinte divisão de interesses:

*“[...] Inteligência Política, Cultural, Sociológica... Departamento de Estado;
Inteligência Militar..... Departamento do Exército;
Inteligência Naval.....Departamento da Marinha;
Inteligência Aérea.....Departamento da Força Aérea;
Inteligência Econômica, Científica e Tecnológica...Cada agência de acordo com suas necessidades respectivas.”⁹⁷*

Inteligências militar, naval ou aérea, sem nenhuma surpresa, eram da alçada das forças armadas com atividade correspondente, o que muito provavelmente permaneceu inalterado por Truman, da OSS à CIA. Respeitava-se assim as atribuições estratégicas, caras aos generais do *Joint Chief of Staff*. Mas é interessante observar que as informações políticas, culturais ou sociologicamente relacionadas ficassem a cargo do Departamento de Estado, o que sugere o perfil dos funcionários daquele órgão. Reconhecer-se-ia, assim, um órgão caracteristicamente civil, intelectualizado, acadêmico, científico, juridicamente fluente, provavelmente contando com o apoio das aludidas “agências independentes”, das quais poderiam recorrer aos serviços especialistas que não fossem funcionários do governo.

Além de acabar descrevendo o perfil do Departamento de Estado, o documento de 1948 reconhece a necessidade de serviços especializados (ou agências) que fossem capazes de produzir informações ou inteligência concernentes à economia, ciência ou tecnologia. Por mais estranho que a distinção aparente - considerando que seria impossível separar “desenvolvimento técnico”

⁹⁷ “[...] *Political, Cultural, Sociological Intelligence...Department of State; Military Intelligence..Department of the Army; Naval Intelligenc...Department of Navy; Air Intelligence...Department of the Air Force; Economic, Scientific, and Technological Intelligence...Each agency in accordance with its respective needs.*” Idem.

de “econômico” ou “cultural” - basta lembrar que as diretivas do NSC determinavam a integração dessas informações. De todo modo, alijar aspectos científicos do restante dos outros campos de atividade de inteligência tinha uma razão implicitamente clara: a preocupação com o uso estratégico, potencialmente hostil, do conhecimento técnico ou científico por nações estrangeiras. O documento “*Diretiva do Diretor da Central de Inteligência ¾ - Produção de Inteligência Científica e Técnica*”⁹⁸, datado de 14 de agosto de 1952, não deixa dúvidas.

O documento classificado como “*Secret*” determina que os campos gerais de produção de inteligência científica e técnica seriam divididos em três áreas, produzindo informações relativas a “[...] *Inteligência sobre todos os armamentos, sistemas de armas, equipamento e técnicas militares, além de inteligência sobre pesquisa e desenvolvimento que levam a novos materiais bélicos ou técnicas*”⁹⁹. Estas, de natureza notadamente militar, ficariam sob o foco de atenção do Departamento de Defesa. Além destas devia-se produzir inteligência “[...] *sobre pesquisas fundamentais nas ciências básicas, fontes científicas e sobre medicamentos (fora os medicamentos militares) além de inteligência em pesquisas e desenvolvimento em áreas aplicadas [...]*”¹⁰⁰, sendo que as coletas destas informações ficavam a cargo prioritário da CIA.

E por último deveria-se buscar “[...] *Inteligência sobre Energia Atômica – cuja responsabilidade de produção [de informação] é de todas as agências interessadas*”¹⁰¹ – de responsabilidade ostensiva de todos os órgãos ou agências envolvidas. Na hierarquia de prioridades da CIA em 1952, havia de se buscar, portanto, 1. Inteligência sobre energia atômica,

⁹⁸ “*Director of Central Intelligence Directive ¾ - Production of Scientific and Technical Intelligence*”. Documento de 14/08/1952. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

⁹⁹ “[...] *Intelligence on all weapons, weapons systems, military equipment and techniques, plus intelligence on pertinent research and development leading to new military material and techniques [...]*” Idem.

¹⁰⁰ “[...] *on fundamental research in the basic sciences, on scientific resources, and on medicine (other than military medicine) plus intelligence on pertinent applied research and development [...]*” Idem.

¹⁰¹ “[...] *Intelligence on Atomic Energy – production responsibility of all interested agencies.*” Idem.

2. Armas e sistemas bélicos relacionados, e 3. Avanço científico, notadamente de uso prático. Apenas 2 era de alçada do Departamento de Defesa. 1 e 3, portanto, cabiam à CIA e suas agências associadas.

Um memorando assinado por C.P. Cabell, Major-Brigadeiro (“*Lieutenant General*”)¹⁰² da Força Aérea Americana e “Diretor suplente” (“*Acting Director*”) da CIA, datado de 23 de agosto de 1954, fazia uma recomendação endereçada ao Mr. James S. Lay, Secretário Executivo da presidência junto ao *National Security Council*. O texto mencionava o relatório de uma pesquisa realizada pelos subordinados do Secretário de Estado, John F. Dulles, mas que foi feita a pedido de um certo Mr. Streitbert. Streitbert era nada menos que o Diretor da *United States Information Agency*, e a pesquisa tocava no tema dos requisitos de inteligência e recursos disponíveis para a USIA. A opinião de Cabell era de que: “[...] *é recomendado e solicitado que o Conselho designe a USIA como uma agência governamental para a qual o Diretor da Central de Inteligência dissemine Inteligência Nacional.*”¹⁰³ A solicitação de Cabell tocava num tema protocolar, organizacional, burocrático. Não incluir o Diretor da USIA das reuniões do NSC abria espaço para inconvenientes, como a necessidade de ter que acionar ou deslocar funcionários para produção de relatórios, esforços que poderiam ser facilmente evitados. A resposta não demorou. Em 7 de setembro de 1954, o Secretário Executivo do presidente, James Lay, escreveu para o diretor da USIA:

“*Meu caro Sr. Streitbert:*

¹⁰² Não se deve confundir a tradução literal para português do original “*Lieutenant General*” como “tenente-General” para postos de oficiais da Força Aérea. Nem mesmo o posto de Tenente-Brigadeiro é correto, uma vez que o “*Tenente-general*” americano é equivalente ao “*General de Divisão*” do Exército Brasileiro. O correspondente do posto de *General de Divisão* é o Major-Brigadeiro, usado aqui.

¹⁰³ “[...] *it is recommended and requested that the Council designate the USIA as a governmental agency to which the Director of Central Intelligence shall disseminate National Intelligence.*” Documento de 23/08/1954. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1. Ver Anexo V no final da tese.

Sob a direção do Presidente, você está convidado a comparecer na reunião do Conselho de Segurança Nacional a ocorrer na Sala de Conferência da Casa Branca na Quinta-Feira, dia 9 de Setembro de 1954, às 10:00 da manhã para participar do Conselho em consideração ao seguinte item, o primeiro da agenda para esta reunião:

DISSEMINAÇÃO DE INTELIGÊNCIA NACIONAL PARA A USIA
[...]

Por consideração à recomendação do Diretor Suplente da Central de Inteligência de que a Agência de Informações dos Estados Unidos seja designada como uma agência à qual o Diretor da Central de Inteligência dissemine inteligência nacional. [...]

Cordialmente,

JAMES LAY Jr.

Secretário Executivo.”¹⁰⁴

O conteúdo da carta sugere cortesia, proximidade. Mas não há evidências que indiquem que James Lay e Theodore Strietbert fossem, de fato, “caros” um do outro. Tampouco é possível aferir a influência do Major-Brigadeiro Cabell e do Secretário John F. Dulles nas decisões do NSC e que levaram ao convite do diretor da USIA à reunião na Casa Branca. Mas a fineza da carta de James Lay à Streitbert não deixa dúvidas: a USIA e seu Diretor eram presenças reconhecidas no escopo das atenções dos órgãos estratégicos e diplomáticos americanos. Especialmente porque, como reconhecia Cabell, era importante que a USIA participasse da disseminação de conteúdos de inteligência que eram centralizadas nas mãos da CIA, nominalmente, a “inteligência nacional”. Como apontado acima, “inteligência nacional” era aquela que inclui “amplos aspectos da política nacional e segurança nacional”. Se os soviéticos eram os novos inimigos, se inteligência e

¹⁰⁴ “[...] *My dear Mr. Streitbert: At the direction of the President, you are invited to attend a meeting of the National Security Council to be held in the Conference Room of the White House on Thursday, September 9, 1954, at 10:00am to participate with the Council in consideration of the following item which is the first item on the agenda for this meeting: DISSEMINATION OF NATIONAL INTELLIGENCE TO THE USIA [...] For consideration of the recommendation of the Acting Director of Central Intelligence that the United States Information Agency be designated as an agency to which the Director of Central Intelligence shall disseminate national intelligence. [...] Sincerely yours, JAMES S. LAY, Jr. Executive Secretary” Idem.*

informação estavam a serviço da contenção, à USIA cabia dominar “os amplos aspectos da política nacional”.

II.III – USIA X Agitprop

Como determinava a “*Diretiva do Conselho de Segurança Nacional N. 5*”, cabia às agências concernentes produzir pesquisas e relatórios contínuos e atualizados sobre aqueles assuntos sob sua jurisdição. Enquanto o serviço de inteligência do Exército seria imediatamente capaz de reconhecer o potencial tático do uso de um foguete ou um novo carro de combate russo, provavelmente mais difícil seria para este serviço reconhecer que a influência da propaganda soviética em Kiev, na Ucrânia, fosse menos eficaz do que em São Petersburgo. Ou então que um panfleto soviético escrito em espanhol tivesse pouco efeito no Brasil. Esse tipo de análise exigia um cuidado especializado e órgãos de inteligência separados. Afinal, nem o Exército, a Marinha, o Departamento de Estado eram capazes de observar tudo, e a *Central Intelligence Agency* não era onipresente em todos os aspectos da produção de informações. Ela dependia de agências e serviços auxiliares.

As diretivas formalizadas pelo *National Security Council*, que refletiam práticas que eram informalmente adotadas desde o fim da 2ª Guerra Mundial, priorizavam a troca de informações e a prontidão dos serviços de inteligência em oferecer auxílio mútuo a qualquer parte interessada, fossem de natureza militar ou civil. Além disso, cada setor de inteligência deveria ficar atento aos seus “análogos” atrás da cortina de ferro segundo os parâmetros da doutrina da política de contenção apregoada por Cilifford e Kennan. O objetivo comum era o mesmo: zelar pela segurança nacional americana, especialmente no que tocava às atividades soviéticas, mas priorizando os temas ligados a armas nucleares e energia atômica. Nesse sentido, a *United States Information*

Agency, não escapava dessa diretriz. Além dos parâmetros definidos pelo Smith-Mundt Act de 1948¹⁰⁵, a USIA era encarregada de produzir pesquisas e análises relativos às atividades equivalentes às daquela agência feitas pelos soviéticos. E no que tange às ações de propaganda, informação e inteligência executadas pelos comunistas, a tarefa não era pequena.

Como mostra o grande volume de documentos produzidos pela USIA, referentes a “surveys” de periódicos, publicação de livros, panfletos, difusão de programas de rádio e tudo mais que os soviéticos faziam uso para enfraquecer os Estados Unidos, a União Soviética dava alta prioridade ao uso das informações, da propaganda e das “*psychological operations*”.

Em 15 de fevereiro de 1955, o serviço de pesquisa da USIA produziu um relatório intitulado “*ATIVIDADES DE PROPAGANDA COMUNISTA EM ESCALA MUNDIAL EM 1954*”.¹⁰⁶ Organizado por F. Bowen Evans¹⁰⁷, diz o texto, ele foi produzido com base nas informações compartilhadas pelo Departamento de Estado, e tinha um caráter assumidamente descritivo e expositivo, invés de analítico e avaliativo. No entanto, isso não atenuava a pretensão de alcance do relatório, uma vez que ele buscava indicar um apanhado geral (“*general account*”) da propaganda Comunista durante 1954 em todas as partes do mundo. Havia uma ressalva, porém. Dizia a introdução do texto, “[...] *O alcance deste relatório é amplamente definido por uma descrição das atividades de propaganda Comunista contra o mundo livre [...] Não foi o objetivo*

¹⁰⁵ Lembrando, o Smith-Mundt Act celebrava o objetivo de troca cultural entre os Estados Unidos e outras nações em nome do “melhor entendimento” entre estes países. Aquele Act formalizava, por exemplo, os programas de intercâmbio de pesquisadores e professores por meio de bolsas de estudo. O apelo do Smith-Mundt Act era filosoficamente humanitário, de inspiração Iluminista. Ver mais sobre isso no Cap. I.

¹⁰⁶ “*Worldwide Communist Propaganda Activities In 1954*” Documento de 15/02/1955. Apud NARA, RG306, P-160, Special Reports, Box 9. Ver Anexo VI no final da tese.

¹⁰⁷ O documento indica que Bowen faz parte do “IRI”, referido como *Office of Research and Intelligence* da USIA. As siglas e nomenclaturas internas da USIA não seguiam necessariamente uma “razão acrônima” exata. As nomenclaturas dos vários ramos internos da USIA normalmente começavam com a letra I, que indicava que pertenciam ao serviço de “informações”. Por exemplo, o *Office of Administration and Management* tinha a sigla IOA; o *Broadcasting Service* tinha a sigla IBS; o *Press and Publications Service* tinha a sigla IPS. Estas informações estão dispostas nas pastas de catálogo do RG 306 no NARA.

deste relatório abordar a propaganda comunista em plano doméstico ou interno.”¹⁰⁸. No sumário do documento eram apontados os temas abordados, entre eles, “*Os objetivos, teoria, e organização da propaganda comunista internacional*”, “*Notas sobre o volume e custos da propaganda comunista*”, “*Temas da propaganda comunista internacional em 1954*”. Na abertura do item “*Os objetivos, teoria, e organização da propaganda comunista internacional*”, Bowen já estabelece que:

“[...] *Dos primeiros dias do Marxismo até hoje, propaganda teve um papel dominante na estratégia Comunista. [...] Como movimento messiânico, o comunismo é inerentemente propagandista. Desde que Marx e Engels publicaram o Manifesto do Partido Comunista, o movimento Comunista deu irrestrita atenção para propaganda, agitação e guerra ideológica.*”¹⁰⁹

Estabelecer que o Comunismo é um movimento “messiânico” e qualificar o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels como documento de propaganda, indicado por Bowen, era praticamente um consenso entre os órgãos de diplomacia, inteligência e informação americanos. Ou, se não eram ainda, por meio deste relatório, tinham a pretensão de ser. Era uma visão de mundo que se estabelecia por meio daquele relatório, afinal ele foi produzido com o auxílio do Departamento de Estado e seria disseminado por todas as agências e departamentos interessados.

Numa passagem posterior deste relatório de 1955, o item “*Organização do Sistema de Propaganda Comunista Internacional*” trazia observações importantes sobre a coordenação das ações propagandistas soviéticas. A propaganda comunista era cuidadosamente coordenada, o que podia ser observado pelo grau de similaridade que a “linha” proclamada pelos soviéticos era a

¹⁰⁸ “[...] *the range of this report is largely limited to a description of overt Communist propaganda against the Free World [...] It was not the purpose of this report to deal with the domestic or internal propaganda of Communist nations*” Documento de 15/02/1955. Apud NARA, RG306, P-160, Special Reports, Box 9.

¹⁰⁹ “[...] *From the earliest days of Marxism down to the present, propaganda has played a leading role in Communist strategy. [...] As a messianic movement, communism is inherently propagandistic. Since Marx and Engels in 1848 issued the Communist Manifesto, itself a propaganda document, the Communist movement has given unremitting attention to propaganda, agitation, ideological warfare.*” Idem.

mesma em países distantes da União Soviética, como Japão, México, França, Suécia, Egito, Chile, Índia ou nos Estados Unidos. Como se fosse um relatório médico identificando sintomas de uma doença crônica, afirma Bowen, “[...] *Embora a ênfase possa variar de acordo com as condições locais, os temas internacionais emitidos por Moscou são refletidos com notável fidelidade por Comunistas de toda parte*”¹¹⁰

A capacidade de coordenação da qual os soviéticos eram capazes e que Bowen reconheceu no trecho citado é resultado dos trabalhos do “*Agitprop*”, o “*think tank*” da propaganda comunista que planejava não apenas as mensagens domésticas, mas também a estratégia e coordenação comunista de propaganda global. O *Agitprop*, assim, seria uma espécie de “massa crítica”, um “cérebro” de interpretação, elaboração e institucionalização das doutrinas comunistas. Um dos sub-títulos do relatório era “*Principal direção e coordenação da União Soviética: O Agitprop*” e descrevia o órgão:

*“[...] A unidade central é a Seção de Propaganda e Agitação, ou Agitprop, que, sendo um órgão do Presidium do Partido Comunista da União Soviética, é o pináculo da hierarquia. O Presidium (conhecido como Polituro até a mudança de títulos na reorganização administrativa de 1953) é um pequeno grupo que governa o Partido Comunista da União Soviética e, por meio dele, o governo da União Soviética e a rede mundial Bolchevique.”*¹¹¹

A exposição de Bowen acima é extremamente significativa. Em primeiro lugar, ela estabelece que existe um órgão na União Soviética cujas funções são diametralmente equivalentes às daquelas que a própria USIA exercia, qual seja, organização e coordenação da propaganda em escala

¹¹⁰ “[...] *Although the emphasis may differ according to local conditions, the international themes heard from Moscow are reflected with notable faithfulness by Communists everywhere*” Idem.

¹¹¹ “[...] *The central directing unit is the Section of Propaganda and Agitation, or Agitprop, which, since it is an organ of the Presidium of the Communist Party of the USSR, is in the very pinnacle of the hierarchy. The Presidium (known as the Politburo until a change of names in the administrative reorganization of 1953) is the small group which rules the Communist Party of the USSR and, through it, the Government of the USSR and the world Bolsheviek network.*” Idem.

global. O Agitprop, portanto, era o inimigo contra quem a USIA lutava, a imagem no espelho político e ideológico contra quem a USIA deveria se posicionar. Em segundo lugar, Bowen aponta que o Agitprop está no pináculo, a coluna de sustentação da hierarquia de todo o Partido Comunista Soviético, o “Presídium”. Por essa lógica, sem o Partido não havia governo da União Soviética. Sem a liderança da União Soviética, o movimento Bolchevique internacional seria arruinado. Ao Agitprop cabia enormes responsabilidades, pois a ele competia a divulgação da doutrina comunista concebida pelo partido. Acolher, interpretar, decompor, institucionalizar, disseminar, tais seriam as etapas da missão do Agitprop tendo em vista alcançar o objetivo da revolução comunista em escala global. Era um esforço hercúleo, a revolução sustentada por um Atlas comunista. À *United States Information Agency*, assim, não caberia menos.

O item IV do relatório produzido por Bowen em 1955 era referente aos *Temas da Propaganda Comunista Internacional em 1954*. É interessante notar que o relatório aponta uma relativa homogeneidade entre os temas explorados pela propaganda soviética, a ponto de serem reconhecíveis, como um padrão verificável, o que sugeria uma previsão de resultados. Como vários dos relatórios produzidos pelo IRI, a seção de pesquisa e informação da USIA, este também possuía um “cartesianismo” e apontava de forma ampla que, “[...] *O objetivo maior da propaganda Comunista é levar a uma cisão entre os Estados Unidos e seus aliados, isolando os Estados Unidos e destruindo a união do Ocidente.*”¹¹²

É importante lembrar, esta é a interpretação de Bowen sobre a meta da propaganda comunista em 1954, o que não quer dizer necessariamente que ela foi a mesma nos anos posteriores. Na verdade, tampouco é possível saber se as conclusões de Bowen eram corretas. Para

¹¹² “[...] *The chief goal of Communist propaganda is to drive a wedge between United States and its allies, isolating the United States and destroying Western unity.*” Idem.

saber quais eram as diretrizes da propaganda executada pelo Agitprop seria necessário um estudo mais atento, a partir de fontes documentais produzidas por aquele órgão. Na falta deles há outros estudos que exploraram muitos dos documentos produzidos pela Ex-União Soviética e que podem indicar pistas importantes.¹¹³

De modo geral, o relatório da pesquisa de Bowen mostrava que a propaganda da União Soviética naquele período explorava aquilo que identificava como diferenças inquestionáveis com os Estados Unidos. Ou senão, diferenças que fossem suficientemente visíveis na opinião pública internacional e que poderiam levar a uma fratura da unidade entre os capitalistas, como aludiu o autor do documento. Segundo a propaganda comunista, a base das diferenças residia no caráter “beligerante” e “imperialista” dos Estados Unidos e do Ocidente, o que fatalmente os colocaria em posição de isolamento, em contraposição à postura “pacifista” da União Soviética¹¹⁴. Nesse sentido, ao apontar as diferentes formas que a propaganda comunista agia em diferentes áreas e aspectos do mundo, o documento selecionava dois temas importantes que eram empregados pelo Agitprop:

“[...] *Em regiões coloniais ou subdesenvolvidas, a propaganda Comunista continuou a responsabilizar todas as dificuldades ao ‘Imperialismo Ocidental’, e explorou aspirações nacionalistas ao apontar o Comunismo como um movimento libertador. [...]*

*[...] Em regiões habitadas por pessoas de cor, a propaganda Comunista sofreu um revés severo num dos temas mais usados quando a Suprema Corte dos Estados Unidos tornou ilegal a segregação racial nas escolas públicas americanas.”*¹¹⁵

¹¹³ Um destes trabalhos é de GADDIS, John Lewis. *We Know now. Rethinking Cold War History*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

¹¹⁴ “[...] ‘Peaceful Russia, Warlike America’ was a strongly emphasized theme. Soviet propaganda sought to picture the USSR as a nation seeking the ‘relaxation of international tensions’, while picturing the United States as bent on obstructing settlements.” Documento de 15/02/1955. Apud NARA, RG306, P-160, Special Reports, Box 9.

¹¹⁵ “[...] *In colonial and underdeveloped areas, Communist propaganda continued to blame all difficulties on ‘Western imperialism’, and exploited nationalist aspirations by picturing Communism as a liberating movement. [...]**In areas*

Os grifos são do próprio documento. Os dois temas mencionados por Bowen são suficientemente ruidosos e correspondem a vastos campos da pesquisa e são focos do debate acadêmico há décadas. No contexto em que o documento foi produzido, aparentemente, não eram mais do que itens a serem considerados pelos americanos para entender como os soviéticos agiam ao redor do mundo e, assim, para entender melhor quem eram seus rivais. Maior atenção aqui precisa ser dedicada e à guisa de organização é necessário se enumerar. Indica o relatório, a propaganda comunista fazia crer que:

1. o “imperialismo ocidental” (e os Estados Unidos) eram responsáveis pelos prejuízos e malefícios que caracterizassem a vida nos “países subdesenvolvidos”. Não é exagero dizer, talvez aí fossem incluídos os países da América Latina, provavelmente o Brasil, algo que americanos e soviéticos concordariam que fazia parte do mesmo grupo;

2. os nacionalismos das nações subdesenvolvidas eram estimulados pelos soviéticos como uma forma de combate ao imperialismo ocidental. E por extensão, que o comunismo era uma ideologia de libertação dessas nações. Nacionalismo e comunismo, portanto, para os americanos estariam intimamente ligados;

3. os vícios racistas ou segregacionistas que se manifestavam nos Estados Unidos eram um tema que os comunistas costumavam usar, ou exploravam com atenção especial. Assim, a propaganda soviética - nos países habitados por “pessoas de cor” - perdeu um forte argumento

populated by colored peoples, Communist propaganda suffered a severe blow to one of its most cherished themes when the U.S. Supreme Court outlawed racial segregation in U.S. public schools.” Idem.

contra os americanos graças à decisão da Suprema Corte americana de tornar ilegal a segregação racial nas escolas públicas.¹¹⁶

Identidades de grupos, geografia, nacionalismos, ideologias, objetivos, “nós”, “eles”. As interpretações contidas no relatório “*Temas da Propaganda Comunista Internacional em 1954*” não podem ser encaradas de forma leviana. Elas revelam uma série de valores e atitudes que correspondiam não apenas à subjetividade de Bowen, autor do documento. Muito mais relevante, elas refletem uma visão de mundo que seria incorporada aos serviços de informação e inteligência americana. Essa visão de mundo estava impregnada de um sistema de valores que era historicamente construído e sedimentado em tradições e costumes nacionais americanos. Reinterpretado da 2ª Guerra Mundial por diplomatas, este sistema foi institucionalizado na Guerra Fria pelos conselhos governamentais, órgãos de inteligência e informação, e acentuado pela urgência de conter o comunismo em escala global. Os funcionários do Agitprop poderiam ser implacáveis. Mas eles encontrariam na USIA um rival à altura.

II.IV – O vetor das informações

O setor de pesquisa e inteligência da USIA, ao que se observa dos documentos encontrados, devia ser um ambiente intelectualmente frenético. São centenas de “*Special Reports*” e “*Intelligence Bulletins*” dos mais variados assuntos, todos voltados ao tema da segurança nacional americana. Manifestações de estudantes na Europa. Opinião dos jornais iranianos sobre a disputa

¹¹⁶ O episódio mencionado por Bowen de fato aconteceu. O caso *Brown v. Board of Education* (1954, 1955), julgado pela Suprema Corte Americana é um pilar jurídico na legislatura americana. O veredito, anunciado pelo Presidente da Corte, o californiano Earl Warren, em 15/05/1954 foi de que “[...] *We conclude that in the field of public education the doctrine of ‘separate but equal’ has no place. Separate educational facilities are inherently unequal*”. Ou seja, a decisão colocava fim ao costume do “iguais mas separados”, cujo precedente legal foi o caso *Plessy vs Fergusson* de 1896. O comentário sobre o caso *Brown vs Board of Education* pode ser visto no site da Suprema Corte Americana, disponível em <http://www.uscourts.gov/educational-resources/get-involved/federal-court-activities/brown-board-education-re-enactment/history.aspx> Acesso em 20/05/2015.

entre Estados Unidos e União Soviética. Interpretações sobre os nomeados a cargos na URSS. Propaganda Coreana no Japão sobre “coexistência pacífica”. Desenvolvimentos recentes na tecnologia de rádio e TV. Custos da industrialização na China. Números de matriculados em escolas no oriente médio. Alcance da propaganda comunista no Equador. Comparações de custos de se viajar no “mundo ocidental” e nos países comunistas. Enfim, a variedade de pesquisas e interpretações era imensa¹¹⁷.

Entre os relatórios de pesquisa, havia um documento classificado como “*Secret*” datado de 21 de junho de 1956 cujo título era “*Desenvolvimentos Recentes No Uso De Jornais E Publicações Pelos Comunistas*”¹¹⁸ e trazia estampado na capa uma ressalva: “*ESTA NÃO É UMA DECLARAÇÃO OFICIAL DA POLÍTICA DA USIA*”¹¹⁹. O mesmo comentário estava presente em centenas de relatórios semelhantes. Ou seja, estes documentos produzidos pela USIA não tinham a função de definir as diretrizes de política externa. Tinham sim, a função de instruir e informar aqueles que eram responsáveis por executar essas diretrizes.

Outro destes documentos, datado de 8 de fevereiro de 1965 e classificado como “*Secret*” trazia a exata mesma ressalva estampada na capa. Este era intitulado “*Atividades Da Propaganda Comunista No Brasil*”¹²⁰. Em 28 de janeiro de 1955, foi produzido um outro documento pela USIA que trazia estampado a classificação “*Unclassified*”, ou seja, não possuía nenhuma classificação sigilosa e podia ter circulação livre nos departamentos do governo americano. Seu

¹¹⁷ Por exemplo, em apenas uma única entrada do RG306, a A1-1022, referente a *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, foram coletadas 1797 páginas de documentos em nove caixas, dentro das dezenas de outras arquivadas no NARA dedicadas apenas a esta seção.

¹¹⁸ “*Recent Developments In Communist Use Of Press And Publications.*” Documento de 21 de junho de 1956. Apud NARA, RG306, P-160, *Special Reports*, Box 9

¹¹⁹ “*THIS IS NOT A STATEMENT OF USIA POLICY*”

¹²⁰ “*Comunist Propaganda Activities In Brazil*” Documento de 8 de fevereiro de 1956. Apud NARA, RG306, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 3. Ver Anexo VII.

título era “*Tentativas Comunistas De Obstruir O Desenvolvimento Da Indústria Petrolífera No Brasil*”¹²¹. Curiosamente, não havia a ressalva “*Esta não é uma declaração oficial da política da agência*”.

Estes três documentos, “*Desenvolvimentos Recentes No Uso De Jornais*”, “*Atividades Da Propaganda Comunista No Brasil*” e “*Tentativas Comunistas De Obstruir O Desenvolvimento Da Indústria Petrolífera No Brasil*”, assim como outros produzidos pela USIA e apontados até aqui, tinham algo em comum. Cada um trazia análises dos funcionários da Agência sobre nações estrangeiras. Ou seja, eram informações apreendidas sobre outros países. A circunscrição à diretriz de coleta de informações coerentes com o ramo de atuação da agência, segundo ditava o *National Security Act*, de 1947 assim como suas resoluções subsequentes, estava evidenciada.

Entre outras atividades, a USIA produzia informações, ensaios, comparações, levantamentos. Estes deveriam ser disseminados ao interesse de outras instâncias, como a *Central Intelligence Agency*, ou outros escalões, como o *National Security Council*, composto pelo Secretário de Estado e pelo próprio Presidente. Eram informações, portanto, que deveriam subsidiar concepções e ações de inteligência, mediante os interesses da segurança nacional americana e da defesa contra o comunismo em escala global, especialmente em oposição ao Agitprop, segundo ensinava os termos da política de contenção, concebida no inverno de 1946.

Contra quem os americanos lutavam? Estava claro pelo esforço reconhecido nas ações do Agitprop. O comunismo, sob o dogmatismo de concepções filosóficas do século XIX, talvez adulteradas por partidos e governos enrijecidos no lado oriental da Cortina de Ferro, era o principal

¹²¹ “*Comunist Attempts To Obstruct Developmont Of Petroleum Industry In Brazil*” Documento de 28 de janeiro de 1955. Apud NARA, RG273, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 4. Ver Anexo VIII.

antagonista dos Estados Unidos na luta pelo futuro. Tal era a conotação que se poderia extrair das análises produzidas pela USIA.

Tendo em vista os possíveis impactos culturais globais, é de se reconhecer que os funcionários da *United States Information Agency* exerciam funções com enormes responsabilidades. Mas seria a coleta e análise de informações, ou seja, o vetor “exterior → interior”, única forma de atuação daquela Agência?

CAPÍTULO III – O CAMINHO PARA O FUTURO

III.I – O processo “incivilizador”?

É algo para se refletir. Depois da devastação causada pelas duas bombas nucleares lançadas contra o Japão em 1945, o mundo deixou de ser o que era¹²². Oitenta mil pessoas foram mortas instantaneamente em Hiroshima no dia 6 de agosto. Outras 24 mil em Nagasaki no dia 9. De forma inédita, em questão de instantes, existências inteiras foram completamente apagadas pelo escaldante vapor atômico. Em 1º de março de 1954 houve o teste “Castle Bravo”, a primeira experiência americana com artefatos de fusão, a “Bomba H”. Teste conduzido no Pacífico, essa bomba termonuclear, cujo poder de destruição era planejado para 3 megatons, resultou em uma explosão desastrosa, de 15 megatons. Isto é, 750 vezes mais potente que aquela de Hiroshima. Detectores de todo o planeta apontaram a elevação dos níveis de radiação. Treze dias depois do teste Bravo, Georgii Malenkov, um dos três membros do “triunvirato” que assumiu o governo soviético após a morte de Stalin, reconheceu a condição inédita. Uma nova guerra mundial travada com as novas armas “*significaria o fim da civilização*”¹²³. Bastariam não mais do que cem bombas termonucleares para criar condições impossíveis de vida na Terra. Diferente do que pensaria Claus von Clausewitz ou Norbert Elias, talvez a guerra fosse o *oposto* do processo civilizador.

Em tempos em que armas nucleares e o espectro da aniquilação mútua se tornaram parte do cotidiano, talvez fosse mais correto pensar a guerra como um processo “in-civilizador”, o

¹²² Em *You and the Atomic Bomb*, ensaio publicado em 10 de outubro de 1945, George Orwell apontou que os enormes esforços para a produção – e uso – da bomba atômica sinalizavam o retrocesso da história. Enquanto navios e grandes engenhos fortaleceram estados e tiranias, mosquetes e armas de fogo democratizavam a rebelião, que resultou nas grandes revoluções burguesas do século XVIII. A bomba atômica restauraria o domínio de estados tirânicos sobre os indivíduos, impotentes diante do novo e inacessível tipo de arma. O ensaio completo está disponível em <http://gutenberg.net.au/ebooks03/0300011h.html#part33>. Acesso em 30 de Junho/2015.

¹²³ GADDIS, John Lewis. *The Cold War – A New History*. New York: Penguin Books, 2007, p. 64.

esgotamento de qualquer chance de diálogo. Entre 1949, ano do primeiro teste com artefatos nucleares pelos soviéticos¹²⁴, até o fim da Guerra Fria, simbolizado na derrubada do muro de Berlim em 9 de novembro de 1989, o signo da aniquilação atômica foi um horizonte impossível de ignorar. Um ícone do imaginário social¹²⁵.

Norbert Elias denominou aqueles fatores que levam à guerra como “coações”. Esses fatores seriam sempre problemáticos, sempre operando de acordo com o grau de complexidade das instituições que caracterizam uma sociedade, como as agremiações escolares, o exército ou a Igreja. Entre outras, Elias apontou a classificação geral de quatro tipos de coações: as de natureza animal (como a fome e o impulso sexual); as coações provocadas por circunstâncias geo-naturais (como a busca por alimentos ou por abrigo em função do clima); as coações sociais (como as decorrentes da interdependência entre os indivíduos, como a obediência aos governos ou pagar impostos) e uma auto-coação, manifestada em um sentido relacional, determinado pela tensão entre condições objetivas e subjetivas. É nesta 4ª coação, afirma Elias, onde se encaixa a teoria dos processos civilizadores. A guerra seria um dos principais desses processos¹²⁶. Mas na “Era Atômica”, o confronto físico e a violência institucionalizada, a despeito de todas as exigências geonaturais, biológicas ou evolutivas, ficaram para trás. A civilização estava em risco de

¹²⁴ Depois do teste do primeiro artefato nuclear na União Soviética, o “*Pervaya Molniya*” (“Primeiro Relâmpago”), houve o início da escalada da “Corrida Armamentista”. A primeira bomba termonuclear soviética foi testada em novembro de 1955. Em 30 de outubro de 1961 foi testada a AN602, ou “Tsar Bomb”, de 50 megatons, a mais poderosa arma nuclear já produzida na história. Sobre detalhes referentes à potência das bombas Fatman e Little Boy lançadas no Japão, programas nucleares, tipologias, alcance de utilização, contramedidas e políticas de controle de armas atômicas ver em SIRACUSA, Joseph. *Nuclear Weapons – A Very Short Introduction*, New York: Oxford, 2008.

¹²⁵ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social* (verbetes). IN Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

¹²⁶ Ver em ELIAS (Op. Cit.) pp. 42-43.

obliteração. A guerra seria agora uma ruptura da civilidade ao invés de ser seu catalisador, como desejaria um aristocrata do velho *Kaiserreich* alemão¹²⁷.

Sob essa perspectiva, certas posições se tornam mais compreensíveis. Havia uma urgência de sobrevivência. Para o mais radical dos “apóstolos” da Guerra Fria, a subjugação do rival, enquanto dogma, foi mais imperativo do que a disposição de aprender, trocar ou conviver com “o outro”. Assim, para aquele, dialogar não era necessariamente uma opção. O conflito seria materializado como a supressão (ou retrocesso) das mais altas faculdades humanas, como a razão. A guerra seria o sufocamento da liberdade de expressão, da racionalidade, da técnica, do intelecto, da arte, da música e da escrita. Afinal estes são recursos de preservação da memória, do compartilhamento de subjetividades, da comunhão de ideias, da coexistência de identidades, em suma, aqueles sinais que indicavam o oposto da barbárie e que eram meios e fins da civilização. Para os sujeitos que trabalhavam para a *United States Information Agency*, ramo de uma complexa engrenagem do serviço de relações internacionais dos Estados Unidos, caberia, portanto, se antepor à guerra. A USIA estaria a serviço da civilização.

Como apontado no Capítulo 2, fosse esse o caso, a guerra – e portanto a barbárie - era a base da visão de mundo dos líderes comunistas, uma vez que para eles a hostilidade americana seria um fato inquestionável. Importante dizer, porém, que isso não é totalmente factível. Nem as diretrizes americanas relativas à União Soviética foram imutáveis entre 1945 até 1989 e até mesmo os líderes soviéticos teriam ressalvas em acreditar na hostilidade americana piamente, sem

¹²⁷ Ver o capítulo *Sobre o ethos da burguesia Guilhermina* IN ELIAS (Op.Cit.) pp. 187-189. E vale dizer: assume-se aqui que Clausewitz reconheceria na guerra um fenômeno evocador de virtudes, quiçá “positivo”. Já Elias tomaria a guerra como o já citado processo civilizador, um fenômeno passível de exame, mas sem compartilhar do juízo de Clausewitz. De modo algum essas duas concepções, muito distintas, são desconsideradas.

reservas. Por exemplo, a despeito de uma personalidade explosiva, Nikita Khrushchev era ávido por abrir canais de diálogo com os presidentes americanos, especialmente com John F. Kennedy.

Após a eleição do jovem senador católico de Massachusetts em 1960, Khrushchev sinalizou várias vezes que ansiava por um encontro a sós para discutir uma solução para o “problema” de Berlim. A cidade era contratualmente dividida desde 1945 e cuja reunificação, propugnada pelos comunistas, era um tema sensibilíssimo pois tinha inúmeras implicações geopolíticas. Numa possível escalada de forças na cidade residia o potencial de um confronto nuclear. O encontro entre os dois líderes só aconteceu em Viena em junho de 1961 e foi de certa forma um batismo de fogo para o jovem presidente contra o veterano comissário da revolução bolchevique¹²⁸. O resultado mais evidente desse encontro foi o bloqueio de Berlim Oriental e a posterior construção do Muro que separou as cidades até 9 de novembro de 1989. Uma solução tensa para um dilema insolúvel.

No ano seguinte, em 1962, a disposição de diálogo dos soviéticos de convívio “pacífico” com os americanos evitou outro desastre durante a Crise dos Mísseis em outubro. Naquele momento, vôos de aviões espões da Força Aérea americana sobre Cuba detectaram a instalação de bases de mísseis nucleares de médio alcance e de produção soviética. Isso representava uma ameaça militar inédita, o potencial de ataque comunista num raio que alcançava da Califórnia até o estado de Nova York. O posicionamento desses mísseis levou ao acionamento de uma série de protocolos de reação que colocaram os dois países e seus aliados à beira da 3ª Guerra Mundial. Este foi o momento mais tenso de toda a Guerra Fria e só foi evitado graças a um intenso trabalho dos serviços de diplomacia e inteligência dos Estados Unidos e União Soviética. O diálogo sem

¹²⁸ Sobre o “duelo” entre Khrushchev e Kennedy em 1961 ver em KEMPE, Frederick *Berlin 1961 - Kennedy, Khrushchev and the Most dangerous Place on Earth*. New York: Berkley, 2012. Pp. 239-268

ruídos ou contaminações era imprescindível sob pena do armagedon. Depois do episódio, uma linha direta entre os líderes americanos e soviéticos foi estabelecida.¹²⁹

Seja como for não se pode ignorar que a abertura ao diálogo Khrushchev ou de Kennedy naqueles anos se dava em função do frio realismo da possibilidade da mútua aniquilação nuclear (que os americanos reconheciam pela sigla “MAD” ou “*Mutual Assured Destruction*”). A destruição do futuro mantinha-se como o “teto” de todas as hostilidades possíveis entre comunismo e capitalismo, “a soma de todos os medos”, como descreveu o romancista Tom Clancy.

É claro, deve-se considerar que a disposição soviética de diálogo sobre Berlim ou a resolução da Crise dos Mísseis tinha também razões inerentes às disputas internas do Politburo¹³⁰. Fora isso, o encontro de Khrushchev com lideranças ocidentais eram também manobras políticas para fazer frente ao Partido Comunista Chinês, cujo prestígio internacional estava rivalizando com o da União Soviética. Afinal, a criação da República Popular da China em 1949 e a Revolução Cultural iniciada por Mao Tse-Tung em 1966 (em marcha até a morte do líder comunista em 1976) indicaram ruidosos avanços do marxismo-leninismo fora da União Soviética e, portanto, além do controle do Comitê Central do Politburo. Além de tudo, foram os chineses, ao lado dos próprios soviéticos, que prestaram boa parte da assistência material e logística que municiaram o Vietcong na guerra contra o governo de Diem no Vietnã do Sul.

Sobre o Vietnã deve-se lembrar que “oficialmente” o esforço dos Estados Unidos para “promover a manutenção da paz internacional e segurança no sudeste asiático”, ou as ações

¹²⁹ Sobre isso ver as declarações de Robert McNamara, Secretário de Defesa de Kennedy. Diz ele, a 3ª Guerra Mundial só foi evitada por “pura sorte”. A afirmação está no documentário *Sob a Névoa da Guerra*. Direção: Errol Morris, 2003. 95 min, Em cores. Título original: *The Fog of war: Eleven Lessons from the Life of Robert S. McNamara*.

¹³⁰ KEMPE (Op.Cit.), pp. 19-48.

militares na Guerra do Vietnã, só tiveram início formal a partir do ataque ao navio da Marinha Americana USS Madoxx, em 2 de agosto de 1964, no Golfo de Tonquim. Este foi marco que o presidente Lyndon B. Johnson usou diante do Congresso como justificativa para o pedido de envio de forças regulares americanas em auxílio do Vietnã do Sul. Este aumento de tropas chegou a um contingente de cerca de 3 milhões de americanos, entre 1964 e 1975¹³¹. A autorização concedida pelo Congresso a Johnson é a Public Law 88-408 de 10 de agosto de 1964, em decisão conjunta das duas casas.¹³² Antes disso, o envio de “conselheiros militares” para a região, autorizadas pelo presidente John Kennedy em 1962 não tinham o vulto oficial que a PL 88-408 imputava à ação militar. Ou seja, os esforços que os americanos realizaram, grande parte por meio da CIA, para manter o embaraçoso (e brutal) governo Ngo Dinh Diem no Vietnã do Sul não foram sancionados pelo Congresso. Diem tinha sido eleito presidente em 26/10/1955, por meio de um duvidoso plebiscito, com notáveis 98% dos votos, e foi assassinado 1/11/1963 dando espaço para uma sucessiva degradação política no país. A PL88-408 oficializava algo que, naquele ponto, era impossível de negar, que os Estados Unidos estavam envolvidos até o pescoço naquela situação¹³³. Isso foi sintoma de um problema gravíssimo na administração americana durante a Guerra Fria: o dilema do uso de recursos “não oficiais” para vantagens estratégicas.

Ações como a derrubada do governo de Mohammed Mossadegh no Irã em 1953 e de Jacobo Arbenz Guzmán na Guatemala em 1954 tiveram amplo protagonismo da CIA. A queda do avião espião U2, pilotado por Gary Powers sobre a União Soviética em 1960 foi negada por Eisenhower até que provas irrefutáveis dos destroços foram mostradas por Nikita Khrushchev, para

¹³¹ Dados tirados de <http://www.statisticbrain.com/vietnam-war-statistics/> Acesso em 25/04/2015.

¹³² Public Law 88-408, “*To promote the maintenance of international peace and security in southeast Asia*”. Documento de 10 de agosto de 1964. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-78/pdf/STATUTE-78-Pg384.pdf> Acesso em 27/04/2015.

¹³³ GADDIS (Op.Cit.), 132-134.

constrangimento do presidente americano¹³⁴. Episódios semelhantes, em que a CIA ou novas tecnologias foram usadas para fins de segurança nacional, aconteceriam novamente ao longo dos anos seguintes. Todos tinham o amparo do NSC-68, uma revisão da estratégia de segurança nacional redigida por Paul Nitze, sucessor de George Kennan no Departamento de Estado. O texto, de 14 de abril de 1950, trazia a seguinte orientação:

“[...] Nossa sociedade livre, confrontada por uma ameaça aos seus princípios básicos, naturalmente vai agir dessa forma, incluindo o uso de força militar, tal como é necessário para proteger esses valores. A integridade do nosso sistema não vai ser comprometida por qualquer medida, oficial ou não-oficial, violenta ou não-violenta, que serve aos propósitos de frustrar o planejamento do Kremlin, [e também não vai comprometer] nossa necessidade no sentido de afirmar nossos valores em ações tanto quanto as palavras que proíbem tais medidas, [ações] previstas apenas quando elas são apropriadamente calculadas para este fim e não são excessivas ou mal-direcionadas de modo a nos fazer inimigos do povo invés daqueles ímpios que os escravizaram.”¹³⁵

Em outras palavras, o NSC-68 indicava uma justificativa moral para a prática de atos que os americanos, em situações normais, considerariam imorais. Cometer estes atos era um custo pequeno para defender aqueles povos que eram subjugados pelos “ímpios” do Kremlin. À serviço da segurança, a “*Guerra Fria transformou os líderes americanos em Maquiavelianos.*¹³⁶”

¹³⁴ Pouco antes de Khrushchev apresentar as fotografias do U2, o Departamento de Estado declarou que tratava-se apenas de um balão meteorológico desgarrado. Eisenhower afirmou depois que “[...] *if I had to do it over again, we would have kept our mouths shut*”. Apud GADDIS, p. 168.

¹³⁵ “[...] *Our free society, confronted by a threat to its basic values, naturally will take such action, including the use of military force, as may be required to protect those values. The integrity of our system will not be jeopardized by any measures, overt or covert, violent or non-violent, which serve the purposes of frustrating the Kremlin design, nor does the necessity for conducting ourselves so as to affirm our values in action as well as words forbid such measures, provided only they are appropriately calculated to that end and are not so excessive of the evil men who have enslaved them [...]*” Apud “NSC-68”, p. 12. Documento de 14/04/1950. Disponível em https://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/pdf/10-1.pdf Acesso em 24/05/2015.

¹³⁶ GADDIS (Op.Cit.) p. 165. Aparentemente, o NSC-68 tinha impacto direto sobre as ações do Poder Executivo, a presidência e o Departamento de Defesa. É difícil saber quanta autonomia tinha a CIA e o Depto. de Estado antes do Congresso exigir explicações. É sabido, porém, que o Congresso americano passou a exercer uma vigilante atenção sobre essas ações a partir da gestão de Lyndon Johnson. A somatória de ações moralmente questionáveis chegou ao seu limite na gestão de Richard Nixon, que usou recursos do próprio governo para sabotar o escritório

Além da ameaça soviética, chinesa e vietnamita, outro fator a ser considerado na assustadora geopolítica da Guerra Fria foi a derrubada do presidente Fulgêncio Batista em Cuba. Quando Fidel Castro, Raul Castro, Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos desceram as colinas de Sierra Maestra em direção à Havana em janeiro de 1958, eles demonstraram, para a surpresa de muitos, que pequenos núcleos de guerrilha nacionalistas eram capazes de auferir simpatia e apoio popular. Isso era especialmente verdadeiro entre aquelas parcelas da população mais carentes e tradicionalmente exploradas por setores latifundiários ou industriais.

A subsequente nacionalização da economia cubana, assim como o alinhamento do movimento revolucionário cubano ao comunismo (algo posterior a 1958, ressalte-se) era um sinal de que havia uma correlação incontestável entre “pobreza” e “revolução”¹³⁷. A reação do presidente Dwight Eisenhower naquele momento foi a oficialização de um embargo comercial e a suspensão de qualquer auxílio às forças reminiscentes de Batista. Sob pena de sofrer mais prejuízos o melhor era encerrar quaisquer negócios na ilha. Pouco mais tarde, em 1961, John F. Kennedy decretaria a suspensão total de relações diplomáticas com Cuba, uma medida que duraria até 2015, quando o presidente Barack Obama posicionou uma reaproximação com o país.¹³⁸ Antes disso, o máximo que os americanos chegaram de reverter a situação em Cuba foi a malfadada tentativa de invasão da Baía dos Porcos em 1960. Neste episódio, de difícil justificativa pública, Kennedy

do partido Democrata em 1972 no caso Watergate. O assunto é digno de uma tese à parte. Ver em GADDIS (Op.Cit.), p. 165-171 sobre Lyndon Johnson e pp. 176-179 sobre Nixon.

¹³⁷ Sobre a revolução cubana ver em BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *De Martí a Fidel – A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Sobre a correlação entre “pobreza” e “revolução” ver em PEREIRA, Henrique Alonso de A.R.. *Criar Ilhas de Sanidade: Os Estados Unidos e a Aliança para o Progresso no Brasil (1961-1966)*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2005.

¹³⁸ Esse evento, cujo significado histórico é singular, foi referendado nos jornais e nos textos de especialistas do mundo todo em 2015. Duas dessas referências podem ser vistas em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/12/1563648-obama-anuncia-medidas-para-retomar-relacoes-diplomaticas-com-cuba.shtml> Acesso em 27/04/2015 e <http://aulablog.net/2014/12/17/statement-by-eric-hershberg-director-of-center-for-latin-american-and-latino-studies-on-release-of-alan-gross/> Acesso em 27/04/2015.

autorizou o treinamento militar e apoio logístico a dissidentes cubanos em ilhas próximas a Cuba. A iniciativa foi um fracasso retumbante e todos os contra-insurgentes foram presos ou mortos pelas forças de Fidel Castro¹³⁹.

Nesse tenso contexto, o diálogo entre os dois lados da Cortina de Ferro era prerrogativa de poucos. Para o resto do mundo, havia apenas a doutrinação e uma robusta propaganda. Aqueles que viviam sob o comunismo, influenciados pelas campanhas do Agitprop, estariam cegos e surdos a qualquer apelo vindo de fora. A guerra era uma realidade e a hostilidade americana era uma certeza. Àqueles que viviam sob a influência americana, na “civilização ocidental”, cabia o medo da ameaça comunista. Era necessário ficar atento e torcer pelo melhor. Aos países em desenvolvimento, como na América Latina, restavam apenas dúvidas. A qual lado penderia o futuro? Quais eram os destinos políticos reservados a estes países? Ao capitalismo ou ao comunismo? Sob a liderança de quais forças? O campesinato? O proletariado industrial? Oligarquias? Militares? Assim, de quais formas e por quais instrumentos os americanos poderiam dispor para enfrentar o comunismo? Como era possível manter a paz contra um inimigo que deseja a guerra? Como era possível lutar contra tal desafio?

III.II – “*Ria, camarada, ria*”

Em capítulos anteriores já foram aludidas referências teóricas sobre a cultura de massa e comunicação, como os trabalhos de Marshal McLuhan¹⁴⁰, Roland Barthes¹⁴¹ ou Edgar Morin¹⁴².

¹³⁹ A despeito de seus possíveis excessos há uma obra que detalha com informações instigantes como se procedeu o treinamento dos contra-revolucionários pela CIA e a tentativa de invasão na Baía dos Porcos, a obra de WISE, David & ROSS, Thomas. *O governo invisível*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. Pp. 6-94

¹⁴⁰ McLUHAN (Op.Cit.)

¹⁴¹ Em especial, BARTHES, Roland. A mensagem Fotográfica. IN LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 325-340.

¹⁴² MORIN (Op.Cit.)

Além deles, reconhece-se maior base referencial nas elaborações da Escola de Frankfurt¹⁴³, especialmente nos trabalhos de Walter Benjamin¹⁴⁴, Herbert Marcuse¹⁴⁵, Theodor Adorno e Max Horkheimer¹⁴⁶. A partir deles, de uma forma quase derivativa, pois posterior aos trabalhos dos autores da Escola de Frankfurt, evocam-se aqui as interpretações de Umberto Eco.

Em obra clássica¹⁴⁷, o autor estabeleceu uma taxionomia entre os aspectos positivos e negativos da cultura de massa, ou como ele se refere, “*mass media*”. A digressão de Eco, não definitiva, mas esclarecedora destas referências, elucidam a forma como são percebidos os recursos utilizados pela USIA. Esta digressão permite apreender o uso e impacto daqueles, “bens culturais” concebidos e difundidos pela Agência durante a Guerra Fria, como os panfletos, cartazes, revistas, libretos e programas de rádio.

Parte-se da concepção de que existe uma complementaridade entre aqueles dois pólos, negativos e positivos. Estes correspondem aos “apocalípticos” e “integrados” que intitulam a obra de Umberto Eco. Os apocalípticos seriam aqueles que denunciam desesperadamente a perda ou degeneração de uma alta cultura, indicadora de status superior e senhorial dos seus criadores, ao serem apropriadas pela indústria das comunicações e, por conseguinte, pelas massas. Para os apocalípticos, a arte e a “alta cultura”, bens de aquilatado valor, deveriam manter-se restritos a poucos eleitos, curadores dotados de uma sensibilidade heráldica ou elevado status social. Os integrados, por outro lado, eram aqueles que celebrariam a propagação e assimilação dos ícones

¹⁴³ Ver em WIGGERSHUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

¹⁴⁴ Em especial, *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica*. IN BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas* Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1996.pp. 165-196

¹⁴⁵ MARCUSE (Op.Cit.)

¹⁴⁶ Em especial, *A Indústria Cultural – O Iluminismo como Mistificação da Massa*. IN ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

¹⁴⁷ ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

da alta cultura entre os que historicamente jamais teriam acesso a ela. Diz Eco, os integrados são os herdeiros de uma tradição de *vivência* da cultura sendo Suger, abade da igreja de Saint-Denis do século XII, o patrono dessa atitude.¹⁴⁸

Uma vez que os bens produzidos pela USIA não foram feitos pelos mesmos autores, nem seguiam uma linha procedimental definitiva ao longo de mais de 40 anos que a agência existiu, seria incorreto atribuir características estritas àqueles materiais. O único critério comum é de pertencerem à “cepa” dos meios de comunicação. Portanto opta-se por reconhecer nos produtos da USIA uma característica apocalíptica *e também* integrada, simultaneamente. Sem dúvida que as comunicações de massas eram um instrumento de valor reconhecido pelo governo americano. Afinal elas já eram usadas antes mesmo da criação oficial da USIA, difundidas pelos postos do *United States Information Service* desde a década de 1910. Naturalmente que as agências de informação americanas eram “integradas” na acepção definida por Eco. Mas ao mesmo tempo, é difícil rejeitar a ideia de que aqueles operadores de cultura na USIA/USIS não vissem a si próprios como membros de uma “elite” e para todos os efeitos, “apocalípticos”. Seguindo a evolução das comunicações de massa, estavam “dilapidando” itens culturais de valor inestimável e os formatando para o alcance das massas. O diferencial aqui é que os itens culturais submetidos a esse processo eram caracteristicamente americanos, de forma a “*promover um melhor entendimento sobre os Estados Unidos diante dos povos do mundo e para fortalecer relações*

¹⁴⁸ Suger, o pai da “Teologia da Luz”, teria tido duas ambições na vida, engrandecer sua abadia e fortalecer a Coroa francesa. Eleito abade de Saint Denis em 1123, fez uma reforma naquela catedral que é considerada um dos primeiros exemplares do estilo gótico na arte e arquitetura. A principal característica seria o dogma da “vivência” da experiência cristã ao adentrar a igreja. Adornada com vitrais que modulavam os tons, cores e a posição da luz no interior da igreja, essa arquitetura era composta de forma a estimular uma experiência sensorial dos temas sagrados do cristianismo por parte dos fiéis. Quando Luis VII partiu na Segunda Cruzada em 1147, nomeou Suger como regente, o que resultou numa excelente administração financeira e tornou Luis VII o mais poderoso governante da França. Ver o verbete sobre o abade em Suger (verbeta) IN LOYN, H.R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 339.

cooperativas internacionais”, segundo rezava os termos do Smith-Mundt Act, aprovado pelo Congresso em 1948. Aos apocalípticos mais resistentes era necessário assumir uma atitude integrada tendo em vista o bem maior – a contenção do comunismo - do que se permitir o pior dos males – a revolução comunista em vários países ou pior, o horizonte inescapável da aniquilação nuclear.

Nesse sentido talvez pensasse um funcionário da USIA, fluente nos recursos da comunicação de massas¹⁴⁹, que teria evitado a primeira de todas as guerras aquele que contou uma piada ao invés de lutar. Tentando atingir as massas, em tempos de Guerra Fria, ele poderia aventar algo como:

“[...] ‘Você sabia’, sussurrou um passageiro num ônibus cubano lotado, ‘que o jornal do Partido Comunista está promovendo um concurso para a melhor piada política?’

‘Incrível,’ respondeu o seu companheiro ‘e qual é o primeiro prêmio?’

‘Vinte anos na cadeia.’”¹⁵⁰

Ou outra, como:

“[...] Um membro de uma comissão da Alemanha Oriental na África foi questionado pelos seus anfitriões se ele tinha gostado da estadia e respondeu:

‘Certamente, gostei muito. Por que eu não deveria estar feliz aqui? Eu posso viajar livremente; eu posso dizer o tenho vontade; posso comprar o que quiser. Que mais eu posso querer?’

‘Fico feliz de ouvir’, respondeu o anfitrião. ‘Diga-me, de que modo a África é diferente da Alemanha Oriental?’

¹⁴⁹ Fluência esta indicada por exemplo no uso da “imitação”, aludida por Eco. Trata-se da acepção clássica, aristotélica, princípio fundador da Poética. A imitação, como prática artística, ensina o filósofo, é aquela que provoca a um processo catártico por meio de uma estrutura narrativa fixa (início, tensão, clímax, desenlace e catarse), seja no formato da comédia, da epopeia ou da tragédia. Estas, em suas variadas formas, eram imitações alegóricas da vida real. A arte seria como uma “mentira” (ou imitação) que fala uma “verdade” esclarecedora sobre o indivíduo ou sobre a realidade. Ver em ARISTÓTELES. *Poética* In *Os Pensadores* - Vol. IV. São Paulo: Abril Cultura, 1973. Pp. 443-445

¹⁵⁰ “[...] ‘Did you know’, whispered a rider on a crowded Cuban bus, ‘That the Communist Party newspaper is promoting a competition for the best political joke?’ ‘Incredible’, answered his companion ‘what’s the first prize?’ ‘Twenty years in jail.’” Anexo com piadas ao memorando de James M. McDonald endereçado a Katherine D. Ray. Documento de 24 de outubro de 1967. Apud NARA, RG 306, A1-E7, Latin American Publication Files, Box 6.

*'Eu acabei de explicar', replicou o convidado.'*¹⁵¹

Ou:

"[...] Num desfile da Guarda Vermelha em Pequim, o líder do Partido Comunista Chinês Mao Tsé Tung acenou para um grupo de soldados enquanto marchavam.

'Meus jovens amigos, nós não nos conhecemos de algum lugar?' perguntou Mao.

*'Mas é claro,' responderam os jovens, 'esta é a quarta vez que temos que desfilar na sua frente hoje.'*¹⁵²

Ou:

"[...] Um cubano, conversando com um oficial soviético em Havana, estava discutindo os avanços conquistados pelo regime do Comunista Cubano quando subitamente todas as luzes se apagaram.

'Esses cortes de energia são frequentes?' perguntou o visitante.

'Sim,' respondeu o cubano. 'Com vocês não?'

'Não. Nossas demandas de eletricidade são sempre plenamente atendidas na União Soviética.'

*'Ah', disse o cubano, 'então vocês ficaram para trás. Nós estávamos assim dez anos atrás.'*¹⁵³

Ou então:

"[...] Os membros de uma fazenda coletiva cubana reuniram-se certo dia para receber os prêmios anuais. O porta-voz anunciou:

'Juanita Morales, pelos cuidados exemplares dedicados ao cuidar das vacas, recebe como prêmio um galo e uma galinha'. Aplauso geral.

¹⁵¹ "[...] A member of an East German trade mission to Africa, asked by his hosts if he was enjoying his stay, replied: 'Certainly, very much. Why shouldn't I be happy here? I can travel about freely; I can say what I like; I can buy what I need. What more can I ask for?' 'I'm delighted to hear it,' his host replied. 'Tell me, in what way is Africa different from East Germany?' 'I've just told you,' answered the guest." Idem.

¹⁵² "[...] At a Red Guard parade in Peking, Chinese Communist party chief Mao Tse-Tung beckoned to a group of the youth zealots as they marched past. 'My young friends, haven't we met before somewhere?' asked Mao. 'Of course,' the youths answered, 'this is the fourth time we have had to pass you today.'" Idem.

¹⁵³ "[...] A Cuban, entertaining a Soviet official in Havana, was discussing achievements of the eight-year-old Cuban Communist regime when all the lights suddenly went out. 'Do you often have these power cuts?' asked the visitor. 'Yes', answered the Cuban. 'Don't you?' 'No. There is always plenty of current to meet our needs in the Soviet Union.' 'Oh,' said the Cuban, 'then you are well behind the times. We were in that position ten years ago.'" Idem.

'Pedro Gonzales, pelos cuidados com um cavalo premiado, recebe um novo terno.' Mais aplausos.

'Alberto Rodriguez [sic], por colher 190 por cento da sua cota, por trabalhar em domingos e feriados, por demonstrar alta consciência política, por registrar um novo recorde a ser seguido todos os camponeses, recebe o grande prêmio, a coletânea dos discursos do Premiê Fidel Castro!'

Silêncio total, então uma voz ecoa dos fundos do salão:

'Ele mereceu!'"¹⁵⁴

Independente da qualidade das piadas, ou ainda menos sobre seus significados (os quais cuja elucidação subtrairia a propriedade anedótica da narrativa humorística atribuída nos exemplos supracitados), o que as tornam relevantes aqui é elas foram selecionadas para compor um panfleto a ser produzido pela USIA e disseminado na América Latina.

Em correspondência do Diretor-Assistente para América Latina (IAL), James McDonald, endereçada à Diretora de Serviço de Imprensa Internacional (IPS), Katherine D. Ray, datada de 24 de outubro de 1967, era recomendado que o panfleto levasse o título "*Laugh, Comrade, Laugh!*" ou "*Riam, Camaradas, Riam*". No dia seguinte, uma correspondência trocada entre dois membros daquele Serviço de Imprensa, Eugene Harter e Lafe F. Allen, indicava que as piadas deviam ser acompanhadas de ilustrações correspondentes às situações descritas. Harter, provavelmente o superior de Allen, ainda sugeria que o panfleto devia abrir com a anedota sobre os dois cubanos num ônibus lotado.

¹⁵⁴ "[...] *The members of a Cuban collectivized farm met one day for the annual award of prizes. The chairman read: 'Juanita Morales, for her exemplary care of cows entrusted to her charge, receives as a prize a hen and a rooster.' General applause. 'Pedro Gonzales, for rearing a prize-winning horse, gets a new suit.' Again applause. 'Alberto Rodriguez, for harvesting 190 percent of his quota, for working Sundays and holidays, for displaying high political consciousness, for setting new speed records for all the other peasants to imitate, receives the grand prize of the collected speeches of Premier Fidel Castro!' Dead silence, then a voice from the rear of the hall: 'Serves him right!'*" Idem.

Por conta das qualidades intrínsecas do humor, esperar-se-ia que aqueles sujeitos latino-americanos, tocados pelo panfleto “*Rian, camaradas, rian*” perfilassem ao lado dos americanos em relação ao comunismo. Chistes sobre Mao Tsé-Tung, o cotidiano da vida proletária em Cuba ou na Alemanha Oriental eram formas de fixar um referencial imaginário que evidenciassem os absurdos da vida comunista e estimular na mente dos leitores uma postura de oposição ou repulsa àquelas situações. Enquanto a peroração oficial de governantes ou diplomatas fosse não mais do que um ruído insípido entre os “populares”, sem qualquer efeito desejável, o humor, por outro lado, teria resultados maiores e melhores dada sua natureza intimista, simples e “desinteressada”.

Atingir o gosto popular, o gosto da “massa”, não era um objetivo aleatório. Nos sentimentos, carências, interesses e aspirações desta massa é onde residiriam os pontos-chave que poderiam ser explorados pela propaganda comunista e depositadas as sementes da revolução, como aconteceu em Cuba.

Haveria de se dirigir à massa para não perdê-la. Era preciso estabelecer um território comum de compartilhamento de ideias e valores, mas que fossem abordados de maneira fluida, não impositiva e, desse modo, incorporados como se fossem naturalmente próprios. O uso do panfleto, incluindo o formato humorístico, seria concebido para adequar-se aos gostos dessa “massa”, configurando sua correspondente “cultura” e, portanto, projetando uma identidade. Uma identidade projetada no porvir.

III.III – “*Thú khãu nhú bính, phûông ý nhû thàn*”¹⁵⁵

Se por um lado as operações da USIA/USIS se davam no sentido de *difundir* conteúdos e bens culturais diversos como forma de contenção ao comunismo, por outro a agência também

¹⁵⁵ “*Mantenha sua boca fechada como uma garrafa de vinho e seus pensamentos trancados como uma fortaleza*”

dedicava esforços para *apreender* elementos culturais das nações estrangeiras com quem os Estados Unidos interagiam. Afinal, a atitude de troca (“*Exchange*”) era justamente um dos grandes fundamentos preconizados pelo Smith-Mundt Act.

Reconhecia-se como necessário instruir-se nos valores e atitudes de outras nações e culturas, empenho levado a cabo pela USIA. Isso era especialmente verdadeiro em caso de nações com quem os americanos travavam aberta hostilidade, como o Vietnã. Como resultado, um relatório dessa natureza, bastante curioso, aprovado pelo diretor do *Joint United States Public Affairs Office* (JUSPAO, o comitê colegiado de direção da USIA) trazia uma pesquisa sobre adágios vietnamitas. O documento, datado de 16 de abril de 1967, com o título “*Provérbios como Pista para Atitudes Vietnamitas*”¹⁵⁶ trazia pérolas da sabedoria milenar vietnamita transformadas em aforismas como:

“[...] *Pássaros sábios pousam sobre as casas dos mandarins. – Chim khôn dâu nóc nha quan*”¹⁵⁷

“[...] *Não é vergonhoso evitar elefantes – Tranh voi chang xâu mât nã*”¹⁵⁸

“[...] *Quando bois e búfalos lutam, moscas e mosquitos morrem – Trâu bò húc nhau, ruôi muôi chêt*”¹⁵⁹

“[...] *Remédios amargos curam, palavras sinceras machucam – Thuộc dang dã tât mât long.*”¹⁶⁰

“[...] *Mantenha sua boca fechada como uma garrafa de vinho e seus pensamentos trancados como uma fortaleza. – Thú khẩu nhú bính, phông ý nhủ thàn.*”¹⁶¹

¹⁵⁶ “*Proverbs as a Clue to Vietnamise Attitudes*” Documento de 16/04/1967. Apud NARA, RG306, A1-E31 – *General Records Relating to the Joint U.S. Public Affairs Office (JUSPAO) – 1966-1975, Box 1.*

¹⁵⁷ “[...] *Wise birds slight on the houses of mandarins – Chim khôn dâu nóc nha quan.*” Idem.

¹⁵⁸ “[...] *It is not shameful to avoid elephants – Tranh voi chang xâu mât nã.*” Idem.

¹⁵⁹ “[...] *When bulls and buffaloes battle, flies and mosquitoes die – Trâu bò húc nhau, ruôi muôi chêt.*” Idem.

¹⁶⁰ *Bitter medicine heals, sincere words hurt – Thuộc dang dã tât mât long.*” Idem.

¹⁶¹ “[...] *Watch your mouth like a jar of wine and your thoughts as a fortress – Thú khẩu nhú bính, phông ý nhủ thàn.*” Idem.

“[...] Quanto mais alta uma árvore, mais exposta ao vento, quanto mais alto chega um homem, mais risco ele corre. – Cây cao gió cũ, Trèo cao ngã dau”¹⁶²

“[...] Uma só árvore não faz uma floresta, mas três árvores podem se tornar uma. – Môt cây lam chang nên non, Ba cây chum lai nên hon núi cao”¹⁶³

“[...] Razões divinas são encontradas nos corações dos homens. – Thiên lý tại nhôn tâm”¹⁶⁴

“[...] Todos os homens dos quatro oceanos são irmãos. – Tu hai gia huynh đê”¹⁶⁵

“[...] Antes de conhecer a literatura, aprenda os ritos dos seus ancestrais. – Triên hoc lé, hâu hoc van”¹⁶⁶

“[...] Se é esperto, meça suas habilidades contra forasteiros, não lute contra seus irmãos.” – Khôn ngoan đôi dap ngubi ngoãi, Gã cũng môt me chò hoai dá nhau.”¹⁶⁷

“[...] Filhos são educados quando bem jovens, esposas quando elas entram na família do marido. – day con tù thuô cõn thò, Day vò tù thuô bò vò mòi vê”¹⁶⁸

“[...] Onde filhos são ainda melhores que os pais, a família desfruta de verdadeira felicidade. – con hôn cha nhã có phúc”¹⁶⁹

“[...] Fale quando souber alguma coisa, encoste contra a pilastra e escute quando não souber nada. – Biêt thì thua thòt, Không biêt dùa cõt mã nghe [...]”¹⁷⁰

¹⁶² [...] *The higher the tree, the more exposed it is to the wind, the higher a man is placed, the greater the risks he runs. – Cây cao gió cũ, Trèo cao ngã dau.*” Idem.

¹⁶³ [...] *One tree does not make a forest, but three trees can become one – Môt cây lam chang nên non, Ba cây chum lai nên hon núi cao.*” Idem.

¹⁶⁴ [...] *Divine reason is found in the hearts of men – Thiên lý tại nhôn tâm.*” Idem.

¹⁶⁵ “[...] *The men of all four oceans are brothers – Tu hai gia huynh đê.*” Idem.

¹⁶⁶ [...] *Before studying literature, learn the rites of your ancestors – Triên hoc lé, hâu hoc van.*” Idem.

¹⁶⁷ [...] *If you are clever measure your skills against outsiders, do not fight your own brothers – Khôn ngoan đôi dap ngubi ngoãi, Gã cũng môt me chò hoai dá nhau.*” Idem.

¹⁶⁸ [...] *Sons are to be educated when very young, wives when they first enter the family of the husband – day con tù thuô cõn thò, Day vò tù thuô bò vò mòi vê.*” Idem.

¹⁶⁹ [...] *Where the sons are even better than the father the family enjoys true happiness – con hôn cha nhã có phúc.*” Idem.

¹⁷⁰ [...] *Speak when you know something, prop your back against a pillar and listen if you know nothing – Biêt thì thua thòt, Không biêt dùa cõt mã nghe [...].*” Idem.

O relatório sobre os adágios vietnamitas é relativamente curto, com seis páginas, precedido por um preâmbulo explicativo revelador. Diz ele:

“[...] Os provérbios de um povo oferecem pistas importantes sobre seu caráter e posturas. Embora vários dos conceitos expressos nesses provérbios sejam comuns a todas as culturas e expressem a universalidade da condição humana, como simbolizada no exemplo do adágio vietnamita ‘todos os homens dos quatro oceanos são irmãos’, vários adágios tradicionais de cada sociedade oferecem uma visão incisiva sobre a diferença de ênfase e posturas sobre grandes temas na vida: a família, o país, o destino humano, o papel de alguém na sociedade, amor e amizade.”¹⁷¹

Haveria de se ficar atento a sutilezas de enfoque dentro destes adágios que, de outra forma, seriam interpretados de forma “meramente universal” e não nacionalmente particular, que é o objetivo aludido. Além disso, o documento foi produzido para atender demandas específicas de um público-alvo selecionado:

“[O relatório] compete àquelas pessoas interessadas em uma comunicação eficaz com membros de outra cultura para estarem cientes dessas diferenças de perspectiva. Embora seja verdade que o que nos une é maior do que aquilo que nos separa, uma percepção da diferença cultural nas comunicações pode suprimir a distância. Essa consideração é particularmente importante para as equipes de operações psicológicas e conselheiros que devem operar no interior do campo da cultura para alcançar os resultados desejados.”¹⁷²

O “*psyops personnel*”, as equipes de operações psicológicas, deveriam, portanto, estar cientes de que as diferenças culturais poderiam ser suprimidas uma vez que fossem consideradas

¹⁷¹ “[...] *The proverbs of a people provide as important clue to character and attitudes. While many of the concepts expressed in proverbs are common to all cultures and express the universality of the human condition as symbolized for example by the Vietnamese saying ‘the men of the four oceans are all brothers’, there are a good many traditional sayings in each society that give incisive expression to a difference in emphasis and attitudes towards the big issues in life: the family, the country, human destiny, one’s role in society, love and friendship.*” Idem.

¹⁷² “[...] *It behooves people interested in effective communication with members of another culture to be aware of these differences in outlook. While it may be true that what united us is greater than what keep us apart, an awareness of cultural differences on the part of communications can help bridge the remaining gap. This consideration is of particular importance to psyops personnel and advisors who must operate within the framework of the culture to achieve desired results.*” Idem.

as brechas que separavam os povos. Mas isso obviamente deveria estar compreendido no escopo de um cenário de metas mais amplo. Como revela o autor desconhecido:

“[...]Além de oferecer um breve insight sobre alguns aspectos da psicologia popular fazendo condutas incompreensíveis parecerem mais lógicas, uma razoável familiaridade com estes provérbios pode também surpreender contatos vietnamitas e ajudar a ganhar o respeito deles por termos tido o trabalho de conhecer modos tradicionais e posturas.”¹⁷³

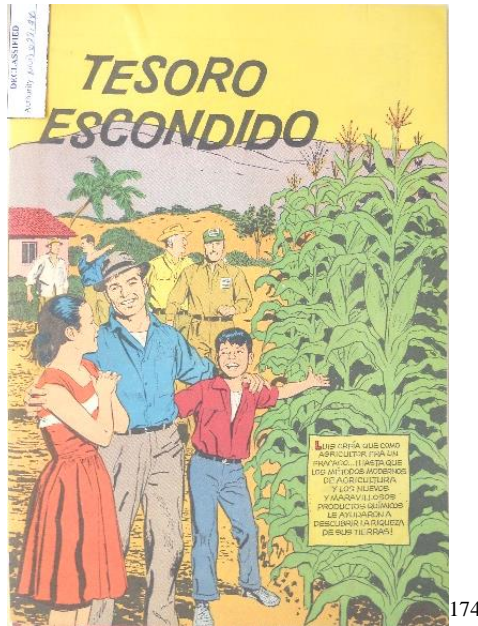
Assim, o aprendizado com outros povos, no caso dos vietnamitas, não era meramente um meio para enriquecer a nação americana com ensinamentos do país asiático. Claro, eram nações que estavam em guerra. Assim, estudar figuras de linguagem do “outro” era um recurso prático, de forma a granjear o respeito de contatos naquele país. Subentende-se que havia um cenário de metas implícito. Um cenário onde a “ponte” de contato seria a linguagem, o recurso para dirimir as diferenças.

III.IV – O caminho para o futuro

O preço da liberdade seria a adequação ao gosto popular. Alcançar padrões heterogêneos de repertórios e vocabulários culturais distintos exigia uma grande flexibilidade na apresentação dos bens culturais. Apesar dos melhores esforços, talvez nem mesmo o humor ou o aprendizado de adágios fossem suficientes para corresponder aos objetivos anti-comunistas. Assim, outros recursos também foram usados pelos postos da USIA no exterior. Entre elas, a combinação de imagens e textos numa narrativa sequenciada. Em outras palavras, as histórias em quadrinhos.

¹⁷³ “[...] Besides providing a quick insight into some aspects of popular psychology which might make puzzling conduct suddenly more logical, a nodding acquaintance with these proverbs might also startle Vietnamise contacts and help win their respect for having the trouble to find out about traditional ways and attitudes. [...]” Idem.

Uma dessas histórias, intitulada “*Tesoro escondido*” produzida em 1968, tinha a seguinte capa:



A caixa de texto à direita dizia o seguinte:

“Luis creía que como agricultor era un fracasso... Hasta que los métodos modernos de agricultura y los nuevos y maravillosos productos químicos le ayudaron a descubrir la riqueza de sus tierras!”¹⁷⁵

O gibi de dezesseis páginas narrava a história de Luis, o personagem de camisa azul da capa que, endividado com o baixo rendimento de suas plantações de milho, preocupava-se com o futuro do filho, que sem o auxílio do pai não teria como frequentar a escola. Luis então busca o conselho de seu vizinho, Felipe, um fazendeiro amigo de seu pai e melhor sucedido nas colheitas. O compadre ensina a Luis que não há diferenças entre as terras dos dois. Que as terras são como

¹⁷⁴ Capa de “*Tesoro Escondido*”. Documento de 1968. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

¹⁷⁵ “*Luis acreditava que como agricultor era um fracasso... Até que os métodos modernos de agricultura e os novos e maravilhosos produtos químicos o ajudaram a descobrir a riqueza de suas terras!*” Idem.

as pessoas, precisam de alimentos para se crescer e se manter. Atendidas as necessidades dessa terra haveria um “tesouro escondido” sob sua superfície. Felipe então orienta Luis a procurar o auxílio de um especialista, a quem pode indicar quais e como usar tipos especiais de fertilizantes sobre as terras. Este especialista, chamado Carlos Sanchez, trajado com um macacão marrom e um boné com uma logomarca familiar, esclarece para Luis: “[...] *Es um problema común, Luis. A su terreno le faltan los três alimentos primários, los que las plantas consumen más rapidamente... Nitrógeno, Fósforo y Potasio.*”¹⁷⁶ Movendo um grande saco em cuja estampa lê-se “FERTILIZANTE” e “ENGRO”, Carlos Sanches mostra um punhado de grãos que, segundo ele, contém todo o necessário para a sobrevivência da Luis e sua família. Mas como pagar por este avançado elixir, pergunta Luis, ao que Sanchez, tranquilizador, responde: “*Eu vou leva-lo ao banco. Lá eles terão prazer em ofrecer crédito a qualquer agricultor que segue os conselhos da ENGRO para ter mais lucro e produtos de sua colheita.*”¹⁷⁷

Exceto pelo uniforme, que o distingue dos outros campesinos retratados na história, Carlos Sanchez poderia ser apenas mais um fazendeiro empreendedor, provavelmente com experiência em buscar empréstimos bancários para compra de sementes e fertilizantes para suas terras. Mas a página 10 da revista revela a quem Carlos Sanchez representa ao acompanhar a saída de Luis e Felipe até o banco, o que fica exposto no quadro abaixo:

¹⁷⁶ “[...] *É um problema comum, Luis. Faltam ao seu terreno três alimentos primários, que as plantas consomem mais rápido... Nitrogênio, Fósforo e Potássio.*” Idem.

¹⁷⁷ “*Le voy llevar al banco. Allí tienen mucho gusto em darle crédito a cualquier agricultor que sigue los consejos de ENGRO para obtener más provecho y productos de su labranza.*” Idem.



Note-se a logomarca no canto superior esquerdo do quadro. Carlos, portanto, representaria os interesses da *Esso*, ou *Standard Oil*, propriedade da família de Nelson A. Rockefeller. Não é de surpreender que haja entre os documentos da USIA uma revista em quadrinhos com tal origem. Rockefeller teve um intenso e duradouro envolvimento na aproximação da América Latina, em especial do Brasil, junto aos Estados Unidos. Depois da 2ª Guerra, Rockefeller deu ênfase especial ao desenvolvimento e divulgação de técnicas agrícolas entre os sul-americanos. O objetivo, afinado com o Ponto IV definido por Harry Truman ainda em 1947, era promover o aperfeiçoamento e autonomia agro-industrial dos países subdesenvolvidos como forma de contenção ao comunismo. Os instrumentos administrados por Rockefeller foram por exemplo o *American International Association (AIA)* e a *International Basic Economy Corporation (IBEC)* que promoviam o ensino de técnicas modernas de agricultura, gerenciavam ou intermediavam empréstimos bancários, compra de equipamentos e tratores, entre outros¹⁷⁹. Sendo assim:

¹⁷⁸ Ibidem.

¹⁷⁹ Sobre o AIA e o IBEC e o Ponto IV ver em TOTA, Antonio Pedro. 4. *A salvação da lavoura (I): semeando o bem-estar* & 5. *A salvação da lavoura (II): anticomunismo e negócios*. IN *O Amigo Americano – Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Pp. 168-227 & pp. 228-300.

“[...] Os americanos estariam atuando em duas frentes de ‘guerra’ que envolveria projetos modernizantes, e não exércitos. Talvez seja possível dizer que, na mesma época em que o novo secretário de Estado americano apresentava seu ‘Plano Marshall’ para a Europa, ao Brasil era apresentado um ‘Plano Rockefeller’, que acenava com possibilidades aparentemente infinitas de progresso.”¹⁸⁰

Seria o “Plano Rockefeller” uma medida coerente com os procedimentos da *United States Information Agency*? Ou então um projeto “paralelo” mas convergente com as ações oficiais dos Estados Unidos na região? As medidas tomadas por Nelson Rockefeller teriam sido mantidas sem alteração desde os tempos de Marshall como Secretário de Estado até o momento da publicação daquele quadrinho?

Uma carta datilografada, sem data, provavelmente escrita entre fevereiro e abril de 1968 e endereçada a Katherine Ray, a diretora do setor de imprensa da USIA, fazia um parecer da revista *Tesoro Escondido* e ressaltava que a associação com a Esso comprometia os interesses da Agência. Como afirma o autor desconhecido:

“[...] Francamente, este aqui me incomoda bastante como um item da Agência. [...] É claro pelos desenhos [...] que a revista é sobre um gerente ou empregado de uma companhia de suprimentos de agricultura norte-americana. Assim, a mensagem é para procurar um vendedor da Esso (se houver um) e ele o ajudará a resolver seus problemas na fazenda. [...] Na minha opinião, este não é um bom candidato para um item da Agência uma vez que pode dar margem para nos acusarem de divulgar empresas americanas pelo nosso canal latino-americano, e se nós fizermos pela Esso, então poderíamos ser instados a repetir por todas [as outras empresas].”¹⁸¹

¹⁸⁰ Idem p. 179.

¹⁸¹ “[...] Frankly, this one still bothers me as an Agency item. [...] It is clear from the artwork [...] that the book concerns a manager or an employe of a specific Northamerican agricultural supply company. Therefore, the message is go to your Esso dealer (if you have one) and he will help to solve your farming problems. [...] In my opinion, it is not a good candidate for an Agency item since it can open us to the charge of puffing specific U.S. Company in our output to Latin America, and if we do it for the Esso, we could than properly asked to do it for all.”
Correspondência endereçada à Katherine Ray. Documento provavelmente escrito entre fevereiro e abril de 1968. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

O comentário do parecer é esclarecedor. Em primeiro lugar evidencia a preocupação entre os funcionários da USIA de não associarem seus materiais de divulgação ao capital privado nos projetos de propaganda na América Latina. Em segundo lugar, mostra que havia uma preocupação em posicionar a USIA como uma agência a ser protegida dos interesses das empresas norte-americanas. Havia uma diferença sensível entre fazer propaganda dos Estados Unidos e das *companhias* dos Estados Unidos. Um órgão oficial do governo, buscando o apoio ou simpatia dos países da América Latina, que tivesse suas ações ligadas de modo tão gráfico a empresas privadas, constituiria uma situação potencialmente grave, uma cautela que o funcionário faz questão de ressaltar. Do contrário, o panfleto facilmente poderia instigar acusações de exploração imperialista, com razão. A associação de interesses de Estado e interesses privados serviria à causa dos comunistas, e assim, o Agitprop teria mais provas para acusarem os americanos de explorarem as nações subdesenvolvidas.

Depois do parecer, ainda há mais cartas, datadas de 14 de fevereiro, 14 e 30 de abril de 1968, de Thomas J. Fanning, intermediário entre a USIA e os interesses da Esso, insistindo para que Katherine Ray aceitasse a divulgação daquele quadrinho. Não há cópias com respostas. Não foram encontrados documentos que registram a divulgação daquele quadrinho na América Latina.

Ao que tudo indica, a tentativa da Esso em divulgar seus produtos na América Latina usando quadrinhos, intermediados pela USIA, não é aleatória. A ação tinha precedentes. A agência fazia uso de quadrinhos pelo menos desde 1965. Naquele ano, correspondências dos postos da *United States Information Services* de diversas cidades da América Latina foram endereçados à USIA. Elas relatavam o desempenho de uma outra revista, intitulada *El Camino Hacia El Futuro*.



182

No quadro à direita lê-se: “[...] *Veja como a população de uma típica zona agrícola venceu todos os obstáculos e conseguiu construir seu próprio caminho na direção do futuro!*”¹⁸³ Desta vez é narrada a história de Arturo, que ao ver a chegada da temporada de chuvas numa localidade rural, preocupa-se que os problemas dos anos anteriores fatalmente iriam se repetir. O escoamento das colheitas, assim como a distribuição de medicamentos na sua terra natal eram continuamente bloqueados por conta das chuvas que transformavam as estradas de terras em rios de lama. A quem caberia resolver este enorme transtorno? A história em quadrinhos retrata a situação da preocupação dos ruralistas:

¹⁸² Capa de “*El Camino Hacia El Futuro*”. Documento de 1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

¹⁸³ “*Vea como la población de una típica zona agrícola venció todos los obstáculos y logro construir su propio camino hacia el futuro!*” *Idem*.



184

O quadrinho mostra um consenso. O governo tenta, mas ele não tem como realizar sozinho todos as ações necessárias para atender as necessidades da população, como a construção da tão desejada estrada. Isso é algo apontado por Arturo, o mais ponderado de todos, uma opinião que todos acedem. Os interessados se dispõem a ajudar, mas precisam de auxílio, uma parceria entre povo e governo. A parte do governo é retratada na página seguinte.



185

A solução, mais uma vez, é fruto da tecnologia, a “fantástica” maquinaria de modernos tratores trazidos pelo governo e com a intermediação da *Aliança para o Progresso*. Sucintamente,

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Ibidem.

o quadrinho explica que a *Alianza Para El Progreso* é resultado de um acordo entre os governos dos países americanos para dar uma vida melhor aos seus povos. Dali em diante, com as ferramentas adequadas (repetidas vezes chamadas de “maravilhosas” pelos personagens), cabia aos “heróis” da história, o povo, pavimentarem a solução para os seus problemas. O caminho para o futuro era a união do povo e governo, sedimentada pelos recursos da Aliança para o Progresso.

Interessante notar que o quadrinho produzido pela USIA fizesse menção direta à Aliança, programa resultante da conferência realizada em Punta Del Leste em agosto de 1961 com os líderes das nações da Organização dos Estados da América. Evidencia que havia um esforço, em 1965, de sincronizar os itens de propaganda aos atos oficiais da presidência, mesmo que Kennedy, cujo envolvimento na Aliança era uma espécie de “lastro” da sua realização, já não estivesse mais vivo.

Vale notar, não só nos quadros selecionados, mas como em toda a edição da revista, há repetidos registros da marca das máquinas que solucionam todos os problemas da comunidade. Tratam-se de engenhos da Caterpillar, indicados com a abreviação de “CAT”. A empresa é especializada na produção de tratores e equipamentos de construção. Como apontado no caso da revista em quadrinhos com os fertilizantes, havia um precedente de “*product placement*” que a Esso requereu à USIA em 68. A diferença era que no caso de *El Camino Hacia El Futuro* a indicação da marca dos tratores CAT era bem mais sutil do que a forma que a Esso havia impresso sua logomarca em *Tesoro Escondido*.

Com a difusão de *El Camino Hacia El Futuro*, provavelmente no 2º semestre de 1964, vários postos da USIS começaram a enviar relatórios à sede da USIA em Washington. Um memorando datado de 8 de fevereiro de 1965, enviado pelo posto da USIS em Santo Domingo, dizia:

*“[...] Nós gostaríamos de receber 10,000 cópias adicionais de EL CAMINO HACIA EL FUTURO. Nós colaboramos com a revendedora Caterpillar nessa ação, disponibilizando 15,000 das 20,000 cópias recebidas anteriormente. Nós também trabalhamos junto à Secretaria de Desenvolvimento Comunitário da República Dominicana na distribuição destes panfletos.”*¹⁸⁶

A parceria entre o governo dominicano e a USIA estava registrada. Os quadrinhos tinham sido bem empregados e solicitava-se o envio de mais cópias. Além disso, aquele comunicado encerrava com uma resposta referente ao provável questionamento da USIA dizendo: “[...] *Sim, gostaríamos de receber panfletos similares no futuro.*”¹⁸⁷ Na mesma data, outro memorando, da USIS de Bogotá, relatava:

“[...] 100,000 panfletos foram recebidos e distribuídos.

2. Reação local no geral tem sido boa. [...]

3. Materiais positivos que podem ser usados entre pessoas com limitadas habilidades de leitura são muito, muito úteis.

*4. Em [Memorando de Operações] separado dirigido ao IPS, este Posto solicita mais 50,000 mil cópias.”*¹⁸⁸

Ou seja, além das 10 mil cópias da revista em quadrinhos enviada para Santo Domingo e das 100 mil para Bogotá, os postos locais da USIS na República Dominicana e na Colômbia solicitavam à USIA que fossem enviadas mais cópias. Afinal, materiais como revistas em quadrinhos, eram “muito, muito úteis” entre aquelas pessoas com baixo grau de instrução. O posto

¹⁸⁶ “[...] *We would appreciate receiving 10,000 additional copies of EL CAMINO HACIA EL FUTURO. We have cooperated with the local Caterpillar dealer on this, making available 15,000 of the 20,000 copies which we received earlier. We have also worked with the Dominican Republic’s Community Development Office in the distribution of these pamphlets.*” Memorando do USIS de Santo Domingo para USIA. Documento de 8/02/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, Latin American Publication Files, Box 6.

¹⁸⁷ “*Yes, we would like to see similar pamphlets in the future.*” *Idem.*

¹⁸⁸ “[...] *1. 100,000 pamphlets were received and have been distributed. 2. General local reaction to the pamphlet has been good. [...] 3. Positive materials that can be used with people of limited reading abilities are very, very useful. 4. In a separate [Operations Memorandum] do IPS, Post is ordering 50,000 more copies.*” Memorando do USIS de Bogotá para USIA. Documento de 8/02/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, Latin American Publication Files, Box 6.

de Bogotá menciona ter solicitado as 50 mil cópias adicionais ao IPS, sigla que referencia o *International Press Service*, ramo da USIA cuja direção era de Katherine Ray.

O posto da USIS em Tegucigalpa, Honduras, tinha um relatório semelhante. Diz o memorando datado de 2/4/1965, que “[...] *Este posto é decisivamente a favor de livretos semelhantes no futuro. Eles são um dos melhores meios de alcançar a população campesina.*”¹⁸⁹

O grifo no termo “campesina” é do documento. Outros memorandos com comentários semelhantes foram emitidos pelos postos da USIS na cidade do México e La Paz. Ao que eles afirmam, quadrinhos eram um dos melhores meios para os fins da *United States Information Agency*, não apenas por seu provável baixo custo e fácil manuseio (diferente de um programa de rádio, por exemplo, que depende da compra do aparelho receptor, ou de um filme, que depende de maquinário e manuseio especializado). As vantagens do quadrinho estariam relacionadas às características próprias daquela linguagem, em que o leitor “participa” da narração da história. Numa história em quadrinhos cabe apenas ao leitor condicionar as passagens de tempo, tons de voz dos personagens, ritmo das ações e palavras através da combinação de textos e imagens numa ordenação linear, usualmente segundo a ordem aristotélica (início, tensão, clímax, desenlace e catarse). Quadrinhos, tanto mais que o cinema, o rádio, ou a televisão, que difundem conteúdos a uma massa passiva, exige um envolvimento muito mais íntimo do leitor com conteúdo que ele lê.

Como foi apontado em trabalho anterior¹⁹⁰, os quadrinhos nasceram nas primeiras décadas do século XX e se tornaram um vigoroso setor editorial na imprensa a partir de 1938¹⁹¹. Eles

¹⁸⁹ “[...] *The post is decidedly in favor of similar booklets for the future. They are one of the best means of reaching the campesino population*”. Memorando do USIS de Tegucigalpa para a USIA. Documento de 2/4/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

¹⁹⁰ MARANGONI, Adriano J.. *História em Quadrinhos: Entre a tradição e o desajuste como síntese da cultura americana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2006.

¹⁹¹ Ano de publicação de Action Comics n. 1, primeira aparição do Superman. Convencionalmente, a publicação dessa revista é considerada a inauguração da “Era de Ouro” dos quadrinhos, um momento de multiplicação do

tinham características singularmente nacionais americanas. Mas por conta de sua natureza “interativa” tinha potenciais inéditos de influência entre os leitores. Essa percepção não é aleatória, mas evidenciada pelos documentos produzidos pelos postos da USIS e das secretarias auxiliares.

Em 5 de maio de 1965, Thomas J. Fanning, do escritório dedicado à produção gráfica dos panfletos da USIA, escreveu à Kermit Brown, do setor da América Latina da Agência. Fanning foi o intermediário entre a Esso e Katherine Ray na avaliação do quadrinho *Tesoro Escondido* em 1968. Mas em 65, ele apontava questões cujas implicações ajudariam ele aceitar ou rejeitar possíveis ações com o uso de quadrinhos no futuro da Agência. Diz a carta de Fanning:

“[...] *Um dos nossos melhores prospectos para uma série de quadrinhos para a América Latina [a companhia interessada] nos perguntou se o programa de quadrinhos foi avaliado como uma ferramenta de meios de comunicação pela Agência. Ele está particularmente interessado em saber como os quadrinhos são efetivos se comparados com outras mídias como filmes, rádio e T.V.*”¹⁹²

Fanning, como figura intermediária estava levantando uma questão válida. Era prudente o investimento de empresas interessadas na produção de histórias em quadrinhos? Importante ressaltar que a companhia que remeteu a dúvida à Fanning era a Esso, de Nelson Rockefeller, que como apontado, era particularmente interessado nos empreendimentos junto à América Latina. Não se sabe se outras empresas estabeleceram o mesmo tipo de contato com os funcionários da

gênero “superhero” nas narrativas em quadrinhos. Ver sobre isso em MORRISON, Grant. *Superdeuses – Mutantes, Alienígenas, Vigilantes, Justiceiros Mascarados e o Significado do Ser Humano na Era dos Super-heróis*. São Paulo: Seoman/Pensamento-Cultrix, 2012. Pp. 17-78

¹⁹² “[...] *One of our very good prospects for a series of cartoon books for Latin America [the interested company] has asked us whether the U.S.I.A. cartoon book program has been evaluated as a mass communications tool by the Agency. He is particularly interested in knowing how the cartoon books compare in effectiveness with other media, such as films, radio and T.V.*” Correspondência de Thomas J. Fanning para Kermit Brown. Documento de 5/5/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

USIA, mas é plausível considerar que sim.¹⁹³ A resposta de Kermit Brown, datada de 24 de maio de 1965, embora um pouco longa, merece ser lida integralmente pois dizia:

“[...] *Prezado Tom:*

Em resposta a sua carta de 7 de Maio de 1965, nós não temos números referentes a eficácia dos livretos em quadrinhos comparados com outras mídias. Eu duvido que faremos tal tipo de aferição devido aos problemas em achar uma base comum segura para comparação. Além disso, nossa experiência claramente indica que cada mídia tem sua função a desempenhar e um programa totalmente funcional exige o uso de todas as mídias separadas ou juntas dependendo das variadas circunstâncias que encontramos no planejamento para a América Latina.

Não há dúvidas, contudo, de que os livretos em quadrinhos são uma ferramenta de comunicação de massa eficaz. Não há melhor evidência disso do que nossa crença no fato de que nós distribuímos em torno de 45 milhões de cópias de 23 títulos na América Latina nos últimos cinco anos e meio. Fora isso, outros seis títulos estão em produção e outros estão sendo planejados para dar continuidade a este programa no próximo ano fiscal.

Adotamos os livretos em quadrinhos num tempo em que a cobertura dos esforços dedicados à América Latina saltou de uma baixa para alta prioridade. Uma das razões principais para usar essa ferramenta foi para oferecer um meio efetivo de levar nossas mensagens para uma audiência de massa que naquele tempo estava sendo influenciada favoravelmente por Castro. Nós acreditamos que os livretos em quadrinhos contribuíram para propagar o desencantamento das massas com Castro. Agora, como você sabe, nós estamos usando esta ferramenta para difundir a Aliança para o Progresso para esta mesma audiência com considerável sucesso.”¹⁹⁴

¹⁹³ Não se descarta também a possibilidade de que Thomas Fanning estava na folha de pagamento da Esso mas trabalhando num escritório subsidiário da USIA. É uma questão que até o momento a pesquisa não foi capaz de responder entre as mais de 33 mil páginas de documentos coletadas no National Archives.

¹⁹⁴ “[...] *Dear Tom: In response to your letter of May 7, 1965, we have no figures on the comparative effectiveness of the cartoon books with other media. I doubt if we will ever make such a survey because of the many problems in finding a common base for any meaningful comparison. Also, our experience clearly indicates that each media separately or jointly depending on the many variable circumstances we face in programming throughout Latin America. There is no doubt, however, that the cartoon books are an effective mass communications tool. There is no better supporting evidence of our belief in this than the fact that we have distributed some 45 million copies of 23 titles in Latin America over the last 5¹/₂ years. Also, six more titles are in process and other are being planned to provide for continuation of this program next fiscal year. We adopted the cartoon book at a time when we were converting our Latin American effort from a low to a high priority program. One of our chief reasons for using this*

Os três parágrafos da resposta de Kermit Brown são expressivos por uma série de razões. Em primeiro lugar ele esclarece que haveria uma dificuldade metodológica em se equacionar a eficácia dos quadrinhos se comparados a outras mídias, afinal é difícil encontrar um critério comum para tal comparação. Ressalte-se, isto poderia ser fruto da peculiaridade da linguagem dos quadrinhos referida acima. Não haveria ainda instrumentos de aferição que atendessem este tipo de questão. De qualquer modo, na visão de Brown prevalece a postura procedimental racionalista, da análise estatística para interpretar processos de construção de subjetividades. Além disso, quadrinhos seriam meramente uma de outras várias ferramentas usadas pela USIA e que seria empregada isolada ou conjuntamente mediante os programas gerais para a América Latina. Mas como era evidenciado pelo número de 45 milhões de revistas distribuídas com sucesso nos últimos cinco anos e meio (portanto desde 1959), “*não há dúvidas de que os quadrinhos são uma ferramenta eficiente*” nos propósitos da USIA¹⁹⁵. Pelo menos, é isso que avalia Kermit Brown, diretor dos programas voltados para América Latina em 1965.

Pondera-se, contudo, se o sucesso que Brown atribuiu à difusão dos quadrinhos na região não se devia mais em função do formato do que pelo conteúdo daquelas revistas. Afinal, quadrinhos eram mais conhecidos pela publicação de histórias de super-heróis como o *Batman* e o *Superman* do que sobre tratores ou fertilizantes. Talvez os “campesinos”, público alvo daquelas revistas, esperassem ler aventuras dos heróis mas encontraram *El Camino Hacia El Futuro*. O possível anti-comunismo poderia ser meramente um efeito colateral, apesar dos melhores esforços

tool was to provide an effective means for getting our messages across the mass audience which at that time was being favorably influenced by Castro. We believe that the cartoon book contributed to the widespread disenchantment of the masses with Castro. Now, as you know, we are using this tool to explain the Alliance for Progress to this same audience with considerable success. Correspondência de Kermit Brown para Thomas J. Fanning. Documento de 24/5/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, Latin American Publication Files, Box 6. Ver Anexo IX.

¹⁹⁵ Diria-se que entre eles estaria conter o comunismo.

da USIA. Responder a esta questão exigiria ter contato com as opiniões dos receptores daqueles quadrinhos, e não apenas ao relatório dos memorandos dos postos da USIS endereçados à USIA. Seria uma pesquisa posterior.

Já o último parágrafo da carta de Kermit Brown poderia ser um dos ícones documentais mais provocativos sobre a forma com que os americanos encaravam a América Latina durante a Guerra Fria. Ao que se apreende pelos quadrinhos, uma vez que essa linguagem atenderia aos gostos da massa - como descrita por Umberto Eco - a América Latina seria uma entidade homogênea, cuja identidade estava ligada à vida no campo¹⁹⁶. Como afirma Brown, a América Latina saltou de uma baixa prioridade nos programas da USIA dirigidos à região para uma elevada condição de prioridade. E isso foi consequência direta da revolução liderada por Fidel Castro. Recorrer aos quadrinhos foi uma forma de dissuadir audiências populares favoráveis a Fidel Castro a tomarem partido contra ele. Essa era uma missão que as revistas estariam cumprindo com um sucesso maior do que outros recursos à disposição da USIA. Ato contínuo, agora seria a vez de usar o mesmo recurso em função da Aliança para o Progresso, dirigido à mesma audiência. Afinal os quadrinhos estavam surtindo “sucesso considerável”.

III.V – “*Qué es esto? Una cruzada o algo así?*”

A USIA, parte de um intrincado complexo de operações de informação e inteligência dos Estados Unidos, enquanto não era necessariamente órgão dirigente nas decisões presidenciais ou congressionais, era o domínio institucional onde se manifestava com maior densidade a opinião dos governantes daquele país. Uma fábrica de “verdades”. Afinal, os responsáveis por disseminar

¹⁹⁶ Esta percepção ou imaginário sobre a América Latina foi um tema profundamente discutido em JUNQUEIRA, Mary A. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, wilderness e fronteira (1942 – 1970)*. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2000.

a imagem dos Estados Unidos deveriam ser aqueles que têm maior intimidade com todos os aspectos relevantes da nação que representavam. O alcance dos itens ou bens culturais difundidos pela USIA era mais amplo e profundo do que o escopo de ação de embaixadores e diplomatas.

O uso dos quadrinhos para alcançar as populações “campesinas” da América Latina era um recurso eficaz, como reconheceu Kermit Brown, o Diretor para América Latina da *United States Information Agency*, em Washington. As revistas em quadrinhos não só teriam ajudado a atenuar a simpatia dos latino-americanos por Castro como também divulgavam as iniciativas dos governos que davam assistência ao povo destes países. Essas ações eram retratadas como temas dos panfletos e revistas. Um destes temas, presente em outras revistas da USIA, era a Aliança para o Progresso.

Uma revista em quadrinhos com caráter didático destinada ao assunto tinha o título “*O que é a Aliança para o Progresso?*”¹⁹⁷. Provavelmente difundida na América Latina em 1967 (menção contida no próprio conteúdo da revista), ela ensinava quais eram os princípios norteadores, os idealizadores e as formas de atuação da ação concebida na Conferência de Punta del Leste em 1961.

Com um texto simples, aforístico, a revista trazia um personagem de tipo pícaro, que estava confuso sobre a Aliança e tinha suas dúvidas sanadas por outro personagem, um “Próspero”¹⁹⁸

¹⁹⁷ “*Que es la Alianza Para El Progreso?*” Documento de 1967. Apud NARA, RG 306, A1-E7, Latin American Publication Files, Box 2.

¹⁹⁸ Alusão ao personagem Próspero da peça *A Tempestade* de William Shakespeare. Próspero, na verdade o Duque De Milão, era o nobre banido para uma ilha remota junto de Miranda, sua filha. Usando artifícios sobrenaturais – como a tempestade que leva ao naufrágio do navio dos usurpadores de Nápoles - Próspero promove uma restauração da ordem, maculada pela traição de seu irmão Antônio, aliado do rei de Nápoles. Essa restauração acontece com a união de Miranda e Ferdinando, filho do rei. Contando com o auxílio do espírito Ariel e do escravo deformado Caliban, Próspero é o arquétipo do sábio, do mago, personagem que é governado tanto por pulsões do ego quanto aquelas em nome da ordem social. Sobre as interpretações de Próspero e *A Tempestade* ver em MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*. Companhia das Letras. 2000; RODÓ, José Henrique. *Ariel*. Campinas:

simplificado. Os desenhos lembravam os traços das animações de Blake Edwards e Fritz Freleng¹⁹⁹, e continham passagens como:



Além de classificar a Aliança para o Progresso como “uma cruzada” composta por pessoas de todo o mundo, o gibi também nomeia a Aliança como “um espírito”, uma disposição, um ideal sem bandeiras pois era compartilhado por pessoas de várias nacionalidades, mexicanos, bolivianos, paraguaios, americanos, chilenos, etc. Curiosamente não há menções a brasileiros entre os citados. O “Próspero” do gibi, com dedo em riste, ensina ao “Clouseu” que este “espírito” já

Editora da UNICAMP, 1991. Sobre arquétipos ver em JUNG, C.J. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. São Paulo: Vozes, s/d. pp. 119-137

¹⁹⁹ Edwards e Freleng são os criadores das animações da Pantera Cor de Rosa, personagem criada como segmento de abertura do filme homônimo de 1964 protagonizado por Peter Sellers. Entre 1969 e 1976, a Pantera e seu antagonista, um homem de bigode e estatura baixa – uma caricatura do inspetor Clouseau, personagem de Sellers - foram retratados em uma série de psicodélicas animações produzidas pela *United Artists* e apresentados pela *National Broadcast Company*, a NBC. No Brasil, o desenho da Pantera Cor de Rosa foi apresentado pela Rede Globo e pelo SBT durante a década de 1980. Informações sobre a animação estão disponíveis em <http://www.imdb.com/title/tt0063939/>. Acesso em 29/05/2015.

²⁰⁰ No quadro esquerdo: “[...] ‘É! O que é isso? Uma cruzada ou algo assim?’ ‘EXATAMENTE! E você faz parte dela!’ ‘Junto com os trabalhadores, empresários, estudantes, professores, políticos,’”; No quadro direito: “[...] ‘Mas PARE! Espere um minuto! De onde vem toda essa gente?’ ‘DE TODAS AS PARTES!’” Idem.

estava na mente de homens de visão até ser chamado à realidade por um homem, “[...] *que era seu amigo... e meu*”²⁰¹, John F. Kennedy. O “Clouseu” da história reage. Trata-se simplesmente de ajuda financeira norte-americana? “*De maneira nenhuma*” – diz “Próspero”, e esclarece:



Segundo ensinava a revista em quadrinhos, o mais importante era o trabalho, não dinheiro, tampouco sua origem, se era de um país ou outro. O esforço do trabalho de todos juntos promoveria uma vida melhor através da construção de represas para produção de eletricidade, de mercados, acordos multilaterais sobre comércio, educação e cultura. Era um empenho que, a revista mostrava em cifras, já tinha resultado em “[...] 28.000 salas de aula construídas, 300.000 fazendas

²⁰¹ “[...] *que era amigo tuyo... e mío*”. Idem.

²⁰² “Os Estados Unidos e diversas fontes internacionais contribuirão para os projetos mútuos da Aliança, apenas 20% (ou menos) do dinheiro. A maior parte do dinheiro – aproximadamente 80% será proporcionado pelos próprios países latino-americanos. Ademais, o dinheiro não é o mais IMPORTANTE” Idem.

terminadas, 1.200 hospitais e postos de saúde estabelecidos, 682.000 empréstimos para produção agrícola, 14.000 quilômetros de estradas construídas e reformadas, 14 milhões de libras de livros distribuídos.”²⁰³

A peroração do “Próspero” no panfleto da USIA sobre a Aliança para o Progresso seguia também o modelo narrativo aristotélico e levava a uma conclusão catártica. O personagem aqui chamado de “Próspero”, intercalando suas frases com as de “Clouseu”, assinalando ideias que agora eram mútuas, elabora: seja o paraguaio, o chileno, mexicano, guatemalteco, ou uma pessoa, um grupo, uma nação, ou um grupo de nações, “[...] *quando faz algo para si mesmo ou para ajudar que outro se ajude, está fazendo o mesmo por todos nós. ENTÃO... A ALIANÇA PARA O PROGRESSO É VOCÊ MESMO*”²⁰⁴ A Aliança, segundo o panfleto, era uma exortação universal, e dela faziam parte todos os habitantes da América unidos por uma mesma “fé”.

Durante o Concílio de Clermont, em 1095, o papa Urbano II conclamava os fiéis ali reunidos:

*“[...] Os turcos e os árabes atacaram e avançaram pelo território da România até a parte do Mediterrâneo chamada o Braço de São Jorge e penetram mais a cada dia nos países dos cristãos; eles o venceram sete vezes em batalha, matando e fazendo grande número de cativos, destruindo as igrejas e devastando o reino. Se vós deixardes isto sem resistência, estenderão os seus exércitos ainda mais sobre os fiéis servidores de Deus. Por isso eu vos aprego e exorto, tanto aos pobres como aos ricos – e não eu, mas o Senhor vos apregoa e exorta – que como arautos de Cristo vos apresseis a expulsar esta vil ralé das regiões habitadas por nossos irmãos, levando uma ajuda oportuna aos adoradores de Cristo.”*²⁰⁵

²⁰³ “28.000 aulas construídas, 300.000 viviendas terminadas, 1.200 hospitales y centros de salubridad estabelecidos, 682.000 préstamos para la producción agrícola, 14.000 kilómetros de carretera construídos e mejorados, 14 millones de libras de libros de texto distribuídos.” Idem.

²⁰⁴ “[...] *cuando haces algo para ti mismo o para ayudar a outro a que se ayude, estás haciendo para todos nosotros. ENCONTECES... LA ALIANZA PARA EL PROGRESO ERES TU MISMO.*” Idem.

²⁰⁵ Apud PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média – Textos e testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 83

Aquela era a exortação papal da 1ª Cruzada, que culminaria com a vitória cristã em Jerusalém em 1099 e a expulsão dos exércitos islâmicos pelas forças de Godefroy de Bouillon, Duque Protetor do Santo Sepulcro. Era uma retórica alarmista, que acentuava a ameaça representada na violência dos infiéis, que avançavam sobre terras cristãs. Cabia aos Cristãos, tocados pelo chamado - não do papa, mas pelo Senhor – tomarem armas e lutar contra aquela terrível ameaça.

Guardada a tentação que a analogia histórica provocaria no historiador, o silogismo entre as Cruzadas e a Aliança para o Progresso não foi evitada pelo panfleto da USIA. Ao contrário, foi evocada e abraçada como modelo referencial. Os usos e as manipulações dos mitos, do passado e da História como um cabedal de experiências (*Historia magistrae vitae*)²⁰⁶ teve repercussões catastróficas no século XX. Isso aconteceu especialmente entre aqueles governos ou partidos políticos que, por meio da História, articulavam passados imemoriais a projetos de futuro. Haja vista a ascensão do Nacional Socialismo na Alemanha, que evocava a restauração da glória de um Reich medieval num porvir livre de “impurezas” sociais e que derivou na Shoah²⁰⁷.

No contexto da Aliança para o Progresso, no lugar dos “turcos” e “árabes”, por analogia, havia a pobreza, a falta de infra-estrutura, a falta de hospitais, de educação e de cultura. Estas lacunas – indicadoras de pobreza – eram as frestas por onde poderiam ser disseminadas as ideias

²⁰⁶ A propósito do uso –por vezes de má fé – da História, ensina Koselleck que “[...] Cícero, referindo-se a modelos helenísticos, cunhou o emprego da expressão *historia magistra vitae*. A expressão pertence ao contexto da oratória; a diferença é que, nesse caso, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência.” A discussão indicada na citação, sumamente relevante para esta tese, está presente em KOSSELECK, Reinhardt. *O Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 43

²⁰⁷ Sobre o uso do passado por partidos políticos no século XX ver em CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. São Paulo: Codex, 2003. Pp. 225-341. Sobre a Shoah, o Holocausto promovido pelos Nazistas, ver em GUTERMAN, Marcos. *A moral nazista – Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2013.

comunistas. O panfleto transformava uma causa político/militar dos Estados Unidos (ou no máximo, dos países membros da OTAN) numa razão comum a todos os habitantes da América. A “nova Cruzada” da Aliança, tornada realidade pela liderança dos Estados Unidos, tinha um objetivo claro. No lugar dos “infiéis” do século XI, havia o comunismo.

Além do significado do conteúdo do panfleto, é importante também assinalar a forma como ele foi incorporado às operações da *United States Information Agency*. Um memorando de operações emitido em 27 de abril de 1967 pelo posto RSC do México era endereçado a todos os postos da América Latina. Seu conteúdo dizia o seguinte:

*“[...] Em anexo está uma cópia [semi-impressa] de um panfleto em forma de revista em quadrinhos cujo propósito é definir o significado da Aliança para o Progresso por um meio popular. Originalmente produzido pelo USIS Santiago, ele foi adaptado num formato mais compacto e com uma mensagem mais atemporal. [...] Pedidos do produto terminam em 9 de Junho. Os postos devem avisar o RSC do México antes da data de término indicando as quantidades mínimas e máximas desejadas.”*²⁰⁸

O fragmento revela uma série de elementos operacionais importantes sobre a USIA. Em primeiro lugar é preciso dizer que RSC significa *Regional Service Centers* e há menções em diversos documentos a diferentes RSCs em diferentes cidades da América Latina. É possível que o RSC México fosse o responsável por impressões de panfletos com características particulares, como os quadrinhos. Em segundo lugar, mostra que o panfleto foi produzido originalmente no posto USIS no Chile. Como mencionado, USIS é sigla para *United States Information Services*, os postos da USIA espalhados por todos os países com quem os Estados Unidos tinham relações

²⁰⁸ “[...] Enclosed is a brownprint of a cartoon-book style pamphlet whose purpose is do define the meaning of the Alliance for Progress in a popular medium. Originally produced by USIS Santiago, it has been adapted to a more compact format and a more timeless message. [...] Orders for the product close on June 9. Posts should advise RSC Mexico before the closing date as to minimum and maximum quantities desired.” “Unclassified Operation Memorandum to All IAL Posts from RSC Mexico”. Documento de 27 de abril de 1967. Apud NARA, RG 306, A1-E7, Latin American Publication Files, Box 2.

diplomáticas. Eram as “subsidiárias” da USIA, mesmo que já existissem antes da criação formal da USIA em 1953. Os USIS eram parte das missões diplomáticas americanas, assim como outros serviços e funcionários, como adidos militares, culturais, assessores de imprensa, e sem dúvida, dos serviços de inteligência da CIA e da NSA. Em terceiro lugar, o memorando evidencia uma interdependência dos postos da USIS espalhados pela América Latina. Eles agiam juntos, contando com o auxílio de outros postos e compartilhando materiais que pudessem ser usados de forma homogênea. Os interessados em difundir o panfleto *Que es la Alianza para El Progreso?* deviam enviar seus pedidos ao RSC Mexico até 9 de junho de 1967. Aquele posto ainda ressalta que o USIS Santiago teve o cuidado de colocar o panfleto num formato mais “compacto” e “atemporal” para melhor atingir as massas.

Acima de tudo, chama a atenção a naturalidade com que o memorando se refere ao material: o panfleto atendia ao propósito de *definir* o que era a *Aliança para o Progresso*. Os fatos não estavam mais nas mãos de presidentes e autoridades de governo. A profundidade das ideologias, estavam simplificadas ao seu mínimo denominador comum. A verdade estava nos panfletos. A memória pertencia à propaganda.

III.VI – VOA, exposições, bibliotecas

Embora os quadrinhos tivessem sido um meio privilegiado para propagar as concepções americanas pela América Latina, seria um erro considerar que aquele era o único. Como visto no caso dos adágios vietnamitas, os esforços da USIA não se concentravam apenas “ao sul do Rio Grande”, como se referiu a Profa. Mary Anne Junqueira. Longe disso. Por exemplo, a USIA herdou, desde a década de 1940 um valiosíssimo recurso, o programa *Voice of America*, que, por ondas de rádio, levava uma enorme variedade de conteúdos, fossem de entretenimento, música,

jornalísticos, de utilidade prática ou abertamente ideológicos. O programa permaneceu como um instrumento da USIA continuamente por toda a Guerra Fria, o que era evidenciado em centenas de relatórios com dezenas de enfoques e cruzamento de estatísticas.²⁰⁹

Além do *Voice Of America*, a USIA também fazia uso de um número crescente de bibliotecas administradas pelos postos do *United States Information Services*. Estas bibliotecas traziam obras de “reconhecido” valor literário, fossem clássicos da filosofia como “A República” de Platão, ou “O Espírito das Leis” de Montesquieu, ou também da literatura como “Don Quixote”, de Miguel de Cervantes, “Otelo”, de William Shakespeare “Moby Dick” de Herman Melville, “O Grande Gatsby” de Scott Fitzgerald, “Tom Sawyer” de Mark Twain.²¹⁰

Outro recurso amplamente utilizado e administrado pela USIA eram as “*exhibits*”, ou exposições que podiam ser instaladas em museus, mostras de cinema, vernissages ou qualquer tipo de exposição que dependia de um espaço com características de galeria.²¹¹

Outros recursos utilizados pela USIA para alcançar o público das nações estrangeiras eram: fotonovelas²¹², panfletos comparando os avanços da tecnologia soviética e americana²¹³, panfletos

²⁰⁹ No Record Group 306 do National Archives, não houve uma única “Entry” pesquisada que não tivesse pelo menos uma menção ao VOA. Não apenas importante, a presença do *Voice of America* nas prioridades dos diretores da USIA era ubíqua. Uma fração disso pode ser vista em NARA, RG306, A1-1037 - *Voice of America Daily Broadcast Content Reports and Scripts Translations, 1950-1955* e também em RG306, A1-1022 - *Intelligence Bulletins, Memorandums and Summaries*, Box 2.

²¹⁰ No RG 306, os esforços relativos às bibliotecas está na Entry A1-1035 com mais centenas de páginas em cada uma das dezenas de caixas que contém a entrada. Além dos conteúdos, a USIA ainda realizava uma série de estudos com referências cruzadas sobre o desempenho dessas bibliotecas. Por exemplo, em NARA, RG306, A1-1028 - *Estimates and Evaluations, 1966-1978*, Box 1 e também em RG306, A1-1035 - *Library Programs Division; Special Collections Branch; Oversize Scrapbooks*, Box 1.

²¹¹ As *Entries* que documentam estas exposições são os registros “E” do RG 306. NARA, RG306,E1039 - *Records Concerning Exhibits in Foreign Countries*; E1040 - *Office of Exhibits, Enclosures to Reports on “USSR Photo 70” Exhibit*; RG306, E1041 - *Office of Exhibits, Guestbooks From the American Pavillion at “Expo 67”*; RG306,E1042 - *Office of Exhibits, Newspaper Clipping relating to Expo 67*; RG306,E1043- *Office of Exhibits – Comment Books and Lists of Visitors Related to U.S. Exhibits in the USSR, Rumania & Bulgaria*.

²¹² NARA, RG306, A1-E7 – *Latin American Publication Files*, Box 4 e Box 5.

²¹³ NARA, RG306, A1-E7 - *Latin American Publication Files* Box 7.

que mostravam o desenvolvimento dos meios de transporte americanos²¹⁴, jornais muito úteis que explicavam o processo eleitoral norte-americano e a biografia de candidatos²¹⁵, além das centenas de caixas de documentos contendo pesquisas, análises, e estudos com uma enorme variedade de temas que provavelmente eram solicitados pelo Departamento de Estado, pelo Congresso, pelo *Joint Chief of Staff* (o Comando do Estado-Maior das Forças Armadas americanas), pela CIA ou pela NSA.

Em suma, no horizonte possível da barbárie, do fim da civilização e da aniquilação nuclear, por meio da cultura de massas, a *United States Information Agency* tinha vários recursos à disposição durante a Guerra Fria. Empregou o humor, o reconhecimento de adágios, a difusão de quadrinhos e panfletos, com emissões de rádio, exposições em museus, com a construção de bibliotecas, disseminando bens culturais americanos ou apreendendo valores, tradições e posturas de outras nações.

Assim como era capaz de apreender e analisar dados e temas, por trás de toda disseminação de bens culturais praticadas pela USIA no exterior prevalecia um esforço sistemático, indutivo, burocrático e institucionalizado de ações. Essas ações apontavam um resultado esperado. O futuro era inevitável. O caminho para chegar até ele estava sendo traçado usando os recursos da arte, literatura e comunicação, marcas de uma civilização. Mas quem eram os outros habitantes daquele futuro?

²¹⁴ NARA, RG306, A1-E7 - *Latin American Publication Files* Box 1.

²¹⁵ *Idem*.

CAPÍTULO IV – O PROTÓTIPO BRASILEIRO

IV.I - Uma brecha na defesa das Américas

Na noite de 29 de junho de 1939, diretamente do Radio City Music Hall, em Nova York, o “showman” Ruddy Vallee apresentava aos ouvintes a convidada especial do *Royal Gelatin Program*, programa de rádio transmitido nos Estados Unidos semanalmente. Dizia Vallee: “*Where does she come from? From Brazil. I don’t speak any Portuguese and ‘Señorita’ Miranda doesn’t speak any English. But that doesn’t matter because...*”²¹⁶. Era a deixa para os versos da Pequena Notável e do Bando da Lua que cantavam:

*“O que é que a baiana tem?
Tem torso de seda tem? Tem
Tem brinco de ouro tem? Tem
Sandália enfeitada? Teeeem [...]”*²¹⁷

Aquela era a estreia de Carmen Miranda no rádio dos Estados Unidos. Pouco depois, em 1940, ela estrelava o filme *Serenata Tropical* ao lado de Don Ameche e Betty Grable. O título original era “*Down the Argentine Way*” ou na tradução nacional, “*Serenata Tropical*”, onde Carmen aparecia cantando “*Mamãe Eu Quero*”. O filme era um conto insosso sobre uma americana que se apaixona por um pecuarista sul-americano. Já a melodia carnavalesca jamais seria esquecida.

²¹⁶ “*De onde ela vem? Do Brasil. Eu não falo nada de português e ‘Señorita’ Miranda não fala nada de inglês. Mas isso não importa porque...*”

²¹⁷ As informações sobre o programa de Ruddy Vallee e a presença de Carmen Miranda foram pesquisadas no acervo da Library of Congress e apontadas por TOTA (Op.Cit.), 2000. Pp. 114-120.

Em 1942, um dos resultados dos trabalhos do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*²¹⁸ foi o lançamento da animação “*Saludos Amigos!*”, dos estúdios de Walt Disney. O filme era fruto da “Política da Boa Vizinhança”, que buscou aproximar política e culturalmente Estados Unidos e a América Latina diante dos desafios da 2ª Guerra Mundial. “*Saludos Amigos!*” foi o desenho animado que mostrou o encontro entre o papagaio Zé Carioca e o Pato Donald, que visitava o Brasil. Donald, desajeitado, é uma caricatura de formalidade. Ele é contraposto a Zé, irreverente, amistoso, que ginga e requebra com a naturalidade de um passista de salão. Por si só o episódio já seria memorável. Foi ainda mais graças à melodia que introduzia o encontro dos dois. Era a composição de Ary Barroso que ufanava a nação do anfitrião:

*“Brasil
Terra boa e gostosa
Da morena sestrosa
De olhar indiscreto
Ô Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar
Ô Brasil, do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil, Brasil [...]”*

“*Donald, I will show you the land of the samba*”²¹⁹, diz Zé Carioca, seguido da composição de Zequinha de Abreu, *Tico-Tico no Fubá*. Donald tenta, mas não consegue antes de tomar uma bela dose de cachaça, embalar no ritmo daquele estilo tão diverso. O segmento da animação encerrava com as silhuetas dançantes de Donald, Zé Carioca e o que parece ser Carmen Miranda, com seus trajes característicos, com as frutas sobre a cabeça. Ao fundo em letras luminosas lia-se

²¹⁸ Era o escritório coordenado por Nelson A. Rockefeller durante a 2ª Guerra Mundial que em grande parte deu vazão à Política da Boa Vizinhança na gestão de Franklin D. Roosevelt. Sobre isso ver em TOTA (Op. Cit), 2000. Pp. 41-92.

²¹⁹ “*Donald, vou te mostrar a terra do samba*”.

“Copacabana”, “Atlantico” e “Urca”, com o Corcovado como cenário em um plano noturno, estrelado, que se abria até se encerrar com os créditos do desenho. Era a imagem de um paraíso.

Lugar de pessoas amistosas, sabores singulares, sons exóticos, irreverência e sensualidade. O Brasil concebido na década de 1940, um pouco indistinto do resto da América Latina, parecia uma sinestesia de sentidos e emoções. Mas e depois? E na Guerra Fria? A visão dos americanos sobre o Brasil – e sobre a América Latina - tinha mudado muito? Quem eram os brasileiros afinal?

Quase imediatamente após o fim da 2ª Guerra, os Estados Unidos assumiram um novo papel. Investiram-se numa causa, uma campanha pela civilização e pelo futuro, uma empreitada global contra o comunismo. Ou, pelo menos, contra aquilo que muitos consideravam uma adulteração do nacionalismo. Seja como for, tratava-se de uma ameaça ao estilo de vida americano. Essa ameaça poderia levar o mundo à barbárie. Assim, entre 1947 e 1953, através de atos presidenciais e leis congressionais, da criação e organização de agências de inteligência e informação, além da atuação vigilante de forças militares, passou-se a coletar e disseminar bens culturais de modo sistemático. Uma disputa cultural em que o futuro era cenário e prêmio, uma frente de batalha cuja atuação coube especialmente à USIA. Mas além dos próprios americanos, quem habitaria aquele porvir? Sem dúvida, espaço privilegiado era reservado às nações acima do Equador, na Europa. Mas e as “outras Américas”? Quem eram aquelas pessoas? A imagem dos latino-americanos tinha se alterado muito desde os tempos da Política da Boa Vizinhança? Os latinos seriam simpáticos às posições dos Estados Unidos desde 1945? Erupções revolucionárias de esquerda, como em Cuba em 1959, eram isoladas? Até meados da década de 1970 seria difícil afirmar²²⁰. Mas sabia-se que os soviéticos também deviam estar observando.

²²⁰ Na América Latina, movimentos revolucionários armados ou mesmo processos eleitorais legítimos que resultaram em governos nacionais de tendência à esquerda foram relativamente raros até a década de 1960. Foi

“*Recursos recentes da Ofensiva Cultural Soviética na América Latina*”²²¹ era o título de um documento produzido pela USIA, datado de 19 de julho de 1955. O relatório de uma página, foi produzido pelo “IRI”, o setor de “*Research and Intelligence*”²²² da USIA. Ele dizia em seu primeiro parágrafo que “[...] *Reuniões e exibições recentes em Moscou dedicadas à literatura, música e arte latino-americana ilustram a ofensiva cultural da Órbita Soviética direcionada às nações Hispânicas do Hemisfério Ocidental.*”²²³ A cultura era tratada em termos de “ofensiva”. De acordo com o relatório, o Sindicato dos Compositores Soviéticos patrocinou um encontro em Moscou em maio de 1955 dedicado à música latino-americana. O evento contou com a presença de uma delegação de intelectuais brasileiros. Esta incluía um pianista que tocou arranjos de Heitor Villa Lobos, “*principal compositor brasileiro*” de acordo com o documento. Um mês depois, a imprensa comunista chilena e boliviana teriam reportado que alunos de espanhol em Moscou fizeram uma reunião dedicada à literatura latino-americana. Nesse evento, Ilya Ehrenburg, propagandista soviético, mencionou a viagem que fez ao Chile para presentear o poeta Pablo Neruda com o Prêmio da Paz de Stalin. O encontro em Moscou teria exposto livros de autores russos traduzidos para o espanhol e vice-versa. O encerramento foi marcado com a leitura de poesias de Nicolás Guillén, “*um proeminente comunista cubano*”. O reconhecimento da cultura da América Latina na União Soviética era inegável.

apenas em 1970 que Salvador Allende chegou à presidência do Chile com o apoio da “Unidade Popular”. Foi só em 1979 que os revolucionários sandinistas alcançaram uma “sólida” vitória com a renúncia de Anastasio Somoza na Nicarágua. Entre o fim da 2ª Guerra Mundial e o fortalecimento das ditaduras militares de direita na década de 1970, o destino político da América Latina era incerto.

²²¹ “*Recent Features of Soviet Cultural Offensive in Latin America*”. Documento de 19/07/1955, Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3. Ver Anexo X.

²²² “*Inteligência e Pesquisa*”.

²²³ “[...] *Recent meetings and exhibits in Moscow devoted to Latin American literature, music and art illustrate the stepped-up Soviet Orbit cultural offensive aimed at the Hispanic nations of the Western Hemisphere*”. Documento de 19/07/1955, Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3.

O curto documento, uma atualização sobre ações praticadas pela “órbita soviética”, encerrava com a descrição de um artigo do jornal comunista chileno *El Siglo*, publicado em junho de 1955. O tal artigo relatava sobre a exposição de pinturas mexicanas em Moscou, que dali fora levada a outras cidades na órbita da capital soviética e que foi reconhecida como um evento de grande importância cultural. As pinturas, dizia o relatório da USIA,

*“[...] não apenas refletem as melhores tradições patrióticas do México, aponta o artigo, mas também retrata os inimigos do povo: ditadores militares e os ‘exploradores gringos’. [...] o artigo [chileno] enfatiza que estes artistas ‘progressistas’ mexicanos desempenharam um papel importante no despertar da consciência nacional de outros pintores latino-americanos por conta da descrição gráfica da luta dos trabalhadores rurais e proletariado na defesa de seus direitos.”*²²⁴

A arte, a pintura e a música, enfatizava o relatório da USIA, eram instrumentos de guerra que podiam incitar sentimentos nacionalistas entre os latino-americanos. O despertar a consciência nacional, portanto, era um fator importante a ser equacionado, pois podia antagonizar a luta por direitos dos trabalhadores rurais e os interesses americanos. Mas esse despertar não era apenas tarefa de compositores, pintores e poetas.

As opiniões de jornais e periódicos de tendências políticas variadas pareciam ser foco de igual atenção da USIA. Em 18 de abril de 1956 circulou um relatório intitulado “*Reações comunistas Latino-Americanas ao 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética*”²²⁵. Reportava sobre o evento realizado em Moscou em fevereiro daquele ano. Segundo o documento, o Congresso teve considerável divulgação na imprensa latina, com direito a citações e paráfrases

²²⁴ “[...] not only reflect the finest patriotic traditions of Mexico, the article pointed out, but also portray the enemies of the people: the military dictators and the ‘gringo peddlers.’ In conclusion, it was emphasized that these Mexican ‘progressive’ artists have played an important role in awakening the national conscience of other Latin American painters by their graphic depiction of the struggle of agricultural workers and proletariat in defense of their rights.” Idem.

²²⁵ “*Latin American Communist Reactions to the 20th Congress Of The Communist Party of the Soviet Union*”. Documento de 18/04/1956. Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3.

dos discursos proferidos pelos líderes soviéticos. Contudo, assinalava o documento, o teor “anti-stalinista” do Congresso ganhou pouca atenção entre os latinos, mesmo depois do “relatório secreto” de Nikita Khrushchev ter sido divulgado na imprensa mundial. Buscando resumir a tendência geral dos jornais comunistas latino-americanos, o relatório da USIA dizia:

*“[...] Naquele ponto, os comentaristas comunistas Latino-Americanos se sentiram obrigados a defender a memória de Stalin contra as ‘mentiras’ e ‘distorções’ que surgiam na imprensa ‘capitalista’. Embora eles admitissem que Stalin tenha cometido alguns erros na vida, eles sustentavam que o grande trabalho de Stalin como edificador do estado Socialista e defensor da União Soviética contra os ataques de Hitler prevaleceriam como monumentos permanentes à memória dele. [...]”*²²⁶

Ou seja, os jornais comunistas latinos não aceitaram imediatamente o que afirmava Khrushchev e saudavam a memória de Joseph Stalin. Ora, era preciso mais para arranhar a efígie do “Homem de Aço” da União Soviética. Mas enquanto os latinos indicavam certa dificuldade de aceitar as afirmações de Khrushchev, cerca de um mês depois, um novo relatório da USIA trazia um contraponto. Datado de 8 de maio de 1956, intitulava-se “*Comentário sobre a imprensa Latino-Americana Não-Comunista sobre o 20º Congresso do Partido Comunista na União Soviética*”.²²⁷ Este apontava que os jornais “neutros” latino-americanos pareciam cientes da natureza propagandística das decisões do Congresso. Aqueles permaneciam céticos diante das declarações do PCUS sobre “coexistência pacífica”. Mas o relatório assinalava, mesmo na imprensa não-comunista, havia exceções:

“[...] notavelmente no México e em Cuba, onde alguns comentaristas, apesar da crença de que a atual liderança soviética tem parte de culpa pelos muitos crimes de Stalin cometidos em nome

²²⁶ “[...] At that point, Latin American Communist commentators felt obliged to defend the memory of Stalin against the ‘lies’ and ‘distortions’ appearing in the ‘capitalist’ press. While they admitted that Stalin may have made some errors in his lifetime, they maintained that Stalin’s great work as a builder of the Socialist state and defender of the Soviet Union against the attacks of Hitler would remain as permanent monuments to his memory. [...]”. Idem.

²²⁷ “*Latin American Non-Communist Press Comment of the 20th Congress of the Communist Party of the Soviet Union.*”. Documento de 08/05/1956. Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3.

*do Comunismo no passado, parecem dispostos em acreditar que a ideologia Comunista está passando por algumas transformações e que os líderes soviéticos estavam sendo, talvez, sinceros em seus apelos de paz.”*²²⁸

Os dois documentos, relatórios do setor de inteligência da USIA²²⁹ que analisam as opiniões da imprensa latino-americana, apontam uma preocupação convergente sobre o 20º Congresso do Partido Comunista em 1956: que os latino-americanos não estavam indiferentes às oscilações ideológicas da União Soviética. Havia indícios tanto de afinidades quanto de resistências em relação à URSS. Mas o que era preocupante, prevalecia uma sutil tendência à esquerda, mesmo entre os jornais “neutros”, que até consideravam a possibilidade de os soviéticos estarem sendo sinceros em seus “apelos de paz”. O tema é particularmente sensível em função do teor daquele Congresso, um dos mais polêmicos na história do Comunismo. Foi quando Nikita Khrushchev, evocando os ensinamentos e princípios de Lênin, denunciou abertamente os crimes cometidos por Joseph Stalin. Ao criticar os expurgos e sufocamento de liberdades, Khrushchev demonstrou uma ruidosa exceção da administração soviética: o reconhecimento de erros. Como diz John Lewis Gaddis, o discurso de Khrushchev foi simplesmente chocante, pois “[...] *Os comunistas não estavam acostumados a ver erros admitidos a partir do topo, e certamente não nessa escala. [...] O líder do Partido Comunista Polonês, Boleslaw Beirut, teve um ataque cardíaco quando leu o discurso de Khrushchev e morreu logo em seguida.*”²³⁰

²²⁸ “[...] notably in Mexico and Cuba, where some commentators, despite their belief that the present Soviet leaders shared Stalin’s guilt for the many crimes committed in the name of Communism in the past, nevertheless appeared willing to believe that Communist ideology was undergoing some moderating changes and that Soviet leaders were, perhaps, sincere in their pleas for peace.”. Idem.

²²⁹ Não se pode esquecer que embora as funções da USIA não tivessem o caráter de “inteligência”, o que era uma prerrogativa operacional da CIA, isso não impedia que ela tivesse um setor de inteligência em sua organização interna, tal como havia no Exército, na Marinha, Força Aérea ou Fuzileiros Navais.

²³⁰ Apud GADDIS, Op. Cit., p. 107-108.

Ao tentar desvincular o comunismo do stalinismo, Khrushchev visava realizar reformas, indispensáveis e impossíveis se não houvesse uma admissão de erros. “*Fui obrigado a dizer a verdade sobre o passado, ele lembrou depois, não importa quais fossem os riscos para mim.*”²³¹ Mas apesar do que o líder soviético sentisse, chama a atenção que a USIA canalizasse a visão sobre os latino-americanos a partir da imprensa. Os latinos, segundo estes jornais, manifestaram posições polêmicas. Ao revelar certa dificuldade de se desfazer da imagem tradicional de Stalin, sugere-se que havia outros recursos que sedimentaram aquele vulto entre os “hispano-americanos”, outras fontes que alimentaram a imagem do herói comunista. Quais eram as origens daquelas ideias? De onde aquela imprensa teria extraído tais posturas?

“[...] *A seguinte lista de livrarias onde livros Soviéticos podem ser adquiridos foi impressa na contracapa de uma publicação de Moscou intitulada Novos Livros Soviéticos (1955). Estas livrarias, um total de 66, estão localizadas em 23 países do mundo livre: 43 lojas em 12 países Europeus; 15 lojas em 5 países asiáticos; 7 lojas em 5 países do Hemisfério Ocidental; e uma loja na Austrália.*”²³²

O comentário acima foi extraído de um relatório de inteligência da USIA intitulado “*Lista de livrarias vendendo publicações soviéticas*”.²³³ A lista apontava os nomes e endereços de cada loja. Entre as nações que abrigavam um número maior de livrarias com publicações soviéticas estavam a Índia e Itália, com 8 endereços cada uma. A Suécia abrigaria 7 livrarias e a França, 4 endereços. Os Estados Unidos teriam apenas 2 livrarias, ambas em Nova York. Entre todos os endereços listados, apenas 4 eram livrarias na América Latina: duas no Brasil, uma no México e

²³¹ Idem, p. 107.

²³² “[...] *The following list of book stores where Soviet books may be obtained was printed at the back of a Moscow publication entitled New Soviet Books (1955). These stores, 66 in number, are located in 23 countries of the free world: 43 stores in 12 European countries; 15 stores in 5 Asian countries; 7 stores in 5 Western Hemisphere countries; and 1 store in Australia.*” “*List of Book Stores Selling Soviet Publications*”. Documento de 12/05/1955. Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

²³³ “*List of Book Stores Selling Soviet Publications*”. Idem.

outra no Uruguai. Pistas das origens das ortodoxias soviéticas disseminadas na América Latina podiam estar ali. Entre as livrarias brasileiras, o documento citava duas:

“[...] *Livraria Freitas Bastos S.A.*
Rua Bittencourt da Silva, 21-A
Largo Carioca
Caixa Postal 899
Rio de Janeiro

Livraria Farrroupilha Ltda.
Praca Parobe, 130 – Sala 407
Porto Alegre, R.G.S.”²³⁴

Não se sabe se as livrarias indicadas na contracapa da publicação soviética mencionada pelo relatório da USIA mantiveram suas atividades além de 1955, quando o documento foi produzido. É de se pensar que durante a ditadura militar (1964-1985), talvez as atividades nas livrarias brasileiras tivessem sido observadas, ou as obras tenham sido confiscadas.²³⁵ Seja como for, talvez entre o acervo daquelas lojas pudessem ser encontrados os verbetes da Grande Enciclopédia Soviética, como a ficha sobre sobre Cavour, “[...] *Conde, figura proeminente e diplomata do Piemonte (Reino da Sardenha) e Itália no período da sua unificação nacional, ideólogo e líder da burguesia liberal-monarquista e nobreza liberal que se tornou burguesa.*”²³⁶. Ou então um verbete sobre o Vaticano, “[...] *Um verdadeiro guardião dos interesses capitalistas*

²³⁴ Idem.

²³⁵ A livraria Freitas Bastos, ao que tudo indica, continua com suas atividades. O site da empresa mostra que ela é especializada no comércio de livros de Direito. Está disponível em <http://www.freitasbastos.com/>. Acesso em 4/09/2015.

²³⁶ “[...] *Count, prominent state figure and diplomat of Piedmont (Kingdom of Sardinia) and Italy in the period of its national unification, ideologist and leader of the liberal-monarchist bourgeoisie and liberal nobility which had become bourgeois.*” Apud “*Translations from the Soviet Encyclopedia – Biographies*”. Documento de 13/04/1955. NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

*internacionais e um dos centros da reação internacional o Vaticano surge como um vigoroso inimigo da paz e da democracia.”*²³⁷

Seria possível que os verbetes da Grande Enciclopédia Soviética, de 1951²³⁸, chegaram a ser publicados no Brasil? Teriam os jornalistas comunistas extraído seus dogmas e paradigmas de livros como este? Membros do Partido Comunista do Brasil, na ilegalidade na década de 1950²³⁹, teriam contato com aqueles livros apontados nos relatórios de inteligência da USIA? Simpatizantes do comunismo, ou simplesmente críticos dos Estados Unidos no Brasil, encontrariam fundamentos para suas posições? Ou ainda mais importante, os soviéticos sabiam o que sentiam e pensavam os brasileiros na Guerra Fria? Havia afinidade ideológica entre as duas nações? Estas eram questões que ocupavam os funcionários da USIA.

*“[...] VILLA-LOBOS, Heitor (n. 1881) – Compositor brasileiro, autor de muitos trabalhos em vários gêneros musicais – óperas, balés, sinfonias, longas peças para várias combinações instrumentais (‘refrões’) e outros. Realizou grandes esforços para apreender e estudar o folclore brasileiro (em particular a música dos índios e negros), Villa-Lobos usa melodias populares nas suas obras. O método artístico de Villa-Lobos, contudo, é baseado na experimentação formalista no campo da harmonia, na invenção de gêneros artificiais, complexidade de ritmo e polifonia, os quais são estranhos ao espírito e estrutura da música popular. [...]”*²⁴⁰

²³⁷ “[...] *A true guardian of capitalist interests and one of the centers of international reaction the Vatican appears as a fierce enemy of peace and democracy.*” Apud *“Translations From the Soviet Encyclopedia – Religion – The Vatican”*. Documento de 25/04/1955. NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

²³⁸ Informação indicada pelo autor do documento das traduções.

²³⁹ O PCB foi colocado na ilegalidade no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, em 1947. Os membros do congresso filiados ao partido tiveram seus direitos cassados. Na época, a cassação foi justificada no alinhamento do Partido às decisões oriundas do PCUS, o que era abertamente declarado por Luis Carlos Prestes, líder do PCB. A convulsionada história do PCB pode ser encontrada em CARONE, Edgar. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1982.

²⁴⁰ “[...] *VILLA-LOBOS, Heitor (b. 1881) – Brazillian composer, author of many works in various musical genres – operas, ballets, symphonies, long pieces for various instrumental combinations (‘chorus’) and others. Going to great lengths to collect and study Brazillian folklore (in particular the music of the Indians and Negroes), Villa-Lobos uses folk melodies in his works. Villa-Lobos’ artistic method is, however, based on formalist experimentation in the field of harmony, the invention of artificial genres, complexity of rhythm, and polyphony, which are foreign to the spirit and*

O verbete “*Heitor Villa-Lobos*” contido na Grande Enciclopédia Soviética foi traduzido pela USIA e publicado em relatório desclassificado, datado de 14 de maio de 1956. Antes da tradução, o relator americano fazia uma análise sofisticada sobre a forma como o compositor brasileiro era tratado pela literatura soviética. Além disso, dava pistas importantes sobre como os comunistas encaravam a arte:

“[...] O internacionalmente famoso compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos é aclamado por quase 40 anos como um dos mais prolíficos e espetaculares compositores das Américas. [...] A Grande Enciclopédia Soviética reduz a fama de Villa-Lobos a uma breve e pouco favorável identificação do homem com seu trabalho [...]. A Enciclopédia poderia até ir mais longe, uma vez que os decretos do partido Comunista condenaram tanto o individualismo quanto a inovação. Formalismo é o maior dos pecados: o decreto do partido sobre música, de 11 de fevereiro de 1948, condena tendências formalistas como ‘anti-populares e causadora da liquidação da música. Este decreto ainda é endossado pela liderança atual. Assim, aos olhos do leitor Soviético, o louvor implícito aos trabalhos de Villa-Lobos por suas ligações com o folclore brasileiro deve ser contrabalanceado por ele ser culpado de ‘experimentalismo formalista’.”²⁴¹

Ou seja, se não fosse um reproduzidor de modelos musicais “formalistas”, Villa-Lobos até poderia ser melhor avaliado pelos autores de manuais ideológicos soviéticos. Afinal, o compositor examinou e incorporou elementos folclóricos tipicamente brasileiros nos seus arranjos. Se ele não cedesse a tendências “estranhas ao espírito da música popular” talvez ele pudesse ser equiparado ao talento artístico de Nicolás Guillén ou Pablo Neruda, autores celebrados pela doutrina

structure of folk music. [...]”. “Translations from the Soviet Encyclopedia – Composers – Heitor Villa-Lobos”. Documento de 14/05/1956. NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

²⁴¹ “[...] The internationally-famous Brazillian composer, Heitor Villa-Lobos has been acclaimed for almost 40 years as one of the most prolific and spectacular composer of the Americas. [...] The Large Soviet Encyclopedia defers to Villa-Lobos’ fame to the extent of the brief and none-too-favorable identification of the man and his works [...]. The Encyclopedia could scarcely go further, for the Communist party decrees have condemned both individualism and innovation. Formalism is the greatest sin: the Party decree on music, of February 11, 1948, condemned formalistic trends as ‘anti-popular and leading in practice to the liquidation of music’. This decree is still endorsed by the present leadership. Thus, in the eyes of the Soviet reader, the implied praise of Villa-Lobos’ works for their connection with Brazilian folklore is offset by the knowledge that he is guilty of ‘formalist experimentation.’” Idem.

comunista. Sob o olhar do tradutor/analista americano, talvez os soviéticos enxergassem as sementes de um útil nacionalismo na obra de Heitor Villa-Lobos, mesmo que para tanto tivesse que passar pelo devido crivo. Mas apesar de criticado pelos também pelos soviéticos, talvez o nacionalismo de Villa-Lobos pudesse ser prejudicial aos esforços americanos. Havia uma brecha nas defesas da América: a cultura. E talvez os comunistas pudessem explorá-la.

IV.II – O protótipo brasileiro

Após três anos desde sua criação era de esperar que a USIA já tivesse uma razoável regularidade de atividades em 1956. Os relatórios especiais produzidos pelos funcionários da agência circulavam entre as várias instâncias da administração dos Estados Unidos. Muitos deles tratavam de atualizações de relatórios anuais anteriores. Continham acréscimos ou alterações pontuais dentro de temas de interesse variados e em diferentes situações. Uma atividade aparentemente constante eram os relatórios sobre as ações de propaganda praticadas pelos comunistas em diferentes esferas regiões do mundo. À USIA cabia verificar como pensavam e agiam os propagandistas comunistas. Assim,

“[...] No que tange à América Latina, os Comunistas têm um grande tema, qual seja, que os Estados Unidos dominam a região politicamente, militarmente, economicamente e culturalmente, e portanto é responsável por todos os males que recaem sobre estes países. Num cenário mundial, a propaganda comunista apresenta os Estados Unidos como uma agressiva potência belicista preparando-se para mergulhar os povos do mundo numa terceira guerra mundial de modo a satisfazer ambições de dominação mundial. Por outro lado, a União Soviética é mostrada como uma nação ‘amante da paz’, que busca conter os americanos ‘ensandecidos pelo poder’ e assim preservar a paz mundial [...]”²⁴²

²⁴² “[...] So far as Latin America is concerned, the Communists have one main theme, i.e., that the US dominates the area politically, militarily, economically and culturally, and hence is responsible for all the ills to which these countries have fallen heir. On the world stage, Communist propaganda presents the US as an aggressive, war-mongering power

Se os americanos queriam conter os avanços do comunismo na América Latina, era necessário reconhecer que os comunistas os acusavam de todos os males que assolavam estes países. Seriam os americanos, e não os soviéticos, os fomentadores de tensões militares ao redor do globo. Segundo a propaganda soviética, os comunistas eram os verdadeiros guardiães da paz internacional, soldados de uma campanha contra a exploração econômica e cultural liderada pelos “ensandecidos” americanos. Mas esta era uma batalha em que os comunistas precisavam de uma vantagem numérica.

“[...] A filiação geral nos Partidos Comunistas Latino-Americanos é estimada entre 250.000. Isto indica que os Comunistas conseguiram conservar algumas das perdas sofridas em 1947-48 quando o total de filiados caiu do número pico de 330.000 no pós 2ª Guerra Mundial para uma baixa de por volta de 200.000.”²⁴³

A cifra dos cerca de 250.000 filiados a Partidos Comunistas era um dos destaques que abriam o relatório da USIA “*Atividades da Propaganda Comunista na América Latina – 1955*”²⁴⁴, datado de 29 de fevereiro de 1956. Houve uma queda desde o fim da 2ª Guerra. Mas naquele ano o número era razoavelmente estável. Destacava-se também naquele relatório, havia um sensível aumento de relações diplomáticas, intercâmbios e trocas comerciais entre o bloco soviético e as nações da América Latina no ano de 1955. Havia de se considerar as atividades de propaganda dentro do contexto adequado. Os comunistas estavam ganhando terreno na América Latina.

preparing to plunge the peoples of the world into a third world war in order to satisfy its ambitions for world domination. On the other hand, the Soviet Union is presented as a ‘peace-loving’ country, which seeks to restrain the ‘power mad’ US and thus preserve world peace. [...] “Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955”. Documento de 29/02/1956. Apud “Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955”. NARA, RG 306, A1 1022, Box 6. Ver Anexo XI.

²⁴³ “[...] Overall Latin American Communist Party membership is estimated to be over 250.000. This indicates that the Communists have managed to recoup some of the losses suffered in 1947-48 when total membership dropped from the post World War II peak figure of 330.000 to a low of about 200.000.” Idem.

²⁴⁴ Idem.

Ao que reconheciam os observadores da USIA, os números da atuação comunista estavam aumentando, a despeito do fato de que entre os vinte Partidos Comunistas na América Latina, quinze eram ilegais em 1955. Exemplo claro era o Partido Comunista do Brasil (PCB), o então quarto maior Partido Comunista no “mundo livre”. Mesmo na ilegalidade, tinha mais de 100.000 filiados, aproximadamente o dobro do número de filiados em 1953 segundo o relatório. O Partido Comunista Argentino (PCA), um dos poucos na legalidade, afirmava ter arregimentado 10.000 novos filiados em 1954, um crescimento de 30% em relação a 1953. Além dos novos associados, os comunistas estariam conquistando novos simpatizantes, estabelecendo novas organizações além de fortalecendo as antigas, muitas vezes em alianças com organizações não-Comunistas. O analista americano apontava, estava ocorrendo uma “pulverização” das frentes comunistas na América Latina. Uma “descentralização” das ações de propaganda e multiplicando a divulgação de filmes, conteúdos de rádio, publicações e promoção de intercâmbios. Portanto, a “ameaça” comunista na América Latina não emanava particularmente da força numérica dos Partidos Comunistas (embora fossem significativos). A verdadeira força comunista estava nas situações que os permitiam se identificar até com os grupos *não-comunistas*. Preferencialmente, buscava-se apoio nos elementos nacionalistas, se escorando em sentimentos tradicionais anti-americanos presentes na América Latina.²⁴⁵ Ou seja, o comunismo estava se propagando na América Latina ao se associar com os “nacionalismos”.

O relatório “*Atividades de Propaganda [...]*” era desclassificado, composto de 27 páginas e tinha uma distribuição voltada para o Departamento de Estado, Departamento de Defesa,

²⁴⁵ “[...] *The Communist menace in Latin America stems not so much from the numerical strength of the Communist Parties themselves and their various fronts, however, as from situations which permit them to identify themselves more closely with non-Communist extremist interests, particularly nationalistic elements, in generating and capitalizing upon the traditional anti-US sentiment present in the area.*” Idem.

Conselho de Coordenação de Operações, CIA e dos postos USIS em Fort-de-France (Martinica), Kingston (Jamaica) e Port-of-Spain (Trinidad Y Tobago)²⁴⁶. Ou seja, tinha como públicos-alvo os funcionários de órgãos de inteligência e do Poder Executivo, além de oferecer parâmetros para os postos USIS em outros países da América Latina. Este documento apresentava entre outros destaques o item *Mídia* em que se lê:

*“[...] Novas publicações comunistas, tanto estrangeiras quanto domésticas, apareceram na América Latina em 1955, e muitas publicações que já eram estabelecidas aumentaram sua circulação. Mais filmes soviéticos foram exibidos. O bloco Soviético aumentou agudamente (167 por cento) sua difusão de rádio em língua espanhola na região.”*²⁴⁷

Além dos canais difusores que já existiam na América Latina, outros começavam a surgir, especialmente por meio do rádio. O objetivo dos propagandistas comunistas, apontava o relatório, era *“alienar a América Latina dos Estados Unidos e criar uma instabilidade política e econômica na região como forma de preparação para a eventual tomada de poder pelos comunistas”*²⁴⁸. Nesse sentido, como prática do Agitprop²⁴⁹, os Estados Unidos eram apresentados como um “explorador” e a América Latina como uma “vítima”. A cooperação entre os americanos e os latinos em qualquer campo – político, militar, econômico ou cultural – era vista como evidência da “dominação” americana. Apoiadores das políticas norte-americanas na América Latina eram

²⁴⁶ Muitos, mas nem todos, dos relatórios produzidos pela USIA apontavam os órgãos governamentais americanos aos quais eram dirigidos, no caso CIA, Conselho de Coordenação de Operações, Defesa, Estado e postos USIS. Alguns documentos também traziam uma rubrica indicando autoria ou simplesmente a origem do relatório, neste caso, “IRI/P/Latin American Branch”, ou algo como “Setor de Pesquisa e Inteligência/Secretaria de Programas/Frente de América Latina”. O siglário da USIA passou por diversas alterações e muitas informações que as esclarecem estão disponíveis nas pastas de indexação do RG306 no National Archives.

²⁴⁷ “[...] *New Communist publications, both foreign and domestic, appeared in Latin America in 1955, and many established publications increased their circulation. More Soviet bloc films were shown. The Soviet bloc increased sharply (167 percent) its Spanish language broadcasts to the area.*” Apud “*Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955*”. Documento de 29/02/1956. NARA, RG 306, A1 1022, *Intelligence Bulletins*, Box 6.

²⁴⁸ “[...] *Communist propagandists seek to alienate Latin America from the US and to create political and economic instability in the area in order to ‘soften’ it for the eventual Communist take-over.*” Idem. P. 3

²⁴⁹ Como apontado no Capítulo II, o Agitprop, de “agitação e propaganda”, era o órgão “equivalente” à USIA na União Soviética, responsável por promover a propaganda do Partido Comunista Soviético pelo mundo.

denunciados como “fascistas” e “lacaio dos Estados Unidos”. A propaganda comunista buscava convencer a todos – exceto os setores mais reacionários – a formarem uma “frente democrática nacional” comprometida com a independência nacional e anteposta ao imperialismo americano.

Ao longo de 1955, incitar e angariar o apoio do operariado urbano, ou de uma baixa classe média, ou então de setores intelectuais – como grupos artísticos – não seria uma novidade para a atuação dos propagandistas comunistas. Afinal estes grupos comporiam justamente as vanguardas revolucionárias que teriam (ou que idealmente teriam) realizado a revolução bolchevique de 1917. A inovação, apontava o documento, estava no apelo às assim chamadas “burguesias nacionais” que ainda não haviam se vendido ao “imperialismo Yankee”, além de um inédito apelo aos pequenos fazendeiros e trabalhadores rurais²⁵⁰. Ou seja, os comunistas açulavam o alinhamento de qualquer força que destoasse dos interesses americanos. Ou então instigavam formas de comprometer as cooperações entre Estados Unidos e os países latinos. Nesse intuito, as organizações comunistas regionais agiam de forma até mesmo contraditória, perfilando ao lado daqueles que anteriormente eles mesmos denunciavam como “fascistas”. Assim, por exemplo, no Brasil,

“[...] O PCB, depois do fracasso dos seus esforços em lançar um candidato ‘trabalhista’ apoiado pelos Comunistas à presidência, subitamente transferiu seu apoio a um candidato, ao qual eles tinham anteriormente denunciado, explicando que a mudança de posição era baseada na oposição do candidato ao golpe militar alegadamente sendo planejado pelos Estados Unidos e seus aliados fascistas brasileiros.”²⁵¹

²⁵⁰ “[...] They appealed not only to urban workers, the lower middle class, and intellectuals, but to those sections of the so-called national bourgeoisie who have not ‘sold out to the Yankee imperialists’, and to small farmers and rural workers.” Idem, p. 2.

²⁵¹ “[...] the PCB, after failing in its efforts to run a Communist-supported ‘labor’ candidate for the presidency, suddenly switched its support to a candidate, whom it had previously denounced, explaining that their change of position was based on the candidate’s opposition to the military coup allegedly being planned by the US and its Brazilian ‘fascist’ allies.”. Idem.

A situação descrita pelo trecho alude ao apoio do PCB à candidatura para presidente do então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek (do Partido Social Democrático, de tendência liberal). Ao lado dele estava o candidato a vice, o gaúcho João Goulart (do Partido Trabalhista Brasileiro, de caráter nacionalista e varguista). Eles concorrerem nas eleições de 3 de outubro de 1955 contra as chapas de Juarez Távora (pela União Democrática Nacional), Adhemar de Barros (pelo Partido Social Progressista) e Plínio Salgado (pelo Partido de Representação Popular). A oposição a qual o PCB teria se colocado era em relação a Café Filho, que havia assumido a presidência desde 24 de agosto de 1954, data do suicídio de Getúlio Vargas. E também a Carlos Luz, presidente da Câmara dos Deputados e sucessor na presidência em caso da renúncia de Café Filho. Segundo Carlos Guilherme Mota, Café-Filho organizou um ministério udenista que, economicamente orientado por Eugenio Gudín, “*tomou medidas que escancaravam as portas para o capital estrangeiro*”²⁵² O receio de Café Filho e dos demais udenistas no governo era de que os nacionalistas tomassem o poder pela via popular nas eleições de outubro, algo contra o que os militares “conspiravam abertamente”. Já o Partido Comunista do Brasil,

*“[...] apoia e indica aos sufrágios do povo as candidaturas à presidência e vice-presidência da República dos srs. Juscelino Kubitschek e João Goulart, os quais, através de pronunciamentos públicos, já se declararam dispostos a lutar contra o golpe, em defesa da Constituição e das liberdades democráticas e pela melhoria das condições de vida do povo. A vitória das candidaturas Kubitschek e Goulart será a derrota dos generais golpistas, dará um novo impulso às forças democráticas e patrióticas e poderá determinar importante modificação na correlação de forças políticas, favorável à democracia, à paz, à independência e ao progresso do Brasil.”*²⁵³

²⁵² MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil – Uma interpretação*. São Paulo: SENAC, 2008, p. 760. Sobre o tema ver também em BENEVIDES, M. V.. *O PTB e o Trabalhismo (partido, sindicato e governo em São Paulo)*. São Paulo: CEDEC/Brasiliense, 1989.

²⁵³ Apud *Imprensa Popular*, Ano VIII, n. 1592. Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1955. Disponível em http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_87_2418.pdf Acesso em 7/09/2015. Também disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/36.pdf> Acesso em 7/9/2015.

Após uma vitória de 36% dos votos, Kubitschek e Goulart deveriam assumir seus cargos segundo os ritos constitucionais em 1956, com a passagem de cargo a ser realizada por Café Filho. O presidente, no entanto, afastou-se do cargo após um alegado infarto. O presidente da Câmara, Carlos Luz, seguinte na linha de sucessão depois de Café Filho, assumiu o cargo em novembro de 1955 e tentou demitir o Ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, “fiel da balança” na delicada situação. Diz Mota, “[...] *O general não aceita, enfrenta o presidente em exercício e dá o chamado ‘golpe da legalidade’: o Exército, com o aval do Congresso, dá posse ao presidente do Senado, o catarinense Nereu Ramos, para garantir por sua vez a posse dos eleitos.*”²⁵⁴

O relatório “*Atividades de Propaganda*” de 1956 estava correto? Os comunistas brasileiros mudavam de atitude em nome de vantagens políticas que debilitassem o poder da direita no Brasil? Considerando que o Partido Comunista do Brasil operava na ilegalidade e tinha suas ações pulverizadas em várias frentes, é seguro dizer que sim. Não havia nenhum candidato que chegasse mais perto dos objetivos deles do que JK e Jango²⁵⁵. No entanto, isso é menos saliente do que a forma que a USIA reconhecia nos acontecimentos brasileiros modelos para explicar a situação da América Latina. O Brasil era como um parâmetro de compreensão para os outros órgãos do governo americano, como a CIA e o Departamento de Estado. Mas a seleção do “modelo” brasileiro não era aleatória.

Segundo observava o relator da USIA, o movimento comunista internacional tinha como meta final na América Latina a derrubada do capitalismo e o estabelecimento de uma ordem

²⁵⁴ Op. Cit. MOTA, p. 760.

²⁵⁵ Ao comentar sobre a eleição de Kubitschek, Nelson A. Rockefeller escreveu ao então presidente americano Dwight Eisenhower e avaliava “[...] *Do meu ponto de vista, parece haver uma grande chance de as relações entre o Brasil e os Estados Unidos serem muito mais próximas do que nunca, sob sua liderança*” Apud TOTA (Op.Cit.), p. 285. Segundo aponta Tota, no dia seguinte à posse de Juscelino, o vice de Eisenhower, Richard Nixon comprometeu-se a acelerar o empréstimo de 35 milhões de dólares para ser investido na CSN.

comunista nestes países. Isso não seria diferente dos objetivos soviéticos para o resto do mundo. Contudo, os comunistas eram cientes de reconhecer sua relativa fraqueza na região. Além disso, muitos países da América Latina ainda não haviam passado pelo estágio de um “governo progressista”, requerimento para tomada de poder do proletariado por meio do Partido Comunista. Outra linha de ação era necessária.

“[...] Isto é claramente revelado no programa do Partido Comunista do Brasil, que se tornou o protótipo para os programas de outros Partidos Comunistas na América Latina. Como resultado, os Comunistas têm um objetivo mais modesto e de curto prazo para a América Latina, qual seja, a alocação do poder político nas mãos de grupos hostis aos Estados Unidos.”²⁵⁶

Com o objetivo de estabelecer uma ordem comunista no futuro, o protótipo para os programas dos Partidos Comunistas da América Latina era o modelo brasileiro. Era um formato padrão. Enfraquecidos pela ilegalidade dos partidos ou pela imaturidade da estrutura política na região, os comunistas buscariam a associação com qualquer grupo “hostil” aos Estados Unidos. Fosse nacionalistas, trabalhistas, ruralistas, até mesmo burguesias “não vendidas ao imperialismo Yankee”, todos poderiam ser influenciados e unir-se numa “frente popular” sob o objetivo da derrubada do capitalismo. Afinal, fazia crer a propaganda soviética, todos os males que assolavam a América Latina remetiam a uma origem comum, a exploração norte-americana. Nesse sentido, um dos maiores sucessos dos comunistas teria sido a vitória eleitoral de Juscelino

²⁵⁶ “[...] *The Communist movement has as its ultimate objective for Latin America, as for other parts of the world, the overthrow of ‘capitalism’ and the establishment of a Communist order. However, the Communists recognizes their relative weakness in the area and the fact that underdeveloped countries, such as those of Latin America, probably must pass through intermediate stages of ‘progressive’ government before the soil will be sufficiently prepared for the seizure of power by the proletariat and its leader, the Communist Party. This is clearly revealed in the program of the Brazilian Communist Party which has become the prototype for the programs of other Communist Parties of Latin America. As a result, the Communists have a more modest short-term objective for Latin America, i.e., the location of political power in the hands of groups hostile to the US.*” Apud “*Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955*”. Documento de 29/02/1956. NARA, RG 306, A1 1022 – *Intelligence Bulletins*, Box 6.

Kubitschek e João Goulart em 1955. Astutamente, os comunistas do PCB perfilaram ao lado dos vencedores atribuindo uma vitória contra “*os golpistas a serviço do imperialismo norte-americano*”. Ganharam uma vantagem contra os conservadores que utilizavam todos os pretextos para tentar justificar um novo golpe de Estado que implantaria no país “[...] *uma ditadura militar fascista, que acabe com os últimos vestígios de liberdade, com os direitos e conquistas dos trabalhadores, que permita a entrega das riquezas nacionais aos monopólios norte-americanos.*”²⁵⁷ A influência comunista tinha ali, nos sentimentos nacionais anti-conservadores ou anti-americanos, a atmosfera adequada para sua propagação.

IV.III – O “vírus comunista” contamina o Brasil

Em março de 1949, o então presidente Eurico Gaspar Dutra foi o primeiro a dar passos oficiais na direção da exploração do petróleo brasileiro. Arguindo sobre a necessidade de capacidades técnicas e financeiras essenciais para o empreendimento, Dutra e João Carlos Barreto, então presidente do Conselho Nacional do Petróleo, sinalizavam apoio a uma legislação que abria o país a companhias petrolíferas internacionais. Contudo, sentimentos nacionalistas já tinham sido incitados e muitos ganharam voz no Centro Nacional para o Estudo e Defesa do Petróleo (CNEDP), criado em 1948, cujos presidentes honorários eram o ex-presidente Arthur Bernardes, os generais Julio Horta Barbosa e Raymundo Sampaio, e o jornalista Matos Pimenta. Sub-comitês e agremiações locais derivadas do CNEDP se espalharam pelo país em níveis estaduais e municipais. Muitos destes grupos “[...] *estavam sob o controle comunista e aparentemente o PCB os usava para fortalecer sua própria organização e para atacar os Estados Unidos.*”²⁵⁸

²⁵⁷ Apud *Imprensa Popular* (Op.Cit.).

²⁵⁸ “[...] *were largely under Communist control and apparently the PCB used them to strengthen its own organization and to attack the US.*” “*Communist Attempts to Obstruct Development of Petroleum Industry In Brazil*”. Documento

Como apontado, embora os comunistas e seus aliados nacionalistas constituíssem não mais do que uma minoria dentro e fora do governo, a campanha deles pela exploração nacional do petróleo havia ganhado força desde antes, pelo menos 1947, e teve grande sucesso em excitar a opinião pública sobre o tema. Foram campanhas realizadas pelo PCB, jornalistas, intelectuais e também pela União Nacional dos Estudantes, a UNE. Dizia o documento “*Tentativas Comunistas de Obstruir o Desenvolvimento da Indústria do Petróleo no Brasil*”,

“[...] *Embora até os mais responsáveis elementos no Brasil reconheçam a necessidade de cooperação estrangeira no desenvolvimento da indústria do petróleo, eles não foram suficientes para articular um contrapeso às influências nacionalistas e se tornaram gradualmente ineficazes, politicamente falando, em defender aquilo que se tornou uma tese impopular.*”²⁵⁹

Como em outros relatórios de temática similar, o documento, datado de 28 de janeiro de 1955, era dirigido à circulação interna da USIA, ao Departamento de Estado, Departamento de Defesa, ao Conselho de Coordenação de Operações e à CIA. A mera insinuação de auxílio americano na exploração do petróleo havia se tornado um tópico incendiário, “uma tese impopular”. A força dessa impopularidade teria surgido no seio das lideranças internas do CNEDP, onde diversos comunistas teriam se posicionado em cargos chave e direcionado as deliberações daquele Centro. O lema “O petróleo é nosso” teria sido justamente inspirado pelos comunistas que

de 28/01/1955. Apud NARA, RG273, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 4. Ver Anexo VIII.

²⁵⁹ “[...] *Although the Communists and their nationalist allies constituted only a minority both within and without the Government, their campaign gained considerable strength and succeeded in arousing public opinion to the point where petroleum became the topic of the day. Even though the more responsible elements in Brazil realized the necessity for foreign cooperation in the development of the petroleum industry, they were not sufficiently articulate to counterbalance the nationalistic influences and it became increasingly inexpedient, politically speaking, to defend openly what had become an unpopular thesis.*” Idem.

realizavam os trabalhos naquele órgão civil.²⁶⁰ A resposta a todas as opiniões e campanhas foi a Lei n. 2.004 de 3 de outubro de 1953, que determinava:

“[...] Art. 1º *Constituem monopólio da União:*

I – a pesquisa e a lavra das jazidas de petróleo e outros hidrocarbonetos fluídos e gases raros, existentes no território nacional;

II – a refinação do petróleo nacional ou estrangeiro;

*III – o transporte marítimo do petróleo bruto de origem nacional ou de derivados de petróleo produzidos no País, e bem assim o transporte, por meio de condutos, de petróleo bruto e seus derivados, assim como de gases raros de qualquer origem”.*²⁶¹

A Lei n. 2.004, assinada pelo presidente Getúlio Vargas era a que criava a Petrobras, empresa nacional e fonte de enormes polêmicas na política brasileira²⁶². Mas a despeito dos resultados da polêmica do petróleo no Brasil chama a atenção os grupos que o relator da USIA identificava como pivôs da sensibilização nacional: além do PCB, de jornais ou líderes políticos nacionalistas, indicava-se também elementos da UNE²⁶³.

²⁶⁰ A situação não seria livre de controvérsias, uma vez que era composto por nacionalistas, socialistas, além dos comunistas. Esta influência, segundo a USIA, desagradava os presidentes de honra da instituição, o que levou ao PCB a orientar os seus membros dentro do CNEDP a esconderem seus verdadeiros propósitos, afinados com as diretrizes soviéticas.

²⁶¹ A Lei n. 2.004 de 1953, que determinava o monopólio da União sobre a exploração do petróleo teve várias alterações desde sua criação, mas manteve-se essencialmente inalterada até 1997. Naquele ano ela foi integralmente revogada pela Lei 9.478, assinada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, um ato administrativo que abria a Petrobras ao capital aberto. A leitura integral da Lei 2.004 está disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L2004.htm Acesso em 8/09/2015.

²⁶² Ver sobre o assunto também em NETO, Lira. *Getúlio 1945-1954 – De volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 264-266.

²⁶³ “[...] *In 1947 the Communists in São Paulo and Communist elements in the National Student Union (UNE) in Rio de Janeiro, under the direction of the Communist Party of Brazil (PCB), launched a campaign against the development of Brazilian petroleum deposits by US interests.*” Documento de 28/01/1955. Apud NARA, RG273, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandums and Summaries*, Box 4.

O tema das riquezas nacionais, aludido pelo manifesto do PCB de 1955, era um ponto sensível na batalha cultural entre o Agitprop e a USIA. Afinal, as identidades nacionais latino-americanas estavam vinculadas historicamente à exploração destas matérias-primas. Ora, o mesmo valeria para os americanos, pois a forma desta exploração era um dos princípios fundadores dos próprios Estados Unidos. Um funcionário público do governo americano em 1956 saberia (ou deveria saber), um dos temas mais polêmicos depois da aprovação da Constituição Americana em 17 de setembro de 1787²⁶⁴ foi justamente a taxação de rendimentos sobre fontes nacionais. Refletia Alexander Hamilton em 4 de janeiro de 1788,

“[...] Para um julgamento mais preciso dos verdadeiros méritos desta questão, será benéfico indicar a proporção entre as matérias que exigem um provimento federal em respeito aos seus rendimentos, e aqueles que irão requerer uma provisão do Estado. Descobriremos que o primeiro é de modo geral ilimitado, e que o segundo é circunscrito a limites extremamente moderados. Ao explorarmos tal questão, temos que ter em mente que não devemos confinar nossa visão ao tempo presente, mas devemos enxergar na remota futuridade. Constituições de governos civis não devem ser encerradas em cálculos de exigências atuais, mas sobre uma combinação destas com as prováveis exigências das eras, de acordo com um testado e natural curso dos assuntos humanos.”²⁶⁵

O tópico das taxações sobre rendimentos estaduais e a distribuição de auxílios federais era parte de um acalorado debate entre Hamilton, James Madison e John Jay, textos que ficaram conhecidos como os “Artigos Federalistas”. O debate ganhava seu palco no Congresso dos Estados

²⁶⁴ Disponível em <http://constitutionus.com/#dates> Acesso em 08/09/2015.

²⁶⁵ “[...] *To form a more precise judgment of the true merits of this question, it will be well to advert to the proportion between the objects that will require a federal provision in respect to revenue, and those which will require a State provision. We shall discover that the former are altogether unlimited, and that the latter are circumscribed within very moderate bounds. In pursuing this inquiry, we must bear in mind that we are not to confine our view to the present period, but to look forward to remote futurity. Constitutions of civil government are not to be framed upon a calculation of existing exigencies, but upon a combination of these with the probable exigencies of ages, according to the natural and tried course of human affairs.*” Apud *The Same Subject Continued: Concerning the General Power of Taxation* IN *The Federalist Papers*. Disponível em http://thomas.loc.gov/home/histdox/fed_34.html Acesso em 8/09/2015.

Unidos em 1788. Levaria ainda décadas até que consensos sobre o tema fossem estabelecidos²⁶⁶, e mesmo assim seguiriam a advertência de Hamilton, de que certas decisões deviam ser concebidas de forma a se adaptarem a exigências futuras. Nessa discussão prevalecia, no entanto, um zelo implícito com as matérias-primas e um declarado cuidado na exploração das riquezas que deitavam sob o solo dos Estados Unidos. Seria natural pensar que um analista da USIA reconhecesse sentimento semelhante ao observar a forma com que as instituições brasileiras tratavam seus recursos. Seria natural, também, que ele não quisesse que tais recursos, tão preciosos, caíssem nas mãos dos soviéticos. No entanto era justamente algo que o funcionário advertia estar acontecendo. Segundo o relatório de 1956, no que tange aos recursos naturais da América Latina, a propaganda comunista havia alcançado consideráveis sucessos. Nestes casos,

“[...] os comunistas capitalizaram sentimentos nacionalistas que tornaram estes países suscetíveis ao vírus comunista. No Brasil, onde a atual lei do petróleo (Petrobras) torna impossível ao capital estrangeiro participar no desenvolvimento da indústria petrolífera do país, os Comunistas acentuaram sua campanha de propaganda contra a mudança da lei atual e incitou o nacionalismo e orgulho brasileiro, elevou a sensibilidade do tema a tal ponto que poucos líderes políticos, a despeito de suas visões pessoais, ousaram se colocar em oposição à Petrobras. Ao fim de 1955, os Comunistas mantiveram essa chama acesa e a Petrobras se manteve inalterada.”²⁶⁷

²⁶⁶ Afinal, a autonomia fiscal e administrativa dos estados em oposição a imposição de leis federais foi a raiz da Guerra de Secessão americana, entre 1861 e 1865. Um dos objetos de contenda era justamente a defesa da legalidade da escravidão entre os estados sulistas. Para os Confederados sulistas o governo federal não tinha direito de abolir uma instituição de trabalho que era a verdadeira fonte de renda de muitos latifundiários. Para os eles, além de qualquer discussão humanitária, a guerra civil era uma batalha por um princípio fiscal e jurídico. Sobre isso ver em TOTA, Antônio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009. Pp. 73-84

²⁶⁷ “[...] *With respect to the development of Latin America’s natural resources, two significant Communist propaganda successes may be mentioned. In both these cases the Communists capitalized upon nationalistic sentiments which made these countries susceptible to the Communist Virus. In Brazil, where the current petroleum law (Petrobras) makes it impossible for foreign capital to participate in the development of the country’s oil industry, the Communists stepped-up their propaganda campaign against changing the law and, playing upon Brazilian pride and nationalism, raised the sensitivity of this issue to such a high point that few political leaders, regardless of their private views, dared take a stand in opposition to Petrobras. As 1955 closed, the Communists continued to keep the fire burning and Petrobras remained unchanged.*” Apud “*Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955*”. Documento de 29/02/1956. NARA, RG 306, A1 1022, *Intelligence Bulletins*, Box 6, p. 25.

O Brasil, modelo para a compreensão da América Latina entre os órgãos estratégicos americanos, estava em uma posição delicada. Mesmo subtraídos da força eleitoral de um partido legalizado, os comunistas teriam encontrado formas alternativas de atuação. O país tinha potenciais petrolíferos. Recursos que, se bem empregados, garantiriam autonomia econômica dos brasileiros. Assim, os comunistas, por meio da propaganda, estimulavam os sentimentos nacionalistas que protegeriam o petróleo brasileiro dos “exploradores americanos”. Nem aqueles líderes políticos mais conservadores, antes simpáticos à participação estrangeira na exploração do petróleo, ousariam colocar o tema em questão. Estes eram os ingredientes de uma epidemia anti-americana. Por meio da defesa nacionalista do monopólio da Petrobras na exploração do petróleo, o vírus comunista tinha contaminado o Brasil. Pelo menos, era o que julgava a *United States Information Agency*.

Uma vez que a Lei n. 2.004 de 1953 encerrava as chances de participação americana na exploração do petróleo, o nacionalismo – e por alinhamento estratégico, o comunismo – havia “vencido” a batalha. A propaganda comunista, segundo diagnosticava a USIA, havia conseguido direcionar as sensibilidades políticas dos brasileiros segundo seus interesses. Portanto era necessário se considerar: qual era o tamanho desta “contaminação”? Que setores sociais haviam sido influenciados pelos comunistas? De que forma eles haviam sido atingidos? Era possível reverter essa situação? O que podia ou deveria fazer a USIA para vencer a batalha pelo futuro no Brasil, o modelo da América Latina?

IV.IV- Como produzir “ardorosos defensores da democracia”

Um despacho da embaixada americana no Rio de Janeiro, datada de 30 de abril de 1953, era endereçada ao Departamento de Estado, em Washington DC. Assinada por William A.

Wieland, Oficial de Assuntos Públicos do posto USIS no Rio de Janeiro²⁶⁸, tinha como assunto “*Prospectos para o Brasil na Administração de Informação Internacional no ano fiscal 1954-55*”²⁶⁹ O pacote conteria quatro cópias dos planos para o Brasil, papéis elaborados com o auxílio das seções políticas, administrativas e regionais dos postos consulares no país. O relatório final teria sido aprovado pelo Delegado Chefe da Missão. A “Parte Um” do prospecto, composta de “Disposições Gerais do Programa”, “Projetos” e disposições adicionais, era classificada como “Confidenciais – Informação de Segurança”. A correspondência trazia uma informação sigilosa. O despacho continha uma descrição dos planos dos USIS no Brasil para os anos seguintes. Resumia de que forma USIS e USIA agiriam para alcançar as metas americanas no país. Era uma descrição como a cultura seria empregada para vencer o comunismo tendo em vista quem eram os brasileiros.

O primeiro tópico daquele despacho dizia respeito às atividades a ser desempenhadas pela USIA/USIS. Entre vários alvos, o primeiro eram os programas de cultura de massa. Afinal, organizações de cultura de massa (“*mass media organizations*”) no Brasil seriam dominadas em graus variados por elementos inimigos aos Estados Unidos. A não ser que tais forças fossem suprimidas, elas moldariam a mídia brasileira de modo progressivamente hostil e iriam converter os canais de comunicação de massa numa poderosa força de antagonismo. Para fundamentar esta avaliação o prospecto apontava:

“[...] a. Os editores dos influentes *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* no Rio e *FOLHA DA NOITE* em São Paulo são comunistas; até seu

²⁶⁸ Deve-se lembrar: *United States Information Services* eram os postos “subsidiários” da USIA que atuavam junto às embaixadas e consulados americanos no exterior. “Oficial de Assuntos Públicos”, ou “*Public Affairs Officer*” era o cargo de diretor da USIS na hierarquia da USIA. Como diz Arndt, “[...] *The CAO’s [Cultural Affairs Officer] boss, in US practice since 1917, is the public affairs office or PAO, who heads a field post called USIS for US Information Service - both terms were borrowed from the military.*” Op. Cit. ARNDT, p. xx.

²⁶⁹ “1954-55 IIA Prospectus for Brazil”. Documento de 30/04/1953. Apud NARA, RG 306, A1E55 – *Master Budget Files*, Box 5.

falecimento algumas semanas atrás, o redator chefe e revisor do também tradicionalmente favorável CORREIO DA MANHÃ era um dos líderes intelectuais do partido comunista.”²⁷⁰

Há de se apontar que acusar Orlando Dantas, do *Diário de Notícias*, de ser comunista parece excessivo. O jornal, bastante popular no Rio de Janeiro, entre outras razões, se destacava pela rusga com o jornal rival *O Globo*, de Roberto Marinho. Porém a disputa pouco tinha a ver com inclinações geopolíticas de seus editores. A querela estava relacionada à condenação que Marinho havia feito no Conselho Nacional de Imprensa a jornais que ofereciam prêmios em dinheiro para os leitores. Essa prática era a marca do sucesso do *Diário de Notícias*. Não só isso. O episódio ocorreu em 1941, momento em que histórias em quadrinhos com heróis americanos, como *Superman*, *Batman* e *Capitão Marvel*, estava conquistando leitores, notadamente nos suplementos que eram publicados nos jornais de Roberto Marinho. Este foi o ponto em que Dantas passou a atacar o rival. Na época os quadrinhos eram o centro de uma polêmica sobre a delinquência infantil, além de serem acusados por setores da Igreja Católica de incutirem valores estrangeiros em território nacional, elementos estranhos aos costumes e mentalidades dos jovens leitores brasileiros. Dantas deu amplo espaço para tais acusações por anos, influenciado talvez pelo episódio de 1941. Talvez na virulência dos ataques do *Diário de Notícias* ao jornal de Marinho ou aos heróis norte-americanos dos quadrinhos estejam as raízes da avaliação do observador americano, de caracterizar Dantas como um comunista em 1953.²⁷¹

²⁷⁰ “[...] a. The editors of the influential DIARIO DE NOTICIAS in Rio and FOLHA DA NOITE in São Paulo are communists; until his death a few weeks ago, the chief copy writer and proof reader of the also traditionally friendly CORREIO DA MANHA was one of the communist party’s leading intellectuals.” Idem.

²⁷¹ Sobre o episódio do conflito entre Orlando Dantas e Roberto Marinho, assim como sobre a polêmica das histórias em quadrinho no Brasil, ver em GONÇALO Jr. *A Guerra dos Gibis - A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos – 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Pp. 87-91.

Similar à situação de Dantas, seria improvável que algum brasileiro chamasse Nabantino Ramos, editor da Folha da Noite, de comunista²⁷². O editor foi responsável pela ampliação e reestruturação do periódico segundo modelos empresariais. Nabantino, segundo afirma o jornalista João Batista Natali, “[...] Foi um dos primeiros a estipular com jornalistas um plano de metas e a definir normas internas de trabalho próprias a um manual de redação.”²⁷³ Além disso, Ramos foi um dos críticos ao governo de Getúlio Vargas desde 1950 e dificilmente poderia ser acusado de simpatizante do trabalhismo nacionalista do presidente gaúcho. Portanto, menos ainda de comunismo.

Paulo Bittencourt era o falecido redator chefe e revisor do *Correio da Manhã* em abril de 1953. Segundo artigo de Carlos Eduardo Leal, do CPDOC, o jornal era “inteiramente contra o monopólio estatal do petróleo”²⁷⁴ e chegou a publicar uma entrevista com “Mr. Anderson, presidente da Standard Oil”. Nela, teria sido defendido, com base em pressupostos liberais, um princípio de reciprocidade no que se referia à exploração do petróleo: “[...] os norte-americanos deveriam ter liberdade para explorar petróleo no Brasil, da mesma forma que os brasileiros o poderiam fazer nos Estados Unidos.”²⁷⁵ Mas depois de ser aprovada a Lei 2.004 de 3 outubro 1953, o jornal teria passado a defender “o imenso patrimônio, propriedade do povo brasileiro, contra a exploração política.” Ou seja, antes de outubro daquele ano, não haveria sinais mais evidentes de tendência à esquerda no *Correio da Manhã*.

No despacho de 1953 parecia haver uma tendência em exceder as avaliações sobre a imprensa nacional. Editores que talvez não se afirmassem comunistas eram rotulados como tal.

²⁷² As edições completas do Folha da Noite estão disponíveis em <http://acervo.folha.com.br/fdn> Acesso em 09/09/2015.

²⁷³ Apud <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2106200906.htm> Acesso em 08/09/2015.

²⁷⁴ Texto hospedado no site do CPDOC. Apud <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIO%20DA%20MANHA%C3%83.pdf> Acesso em 8/9/2015.

²⁷⁵ Idem.

Talvez as posições de cada um não fossem suficientemente declaradas para a interpretação do oficial cultural do USIS. Ou talvez o propósito do despacho não fosse expor uma análise sócio-política muito hermética aos leitores do Departamento de Estado. Ou talvez houvesse qualquer outra razão para os equívocos na designação de “comunistas” aos editores do *Diário de Notícias*, *Folha da Manhã* e *Correio da Manhã*²⁷⁶. São dúvidas que a mera leitura do documento não pode esclarecer sem maiores contextualizações. Mas considerando que o redator tivesse se equivocado, que ele realmente tivesse interpretado mal as inclinações ideológicas de alguns dos principais jornais de Rio de Janeiro e São Paulo, os itens seguintes do despacho poderiam sanar possíveis confusões. Mesmo que não fosse apenas o caso de editores de alguns jornais, a influência comunista era até mais ampla:

“[...] b. *A Federação Nacional dos Jornalistas é controlada em grande parte por comunistas. Seu secretariado-geral é o editor trabalhista do órgão do partido comunista IMPRENSA POPULAR.*²⁷⁷ *Os sindicatos dos jornalistas do Rio e São Paulo, e, em graus variados, de outras cidades, são controlados por comunistas.*”²⁷⁸

Uma vez que os meios de comunicação eram dirigidos por personalidades opostas aos interesses americanos, outra atitude seria necessária. Os oficiais de cultura dos USIS e USIA não deviam perder de vista a missão que lhes era encarregada: “[...] *Os programas-alvo dos USIS voltados à comunicações de massa procuram libertar a mídia brasileira tanto quanto possível dos*

²⁷⁶ Não se pode descartar também as próprias limitações da presente pesquisa. Aqui opta-se por conferir maior ênfase ao exame dos modos de atuação da USIA/USIS durante a Guerra Fria do que sobre as oscilações ideológicas da imprensa brasileira no período. Surge aí uma lacuna de estudo a ser preenchida posteriormente.

²⁷⁷ Tratava-se de Pedro Motta Lima, este sim um assumido comunista. As edições do Imprensa Popular, integralmente digitalizadas, podem ser encontradas em http://grabois.org.br/portal/cdm/revistas.capa.php?id_sessao=87&pg=15 Acesso em 08/09/2015.

²⁷⁸ “[...] b. *The National Federation of Journalists is controlled to a large extent by communists. Its secretary-general is the labor editor of the communist party organ IMPRENSA POPULAR. The journalists’ syndicates of both Rio and Sao Paulo, and, to varying degrees, of other cities, are communist controlled.*” Documento de 30/04/1953. Apud NARA, RG 306, A1E55 – *Master Budget Files*, Box 5.

elementos que têm gradualmente mantido seu controle sobre ela.”²⁷⁹ E essa libertação deveria ocorrer de forma direta, envolvendo contato pessoal com líderes nas várias mídias, como donos de editoras, editores, principais colunistas, repórteres, fotógrafos, equipes de diagramação, diretores de rádio-difusoras, escritores. Mas não apenas no campo da mídia impressa, o prospecto do USIS indicava a necessidade de atingir outros setores das comunicações, agentes diretamente envolvidos com o cinema, teatro e televisão, produtores, atores, autores, distribuidores, etc.. Tais contatos seriam feitos pelos postos USIS, outras embaixadas, consulados e pessoal de outras agências em cooperação com o USIS.²⁸⁰

Além de buscar influenciar diretamente aqueles que produziam os conteúdos dos meios de comunicação de massa, era necessário atender a interesses específicos, de acordo com o perfil dos brasileiros. Cabia aos funcionários da USIA e USIS produzir tais materiais que serviriam para subsidiar as matérias produzidas pelos jornais, revistas, livros, peças, filmes ou programas de rádio. Produzir materiais produzidos e dirigidos especialmente para os brasileiros era crucial. Mas além do combate ao comunismo, esta necessidade tinha uma outra justificativa, extremamente árida, pois haveria entre os brasileiros,

“[...] uma profundamente sedimentada convicção de que os Estados Unidos, em contraste a certos países europeus, são uma terra materialista e inculta. Esta convicção preconceituosa é particularmente forte entre os líderes da comunicação de massa que são usualmente os mais influentes líderes de pensamento nas

²⁷⁹ “[...] *The USIS mass media target program aims to free Brazilian media as far as possible from the elements which have been gradually increasing their hold.[...]*” Idem. Há de se considerar que nos Estados Unidos estava acontecendo fenômeno semelhante, grande parte fruto das atividades do Comitê de Atividades Anti-Americanas liderado pelo Senador Joseph McCarthy.

²⁸⁰ “[...] *This program involves personal contact with leaders in the various media (publishers, editors, principal columnists, reporters, photographers, composing room personnel, broadcasting station directors, producers, writers, actors and other personnel, motion picture and theatrical producers, actors, writers, distributors, etc.). these contacts are made by USIS, other Embassy, Consulate and other American agency personnel in cooperation with USIS.*” Ibidem.

*comunidades brasileiras, o que os torna ressentidos da influência americana.”*²⁸¹

Ou seja, não bastando o combate à influência comunista nos meios de comunicação, os oficiais de cultura da USIS/USIA deveriam contra-atacar os preconceitos sobre os Estados Unidos, boa parte enraizados em um apreço dos brasileiros por “certos países europeus”. O suposto “materialismo” americano seria um sentimento que cegaria os brasileiros ao refino cultural que o diretor do USIS-RJ atribuía à sua própria nação. Cabia ao Serviço de Informação dos Estados Unidos desbaratar tal concepção. Nesse sentido, “[...] *Para mudar tais concepções errôneas o USIS deu início a uma extensiva produção de materiais culturais, mas mais são necessários para fortalecer esta série de projetos a um nível maior de efetividade*”²⁸².

A correspondência produzida pelo USIS-RJ classificava alguns pontos-chave para a atuação agência no país. Eram setores sociais e profissionais onde a campanha cultural, se realizada de forma adequada, traria os brasileiros a uma postura mais alinhada às concepções americanas. Assim, além dos profissionais dos meios de comunicação, era preciso, por exemplo, alcançar os funcionários público do país. Sem considerar as Forças Armadas, estes representariam 3% da população ativa do Brasil, o que então era cerca de um milhão de pessoas, ou “*uma força igual a todos os operários de fábrica no Brasil*”²⁸³. Mas havia um volumoso revés:

²⁸¹ “[...] *More material (newspaper copy on current and timeless cultural subjects, photographic sequences of a cultural nature, radio scripts, etc.) is needed for radio stations, newspapers and magazines, television stations, book publishers, etc. to combat a deep-seated Brazilian conviction that the U.S. in contrast to certain European countries is a materialistic, culture-less land. That prejudiced conviction is particularly strong among mass media leaders who are usually also the most influential of the thought leaders in Brazilian communities, making them resentful of U.S. influence.*” Ibidem.

²⁸² “[...] *To change such erroneous concepts the USIS has initiated an intensive and extensive production of cultural materials, but more are needed to boost this series of projects to a higher level of effectiveness.*” Ibidem.

²⁸³ “[...] *Government employees, outside of the Armed Forces, represent three percent of Brazil’s working population. They are located throughout the country, number over a million persons, and represent a force equal to all the factory workers in Brazil.*” Ibidem. É de se questionar se os números levantados pelos Americanos estavam corretos.

“[...] Burocracia é uma força muito maior neste país do que é nos Estados Unidos. Quase toda atividade ou projeto pode ser prejudicada ou completamente paralisada pela postura desfavorável do diretor de uma agência de governo seja nacional, estatal ou local ou até mesmo um pequeno chefe de seção.”²⁸⁴

As peculiaridades das instituições brasileiras deveriam ser adequadamente ponderadas e divulgadas entre os funcionários do Departamento de Estado. Para evitar obstáculos desnecessários seria prudente eles estarem cientes da relação bastante pessoal com que a burocracia servia aos interesses de diretores nacionais, estaduais ou mesmo locais. Mas isso não era tudo. Havia outros setores sociais que deviam ser devidamente considerados. Um deles eram aqueles que compunham as instituições educacionais nacionais. Educadores, professores, alunos e os próprios funcionários do Ministério da Educação eram elementos importantes das ações culturais. Isso porque eles haviam sido assinalados como público-alvo não apenas pela União Soviética, mas por outras forças anti-americanas, como os peronistas.²⁸⁵ Mas embora fosse importante contemplar todos os níveis desse público-alvo e que tenham havido vários esforços para alcançá-los, *“[...] a falta de recursos obrigou o USIS a concentrar a maior parte dos seus esforços nos 1.000.000 de alunos secundaristas e 38.000 alunos universitários das instituições brasileiras.”²⁸⁶*

Explicava aquela correspondência, o posto do *United States Information Services* no Brasil tentava fazer o máximo para alcançar os estudantes brasileiros, afinal entre eles estavam os futuros

²⁸⁴ “[...] *Bureaucracy is a far more potent force in this country than it is in the U.S. Almost any activity or Project can be hindered or completely paralyzed by the unfavorable attitude of the director of a government agency whether national, state or local or even by a minor section chief.*” Ibidem.

²⁸⁵ “[...] *Educators, professor, students and Ministry of Education officers form an important target group because they have been singled out not only by the Soviet Union but by other anti-U.S. forces such as peronism for heavy attention.*” Ibidem.

²⁸⁶ “[...] *Although is important to cover all levels of this target and although efforts are constantly made to reach them, lack of resources has obliged USIS to concentrate most of its effort on the 1.000.000 secondary and 38.000 university students in Brazilian institutions.*” Ibidem.

líderes da nação. Além disso havia de se difundir entre estes estudantes, do ensino secundário até o universitário, sentimentos de simpatia aos Estados Unidos, o que podia ser realizado de várias formas, como a apresentação de materiais didáticos, palestras feitas pelos funcionários consulares ou do próprio USIS, pela exposição de filmes ou então, por meio de intercâmbios. Dizia o prospecto de abril de 1953:

“[...] Neste programa [voltado à educação] a importância da Administração de Informação Internacional e outras bolsas de estudo para estudantes não pode ser subestimada. Elas têm tido um poderoso e salutar efeito com o retorno dos estudantes brasileiros que se tornaram na maior parte dos casos ardorosos defensores da democracia americana. Mais do que poderia ser alcançado com o programa de intercâmbio ainda não foi avaliado no passado porque a cota permitida para a Missão [no Rio de Janeiro] para bolsas de alunos e professores aos estados sempre foi irrealisticamente baixa. A Missão acredita que de todos os recursos para atingir este grupo, o Programa de Intercâmbio de Pessoal é o mais importante e qualquer tipo de planejamento deve contemplar amplas cotas para permitir que cada ano a Missão envie alunos para os Estados Unidos a partir de uma mais ampla variedade de regiões do país.”²⁸⁷

Sentenciava o comunicado, uma das formas mais eficazes de fazer dos brasileiros “campeões da democracia americana” era financiar a visita de estudantes para os Estados Unidos. A carta ainda indicava que era necessária uma ampliação do programa, criando mais bolsas além das cotas então existentes. Além disso era importante que mais brasileiros, de pontos diferentes do país, fossem contemplados por estes auxílios. A batalha pelo futuro na Guerra Fria podia ser vencida assim, com o incentivo aos jovens alunos do Brasil. Mas não só. Havia outros grupos, outros públicos-alvo.

²⁸⁷ “[...] In this program the importance of the IIA and other student grants cannot be overemphasized. They have had a strongly salutary effect on returning Brazilian students who are in most cases converted into ardent champions of American democracy. More that could have been accomplished by the exchange program has not been realized in the past because the quota allowed the Mission for grants for students and teachers to the States has been unrealistically low. The Mission believes that of all the facilities for reaching this group, the Exchange of Persons Program is the most important and any kind of sound planning should allow for large quotas to permit the Mission each year to send students to the U.S. from more widely varied parts of the country.” Ibidem.

O operariado era um dos, senão o principal, grupo sobre o qual recaíam os esforços Soviéticos. As razões para esta escolha eram lógicas: com o aumento da industrialização do país, havia o aumento dos trabalhadores urbanos; uma considerável porcentagem deste operariado seria iletrada, mal organizado e, portanto, suscetível à ação da propaganda comunista. O que a USIA/USIS podia fazer neste cenário?

“[...] A atividade do USIS hoje envolve contato pessoal com líderes trabalhadores e grupos operários; produção de materiais especiais com a orientação destes mesmos líderes trabalhadores e o Adido de Trabalho; suprindo os líderes trabalhistas com as melhores informações possíveis sobre as visões das organizações operárias nacionais americanas sobre democracia e temas de importância internacional; o efetivo aumento de filmes e fóruns de discussão [...]”²⁸⁸

Além do operariado tentava-se alcançar também os segmentos das Forças Armadas, afinal,

“[...] O apoio delas é necessário para alcançar todos os objetivos e todas as tarefas do USIS no Brasil. Seus líderes sempre exerceram uma poderosa influência no governo do país. As forças armadas tradicionalmente se orgulham de serem os ‘defensores da constituição’, mas deve-se ter em mente que eles se fiam nas próprias interpretações da Constituição e se reservam o direito de apoiar ou depor qualquer regime de acordo com o julgamento deles se [o regime] está apropriadamente obedecendo ou excedendo as leis constitucionais. Muitas crises nacionais foram resolvidas ou controladas por intervenções militares abertas ou secretas”²⁸⁹

Depois das Forças Armadas, o despacho do USIS-RJ apontava a necessidade de atingir outro setor social de peso no Brasil, a Igreja Romana Católica. De longe era a maior e mais

²⁸⁸ [...] USIS activity today involves personal contact with labor leaders and groups; production of special materials with the guidance of the same labor leaders and the labor Attaché for the rank and file of labor; supplying labor leaders the best information obtainable concerning the views of the American national labor organizations on democracy and matters of international importance; the increasingly effective use of motion pictures and discussions forums [...]. Ibidem.

²⁸⁹ “[...] Its support is needed for the achievement of all the objectives and all of the tasks of the ISIS in Brazil. Its leaders have always exerted a powerful influence in the ruling of the country. The armed forces traditionally pride themselves on being the ‘defenders of the Constitution’, but it must be borne in mind, that they fix their own interpretation on the Constitution and reserve to themselves the right to support or depose any regime according to their judgment as to whether it is properly complying with or exceeding Constitutional laws. Many national crises have been settled or controlled by either overt or covert military intervention” Ibidem.

importante instituição religiosa no país, com 93% dos 53 milhões da população do país composta de católicos. Mas embora a Igreja Católica fosse, obviamente, anti-comunista,

“[...] muitos de seus clérigos enxergam os Estados Unidos como uma nação protestante e se ressentem do que eles veem como tentativas americanas de menosprezar a Igreja Católica no Brasil ao enviar missões protestantes a este país.”²⁹⁰

Ao lado dos grupos de tendência anti-comunistas, mas não necessariamente pró-americanos, estavam também os industriais, um grupo socialmente e politicamente poderoso no Brasil. Uma classe relativamente nova de empresários que cresceram rapidamente desde a 1ª e 2ª Guerras Mundiais. Devia-se dar considerável atenção a este grupo, uma vez que eles eram aqueles que interagiam diretamente com a crescente massa de operários nas grandes cidades. Além disso, relatórios de 1952 apontavam que os soviéticos tinham sinalizado que estes industriais seriam foco da atenção deles. Mas apesar disso,

“[...] há elementos fortes neste grupo que se não foram articulados o suficiente para combater o comunismo e o peronismo podem vir a ser se adequadamente influenciados pelo USIS em cooperação com outros oficiais da Missão, Consulados e outras agências americanas.”²⁹¹

Além destes haviam segmentos transversais e análises específicas de cada um daqueles grupos nas páginas do despacho endereçado ao escritório do Departamento de Estado²⁹². Uma vez considerados os grupos sociais e públicos-alvo das ações culturais do USIS, aquele relatório dispunha também sobre os projetos que seriam realizados nos próximos anos para atingir seus

²⁹⁰ “[...] many of its clergy regard the United States as a protestant country and resent what they regard as American attempts to undermine the Catholic Church in Brazil by sending of protestant missions to this country.” Ibidem.

²⁹¹ “[...] there are Strong elements in this group who if they have not been articulate enough in their efforts to aid in combatting communism and peronism would be so if properly influenced by USIS in cooperation with other officers of the Mission, Consulates and other American agencies.” Ibidem.

²⁹² Os escritórios do Departamento de Estado estão localizados na Rua C, n. 2201, em D.C., em “Foggy Bottom”. Este é o bairro mais à oeste de Washington D.C., bem próximo ao Lincoln Memorial e no início de Georgetown, região que sedia a George Washington University.

objetivos. Eram ações como *A semana do trabalho*, a ocorrer em setembro de 1953; *Exposição Cultural Viajante (Traveling Cultural Exhibit)* ao longo de 1954; a cooperação no *36º Congresso Eucarístico*, a se realizar no Rio de Janeiro em 1955; uma exibição viajante sobre trilhos no Paraná, a ser empreendida ainda no fim de 1953; maiores performances de peças de teatro, musicais e balés no Brasil; participação no projeto de desenvolvimento de educação rural junto ao Ministério da Educação além de seis outras feiras de agricultura a se realizarem em 1954; participação na Celebração do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo em 1954, além de outras ações que surgissem na agenda de eventos culturais brasileiros.

Como encerrava o despacho, alcançar os objetivos do USIS no Brasil oferecia um genuíno desafio para os Estados Unidos. O Brasil era a maior nação latina do mundo. Sua população e área eram quase as mesmas do total de todos os outros países da América do Sul combinados. O transporte e comunicações eram retrógrados, até mesmo primitivos. Não só isso,

“[...] Padrões étnicos, culturas e estágios de civilização variavam grandemente de região para região. Industrialização crescente, além de um desenvolvimento inadequado de recursos e ineficiente planejamento tanto de governo como de empreendimentos privados aceleraram escassez e inflação, agravaram inquietação popular e incerteza política o que tem sido tanto estimulado quanto capitalizado por forças anti-democráticas.”²⁹³

Conhecendo tais características dos brasileiros, diante de tais obstáculos, como poderiam agir os oficiais culturais daquele posto do USIS?

“[...] Com suficientes recursos, apontados neste prospecto, USIS poderá conseguir unificar todas as mídias numa direção integrada em todos os grupos-alvo necessários para alcançar os objetivos do Plano para o País. Conseguir-se-á mobilizar aliados poderosos

²⁹³ “[...] *Ethnic patterns, cultures and stages of civilization vary greatly from region to region. Growing industrialization, coupled with inadequately developed resources and ineffectual planning by both government and private enterprise hastened general scarcities and inflation, aggravated social unrest and political uncertainty which have been both stimulated and capitalized on by anti-democratic forces.*” “1954-55 IIA Prospectus for Brazil”. Documento de 30/04/1953. Apud NARA, RG 306, A1E55 – *Master Budget Files*, Box 5.

entre os grandes grupos-alvo, neste momento amplamente desorganizados, ineficientes e desarticulados, numa força direcionada contra o comunismo Soviético e outras forças anti-democráticas, anti-americanas e para dar um novo e concreto ímpeto para ativar a implementação da amizade e cooperação entre Brasil e Estados Unidos.”²⁹⁴

Desde o final da 2ª Guerra Mundial, aparentemente muito havia mudado no Brasil e na América Latina. Se antes parecia haver uma quase “natural” afinidade política e cultural entre os latino-americanos e os Estados Unidos, o mesmo não acontecia ao longo da Guerra Fria. Segundo avaliava a USIA, os americanos haviam perdido considerável influência naqueles países. Isso tinha algumas razões e explicações. Os soviéticos passaram a reconhecer e incentivar o conhecimento da cultura latino-americana entre seus pares. Os contatos entre soviéticos e latinos passaram a ser culturalmente mais consistentes, grande parte graças aos esforços da própria União Soviética. Esta traduzia e publicava clássicos e doutrinas soviéticas para o espanhol, assim como, indicavam os analistas da USIA, ela também tentava apreender os itens da cultura latina traduzindo e trazendo estas obras para a órbita soviética. Contudo isso não queria dizer que os comunistas estivessem vencendo numericamente na América Latina. Longe disso, na maior parte das nações latinas os Partidos Comunistas eram ilegais. Aos comunistas, portanto, coube uma linha de ação alternativa. Segundo a visão da USIA, o exemplo modelar ocorreu no Brasil. Numericamente inferiores, os comunistas teriam realizado uma insidiosa campanha nacionalista. Contaminaram até mesmo os setores mais conservadores no Brasil em defesa do monopólio estatal da exploração do petróleo. Não só isso, astutamente os comunistas oscilaram seu apoio aos candidatos presidenciais nas campanhas eleitorais de 1955. Os oficiais culturais da USIA avaliaram o surgimento da Petrobras

²⁹⁴ “[...] *With sufficient resources, requested in this prospectus, USIS will be able to meld all its media into an integrated drive on all target groups required for reaching the Country Plan objectives. It will be able to mobilize strong allies among major Brazilian target groups, now largely unorganized, ineffectual and inarticulate, into a driving force against Soviet-communism and other anti-democratic, anti-U.S. forces, and for giving new concrete impetus to active implementation of Brazilian-U.S. friendship and cooperation.*” Idem.

e a eleição da chapa Juscelino Kubitschek/João Goulart como “vitórias” indiretas dos comunistas no Brasil. Em situação tão periclitante, o que poderia fazer a *United States Information Agency*? Por meio de seus órgãos subsidiários, os postos do *United States Information Services*, a USIA reunia as informações que descreviam os perfis dos grupos sociais que seriam os públicos-alvo das ações culturais americanas na região. Havia de se diagnosticar as capacidades e fragilidades brasileiras. Este era um esforço que já vinha sendo realizado em 1953 e projetava as ações dos postos USIS no Brasil para os anos de 1954 e 1955. Mas e depois?

O exame dos documentos produzidos pela USIA apontam que havia uma preocupação tácita com o futuro, especialmente considerando que eles reconheciam nos estudantes intercambistas brasileiros potenciais defensores da democracia americana. Mas o que era este futuro que os oficiais da USIA zelavam? Quem poderia responder este tipo de questão? Que papel os brasileiros desempenhariam nesse porvir?

CAPÍTULO V – “A VERDADE É A MELHOR PROPAGANDA”

V.I – Histeria e Racionalização

Aquele foi um começo amargo. Pouco depois da sua criação, em agosto de 1953, a *United States Information Agency* já havia sofrido uma “derrota”, em outubro daquele ano, com a nacionalização da Petrobras. Dois anos depois, em 1955, foram eleitos Juscelino Kubitschek e João Goulart, chapa defendida por lideranças comunistas no Brasil²⁹⁵. Não demorou muito para os funcionários da *USIA* reconhecerem a importância do seu trabalho. Sentimentos e opiniões eram determinantes nas relações entre os países. Em 1956 os postos do *United States Information Services* fizeram um diagnóstico: havia comunistas espalhados entre vários setores da sociedade. Eles mascaravam seus planos e incitavam sentimentos nacionalistas. Certamente se infiltravam nos sindicatos de trabalhadores. Mas também na direção de jornais impressos, no governo, nas forças armadas, entre os intelectuais e grêmios estudantis²⁹⁶. Sem que oposições pudessem se organizar, os comunistas teriam influenciado a tal ponto a opinião pública no país que não havia uma voz que defendesse abertamente o envolvimento americano na economia e política brasileira. Assim, o nacionalismo e a hostilidade contra a presença americana marcavam um sucesso das metas soviéticas.

²⁹⁵ Uma alusão ao apoio declarado pelo Partido Comunista do Brasil nas eleições de 1955. Essa posição foi abandonada pouco depois de Juscelino ter assumido a presidência, em 1956. O presidente teve seu governo marcado por uma política que distava de qualquer cartilha comunista mais ortodoxa. Como diz a Profa. Maria Victoria Benevides, “[...] O núcleo da política econômica de Kubitschek constituiu na congregação da iniciativa privada – acrescida substancialmente de capital e tecnologia estrangeiros – com a intervenção contínua do Estado, como orientador dos investimentos através do planejamento.” Apud BENEVIDES, M. V.. *O Governo Kubitschek – Desenvolvimento Econômico e estabilidade política, 1956-1961*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 230.

²⁹⁶ “[...] Educators, professors, students and Ministry of Education officers form an important target group because they have been singled out not only by the Soviet Union but other anti-U.S. forces such as Peronism for heavy attention.” Apud “*Confidential-Security Information – 1954-1955 IIA Prospectus for Brazil*” Documento de 30/04/1953. NARA, RG 306, A1-55, Master Budget Files, 1953-1964, Box 4. Importante ressaltar: esta era a perspectiva dos oficiais culturais da *USIA/USIS*. Como apontado no Capítulo IV, nem sempre tais avaliações eram precisas. Algumas chegavam a estar erradas.

Os Soviéticos, por outro lado, se definiam como guardiães da paz internacional, defensores dos povos que eram vulneráveis ao imperialismo americano. Os soviéticos se arvoravam como campeões dos operários, dos camponeses, dos trabalhadores, os agentes da evolução histórica²⁹⁷. Como ensinavam as diretrizes do *Politburo* e do *Presidium*, os soviéticos eram os portadores de uma “equação sócio-histórica”. Um fato cuja interpretação eles monopolizaram: a ascensão do proletariado ao poder em escala global era uma inevitabilidade. Esta seria uma verdade tanto científica quanto filosófica. Uma mensagem poderosa, que atingia especialmente as populações mais carentes do mundo. Do contrário, surdas a esta fé, a aquelas pessoas restaria apenas assistir, imóveis, a expansão da tecnologia de guerra, dos arsenais nucleares e um lento caminhar na direção da barbárie.

A carência e a esperança eram fatores vigorosos de mobilização, fatores que os comunistas tinham habilidade de explorar²⁹⁸. Na visão da USIA, os americanos estavam perdendo a guerra pelo futuro. No Brasil, um modelo de atuação dos americanos para outros países, era preciso dissuadir a opinião pública numa direção mais favorável aos Estados Unidos. Uma retórica que fosse livre das marcas de uma propaganda insidiosa. Algo assim provocaria o efeito contrário. Para evitar mais perdas era preciso uma reflexão, um reposicionamento estratégico. Um exame dos próprios princípios, um alinhamento de interesses, nacionais e internacionais. Para os americanos era preciso reconhecer seus valores, suas verdades. Coube à *USIA* demarcar quais eram seus fins.

A partir do início da década de 1960, a seção de pesquisa da USIA realizou uma série de investigações de opinião pública em diversos países. Os focos eram Ásia, África, Europa

²⁹⁷ Ver Capítulo II – Mais do que mera ideologia.

²⁹⁸ Como apontado no Capítulo III, as ações da USIA visavam atingir precisamente populações mais carentes de infraestrutura. Segundo os panfletos da USIA, um “caminho para o futuro” era a combinação dos esforços populares, dos governos nacionais e uma “sutil” ajuda dos Estados Unidos.

Ocidental, Oriente Próximo²⁹⁹ e, claro, a América Latina. Eram levantamentos amplos, qualitativos e quantitativos, seguidos de sumários e relatórios finais que apontavam as conclusões das investigações. Cada relatório tinha suas particularidades. Alguns apontavam a quantidade de horas das emissões de rádio vindas da União Soviética (sempre em torno de 1500 horas semanais). Isto era comparado com os programas e carga horária do equivalente americano, o *Voice of America* (com cerca de 700 horas semanais)³⁰⁰. Outros relatórios eram sobre “*surveys*”, enquetes dentro de segmentos específicos de população. Os “*targets*”³⁰¹ eram diretores e funcionários de empresas, profissionais liberais, membros ou líderes de sindicatos, ou então grupos de estudantes. Alguns relatórios traziam citações para ilustrar premissas ou conclusões. Outros anexavam materiais integrais das pesquisas realizadas. Eram textos de próprio punho escritos pelos entrevistados, que não sabiam tratar-se de uma pesquisa realizada por americanos³⁰². Um destes textos, de julho de 1964, descrevia conceitos que o entrevistado associava àqueles propostos pelo entrevistador. E registrava:

²⁹⁹ No Record Group 306 do National Archives and Records Administration, estes documentos estão nas seguintes “*entries*”: A1-1016 (*Records of Research Projects; Africa, Eastern Europe and Multi Areas*); A1-1017 (*Records of Research Projects; East Asia, 1964-73*); A1-1019 (*Records of Research Projects; Western Europe, 1964-73*); A1-1020 (*Research Projects; Near Eastern and South Asia, 1964-73*). Cada entry tem um número variado de caixas, mas costumam conter cerca de dezenas para cada. As caixas que compõem as *entries* A1-1015 (*Country Project Files, 1951-64*) e A1-1018 (*Records of Research Projects; Latin America 1964-1973*) referem-se especificamente à América Latina e contém vários relatórios de pesquisa sobre o Brasil.

³⁰⁰ Informações disponíveis nos relatórios presentes no RG 306, Entry A1-1018 - *Office of Research; Records of Research Projects; Latin America 1964-73*, Caixa 4 (*Brazilian gen attitudes; VOA Listening*), Caixa 5 (*Brazil Radio Listening*), Caixa 23 (*Brazil Radio Listening VOA*).

³⁰¹ “*Alvos*”

³⁰² Muitas destas enquetes eram realizadas por empresas nacionais, agências de pesquisas de opinião e mercado como a INESE, IPOM e do próprio IBOPE, ações acordadas por contratos de trabalho fechados entre os USIS e as empresas. Como apontado em artigo recente, “[...] *Para este tipo de pesquisa, onde o universo de participantes era alto e os resultados podiam ser contaminados pela presença de um entrevistador americano, a USIA/USIS tinha como costume a contratação de empresas terceirizadas, como o IPOM (Instituto de Pesquisa e Opinião de Mercado) de São Paulo, o carioca INESE (Instituto Nacional de Estudos Sociais e Econômicos) e a Alpha – Propaganda – Promoção de Vendas, também de São Paulo.*” Apud MARANGONI, Adriano. A racionalidade insultada: A resistência às “Ciências Sociais” e dados qualitativos nas ações United States Information Agency - 1963-1974. IN *CADUS – Revista de Estudos, Política e Cultura*, v. 1. 2015. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/polithicult/article/view/23721/17003> Acesso em 11/09/2015.

*“[...] Revolução – progresso – dinamismo
Reforma – Revolução – aprimoramento
Direitista – ideologia – aquele que se propõe a seguir um caminho por várias circunstâncias ligadas ao caráter, personalidade, ambiente de vida de uma pessoa – objetivo [...] Esquerdista – cristandade – humanidade – dificuldade – pobreza econômica – compaixão [...] Imperialismo – ditadura econômica; escravização; - aniquilamento [...] Capitalismo – dinheiro; sonegação; indústria privada; remessa de lucros [...] Comunismo – fase anterior ao socialismo e necessária; um estágio que se faz inevitável após o capitalismo sendo uma revolução democrática burguesa. Democracia – representação livre do povo p/ o povo; liberdade de pensamento; participação ativa do povo em todos interesses nacionais Liberdade – liberdade de ação; não escravização.”³⁰³*

A folha anotava as visões do entrevistado em caneta azul e trazia no topo da página informações sobre seu autor: um estudante universitário, aluno da “Faculdade de Engenharia Industrial”³⁰⁴. O texto sugeria que o autor via um “direitista” como uma espécie de “vítima”, alguém cujo ambiente moldou a personalidade. Ele não teria “culpa” de ser direitoista. Já um “esquerdista” seria um “cristão”, compassivo, humano e que sofre com a pobreza. O “comunismo” seria uma fase posterior ao capitalismo, necessária para se alcançar o socialismo, mas aparentemente era algo almejado. Enquanto os conceitos ligados à “esquerda” pareciam mais afetivamente delineados, “imperialismo” e “capitalismo” eram associados a sentimentos

³⁰³ Carta de próprio punho de Paulo Emilio Gomes dos Reis Filho, estudante de Engenharia. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3. O documento tem data estimada de julho de 1964. A inferência é baseada no agrupamento de documentos do qual este faz parte, com datação que oscila entre 9 e 11 de julho de 1964. Além disso o documento está arquivado nos arquivos referentes à América Latina, Brasil, entre 1964 e 1973.

³⁰⁴ Diferente de outros documentos anexados naquela pesquisa, este apontava o nome do autor. Uma breve pesquisa mostrou que aquele aluno submeteu uma dissertação para obtenção do título de mestre em Engenharia pela na USP em 1975. Era intitulada “O EFEITO DA ABERTURA TRANSVERSAL NA REATIVIDADE DE UNIDADES CRITICAS”. Está disponível em <http://repositorio.ipen.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/9157/01274.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 11/09/2015.

negativos, como “escravização” e “sonegação”. O autor parecia ser um estudante com tendências comunistas e certamente anti-imperialista.

Como aquele havia vários registros sobre as concepções de estudantes universitários sobre alguns conceitos-chave. Nem sempre eles estavam redigidos à mão pelo próprio autor. Outras vezes estavam datilografados e pareciam ser o registro escrito de gravações feitas por um entrevistador e o estudante. Um destes registros datilografados comentava sobre combinações de termos. Pares de conceitos eram expostos e o entrevistado discorria sua opinião sobre eles. Este estudante comentava:

“[...] Esquerdista-progressista – Este é um slogan comumente usado aqui na faculdade e em outros lugares pelos esquerdistas, que eu considero subversivos. É um processo de se esconder atrás de slogan que está em moda. O que estas pessoas que usam este slogan chamam de progressista é o fato de acreditarem no regime comunista, no regime de Marx, colocando sempre a democracia como um regime superado. [...] Isto quer dizer que atrás de um slogan bonito, moderno, se escondem aqueles que gostariam de transformar o regime democrático em um regime totalitário de esquerda.”³⁰⁵

Ao que avaliava aquele estudante, “esquerdista-progressista” era uma rotulação usada por pessoas que julgava “subversivas”. Para ele, um aluno de 3º ano da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, tais pessoas acreditavam que o regime do comunismo, o regime de Marx, via na “democracia” uma prática a ser superada.³⁰⁶

³⁰⁵ Registro datilografado da entrevista com o estudante da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Documento de 11/7/1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3. Diga-se, o registro datilográfico contém vários erros da norma culta de português. Para fins de compreensão alguns aqui têm sido suprimidos. Outros foram mantidos como indicadores da historicidade de sua produção. Ver Anexo XII.

³⁰⁶ Diz Marx: “[...] Quanto mais se recua na história, mais dependente aparece o indivíduo, e portanto, também o indivíduo produtor, e mais amplo é o conjunto a que pertence. [...] Só no século XVIII, na ‘sociedade burguesa’, as diversas formas do conjunto social passaram a apresentar-se ao indivíduo como simples meio de realizar seus fins privados, como necessidade exterior. [...] O homem é no sentido mais literal um zoon politikon, não só um animal social, mas animal que só pode isolar-se em sociedade. A produção do indivíduo isolado fora da sociedade [...] é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam juntos e falem entre si.” Apud MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política IN *Os Pensadores*, Vol. XXXV. São Paulo: Abril Cultural, 1974,

É de se supor que a opinião do estudante em 1964 fosse baseada em informações com que teve contato ao longo da vida. Algumas deviam ser de noticiários ou até mesmo concepções de origem soviética. Mas ele também teve contato com a alternativa, com concepções que o “vacinavam” contra a “contaminação” esquerdista. Talvez até mesmo por meio de materiais produzidos pela USIA³⁰⁷. Quando confrontado com outra combinação de conceitos, ele dizia:

“[...] Socialismo-Comunismo – Socialismo no seu significado exato e olhado sob um prisma democrático é no meu entender um regime mais humano, pois visa exatamente o equilíbrio e distribuição de bens entre os homens. Nos países ocidentais êle é praticado com grande sucesso pela Suíça [sic], Suécia, e outros que não lembro, e notamos que realmente estes países tem um nível de vida elevadíssimo. É preciso não confundir nem se deixar levar por aqueles que dizem que o que existe na Rússia é socialismo, ou seja, uma das fases do comunismo. [...]”³⁰⁸

É curioso: seria esperado que aquele estudante, o “*Presidente da Associação Libertadora Acadêmica (Partido Democrático)*” conforme descrevia o cabeçalho do documento, tivesse a pior das visões sobre o “Socialismo”. Afinal, o conceito seria associado aos esquerdistas, que ele ligava

p. 110. Assume-se neste trabalho que as ideias de Karl Marx são derivadas das concepções propostas pelos filósofos Iluministas, como Descartes, Locke, Bacon, Hobbes, Rousseau, Vico, Montesquieu, até mesmo Adam Smith. Todos, de forma geral, reconhecem a importância de um Estado como força de organização em sociedades complexas. Um Estado caracterizado pela democracia, fosse ela almejada ou vilipendiada. Para Marx, havia, sim, uma aguda relação entre a produção material, a acumulação de capital pela burguesia e o Estado. Não há, na estreita visão desta pesquisa, uma correlação feita por Marx entre democracia e o “comunismo” como realização de sua superação. Sequer existe uma conotação negativa sobre democracia. Aqui opta-se por delegar tal debate a trabalhos mais doutos, dedicados ao reconhecimento das oscilações na ortodoxia do filósofo alemão. Ver por exemplo em RAGO FILHO, A.. *O ardil do Politicismo: do bonapartismo à auto-reforma da autocracia burguesa. IN Projeto História* (PUCSP), São Paulo, v. 2, p. 139-167, 2004.

³⁰⁷ Ou então fossem informações engendradas pelo *Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES)* e o *Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD)*. Os dois eram organizações civis, alinhadas com a Escola Superior de Guerra, do Exército Brasileiro, notadamente financiadas e dirigidas por empresários de Rio de Janeiro e São Paulo, como o banqueiro João Batista Leopoldo Figueredo. Tinham entre seus simpatizantes figuras de destaque como Walther Moreira Salles e Mario Henrique Simonsen. O IPES/IBAD, como aponta René Armand Dreifuss, foram duas das mais vigorosas instituições de mobilização política contra a presidência de João Goulart entre 1962 e 1964. Um trabalho posterior exigiria um minucioso exame comparado das pesquisas de Dreifuss com os documentos produzidos pela USIA, agência que tinha propósitos tão convergentes aos do IPES/IBAD. Sobre a propaganda política contra o governo de Jango ver em DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado – Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981, pp. 244-259.

³⁰⁸ Registro datilografado da entrevista com o estudante da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Documento de 11/7/1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

a “subversão”. No entanto, surpreendentemente, ele reconhecia no socialismo um regime “humano”, empenhado no equilíbrio da distribuição material. Algo que, vagamente, ele julgava ocorrer na Suíça e Suécia³⁰⁹. Como indicava em exemplos, haveria certas virtudes redentoras no socialismo, características benéficas, que alçariam o padrão de vida das pessoas a níveis “elevadíssimos”. Contudo, ele também considerava:

“[...] Comunismo. Eu vou dar uma ideia muito rápida sobre isto. Para mim o comunismo é um regime totalmente odiado por ser exatamente um regime totalitário, dos quais eu tenho verdadeira ojeriza. Entendo que o homem nasce livre e deve morrer livre. O comunismo a pretexto de acabar com a miséria (balela) o que faz é exatamente escravizar a mente e o intelecto humano.”³¹⁰

Diferente do socialismo, que era visto com bons olhos, para aquele jovem, o “comunismo” era uma concepção “escravizadora”, que aprisionava a mente e o intelecto humano segundo um regime totalitário “odioso”. Para ele o comunismo causava “ojeriza”. Apontando que socialismo e comunismo não eram sinônimos, pendia sobre o último uma conotação bem negativa, o que um observador externo, talvez americano, pudesse julgar contraditório. Aparentemente o brasileiro tinha opiniões paradoxais, senão conflituosas. Mas ao comentar sobre outro par conceitual o posicionamento dele ficava mais claro:

“[...] Revolução-reforma – Eu considero realmente que o que houve no Brasil no dia 31 de Março, tenha sido exatamente uma revolução democrática, porque realmente dela participaram, não apenas as forças armadas e alguns políticos de nomeada como também contou com a participação em massa do povo brasileiro. É necessário lembrar que isto não foi um golpe, porque golpe foi aquilo que o

³⁰⁹ Suíça e Suécia eram, em 1964, exemplos pujantes do crescimento econômico europeu. Os dois países eram membros fundadores da antiga *Comunidade Européia do Carvão e do Aço* (CECA), o “gérmen” da *Comunidade Econômica Europeia* em 1957, mais tarde chamada apenas de *Comunidade Europeia*. Segundo o Atlas da História do Mundo Times/Folha de S. Paulo, entre 1952 e 1962, o comércio entre os países membros cresceu 130%. Não só isso, a Suécia, embora não tomasse parte na Guerra Fria, realizava exercícios regulares com as forças militares da OTAN. Ver em *Atlas da História do Mundo Times/Folha de S. Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1995, pp. 270-271.

³¹⁰ Registro datilografado da entrevista com o estudante da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Documento de 11/7/1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

presidente passado estava tentando dar nas instituições e no próprio povo brasileiro. Infelizmente há os que ainda pensam estar a razão [sic] por ter sido eleito pelo povo com o sr. João Goulart. Todavia acredito que isto só vem acontecendo porque de longa data vem sendo o povo brasileiro enganado e surrupiado em seus ideais democráticos. Por isto acredito que com uma campanha esclarecedora e com um governo revolucionário consciente, equilibrando, adotando medidas que vão de encontro com a grande maioria da massa sofredora, o povo brasileiro saberá aqueles que durante tanto tempo o mantiveram sob governos corruptos e demagógicos. Por isso quero deixar bem patente que fui e sou a favor desta revolução, que no meu entender foi feita para beneficiar não uma minoria privilegiada, mas sim a grande maioria sofredora do povo brasileiro. Só nos resta esperar.”³¹¹

Os grifos no excerto foram feitos em caneta vermelha. Destacavam os pontos-chave da opinião do entrevistado. O aluno de Direito endossava a “revolução democrática” ocorrida em 31 de Março. Salientava que não se tratou de um “golpe” pois envolveu uma participação em massa do povo brasileiro. Nesse sentido, o estudante se referiu ao que Elio Gaspari descreveu como “A queda”, momento em que o Exército Brasileiro “dormiu janguista e acordou revolucionário”.³¹²

Assumir que houve uma sublevação popular organizada para derrubar Jango, ou até mesmo uma coordenação sincronizada entre os próprios militares, como julgaria o estudante, seria equivocado. A derrubada do presidente, que colocou Ranieri Mazzili, presidente da Câmara dos Deputados ocupando o cargo, até ser sucedido pelo general Castello Branco, tinha várias razões e significados. Alguns eram factuais. Mas outros eram mais exaltados por emoções do que amparados pela realidade. A queda da presidência de João Goulart pode ter sido muitas coisas,

³¹¹ Idem.

³¹² “[...] o general Corddeiro de Farias, que desde a manhã voara do Rio para São Paulo e de lá para Minas Gerais, fechava seu dia de conspirador com uma ponta de amargura. Vinte e seis anos depois ele recordaria: ‘A verdade – é triste dizer – é que o Exército dormiu janguista no dia 31...’ [...] ‘E acordou revolucionário no dia 1º’ [...]” Apud GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada – As Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, Pp. 81-83.

mas não uma “revolução democrática”. Na sua gênese, o governo militar parecia mais uma querela institucional difusa, uma revolução “*de expediente*”.³¹³

O comício de João Goulart no Automóvel Clube na noite do dia 31 foi a “senha” para que generais de diversas guarnições assumissem as rédeas de uma situação que julgavam intolerável. Grandiloquente, o general Olympio Mourão Filho, da 4ª Região Militar em Minas Gerais, ponderava consigo mesmo: “[...] *‘Acendi o cachimbo e pensei: ‘não estou sentindo nada e, no entanto, dentro de poucas horas deflagrarei um movimento que poderá ser vencido, porque sai pela madrugada e terá de parar no meio do caminho’.*”³¹⁴ Dali reuniu as poucas tropas que tinha à disposição³¹⁵ e partiu para o Rio de Janeiro determinado a “salvar o Brasil”. O Comandante do Estado Maior, general Humberto de Alencar Castello Branco, do Rio, ligou para o colega de região militar de Mourão, o general Carlos Luiz Guedes, e inquiriu: “[...] - *O que está havendo aí em Minas? O Muricy me comunicou que foi chamado pelo Mourão, e eu lhe disse que fosse para prevenir qualquer bobagem que aquele pretendesse fazer.*”³¹⁶

O que teria se seguido foi uma frenética busca por informações, articulações de posições entre generais e lideranças políticas, conspirações e alianças de uma ponta a outra do país. Vazão para sonhos de ressentidos e temores daqueles que se mantinham calados³¹⁷. Foi o estopim para a execução de planos de ascensão, de fuga ou alguma acomodação entre os dois. Na prática, era uma

³¹³ “[...] *De repente, veio o coronel Tulio Chagas Nogueira e nos disse que poderíamos nos retirar. Que o general Castello Branco, livre, acabava de deixar o QG e se dirija à pra Vermelha, para onde devíamos ir. Muitos ficaram frustrados e um deles comentou comigo: ‘Seu Helvecio, que vergonha essas revoluçõeszinhas que não dão em nada...’.* Outro disse: *‘Revoluçãozinha de expediente.’*” Apud GASPARI (Op.Cit), p. 74.

³¹⁴ GASPARI (Op.Cit.). P. 67

³¹⁵ Segundo Gaspari Minas era “militarmente inexpressiva”. Idem, p. 57.

³¹⁶ Idem, p. 69.

³¹⁷ Como por exemplo o general Olympio Mourão e o general Amauri Krueel, respectivamente.

insurreição “*envolta numa nuvem que se parecia ora com uma quartelada sem futuro ora com uma tempestade de boatos.*”³¹⁸

A forma com que o estudante entrevistado em julho de 1964 encarava o início da ditadura militar brasileira é significativo. Ele se alinha ao que descreveu Gaspari, como um “*acordo historiográfico entre vencedores e vencidos*” que teria se cristalizado em torno das 48 horas que cercaram o golpe. Diz o jornalista, “[...] *A apologia dos vencedores, procurando abrir a porteira das adesões, estabeleceu que Jango foi derrubado pela vontade geral do povo e das Forças Armadas.*”³¹⁹ Do outro lado, “*A necrologia dos vencidos*”, buscando canalizar a contraparte de responsabilidades no governo do presidente, “[...] *atribuiu à inércia de Jango a causa do desmoronamento do ‘dispositivo militar e político sobre o qual se abrigava o radicalismo.*”³²⁰

Ora, não se deve deixar de reconhecer que o país caminhava para uma situação economicamente catastrófica. Desde que Jango tinha assumido a presidência, os investimentos estrangeiros no Brasil haviam caído à metade. A inflação, de 50% em 1962, saltou para 75% ao final de 1963. As projeções dos primeiros meses indicavam que a taxa de 1964 seria em torno de 140%, a maior do século.³²¹

³¹⁸ Ao descrever os momentos anteriores que levaram à derrubada de João Goulart da presidência, Gaspari descreveu a seguinte situação: “[...] *Por volta das dez horas da noite do dia 31, o general Kruehl [comandante das forças do II Exército de São Paulo, fiel da balança do golpe de 1964], num dramático telefonema, pediu ao presidente que rompesse com a esquerda [...] que o Comando Geral dos Trabalhadores fosse posto fora da lei. [...] O presidente encerrou a conversa com rispidez: ‘General, eu não abandono meus amigos. Se essas são as suas condições, eu não as examino. Prefiro ficar com as minhas origens. O senhor que fique com suas convicções. Ponha as tropas na rua e traia abertamente’.*” Op. Cit. P. 87-89.

³¹⁹ GASPARI (Op. Cit.). p. 84

³²⁰ Idem.

³²¹ Os números, retirados do livro Gaspari, parecem até modestos. Como apontado em outra pesquisa recente, a partir do momento em que Jango teve seus poderes presidenciais restaurados em 1962, “[...] *iniciou-se ‘uma forte desaceleração da atividade econômica’ causada por medidas relacionadas ao Plano Trienal combinadas com dificuldades estruturais de nossa economia derivadas, principalmente, da ‘perda de dinamismo do processo de substituição de importações’.* [...] *Os resultados acumulados de 1963 foram decepcionantes. A inflação, medida pelo IGP, atingiu 79,9%, ante a uma média de 32,5% de 1957 a 1962. [...] O crescimento do PIB foi de apenas 0,6%, ante a 6,6% do ano anterior; nível mais baixo desde o início da Segunda Guerra Mundial.*”. Apud CATERINA, Gianfranco. *Um Estudo Sobre o Papel do Capital Estrangeiro na Economia Brasileira (1964-1967)*. TCC de Especialização. São Paulo: Curso MASTER CEABE da Escola de Economia de São Paulo/FGV/EESP, 2014. P. 19.

De fato, a instabilidade econômica estava atrelada à política, o que era ainda mais acentuado por grupos como o IPES/IBAD, “*que através da mídia audiovisual, organizava um extraordinário bombardeio ideológico e político contra o Executivo*”³²². Segundo Dreifuss, esta situação, alimentada pelos meios de comunicação, estimularam “*uma reação quase histérica das classes médias que, por sua vez, fortaleciam a racionalização militar para a intervenção.*”³²³

Do ponto de vista dos sentimentos nacionais, uma “racionalização histórica”, um golpe de estado parecia inevitável no início de 1964. Mas como se havia chegado naquele ponto? As ideias e concepções políticas aos quais os brasileiros se agarravam eram claras, bem sedimentadas? Acima de tudo, os valores daqueles que defendiam a “revolução democrática” de 1964 eram os mesmos defendidos pelos americanos? Ou para saber “só restava esperar”, como dizia o aluno de Direito? Ao invés de esclarecer, talvez a “revolução de 1964” tivesse tornado toda a situação ainda mais confusa.

V.II - “*Eles sempre acham que sou 007 ou da CIA*”

Uma página do formulário das questões propostas aos estudantes de 1964 trazia a seguinte questão: “[...] Pergunta 3: *Fazendo a mesma avaliação entre ‘ótimo’ e ‘péssimo’, indique se cada palavra ou expressão política das abaixo relacionadas, as que a seu ver levariam um país a se tornar forte e as que o levariam a enfraquecer-se.*”³²⁴. O entrevistado devia fazer uma sinalização

³²² DREIFUSS (Op.Cit), p. 244.

³²³ Idem, pp. 244-245.

³²⁴ “PERGUNTA 3” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3. A primeira página daquela pesquisa indicava a empresa que realizava a enquete. Tratava-se do INESE, Instituto de Estudos Sociais e Econômicos. Uma nota de rodapé fazia saber que a pesquisa envolveu 15 entrevistados e que em certas questões era dado a liberdade de que “*cada um expandisse com certa franqueza suas opiniões*”. Ver Anexo XIII.

com um “X” entre as sete colunas que variavam entre “ótimo” e “péssimo”. Entre os itens indagados estavam:

- “[...] 1. *Desenvolvimento econômico*
2. *Integração nacional*
3. *Forte liderança*
4. *Justa distribuição de riqueza*
5. *Educação*
6. *Planejamento econômico*
7. *Livre empresa*
8. *Livre expressão do pensamento*
9. *Democracia*
10. *Socialismo*
11. *Capitalismo*
12. *Economia mista*
13. *Comunismo*
14. *Liberalismo*
15. *Conservadorismo*
16. *Sociedade aberta*
17. *Estatização*”³²⁵

Qual daqueles itens o Brasil mais precisaria para se fortalecer? Em que grau? Pouco depois, a “Pergunta 5” tinha o seguinte enunciado: “[...] *Apresentamos abaixo uma relação de palavras ou expressões que não são comumente usadas. Para cada palavra, indicamos 3 sentidos diferentes. Marque com um ‘X’ o significado que a seu ver mais se aproxima do que a palavra quer dizer.*”³²⁶ Abaixo do enunciado seguiam os itens seguidos das alternativas que o entrevistado deveria assinalar, entre eles:

- “[...] 1. ANARQUIA
- a) *Sistema em que um só homem domina – um ditador*
- b) *Sistema em que alguns dominam*
- c) *Ausência de govêrno; ausência de lei*
- d) *Não sei [...]*

³²⁵ Idem.

³²⁶ “PERGUNTA 5:” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

6. INDIVIDUALISMO

- a) *Veneração de um líder individual como se êle fosse um Deus*
- b) *Atitude individual de olhar de modo egoísta e bem pessoal sem levar em conta o bem de todos*
- c) *Respeito pela liberdade e pela dignidade individuais*
- d) *Não sei [...]*

7. SOCIEDADE ABERTA

- a) *Sociedade que permite aos homens de negócio explorar o povo sem piedade*
- b) *sociedade em que há muita liberdade de expressão*
- c) *Sociedade onde há muito investimento estrangeiro e liberdade de importações e exportação*
- d) *Não sei*

8. LIBERDADE CIVIS

- a) *Liberdade de expressão de pensamento*
- b) *Direito das minorias a terem um mesmo tratamento perante a lei*
- c) *Direito de transmitir herança de pai a filho*
- d) *Não sei*³²⁷

Além dos itens acima, constavam no formulário testes no mesmo formato sobre: “2.OLIGARQUIA”, “3.FEUDALISMO”, “4.SOCIAL DEMOCRACIA”, “5.NEW DEAL”, “9.TAKE OFF”, “10.MONOPÓLIO”, “11. SOBERANIA NACIONAL” e “12. EQUILÍBRIO DE PODER”³²⁸. Estes, entre vários distribuídos em diversas modalidades de questões, eram os itens sobre os quais o contratante, a USIA, queria que fossem perguntados aos brasileiros. É de se supor, as alternativas não eram meras “opções” de interpretação. Na verdade, elas consistiam em “distratores”³²⁹ dos itens investigados. Não era apenas uma pesquisa de “opinião”. Para aqueles

³²⁷ Idem.

³²⁸ Ver Anexo XIV.

³²⁹ Como descreve o INEP, “[...] No caso da educação, um instrumento de medida muito utilizado é o teste, o qual pode ser desenhado para medir o desempenho dos participantes em determinadas situações, com o objetivo de realizar inferências sobre o processo educacional em desenvolvimento.” Nesse modelo de avaliação o recurso para aferir o conhecimento é o domínio do “item curricular”, composto por quatro partes: 1. O *suporte*, que é o enunciado da questão, um “contextualizador” do tema abordado; 2. O *comando* da resposta, quando é apontado o que se deseja na questão; 3. o *gabarito*, que aponta qual é a única resposta correta; 4. Os *distratores*, que são as alternativas que “distraem” o sujeito avaliado. Distratores que se afastam demais da alternativa correta neutralizariam o esforço do avaliado, invalidando o sentido da questão. Idealmente elas deveriam priorizar o aprendizado e não a eliminação do avaliado. Segundo os manuais de composição de itens de faculdades e órgãos de educação, o “bom distrator” é aquele que “concorre” diretamente com a alternativa correta. Ao examinado

que formularam as perguntas havia uma resposta *correta* para cada uma. Implicitamente mais importante, a dúvida real daquelas enquetes era: brasileiros e americanos falavam a mesma “língua”? Eles concordavam sobre o significado semântico destas expressões? Havia uma afinidade conceitual, histórica, social, política, legal, científica, ideológica, etc., entre os dois países? Era um território delicado, que precisava de mais esclarecimentos. Por exemplo, em especial, um destes conceitos exigiu um cuidado maior. Dizia o enunciado da questão:

“[...] PERGUNTA 6: *As palavras abaixo (democracia, socialismo, etc.) são, em geral, conhecidas; quase tôdas as pessoas sabem o que elas significam, porém as pessoas em geral costumam ter idéias diferentes quanto aquilo em que estas palavras implicam. Por favor, assinale com um ‘x’ cada um dos sentidos em que você julga que seus amigos empregam a palavra em conversas. Você pode assinalar todos os sentidos desde que a palavra seja empregada com mais de um sentido por seus amigos; se você tem dúvidas se um determinado sentido seria necessariamente empregado, não assinale.*”³³⁰

Curiosamente, a questão não era apenas sobre o que o entrevistado entendia ser o significado daqueles termos, “*democracia, socialismo, etc.*”. A “PERGUNTA 6” tentava ir além da opinião dele. A frase “todas as pessoas sabem o que significam” era uma sugestão retórica que trazia o entrevistado para o “lado” do entrevistador. A partir daí a enquete explorava o que o entrevistado julgava que seus amigos pensavam. Era um exame sobre as pré-concepções dos brasileiros. Entre os itens, a enquete elencava “1. DEMOCRACIA” e apontava entre as alternativas/distratores:

“[...] a) *Govêrno exercido pela maioria do povo (diretamente ou através de representantes eleitos)*

cabe se empenhar em reconhecer o porquê. Exemplos de composição de itens e distratores estão em http://www.portalavaliacao.caeduffj.net/wp-content/uploads/2012/02/Guia_De_Elabora%C3%A7%C3%A3o_De_Itens_LP.pdf Acesso em 13/09/2015.

³³⁰ “PERGUNTA 6.” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

- b) *Govêrno para a maioria (isto é, um bom governo a serviço do povo)*
- c) *Uma justa distribuição da riqueza*
- d) *Livre expressão de pensamento para pessoas que têm idéias construtivas*
- e) *Livre expressão mesmo para aqueles cujas idéias são consideradas pelo governo como destrutivas e perigosas*
- f) *Existência de mais de um partido*
- g) *Existência de mais de um candidato em todas as eleições*
- h) *Livre empresa, isto é, propriedade privada da indústria*
- i) *Igualdade de tratamento e de oportunidade para tôdas as raças.*”³³¹

Para o aluno de 3º ano de Direito, qual devia ser a opinião dos amigos dele sobre “Democracia”? Será que eles diriam que era uma “*justa distribuição de riqueza*”? Ou democracia era a “*livre expressão mesmo para aqueles cujas ideias são consideradas pelo governo destrutivas e perigosas*”? Qual era a visão e os sentimentos que ele projetava sobre seus amigos? Os entrevistadores do INESE a serviço da USIA tentavam aferir, muitos estudantes brasileiros tinham um consenso sobre suas opiniões? “Socialismo”, “capitalismo”, “comunismo” e “imperialismo”, que também foram examinados, eram assuntos sobre os quais eles tinham segurança de discorrer a ponto de serem identificáveis? Ou então, será que os entrevistados tinham alguma dúvida sobre as fontes das suas opiniões? Teriam sido eles “vítimas” de algum tipo de propaganda? Eles sabiam do que ela consistia? Esta era uma das questões submetidas pelo INESE. Dizia ela:

“[...] 5. PROPAGANDA implica necessariamente em:

- a) *Esfôrço [sic] sistemático para divulgar um ponto de vista específico; esforço para persuadir grande número de pessoas da veracidade de uma opinião [ou]*

³³¹ Idem.

b) Distorsão [sic] proposital dos fatos para divulgar um ponto de vista particular, exagerando alguns aspectos suavizando outros, recorrendo inclusive à mentira, por vezes [sic]”³³²

Segundo o questionário, haveria dois julgamentos atribuídos à propaganda. Tal como apontava Wilbur Schramm em janeiro de 1955³³³, a propaganda podia ser entendida como um subsídio de “demonstração da verdade” que envolve uma opinião, algo “bom”; ou então, uma distorção que eliminava aspectos importantes da “verdade”, algo “ruim”. Ora, dizer a verdade e distorcer com a mentira não teriam a mesma finalidade? O objetivo não era a persuasão? A enquete não esclarecia isto muito bem. Mas é razoável pensar que os entrevistados assinalaram uma visão “positiva” da propaganda quando elas serviam ao subsídio de suas próprias opiniões político/ideológicas. De forma equivalente, devem ter assinalado a visão “negativa” quando pensavam a propaganda como suporte das ideias de seus “rivais”, aquela propaganda que recorria à mentira.

Dependendo do universo de amostragem da enquete, a pesquisa mostraria dados não só relevantes, mas também conflituosos. Isto sem considerar contexto de se fazer este tipo de aferição. É de se imaginar os obstáculos que envolveriam planejar e participar de uma enquete sobre conceitos políticos/ideológicos num momento de aguda tensão política. Respeitada a historicidade daquela situação, singular por conta da radicalização ideológica, nem surpreende que os comentários de alguns estudantes tendessem tão assumidamente a favor do novo governo militar que se instaurava em 1964. Eles poderiam estar com medo. Nesse sentido chamavam atenção os comentários do estudante de Engenharia, que declarou ser a favor do comunismo com uma sutil franqueza. Talvez isso pudesse ser arriscado num país governado por militares anticomunistas.

³³² *PERGUNTA 5:*” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

³³³ Ver Capítulo I – “Por que nós lutamos”.

Além disso, é de se perguntar qual era a “atmosfera” da opinião pública no Brasil naquele momento. Haver estudantes universitários que aceitassem participar de enquetes que revelariam tanto sobre suas posições políticas parece notável. Considerando que situação das investigações feitas pelo INESE não ocorreram em uma manifestação pública, nem comício, greve, ou evento aberto³³⁴, é de se perguntar se declarar posicionamentos ideológicos no Brasil entre março e julho de 1964 era possível de ser feito com tranquilidade. Ou se era possível fazer isso sem sofrer os receios de ser perseguido politicamente. Se sim, quanto tempo isso durou? Razoável considerar que depois do Ato Institucional n. 5, de 13 de dezembro de 1968, tais “liberdades” tenham sido consideravelmente sufocadas. Dado que não se conhece maiores informações sobre os entrevistados, até aqui é impossível saber. Por outro lado, as conclusões dos americanos a partir dessas pesquisas foram amplamente registradas.

Em 18 de outubro de 1964³³⁵, partia uma carta remetida do “Argentina Hotel”, no Rio de Janeiro, endereçada ao Mr. John Evans, da “*Divisão de Enquete e Pesquisa*”³³⁶, uma seção da USIA, em Washington D.C.. A autoria era do Dr. Bryant Wedge, psiquiatra do “*Instituto para o Estudo do Comportamento Nacional S.A.*”³³⁷. Wedge estava no Brasil há alguns meses. Ele foi o idealizador da pesquisa qualitativa que foi submetida aos estudantes universitários em julho de 1964. Ele escrevia para comunicar a Evans, seu financiador e interlocutor na USIA, as primeiras impressões que teve ao realizar a pesquisa no Brasil.

“[...] *Caro John,*

³³⁴ Afinal os estudantes muitas vezes escreviam suas opiniões à mão. Além disso os questionários eram longos, repletos de itens e subitens relacionados. Uma visão modesta apontaria que os entrevistados levariam cerca de, no mínimo, meia hora para a finalização dos trabalhos.

³³⁵ Carta de Bryan Wedge a John Evans. Documento de 18/10/1964. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

³³⁶ “*Survey Research Division*”

³³⁷ “*Institute for the Study of national Behavior. Inc.*”

Embora o Brasil seja fascinante, eu lamento ter tentado explorar e descrever a mente social brasileira. Cheia de paradoxos, caos, anarquia, desorganização, mito, estereótipo, etc., ad infinitum. Enterrado em fortes estruturas e tradições (feudalismo econômico e político de meados do século 19 com aspirações do século 21), estudantes, pelo menos, são inclinados a viver num futuro mítico. De forma preliminar me parece que um razoável ímpeto para a modernização revolucionária foi suplantada diante da ‘revolução’ ou golpe de 31 de março mas de nenhum modo morreu mesmo que poder e estruturas de autoridade permaneçam entre forças conservadoras.”³³⁸

Segundo Wedge, no Brasil havia vários paradoxos. Entre eles, que a força de tradições “feudais” do século 19 eram associadas a aspirações futuristas. Que estas aspirações eram projetadas no século 21. Isso era verificável especialmente entre os estudantes. O impulso modernizador era uma constante, embora possa ter sido afetado pela “revolução” ou “golpe” de 31 de março. É interessante que nem ele, que era um observador externo do que levou ao governo militar, soubesse classificar o episódio de 31 de março, se “golpe” ou “revolução”. Mas em primeiro lugar, ele lamentava ter tentado compreender a “mente social brasileira”. Mas por que?

“[...] É simplesmente muito confuso e complicado. Ademais, ‘opinião’ no seu sentido normal é quase sem sentido:

a) A mesma pessoa mantém opiniões completamente incompatíveis simultaneamente.

b) A opinião expressa depende de com quem eles acham que estão falando. Eu me fiz de Marxista (ainda bem que não confessei meu financiamento – eles sempre acham que sou 007 ou da CIA de qualquer modo há sempre uma grande paixão pela conspiração) e tive respostas completamente diferentes dos mesmos entrevistados.

³³⁸ “[...] Dear John, Except that Brazil is fascinating I would regret having undertaken to try to explore and describe the Brazilian social mind. Full of paradox, chaos, anarchy, disorganization, myth, stereotype, etc. ad infinitum. Buried in still strong structures and traditions (mid-19th century economic and political feudalism with 21st century aspirations), students, at least, are inclined to live in a mythical future. In a preliminary way it looks to me that a fairish impetus toward revolutionary modernization has gone underground in the face of the ‘revolution’ or coup of 31 March but is by no means dead even if the power and authority structures remain with conservative forces.”
Idem.

c) Há uma frequente pequena relação entre ideia e ação – de fato, eles tendem a ser opostos. ‘Fatos’ têm notável pouca importância a não ser que sejam diretamente palpáveis.”³³⁹

Entender os brasileiros, segundo o autor das enquetes, era um desafio complexo. As opiniões indicadas pelos entrevistados variavam consideravelmente dependendo de quem era o entrevistador. Além disso, os brasileiros pareciam vulneráveis a suspeitas. Eram apaixonados por conspirações. Talvez Wedge fosse um agente secreto, pensavam os brasileiros, um “007” ou da “CIA”³⁴⁰. Já uma opinião “normal”, para Wedge, era algo com um significado diferente do que havia entre os brasileiros. Provavelmente havia uma relação maior entre ideia e ação, uma notável lacuna entre os brasileiros na visão daquele observador americano. Cinco meses depois, já em Washington em em 5 de fevereiro de 1965, ele ainda escreveria uma nota para John Evans recomendando cuidado para futuros pesquisadores no Brasil. De certa forma resumizava a visão que teve sobre o Brasil.

“[...] opinião tem apenas uma tênue relação com códigos operacionais e é excessivamente instável. Portanto estou tentando construir modelos de como estudantes a conceitualizam [a opinião] e como isto é expresso em comportamento. Mas isso é muito ambíguo e exige muito trabalho. Por exemplo, tanto Goulart e o governo ‘Revolucionário’ evocam os termos ‘democráticos’ e

³³⁹ “[...] *It is just very slippery and complicated. Furthermore, ‘opinion’ in the normal sense is nearly meaningless: a) The same person holds absolutely incompatible opinions simultaneously. B) Expressed opinion depends on whom they think they’re talking to. I’ve played Marxist (a good thing that I do not confess sponsorship – they often think I’m 007 or CIA anyhow since there is a great love of conspiracy) and got entirely different responses from the same population. d) ‘Facts’ have remarkably little meaning unless they are directly tangible.*” Idem.

³⁴⁰ Ao que se observa das inúmeras cartas trocadas entre Wedge, oriundo de um órgão privado, e Evans, da USIA, Bryant Wedge não era da CIA. Isso não quer dizer que a presença da CIA no Brasil não fosse real. Mais ainda, ela estava ligada ao IPES/IBAD e as empresas de publicidade brasileiras. Como aponta Moniz Bandeira, “[...] *O IPES era uma entidade sofisticada, pretensamente científica, e se ligou à Escola Superior de Guerra [...] Sua influência se estendeu também aos jornais e a outros órgãos de divulgação, sustentada não apenas pelas verbas que espalhava, diretamente, como pelo interesse das agências de publicidade, manipuladoras das contas das grandes empresas estrangeiras. [...] Essa outra instituição, o IBAD, atuava diretamente sob a direção da CIA, que a financiava, utilizando como seu agente um certo Ivan Hasslocher. Ela mantinha íntima conexão com uma empresa de publicidade – S.A. Incrementadora de Vendas Promotion – e, embora fundada em 1959, suas atividades somente se intensificaram a partir da posse de Goulart na Presidência da República.*” Apud BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart – As Lutas Sociais no Brasil – 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, pp. 66-68. Até o momento da redação desta tese não foram encontrados documentos entre os registros da USIA que mencionem o tal “Ivan Hasslocher”.

'revolução'. Isso é típico mas torna o chão bastante escorregadio.”³⁴¹

No momento em que Wedge se reportava a Evans, em outubro de 1964, ele indicava estar razoavelmente frustrado. Em novembro de 1963 ele havia submetido à USIA a proposta de pesquisa qualitativa sobre “raízes de opiniões e a importância das fontes de informação destas opiniões entre estudantes em países em desenvolvimento”. Demorou meses para receber sinais dos responsáveis manifestarem algum interesse. E os oficiais da USIA só aceitaram a proposta de Wedge porque tinham razões próprias, institucionais. Em fevereiro de 1964, um memorando enviado por Mr Stephens para o Mr. Ralph White, ambos da seção de pesquisa da USIA³⁴², trazia um parecer indicando razões para deferir a proposta de Wedge. Em primeiro lugar, a proposta de Wedge, uma pesquisa qualitativa, era mais barata, cerca de 1/3 do custo usual das pesquisas quantitativas feitas pela USIA. Em segundo lugar, “[...] *nós obteríamos deste tipo de entrevista mais compreensão do porquê daquilo que os estudantes acreditam, invés de meramente o quê eles querem e acreditam.*”³⁴³ Era uma forma de investigação interessante, que ofereceria dados que os funcionários da USIA, naquele momento, não estavam habituados a receber. Com esta melhor compreensão dos porquês a USIA poderia realizar um trabalho mais inteligente, de mudar as opiniões estrangeiras numa direção construtiva³⁴⁴. “[...] *Uma vez que muitas das evidências de*

³⁴¹ “[...] *opinion has only the most tenuous relation to operational codes and is exceedingly unstable. So I’m trying to construct models of how students do conceptualize and how this is expressed in behavior. But this is very slippery and a lot of work. For example, both Goulart and the ‘Revolutionary’ Government claimed the words ‘democratic’ and ‘revolution’.* This is typical but it makes the waters very muddy.” Carta de Bryant Wedge para John Evans, Documento de 5/2/1965. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

³⁴² Tratava-se do IRS - *Information Research Services*, o serviço de pesquisas da USIA. Não confundir com o IRS, ou *Internal Revenue Service*, o serviço de imposto de renda americano.

³⁴³ “[...] 2. *We would get from this kind of interviewing more understanding off the why of what students want and believe, rather than merely what they want and believe.*” Carta de Mr. Stephens para Mr. Ralph White. Documento de 7/2/1964. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

³⁴⁴ Ressalte-se “[...] *USIA could do a more intelligent job of changing them in constructive ways*”. (Op.Cit.) Os oficiais de pesquisa consideravam que seu trabalho era mudar a opinião das pessoas.

*nossas pesquisas de até agora nos levaram a uma reação “E daí?” da parte de muitos dos funcionários da USIA este [projeto de Wedge merece] uma grande consideração.”*³⁴⁵

O projeto de pesquisa qualitativa de Wedge, com questões abertas, que buscavam as raízes das opiniões dos entrevistados, foi uma exceção nas práticas da USIA. Segundo Stephens, o modelo convencional de trabalho da seção de pesquisa da USIA consistia em questionários excessivamente fechados, testes com perguntas pré-estabelecidas e possibilidades de respostas bastante estreitas. Isso era feito de modo até mesmo assimétrico, se valendo dos mesmos questionários para universos referenciais (e países) diferentes. Ele considerava isso um erro.

*“[...] No meu julgamento nosso programa de pesquisas nos países em desenvolvimento está vulnerável à crítica de que não realizou o suficiente tipo de investigação explanatória antes de saltar diretamente para a quantificação. Isso pode ser criticado tanto como antieconômico e quase certamente enganoso.”*³⁴⁶

Pesquisas meramente quantitativas, que eram a prática comum da USIA, talvez a exemplo das numerosas enquetes sobre o *Voice of America*, eram caras. Não só isso, poderiam suscitar interpretações errôneas para os oficiais de cultura da agência. As ações deles seriam criticadas ou pior, a missão da agência poderia ser comprometida. Cabia aos devidos responsáveis ponderar sobre a melhor forma de prevenir isso.

Ao que se apreende da correspondência trocada entre Stephens e White em 7/2/1964, eles ocupavam cargos de direção de pesquisa dentro da USIA. Eles eram responsáveis por definir o formato e sob quais termos as pesquisas realizadas pela Agência deveriam ser realizadas. Fossem respeitados os limites orçamentários e diretrizes de instâncias superiores, como o *National Security*

³⁴⁵ “[...] *Since much of our survey evidence so far has led to a ‘So what?’ reaction on the part of many of the operating people in USIA this is a major consideration.*” Idem.

³⁴⁶ “[...] *In my judgment our research program in the developing countries is open to the criticism that it has done enough of the open, exploratory type of interviewing before leaping into a rather high degree of quantification. This can be criticised as both uneconomical and likely to be seriously misleading.*” Idem.

Council, cabia a eles considerarem a melhor forma de dar continuidade ao objetivo de criar “melhores entendimentos entre os Estados Unidos e outras nações do mundo.”³⁴⁷ A proposta de Wedge, segundo Stephens, não era apenas econômica, era crucial para os objetivos da USIA, de “mudar” a opinião das pessoas que viviam em países em desenvolvimento. Isto, contudo, não significa que Wedge estivesse livre de críticas ou que sua proposta tivesse sido bem aceita depois de fevereiro de 1964.

Jonathan P. Lane, oficial de pesquisa do posto USIS do Rio de Janeiro, chegou a manifestar que não concordava inteiramente com os métodos de Wedge e questionava gravemente a ausência de um objetivo claro para aquela pesquisa. Chegou a ser mordaz em sua crítica.

*“[...] Eu admito que estou de certa forma incrédulo de uma proposta que usa frases como ‘provoca extensos fluxos de comunicação’ quando se poderia dizer ‘faz as pessoas conversarem’. Eu acho que há um considerável volume de pseudo-profundidade na proposta e uma distinta falta de descrição de como os dados serão analisados.”*³⁴⁸

Mal saberia o oficial do USIS no Brasil que talvez o próprio Wedge concordaria com ele alguns meses depois. Fosse “pseudo-profundidade”, uma falta de clareza de objetivos na pesquisa ou então uma absoluta inconsistência entre métodos, expectativas e os “objetos” de estudo, o projeto de Wedge resultou em um desapontamento agudo de seu idealizador. Ao enviar os relatórios finais de sua pesquisa para a sede da USIA em Washington D.C.³⁴⁹, Wedge não fez mais do que pormenorizar as interpretações que havia diagnosticado no Brasil entre julho e outubro de

³⁴⁷ Diretriz do Smith-Mundt Act, de 1948.

³⁴⁸ “[...] I admit that I am somewhat distrustful of a proposal that uses phrases like ‘elicits extensive communicative flow’ when it could say ‘gets people talking’. I think there is a considerable amount of such pseudo-profundity in the proposal and a distinct lack of specific description of how the data will be analyzed.” Carta enviada por Jonathan P. Lane para John Evans. Documento de 13/5/1964. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

³⁴⁹ A sede da *United States Information Agency* ficava no número 1734 da New York Avenue em D.C.. A localização ficava próxima do Departamento de Estado e a poucas quadras da Casa Branca, na Pennsylvania Ave, próximo à estação Farragut South do metrô. Durante a pesquisa em 2014, tentou-se aferir, mas se desobrigou de examinar os modos de vida e hábitos característicos de um “oficial cultural” da USIA, dado que era um domingo. Contribuiu ademais que a agência tenha cessado de existir em 1999.

1964. Devido a características singulares, os brasileiros estavam além do alcance da abordagem de pesquisa. A semântica entre os dois países era “assíncrona”. Ou então, havia um excessivo “ruído” político e ideológico naquele momento para que maiores constatações fossem consolidadas.

A investigação de opiniões e conceitos políticos-ideológicos na Guerra Fria tinha que ser considerada nos termos de tais peculiaridades, e não apenas no Brasil. Isso não quer dizer, contudo, que o “fracasso” de Wedge foi subtraído de méritos. Acima de tudo eles evidenciaram quais eram os termos e principalmente, os significados que os americanos selecionavam como pontos de inflexão entre seu próprio país e os do resto do mundo. A opinião e os métodos de Wedge poderiam até estar equivocados ou inaptos diante da situação em que se encontrava o Brasil. Mas mostraram que os oficiais culturais – e os próprios americanos de modo geral - precisavam ter clareza dos seus significados. As “verdades” precisavam ser ditas. O futuro estava em jogo. Talvez mais respostas estivessem no passado.

V.III – “*A melhor propaganda é a verdade*”

“*Existe um patriotismo*”, disse Alexis de Tocqueville, “*que floresce principalmente do desinteressado, indefinível e imponderado sentimento que liga o coração de um homem ao lugar onde ele nasceu.[...]*”³⁵⁰ A pretexto do estudo do sistema prisional americano em 1832, o observador francês refletia sobre a origem do vigor das instituições do país que visitava. Tinha raízes na relação peculiar entre os indivíduos e o lugar onde viviam. Observava Tocqueville, o amor instintivo de um homem pela terra que nasceu era misturado a velhos hábitos, um respeito pelos mais velhos e memórias do passado, algo parecido com o amor de um filho pela casa de seus pais. O mesmo patriotismo, disse ele, “[...] *é amiúde exaltado pelo zelo religioso, e isso engendra*

³⁵⁰ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. New York: Perennial Classics/Harper Collins, 2000, p. 235

milagres. O patriotismo é ele mesmo um tipo de religião; ele não racionaliza, mas acredita, sente, e age.”³⁵¹

Historiador e filósofo, Tocqueville estava ciente de que os Estados Unidos não eram a única nação dotada dessa “religião”, o patriotismo. Ademais, ele ressaltava, era frequente nas monarquias assentadas em ordens e morais ancestrais, que o patriotismo fosse instintivo, que se confundisse na figura de seus monarcas. “*Vivemos sob o mais poderoso dos reis do mundo*”³⁵², ilustrava ele na posição dos súditos. O patriotismo era um sentimento tangível durante a prosperidade das nações. Mas e o inverso? E quando, durante a vida das nações, velhos costumes são mudados, morais destruídas, crenças abaladas e o prestígio das memórias diluídos, embora prevalecessem as instituições? Nestes casos, o patriotismo dos homens se corrói e dá lugar à confusão e miséria. O que fazer nesta condição? Recuar à ancestralidade, à infância da nação, só pode trazer arrependimento, pois a inocência daquele tempo não pode ser ressuscitada. Assim, sem outra saída, “[...] *é essencial marchar adiante e se esmerar em fazer as pessoas enxergarem que o interesse individual está atrelado ao interesse da nação, uma vez que o patriotismo se perdeu além da lembrança*”³⁵³.

Como uma nação como os Estados Unidos, cujos habitantes não tinham mais passado do que “ontem”³⁵⁴, onde não havia memória, nem costumes, nem hábitos compartilhados além de quando se encontraram pela primeira vez, fez com que tantos homens se comprometessem com o destino de seu país? “*É porque cada homem na sua própria esfera assume um papel ativo no governo da sociedade.*”³⁵⁵ Isso não quer dizer que todos os homens deveriam ganhar e exercer

³⁵¹ Idem.

³⁵² Idem.

³⁵³ Idem, p. 236.

³⁵⁴ “*where the inhabitants arrived but yesterday*”. Idem.

³⁵⁵ Idem, pp. 236-237.

direitos políticos imediatamente, mas “[...] *eu digo que a forma mais poderosa, e talvez a única forma restante, de provocar o interesse dos homens no destino do país é fazê-los ter uma parcela no seu governo.*”³⁵⁶ Como observou Tocqueville, o exercício dos direitos era derivado de um espírito patriótico, um compromisso público que se confundia intencionalmente com o interesse pessoal. Segundo Tocqueville ali estava o significado da democracia.

Quando em 1964 Bryant Wedge perguntava aos estudantes brasileiros se democracia era o “*Govêrno [sic] exercido pela maioria do povo*”, ou o “*Govêrno [sic] para a maioria*”, ou “*Uma justa distribuição da riqueza*” ou a “*Livre expressão de pensamento para pessoas que têm idéias construtivas*”, além das várias alternativas que indicava naquele teste, é quase certo que ele considerava que *todas* estavam corretas. Afinal, a democracia, ao lado da liberdade, era a pedra fundamental sobre a qual ele devia reconhecer a missão que a USIA o encarregou. Submeter um questionário com opções variadas de resposta, ou mais ainda, que abrissem espaço para ainda outras digressões que os entrevistados manifestassem, revelava que o significado do conceito não se encerraria dentro de uma classificação compartimentada, enciclopédica, bibliográfica. A democracia não era meramente um modelo político. É de se supor, para Bryant e os diretores da USIA que o amparavam e financiavam, a democracia era mesmo uma prática, um ritual, um costume. Em suma, democracia era uma “religião”.

“[...] Existe uma multitude de seitas nos Estados Unidos. Elas são todas diferentes na devoção que dedicam ao Criador, mas todas concordam no que concerne às obrigações dos homens de uns para os outros. Todas as seitas cultuam Deus a seu próprio modo, mas todas pregam a mesma moralidade em nome de Deus.”³⁵⁷

Evitando descaracterizar o estado secular que eram os Estados Unidos, Tocqueville atentou para a diferença entre que havia entre a influência da religião nos detalhes das leis, mas diferente

³⁵⁶ Idem, p. 236.

³⁵⁷ Idem, p. 290.

disso, como a religiosidade direcionava as morais daqueles que viviam no país. Apesar do grande número de seitas, havia-se criado um costume de obrigações mútuas que se não foram impostas pelas religiões, havia sido inspirado ou semeado por elas. No cotidiano isto se transfigurou em rotina. “[...] *Alguém poderia supor que um certo número de Americanos, na devoção que dedicam a Deus, estão seguindo mais seus hábitos invés de suas convicções.*”³⁵⁸, disse ele. Não se tratava de uma fé. A convicção do bem público era não mais do que uma questão de *hábito* entre os homens. Um hábito que talvez Wedge tivesse notado ausente entre os brasileiros. Em seu lugar havia o que? Caos, “anarquia”, contradições e paradoxos, talvez fruto de “tradições feudais enraizadas no século 19” em choque com “aspirações modernizantes projetadas no futuro”. Estariam os brasileiros, ou as nações em desenvolvimento que eram “vítimas” da União Soviética, sendo embalados por forças históricas além do seu controle? Ou então, manipulados por figuras de autoridade, “líderes corruptos” e “demagógicos” ou mesmo governos “reformistas e revolucionários”?

Quando escreveu o que viria a ser “A Democracia da América” Tocqueville não sabia que a obra de certa forma se tornaria um ícone para a compreensão dos Estados Unidos. Uma referência importante, ao lado da Declaração de Independência (1776) ou os Artigos Federalistas (1788). Em 1832 ele estava convicto de que nas nações democráticas, o capricho, o vício ou a virtude de certos homens moldavam o destino de um povo de forma tão intensa quanto nas “nações aristocráticas” do passado. Contudo, a presença destes indivíduos era mais difusa nas nações democráticas, mais complicada, e, por conseguinte, mais difícil de ser destrinchada por um observador³⁵⁹. Este era um

³⁵⁸ Idem, p.291.

³⁵⁹ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América – Sentimentos e Opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 100.

tipo de preocupação de natureza não apenas metodológica, mas, fundamentalmente, ética. Sendo o exame das ações individuais um campo tão árido,

“[...] O historiador logo se cansa de tal trabalho, seu espírito se perde no meio desse labirinto e, não conseguindo perceber claramente e esclarecer suficientemente as influências individuais, nega-as. Prefere falar da índole das raças, da constituição física do país ou do espírito da civilização. Isso abrevia seu trabalho e, a menor custo, satisfaz melhor o leitor.”³⁶⁰

Forças amplas, como a “constituição física do país”, do “espírito da civilização”, ou então das grandes forças geopolíticas que agiam sobre o mundo durante a Guerra Fria, de modo algum, deveriam ser considerados irrelevantes. Diria-se, menos ainda se deveria resignar em uma reprodução de concepções ou de modelos conceituais impassíveis de reinterpretação. Muito antes pelo contrário. Advertia o observador da nação americana,

“[...] Os historiadores que procuram pintar o que sucede nas sociedades democráticas têm razão, portanto, de atribuir um peso considerável às causas gerais e de se aplicar em primeiro lugar a descobri-las; mas erram ao negar inteiramente a ação particular dos indivíduos, por ser difícil encontra-la e acompanhá-la.”³⁶¹

Ora, Alexis de Tocqueville tinha absoluta razão. Perscrutar sobre a ação de gênios, vícios ou as virtudes de certos indivíduos na forma como eles retardam ou precipitam o curso natural do destino de um povo, ou da ação de suas instituições nas nações democráticas, é substancialmente mais oculto, complicado, menos poderoso do que ao se investigar algo equivalente nas “eras da aristocracia”. Diante da pulverização de fontes seguras, do peso e da gravidade das referências pregressas, das incalculáveis e contínuas condições impeditivas que impossibilitam um esforço dessa natureza, a reação mais racional seria simplesmente abrir mão dessa busca. Contudo, isto não impede alguém de tentar.

³⁶⁰ Idem.

³⁶¹ Idem, p. 101.

Entre 1953, ano de sua criação, até 1964, ano em que se realizou o projeto de Bryant Wedge no Brasil, a *United States Information Agency* teve cinco diretores. O primeiro, foi Theodore C. Streitbert, de 5/8/1953 até 18/12/1956. Antes de assumir o cargo ele havia sido diretor de rádios em Nova York, ligado à família Rockefeller e foi nomeado diretamente pelo presidente Dwight D. Eisenhower. O diretor da agência em 1964 era Carl T. Rowan, nomeado por Lyndon Johnson ao assumir o cargo depois do assassinato de John F. Kennedy. Sua gestão foi de 27/2/1964 até 31/8/1965. Rowan foi o primeiro afro-americano a ocupar um cargo de destaque na administração americana, fato que costumava ser salientado numa série de entrevistas que se seguiram após ele assumir. Antes de Rowan a agência foi dirigida por duas figuras de destaque. De 15/11/1957 até 1/12/1960, o diretor da USIA foi George Allen, um defensor aguerrido das bibliotecas da USIA espalhadas no mundo. Allen teria sido alguém cujo vulto e identidade marcaram a “era de ouro” da USIA³⁶². Depois de Allen, a USIA foi dirigida por Edward R. Murrow, de 15/3/1961 a 20/1/1964. Nomeado por John F. Kennedy, Murrow era figura de destaque na mídia americana desde a 2ª Guerra Mundial, quando narrava os ataques alemães na *Blitzkreig*. Desde 1951 à frente do programa *See it Now*, da rede de televisão CBS, Murrow foi o maior responsável pela série de reportagens contra o senador Joseph McCarthy. Entre George Allen e Edward Murrow, de 28/12/1956 até 27/10/1957, o diretor da USIA foi Arthur Larsen, ex-reitor da Universidade de Direito de Pittsburgh, um crítico do senador J. William Fullbright, que teria saído do cargo por um desafeto com o então senador Lyndon Johnson.³⁶³

Aqueles diretores, assim como aqueles que os sucederam, teriam suas administrações marcadas pelas duas grandes tendências da comunidade de inteligência dos Estados Unidos. De

³⁶² ARNDT (Op.Cit). p. 289.

³⁶³ Idem.

lado havia aqueles que julgavam necessária a atuação da USIA como uma agência de “propaganda”, ou seja, um recurso de direcionamento de opinião pública internacional³⁶⁴. De outro estavam aqueles que julgavam a USIA como uma instituição cultural, que deveria atuar como instrumento de formação. Uma destas tendências é aquela que se cristalizou a partir do Fullbright-Hayes Act. Trata-se da PL-87-256 de 21 de setembro de 1961, que deu origem ao Programa Fullbright que financia bolsas e pesquisas de intercâmbio internacional³⁶⁵.

É bem provável que os assistentes dos diretores da USIA, tanto quanto os oficiais culturais que lá trabalharam, estivessem não apenas cientes, como conheciam bem as lições deixadas por Alexis de Tocqueville. C. Robert Payne era um destes assistentes. Trabalhando para o diretor George Allen, escreveu um memorando dirigido a todos os funcionários da USIA datado de 22 de dezembro de 1959. Ali ele ponderava de que de tempos em tempos, correspondências e discursos proferidos pelo diretor continham as visões dele sobre a agência e que talvez fosse do interesse de todos os funcionários as conhecerem. Muitos já haviam sido disseminados de forma esparsa. Mas outros eram anexadas naquele memorando. O objetivo daquela carta era trazer a “filosofia e visões do diretor sobre vários aspectos das operações da Agência para todos os seus membros” e também como “guia informal para as metas imediatas e de longo prazo da agência.”³⁶⁶ Entre as declarações de Allen constavam:

“[...] Eu tenho profundas convicções sobre a importância da USIA. Eu tenho fé no que nós podemos e iremos fazer. Mas seria irreal para mim, ou para qualquer um, acreditar que o programa pode vencer a batalha ideológica – chame-a de guerra fria se quiser –

³⁶⁴ Esta é a grande “tese” que guia a obra de Richard Arnt sobre a USIA, “The First Resort of Kings”, se o primeiro recurso de reis na relação entre os países, a cultura, deveria ser em termos de propaganda ou aprendizado.

³⁶⁵ *Public Law 87-256* ou “*Fullbright Hayes Act*”. Documento de 21 de setembro de 1961. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-75/pdf/STATUTE-75-Pg527.pdf> Acesso em 14/9/2015.

³⁶⁶ Memorando de C. Robert Payne aos funcionários da USIA. Documento de 22/12 de 1959. Apud NARA, RG 306, E1069 – *Biographic Files relating to USIA Directors and other senior Officers*, Box 2.

sozinho. O que os Estados Unidos fazem, não o que a USIA faz ou diga, fará isso.”³⁶⁷

“[...] Para nossa sorte e de outros, nossos interesses nacionais coincidem com os interesses de uma larga proporção da humanidade: o desejo pela liberdade, paz e progresso. Eu não iria tão longe de dizer que a imagem real da América pode se tornar um modelo para todos – mas quase certamente deveria ser um exemplo para muitos. Infelizmente, também é verdade que nestes tempos nós precisamos gastar nossos recursos em coisas que parecem negativas: a correção de distorções sobre os eventos mundiais e sobre nós mesmos. Mas eu prefiro enfatizar os programas mais positivos e significativos da Agência.”³⁶⁸

“[...] Enquanto nós estamos mostrando ao mundo comunista que nós vamos nos manter absolutamente firmes contra os esforços deles para dominar o mundo, eu acho que nós também devemos de todas as formas possíveis convencer o povo russo que o povo americano é um povo democrático que quer ser amistoso e um decente, pacífico mundo. Este é o lado do nosso caráter nacional que devemos manter se queremos ser coerentes com a grande herança que recebemos de nossos pais fundadores e do espírito que fizeram da América grande.”³⁶⁹

“[...] Assim, nós entramos num acordo de intercâmbio cultural com a União Soviética. ... Nestes campos da música e da dança, a humanidade encontra um elo comum, não importa qual seja sua origem. Nós estamos comovidos – nós somos movidos pelas mesmas emoções.”³⁷⁰

³⁶⁷ “[...] I have very deep convictions as to the importance of USIA. I have faith in what we can and will do. But it would be unrealistic for me, or for anyone, to believe that the program can win the ideological struggle – call it the cold war if you will – by itself. What the U.S. does, not what the USIA does or says, will do that.” Idem.

³⁶⁸ “[...] Fortunately for ourselves and for others, our national interests coincide with the interests of a large proportion of mankind: the desire for liberty, peace and progress. I would not be so bold as to say that the real image of America can become a guide to all – but it most certainly should be an example to many. Unfortunately, it is also true that in these times we need to spend resources on things which seem negative: the correction of misstatements about world events and about ourselves. But I prefer to emphasize the more positive and meaningful programs of the agency.” Idem.

³⁶⁹ “[...] While we are showing the communist world that we are going to stand absolutely firm against their efforts to take over the world, I think we must also try in every way we possibly can to convince the Russian people that the American people are democratic people who want to be friendly and to achieve a decent, peaceful world. That is the side of our national character we must maintain if we are to be true to the great heritage we have gained from our founding fathers and from the spirit that made America great.” Idem.

³⁷⁰ “[...] So, we have entered into a cultural exchange agreement with the U.S.S.R. ... In these fields of music and dance, mankind finds a common bond, no matter what his origin may be. We are thrilled – we are moved by the same emotions.” Idem.

“[...] Muitas pessoas presumem que o trabalho da U.S. Information Agency é de ‘vender’ os Estados Unidos. Eu não acho que isso seja o que devemos fazer. Se continuarmos com a ideia de que estamos tentando vender os Estados Unidos, estrangeiros viram as costas imediatamente. Eles têm a impressão que os Estados Unidos, uma grande potência, está tentando sobrepuja-los com sua cultura ou seu modo de vida. Nações fracas têm medo dos Estados Unidos – que têm muito mais capacidade de produzir revistas e jornais, filmes e publicar livros – vão suplantá-los com a cultura [americana].”³⁷¹

“[...] O que é nosso modo de vida? Essencialmente, é a democracia; é a sua liberdade, sua liberdade humana. Mas a democracia foi descoberta a tanto tempo quanto os gregos antigos – 2.500 anos atrás. Os grandes princípios em nossa Declaração de Independência de direitos humanos vêm de filósofos franceses do século dezessete. Nossas instituições parlamentares, nossas ideias de liberdade de imprensa vêm de nossos ancestrais britânicos. Nós não temos direito de colocar todas estas ideias num pacote com uma etiqueta ‘Feito nos EUA’. Nós não temos direito de nos considerar os descobridores e os únicos proprietários de ideias de liberdade humana. Muitas outras pessoas são tão atreladas a princípios democráticos quanto nós somos.”³⁷²

A súmula das declarações de Allen, reunidas no memorando de 1959 esclareciam inúmeras questões que envolveriam as práticas da USIA. Não só isso, registravam concepções e significados que o 3º diretor da agência considerava pontos pacíficos de sua nação. A origem das ideias que compunham os Estados Unidos. A fé de que americanos e russos compartilhavam os mesmos sentimentos sobre a arte. A disposição que se fazia crer da “amizade” e abertura dos americanos

³⁷¹ “[...] Most people presume that the job of the U.S. Information Agency is to ‘sell’ the United States. I do not think that is what we should try to do. If we proceed from the idea we are trying to sell the United States, foreigners get their backs up right away. They get the impression that the United States, a great power, is trying to overwhelm them with its culture or its way of life. Weaker nations are afraid that the United States – which has so much more ability to print magazines and newspapers, to make films and to publish books – will swamp them with their culture.” Idem.

³⁷² “[...] What is our way of life? Essentially, it is democracy; it is liberty; it is human freedom. But democracy was discovered at least as long ago as the ancient Greeks – 2.500 years ago. The great principles in our Declaration of Independence of human rights came from the French philosophers of the seventeenth century. Our parliamentary institutions, our ideas of freedom of the press came from our British ancestors. We have no right to put all ideas in a package and put on a label, ‘made in the U.S.A.’. We have no right to consider ourselves the discoverers and sole proprietors of the ideas of human freedom. Many other people are just attached to democratic principles as we are.” Idem.

às necessidades e receios de “nações mais fracas”. A crença de que os valores americanos eram essencialmente universais. A vocação que cabia à USIA na luta pela batalha ideológica na Guerra Fria. Havia entre as palavras de George Allen nos acordos do que assinalou Alexis de Tocqueville. Havia um zelo sentimental, emocional, “religioso”, algo como um hábito. Um comprometimento com o que considerava um bem público, um “bem universal” confundido com “bem nacional”. Se as declarações do “gênio” de George Allen moldaram as ações da USIA, estas ações caminhariam no sentido de um ideal. Uma ansiada comunidade internacional onde habitariam até mesmos os soviéticos. Uma civilização organizada segundo os ensinamentos dos filósofos e fundadores dos séculos 17 e 18.

Anos depois, nos primeiros meses de 1964, Carl Rowan, o 5º diretor da USIA, chegou ao seu novo cargo com tons do que parecia ser certa festividade. Seu último trabalho foi na missão diplomática na Finlândia. Após a saída voluntária de Edward Murrow ele estava em Washington D.C. para atender a requisição do presidente Lyndon Johnson. Na ocasião da posse, Rowan cumpriu o cerimonial sem deixar de mostrar o talento que marcava tão bem os shows de televisão americanos:

“[...] Sr. Presidente, Secretário e Sra. Rusk, Secretário Freeman, Senador Humphrey, Senador Gruening e amigos: Parece que não a muito tempo atrás eu passei por uma cerimônia parecida com esta. Eu tenho receio de vir com tanta frequência que vão deixar meus amigos entediados e meus pais confusos. Na verdade, eu recebi uma carta da minha mãe perguntando sobre o boato de que eu estava tendo problemas de me manter num trabalho. Mas houve outros parentes que reagiram com orgulho. Eu tenho um primo no Tennessee que me escreveu, Sr. Presidente, me elogiando de todo o jeito, e ele falou, ‘Só na América um garoto do meio do Tennessee pode chegar a ocupar um cargo tão alto. E por acaso, você pode me emprestar trezentos mangos?’

Eu escrevi de volta pra ele e falei, ‘Você tem toda razão, apenas na América você pode deixar uma embaixada com 120 funcionários,

assumir uma Agência com 12.120 empregados e uma redução de pagamento. Você pode me emprestar trezentos mangos?”³⁷³

Além da postura espirituosa de Carl Rowan ao assumir o cargo, a narrativa anedótica trazia algumas informações importantes: no começo de 1964, a USIA tinha mais de 12.000 funcionários na sua composição. E, curiosamente, que um diretor da agência ganhava menos do que um posto na embaixada. O discurso era entremeado pelas intervenções do presidente Lyndon Johnson. E nos momentos iniciais ele chegou a descrever o que era a USIA e sua opinião sobre o novo diretor. Disse o presidente naquela ocasião:

“[...] A USIA não é um aparato de propaganda. Ela é, na verdade, um instrumento de comunicação da verdade através do mundo. Verdade, infelizmente, não é uma riqueza abundante no mundo. Muito frequentemente pessoas de outras terras quem querem acreditar em nós são alimentadas com inverdades que podem trazer o pior de nós. Assim, minha única recomendação para Carl Rowan é essa: Conte a verdade.

A resposta de Carl Rowan foi ‘Sr. Presidente, isto é tudo que eu sei fazer.’”³⁷⁴

A recomendação do presidente Johnson é curiosa. Parecia estar relacionada com algum ponto de tensão. Talvez algum tema que devia ocupar o debate público da época. Talvez ao dizer

³⁷³ “[...] Mr President, Secretary and Mrs. Rusk, Secretary Freeman, Senator Humphrey, Senator Gruening, Friends: It seems not too long ago that I went through a ceremony like this. I am afraid by coming back so often I have some of my friends bored and my relatives confused. In fact, I got a letter from my mother who said that the rumor was out that I was having trouble holding a job. But there are some relatives who reacted with pride. I had a cousin in Tennessee who wrote me, Mr. President, all sorts of words of praise, and he said, ‘Only in America could a middle Tennessee boy rise to this high position. By the way, could you spare me three hundred bucks?’ I wrote him back and I said, ‘You are absolutely right, only in America could you leave an Embassy with 120 employees, take over an agency with 12;120 employees and take a pay cut. Could you spare three hundred bucks?’”. “Exchange of Remarks between the president and Carl Rowan, at the swearing-in ceremony for Mr. Rowan to be Director, United States Information Agency”. Documento de 28/02/1964. Apud NARA, RG 306, P10 – Records Relating to the Appearances of Carl Thomas Rowan 1964-1965, Box 1.

³⁷⁴ “[...] The USIA is not a propaganda apparatus. It is, rather, an instrument for the communication of truth throughout the world. Truth, unfortunately, is not an abundant commodity in the world. Too often people in other lands who want to believe the best in us are fed mistruths that seem to bring out the worst in us. So my only admonition to Carl Rowan is: Tell the truth. Carl Rowan’s response to that was, “Mr. President, that is all I know how to do.” Idem.

que Rowan devia “dizer a verdade”, talvez Johnson estivesse buscando se amparar para justificar o aumento de tropas para o Vietnã, significativo a partir daquele ano³⁷⁵. Rowan, fiel à orientação do presidente, buscou realizar sua missão da melhor forma possível. Ainda antes de assumir seu cargo, em uma série de entrevistas para programas de rádio e televisão, ele manifestava sua própria opinião daquilo que lhe era incumbido. Ele dizia que se os Estados Unidos fossem uma pessoa e uma pessoa ganhasse a reputação de ser desonesta, ela não valeria um tostão. O mesmo valia para ele. Para Rowan, havia de se mudar a conotação do que era efetivamente a propaganda. Em oportunidades diferentes ele discorria sobre este tema. Havia poucas variações dentro de um mesmo discurso. Como perguntou um repórter em 27 de janeiro de 1964,

“[...] Agronsky [o repórter]: *Qual é sua definição de propaganda?*

Rowan: *Bom, eu acho que a melhor propaganda é aquela que faz a outra pessoa acreditar nela, especialmente quanto ela tem a virtude de ser a verdade.*

Agronsky: *Você diz ‘especialmente’. Você a qualifica?*

Rowan: *Acontece que eu acho que no nosso caso a verdade é a melhor propaganda.”*³⁷⁶

É de se pensar. Talvez a fonte das opiniões de Carl Rowan fossem os filmes de Frank Capra. Inspirado na Bíblia, o cineasta se amparava: “*Conheceis a verdade e a verdade vos*

³⁷⁵ Não só isso, Johnson ampliou o envolvimento militar americano no Vietnã a tal ponto que o Congresso passou a criar mecanismos de contenção dos poderes presidenciais na realização de ações estratégicas. Sobre isso ver em GADDIS (Op.Cit). pp. 165-171.

³⁷⁶ “[...] Agronsky: *What’s your definition of propaganda?* Rowan: *Well, I think the best propaganda is what you get the other man to believe, especially when it has the virtue of being the truth.* Agronsky: *You say ‘especially’. Do you qualify it?* Rowan: *I just happen to think in our case the truth is the best propaganda.”* “Interview with Martin Agronsky, NBC-TV ‘Today’ 7:00A.M”. Documento de 27/01/1964. Apud NARA, RG 306, P10 – *Records Relating to the Appearances of Carl Thomas Rowan 1964-1965*, Box 1.

libertará.”³⁷⁷ Fosse ela qual enxergasse o olhar dos americanos, a verdade era a melhor propaganda.

Quando foi criada, a *United States Information Agency* já habitava um território em intensa ebulição ideológica internacional. No começo da década de 1950, o Brasil vivia períodos de extremas oscilações políticas e sociais, uma atmosfera que, segundo a USIA, era ideal para a ação dos propagandistas comunistas. Sabendo que o direcionamento da opinião pública era um poderoso fator na relação entre os países, os oficiais culturais da USIA se desdobraram para descobrir formas mais aperfeiçoadas para atender seus objetivos. Uma alternativa foi o projeto de pesquisa do Dr. Bryant Wedge, um psiquiatra a frente de uma instituição civil e privada. A proposta dele, uma pesquisa qualitativa que prometia reconhecer os “padrões da mente social” de estudantes de uma nação em desenvolvimento, convinha aos interesses dos diretores da USIA. No início de 1964 ele veio ao Brasil com este objetivo. Os resultados, segundo o que esperava Wedge e a USIA, foram desastrosos. Por várias razões, metodológicas, contextuais ou características, os brasileiros revelaram ter opiniões que não correspondiam aos significados que os americanos entendiam. Contudo, a pesquisa de Wedge revelava com precisão os conceitos, valores, sentimentos e significados que caracterizariam a nação americana. Concepções sobre as quais operavam os agentes da USIA, ideias que os americanos buscariam imputar entre aquelas nações que ainda não estavam completamente alinhadas com os interesses deles na Guerra Fria.

As concepções descritas por Wedge não eram arbitrárias, nem aleatórias. Já eram observadas e reconhecidas por um observador estrangeiro dos Estados Unidos em 1832. O registro de Wedge sinalizou que aqueles mesmos valores, consolidados no século 19, eram componentes

³⁷⁷ “[...] *I thought of the Bible. There was one sentence in it that always gave me goose pimples: ‘Ye shall know the truth, and the truth shall make you free.’*” Apud CAPRA, Frank. *The Name Above the Title: An Autobiography*. New York: MacMillian, 1971, pp. 343.

orgânicos nas mentalidades dos diretores da USIA. Isso era especialmente visível ao se examinar as declarações de dois de seus diretores, pessoas que direcionaram as ações da USIA, inclusive na América Latina e no Brasil. Para George Allen e Carl Rowan, 3º e 5º diretores da USIA respectivamente, os americanos reconheciam como valores fundamentais, civilizacionais, a democracia, a liberdade, o progresso, e certos hábitos tradicionais, muito similares à prática religiosa. Segundo Allen, a humanidade tinha sentimentos universais, emoções que podiam ser estimuladas pela arte e pela cultura. Segundo Rowan, cabia à propaganda mostrar este tipo de “verdade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim da 2ª Guerra Mundial marcou o início de uma nova missão para os Estados Unidos. Sob o olhar de um diretor e cineasta como Frank Capra, a disputa contra os países do Eixo foi vista como uma batalha em nome da “verdade”. Uma verdade que levaria a uma libertação dos povos. Essa concepção, inspirada em versos bíblicos, foi um dos fatores que direcionou os esforços dos americanos, empenhos que culminaram na cerimonial assinatura da rendição do Japão em 2 de setembro de 1945. Finda a guerra, de modo similar, uma nova “verdade” catalisava as energias daquele país. A nova ação americana não seria apenas um fenômeno militar ou político. De 1945 em diante a verdade se configurava em termos de uma missão, a realização de um projeto de sociedade, de organização, de civilização. Nesse sentido, a cultura, tal qual armamentos e exércitos, era um instrumento essencial na nova batalha que se instaurava. A nova guerra mundial não era simplesmente contra um país. Tratava-se de uma batalha pelo futuro.

Entre 1945 e 1947 foram pulverizados ou centralizados em diversas outras formas de organização aqueles órgãos e expedientes criados para fins específicos do esforço da 2ª Guerra. Instrumentos dessa reorganização foram o *National Security Act*, ou *Public Law 253*, de 26 de julho de 1947, que criou o *National Security Council* e a *Central Intelligence Agency*. Ou então o *Smith-Mundt Act*, ou *Public, Law 80-420*, de 27 de janeiro de 1948, que estabeleceu como diretriz a promoção da cultura como canal de entendimento entre os Estados Unidos e outros países.

De modo geral, os vários recursos ligados à atuação internacional dos Estados Unidos foram estabelecidos de modo a enfatizar a troca cultural invés da imposição cultural. Um dos principais instrumentos criados para este fim foi a *United States Information Agency*, a USIA.

Criada em agosto de 1953 sob influência direta do *Smith-Mundt Act*, cabia à agência zelar pelas ações de difusão e troca cultural entre os Estados Unidos e outros países.

A ênfase na troca poderia ser justificada como uma forma de evitar possíveis erros cometidos no passado. Sob a perspectiva dos oficiais da USIA, talvez as sanções do Tratado de Versalhes (1919) tivessem sido interpretadas como uma invasão cultural. Este tipo de imposição poderia ter incitado sentimentos belicistas entre as nações vencidas. Este era o tipo de análise que os funcionários da USIA faziam em 1955, como o relatório de Wilbur Schramm e Hideya Kumata, “*Quatro Ensaios sobre a Teoria de Propaganda*”, de janeiro de 1955. Ali, os autores buscavam reconhecer componentes da propaganda praticadas entre quatro nações: na Alemanha, no Japão, na União Soviética, além da Grã-Bretanha. O documento evidencia que havia entre os oficiais culturais da USIA uma preocupação em reconhecer como as outras nações agiam como forma de equalizar os esforços americanos em empreitadas futuras. Em termos de guerra, até mesmo que houvesse diferenças ideológicas intransponíveis, era preciso reconhecer um “denominador comum”, um nivelador das relações entre os povos. No caso selecionado por Schramm e Kumata tratava-se da propaganda.

Além de promover ações que mostrassem quem eram os Estados Unidos em termos de propaganda, à USIA era delegada uma outra função importante: a coleta de informações sobre outros países, o que era sinalizado pelas diretrizes estabelecidas pelo “*National Security Council Directive n. 3 – Coordination of Intelligence Production*”, de 14/01/1948, e pelo “*National Security Council Directive n. 5 – U.S. Espionage and Counterintelligence Activities Abroad*”, de 15 de setembro de 1958. Esta missão era parte de uma complexa coordenação entre os órgãos de inteligência dos Estados Unidos, que incluíam as forças armadas. Não se deve, no entanto, confundir “informação”, esfera de atribuição da USIA, com “inteligência”, atribuição concernente

à CIA. Muito embora as informações levantadas pela USIA, frequentemente fruto de levantamentos estatísticos, fossem disseminadas e servissem à CIA, não se tratava da mesma atuação. À CIA cabiam ações de natureza estratégica e militar que contavam, inclusive, com os subsídios produzidos pela USIA. Mesmo que não fosse militarmente determinante, a USIA não deixava de ser estrategicamente imperativa. Como mostra um memorando do Major-Brigadeiro C.P. Cabell a James Lay datado de 23 de agosto de 1954, uma das responsabilidades dos diretores da USIA era participar das discussões do *National Security Council* segundo as decisões do presidente dos Estados Unidos.

As duas agências, CIA e USIA, foram criadas quase ao mesmo tempo e “cresceram” ao longo da década de 50 de forma similar. Ambas atendiam a um mesmo propósito, a contenção ao comunismo. Esta contenção, um “dogma” da atuação americana ao longo da Guerra Fria, foi um termo cunhado pela primeira vez por George Frost Kennan, em um telegrama endereçado a Washington D.C. em 1946. O longo telegrama de Kennan foi disseminado entre os vários órgãos do Departamento de Estado americano e servia como fundamento para diversos fins da administração. Um deles foi o relatório “*American Relations with the Soviet Union*”, de 24 de setembro de 1946, mais conhecido como “Relatório Clifford-Elsey”. Clark Clifford, assessor especial do presidente, e George Elsey, secretário de Clifford, faziam naquele documento uma longa peroração sobre quem eram os soviéticos, seus modos de pensar, as raízes de suas ideologias e apontavam, especialmente, como os Estados Unidos deveriam agir diante dos soviéticos. A ação simétrica, vigilante e vigorosa diante dos soviéticos era uma prioridade. Contudo, mais do que um dogma militar ou político, ou então um “manual” de conduta internacional, o longo telegrama de Kennan e o relatório Clifford-Elsey evidenciaram a faceta de uma “verdade” basal: os americanos

se imputavam a missão de lutar contra a União Soviética, um “mandamento” na cruzada contra o comunismo.

Enquanto a *Central Intelligence Agency* agiria de forma a garantir a segurança dos interesses americanos no exterior, a *United States Information Agency* exercia função equivalente em termos de informação e propaganda. Da mesma forma, enquanto a CIA devia ter seu “espelho” institucional na KGB, a USIA tinha seu equivalente soviético na *Agitprop*, o órgão de agitação e propaganda vinculado diretamente à liderança do Partido Comunista da União Soviética. Segundo avaliavam os pesquisadores da USIA, o Agitprop era um órgão de açulamento popular, de provocação de instabilidades, de estimulação de insatisfação política, de crítica aos discursos ou declarações que fossem oriundos dos Estados Unidos ou seus aliados. O Agitprop era o órgão responsável por localizar e difundir as contradições que os americanos esconderiam sob uma “cruel exploração capitalista”. Ao Agitprop cabia associar o imperialismo americano às dificuldades materiais, a pobreza e as mazelas políticas, especialmente entre nações em desenvolvimento, como na América Latina. Como evidenciados pelos documentos “*Worldwide Communist Propaganda Activities In 1954*”, de 15 de fevereiro de 1955, e “*Recent Developments in Communist Use of Press And Publications*”, de 21 de junho de 1956, os funcionários do Agitprop foram os responsáveis por sedimentar uma “contra-verdade” àquela propagada pelos americanos. Segundo os soviéticos, a hostilidade americana era uma certeza e isso era mais do que mera ideologia. Ou, pelo menos, era isso que os agentes da USIA assumiam como certeza. Os comunistas, nos termos do Agitprop, agiriam em nome da paz internacional, sendo os soviéticos os únicos capazes de colocar fim à escalada militar e barbárie promovida pelos americanos. Se fossem invertidos os polos ou o nome dos sujeitos-agentes das ações internacionais de propaganda, as atuações da USIA e do Agitprop pareceriam ser idênticas. Não só isso, segundo analisavam os relatores da USIA, os

soviéticos e americanos desfrutavam até mesmo de várias semelhanças filosóficas fundamentais, como o apreço pelo trabalho ou pela liberdade de expressão. A manutenção de um regime autoritário e a supressão das liberdades individuais dos cidadãos soviéticos não seria uma característica do comunismo. Na verdade, segundo os relatores da USIA, as ditaduras soviéticas eram resultado de uma deturpação de fundamentos filosóficos de Marx, resultado do monopólio da interpretação de tais idéias pelo comitê central do Partido Comunista Soviético. Supostamente, caberia aos americanos, e à USIA, libertar até mesmo os soviéticos do jugo de seus governantes.

A escalada armamentista, com a acelerada ampliação dos potenciais de destruição de artefatos termonucleares, indicava um horizonte impossível de se ignorar: a disputa entre União Soviética e Estados Unidos estava levando o planeta aos limites da civilização, à beira de uma barbárie global. Enquanto presidentes e propagandas falavam em termos de paz e prosperidade internacional³⁷⁸, a moralidade das ações governamentais se erodia. Exemplo disso foi o *National Security Council Act n. 68*, de 14 de abril de 1950, onde Paul Nitze elaborou uma complexa justificativa para executar ações que os americanos considerariam normalmente indefensáveis. Segundo Nitze, se os comunistas eram capazes de cometer atos nefastos, os americanos não podiam se furtar de fazer o mesmo em nome da segurança da nação³⁷⁹. A movimentação de exércitos, de arsenais e os testes com novas armas se sucediam em escalas indisfarçáveis, a exemplo da bomba “Castle Bravo”, de 1º de março de 1954³⁸⁰. Eventos desta natureza atingiam não apenas as razões e motivações dos povos de várias nações, mas dos sentimentos e emoções

³⁷⁸ Tal como se justificativa da Public Law 88-408, de 10 de agosto de 1964, criada para “promover a manutenção da paz internacional e segurança no sudeste asiático” mas que autorizava o presidente Lyndon Johnson a enviar tropas americanas para atuar no Vietnã.

³⁷⁹ Como descrito no “NSC-68”. Documento de 14/04/1950. Disponível em https://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/pdf/10-1.pdf Acesso em 24/05/2015.

³⁸⁰ O artefato americano, que resultou em uma imprevista explosão de 15 megatons, levou à manifestação de lideranças soviéticas sobre a gravidade da situação que se descortinava.

mais primitivos de cada um. A guerra ou da aniquilação nuclear pouco a pouco deixavam de ser especulações teóricas e ganhavam espaço na opinião pública.

A guerra pelo futuro não era apenas uma disputa de armas e exércitos, mas uma batalha pelos sentimentos. Assim, os agentes da USIA, cientes da natureza emocional das suas ações, buscaram formas de entender e se comunicar da forma mais acessível possível com os povos das nações estrangeiras. Buscaram reconhecer e colocar em uso uma variedade de recursos, entre eles o humor, como evidenciado nas discussões para a publicação na América Latina do panfleto “*Rian, Camaradas, Rian*”, de 24 de outubro de 1967. Ou então, ao tentarem compreender a mentalidade, sentimentos e atitudes dos vietnamitas por meio de seus adágios, o que era evidenciado no documento “*Proverbs as a Clue to Vietnamise Attitudes*”, de 16 abril de 1967. Mas enquanto a mensagem escrita dependesse do domínio da leitura, ou a mensagem falada de presidentes ou autoridades dependesse de meios técnicos como o rádio ou a televisão, a USIA buscou outras formas de alcançar aqueles povos que estavam além destes recursos.

Reconhecendo as características dos meios de comunicação de massa, um dos instrumentos mais eficazes encontrados pela USIA foram as revistas em quadrinhos. Entre várias correspondências entre os postos internacionais da USIA, vários salientavam a eficiência de quadrinhos como “*Que es la Alianza para El Progreso?*”, de 1967, que oferecia uma explicação “didática” do que era e quem fazia parte da Aliança inspirada por John F. Kennedy. Ou de “*Tesoro Escondido*”, um quadrinho de 1968 que retratava os desafios que agricultores poderiam superar. Bastava o auxílio de recursos agroquímicos simples, abundantes nos laboratórios americanos. Contudo, como mostrava o quadrinho “*El Camino Hacia El Futuro*”, de 1965, ensinava a USIA que a solução dos desafios característicos de uma comunidade agrária ou subdesenvolvida não era apenas a ajuda americana. O caminho para o futuro seria, na verdade, uma combinação entre a

cotização popular, o amparo do Estado e os instrumentos tecnológicos oferecidos pelos americanos. Só assim, indicava a narrativa, a pobreza e as dificuldades destes povos idealizados poderiam ser suprimidos.

Na disputa pelo futuro, além de quadrinhos na década de 1960, a USIA já contava a vários outros recursos. Entre eles uma variedade de exposições, panfletos, produção de filmes curtos ou encadernações sobre figuras relevantes da história ou da política americana. Ademais, contavam com bibliotecas espalhadas pelo globo que operavam junto às embaixadas nos países e dedicavam uma atenção especial a difusão dos programas do *Voice of America*, com noticiários, programas musicais ou de entretenimento. Todos, de uma forma ou de outra, correspondiam a algum tipo de esforço equivalente da União Soviética. Ou pelo menos era assim que reconheciam os funcionários da agência. Como indicado no documento “*Recent Features of Soviet Cultural Offensive in Latin America*”, de 19/07/1955, a USIA fazia aferições de como e com qual intensidade os soviéticos operavam entre aquelas nações mais geograficamente próximas dos Estados Unidos. Não só isso, os oficiais culturais da agência se incumbiam de reconhecer as opiniões dos próprios latino-americanos sobre as orientações e diretrizes soviéticas. No documento “*Latin American Communist Reactions to the 20th Congress Of The Communist Party of the Soviet Union*”, de 18 de abril de 1956, eles apontaram que vários comunistas na América Latina chegaram a discordar de Nikita Khrushchev naquele Congresso. Aos comunistas latinos teria sido difícil aceitar imediatamente as acusações que Khrushchev fez contra a ditadura de Joseph Stalin.

Não só havia certa resistência entre os latino-americanos sobre as emanções oriundas da União Soviética, aqueles também tinham reservas sobre os grandes expoentes da cultura e da vida brasileira, como evidenciava o verbete “*VILLA-LOBOS*” da “*Grande Enciclopédia Soviética*”, de 14 de maio de 1956. O compositor seria considerado entre os soviéticos excessivamente

“formalista”³⁸¹ para os padrões do partido. Ora, o Brasil era um foco delicado das atenções tanto da União Soviética como dos Estados Unidos. Modelo para o resto da América Latina e até outros países, o Brasil era um país de grandes dimensões, com uma população e distribuição de riquezas e características variadas. Não só isso, enquanto os brasileiros não eram completamente favoráveis aos Estados Unidos desde o fim da 2ª Guerra Mundial, também não eram totalmente antipáticos à União Soviética. Acima de tudo, segundo as diversas análises da USIA, o Brasil era sensivelmente frágil ao próprio nacionalismo. Esta, segundo um alarmista relatório do *United States Information Services* do Rio de Janeiro³⁸², era a atmosfera ideal para ação do Agitprop soviético, especialmente considerando um tema crucial da política brasileira na década de 1950: o petróleo³⁸³.

A criação da Petrobrás em 3 de outubro de 1953 foi reconhecida entre os oficiais da USIA como uma espécie de vitória da atuação da propaganda comunista no Brasil. Afinal, o argumento que levou a monopolização da exploração do petróleo brasileiro pelo Estado foi acentuado pelo sentimento nacionalista das lideranças políticas no país. Um sentimento que teria sido acirrado pela atuação de agentes comunistas infiltrados em diversas áreas de atuação sensíveis, como órgãos de imprensa, organizações estudantis e sindicatos. A avaliação, talvez até excessiva, associava comunismo e o nacionalismo de forma íntima. Em 1953, o Brasil, modelo para outros países naquele difuso caminho para o futuro, estava sendo “perdido” para o comunismo. Maiores atenções pareciam se fazer necessárias sobre o antigo aliado do Estados Unidos na 2ª Guerra Mundial.

³⁸¹ Infere-se que a própria concepção de “formalismo” não seja acima de discussão. Uma possível vertente de pesquisa poderia ser justamente a acepção semântica que os soviéticos atribuiriam a “formalismo” na música.

³⁸² “1954-55 IIA Prospectus for Brazil”. Documento de 30/04/1953. Apud NARA, RG 306, A1E55 – *Master Budget Files*, Box 5.

³⁸³ “*Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955*”. Documento de 29/02/1956. NARA, RG 306, A1 1022, Box 6.

Entre fins de 1963 e início de 1964, o Brasil foi palco de uma série de pesquisas promovidas pela USIA, uma tarefa executada por Bryant Wedge com o auxílio do INESE, uma agência de pesquisa de opinião privada brasileira. Wedge era um psiquiatra atuante na iniciativa privada, mas em suas pesquisas propunha-se a encontrar respostas que iam de encontro aos interesses da USIA. O objetivo dele era examinar as “raízes da opinião política” dos estudantes de um país em desenvolvimento e traçar uma análise qualitativa de seus dados. Ao conferir as atitudes e opiniões dos estudantes brasileiros, as “descobertas” de Wedge foram substancialmente ineficazes para os fins daquela pesquisa. Suspeita-se que a pesquisa de Wedge, cuja concepção inicial era julgada deficiente até mesmo pelos funcionários da própria agência, tenha sido prejudicada pelo contexto político em que o Brasil se encontrava naquele momento. A pesquisa dele se deu poucos meses depois da instauração do governo militar, em março de 1964. Aferir com qualquer grau de precisão a essência da “mentalidade social” dos brasileiros a partir de entrevistas com alguns estudantes estaria comprometida. Havia de se considerar a ebulição do contexto ou então pelo receio da repressão política. Os brasileiros apresentavam respostas completamente contraditórias, o que o observador reconheceu como evidências da própria história brasileira. Parafraseando Wedge, tratava-se de um “autoritarismo” arraigado no século 19 combinados com esperanças futuristas projetadas no século 21. Um nó górdio entre as identidades e intenções brasileiras. Contudo, a despeito dos propósitos daquela pesquisa, o projeto de Bryant Wedge colocou em evidência as diretrizes implícitas sobre as quais os governos americanos e os diretores da *United States Information Agency* vinham agindo desde 1945. Além disso, tornavam mais claros os matizes da “verdade” que supostamente havia se estabelecido após o fim da 2ª Guerra Mundial quando contrastada com fundamentos da própria história dos Estados Unidos.

“*A verdade é a melhor propaganda*”, disse Carl T. Rowan pouco antes de assumir o cargo de diretor da USIA, em 1964. Assim, o novo cargo que ele ocuparia não exigiria maiores esforços uma vez que se considerava um bom contador de verdades. Por outro lado, um antecessor de Rowan tinha opinião diferente. George Allen disse que tentar “vender” os Estados Unidos em formatos de propaganda provocaria outro efeito, fazendo com que “*estrangeiros virem as costas imediatamente.*” A possível tensão entre estas duas perspectivas, entre usar a cultura como “propaganda” ou instrumento “educacional”, é o cerne da tese de Richard Arnt, que narrou a história daquela agência que durou até 1999, quando foi dissolvida.

Desde a criação da USIA, por um lado, havia aqueles que acreditavam que a agência devia ser um instrumento de “propaganda”, de dissuasão, de convencimento. De outro, havia aqueles que queriam que ela fosse uma agência de “formação”, de promoção da cultura, inclusive o Senador Fullbright³⁸⁴, que influenciou amplamente as ações da USIA depois de 1961. Seja como for, ambos pareciam duas faces de uma mesma moeda: as duas visões eram escoradas por uma atitude finalista, teleológica, messiânica. Complementarmente, traziam uma retórica por vezes científica, uma vez que os métodos da USIA eram eminentemente matemáticos, estatísticos. Outras vezes eram emocionais, paradoxais, com tonalidades religiosas difíceis de negar.

“A verdade vos libertara”. “O caminho para o futuro”. “A Cruzada da Aliança para o Progresso”. Os termos empregados nos materiais produzidos pela USIA sugeriam os valores e o vetor que se queria inculcar na relação entre os países e também na batalha contra a União Soviética.

³⁸⁴ Como diz o preâmbulo da PL 87-256: “[...] *To provide for the improvement and strengthening of the international relations of the United States by promoting better mutual understanding among the peoples of the world through educational and cultural exchanges.*” “*Fullbright-Hayes Act.*” Documento de 21 de setembro de 1961. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-75/pdf/STATUTE-75-Pg527.pdf> Acesso em 14/9/2015.

A disputa cultural tinha, afinal, uma relação com a finitude, a posteridade e em último lugar, com o amanhã.

Se a verdade era a melhor propaganda, é de se perguntar o que teria pensado Carl T. Rowan se tivesse que esclarecer do que se tratava o anexo do memorando de 6 de janeiro 1964. Era uma correspondência endereçada ao Conselheiro de Segurança Nacional do presidente Lyndon Johnson, McGeorge Bundy³⁸⁵ intitulada “*A Contingency Plan For Brazil*”³⁸⁶. Ou então também se pondera o que achava George Allen das ações da USIA depois que deixou de ser seu diretor e assumiu o cargo de Presidente do Instituto do Tabaco³⁸⁷ em dezembro de 1960³⁸⁸. Contudo, há de se ter cautela neste tipo de questionamento. Como advertia Tocqueville, era imperativo verificar como o capricho, o vício ou a virtude de certos homens moldavam o destino de um povo até nas nações democráticas. Mas seria descuidado considerar que contradições de indivíduos sentenciassem o fracasso de instituições inteiras.

Afinal, qual era a função de uma agência assim? O mundo ficou mais “civilizado” com a atuação da USIA e com o fim da União Soviética? Os pontos de inflexão, a semântica entre os povos está mais nivelada após a Guerra Fria, como teria pressuposto Carl von Clausewitz ou Norbert Elias? A “verdade” e a “civilização” a qual os ideólogos da Guerra Fria se dedicaram em zelar foram alcançadas? Difícil aferir. Afinal, quais são os habitantes do futuro que reconhecem

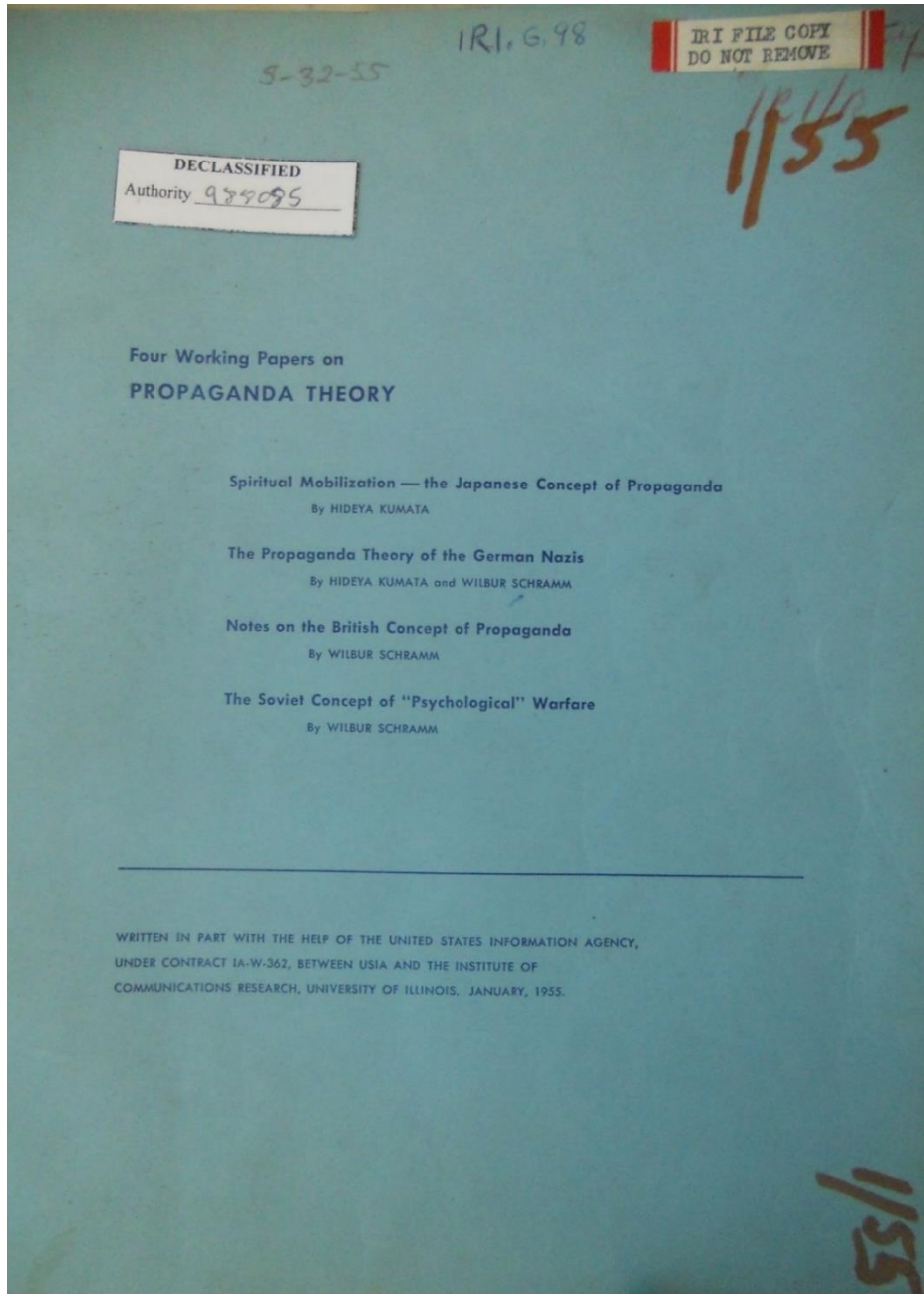
³⁸⁵ O “plano de contingência para o Brasil” ficou mais conhecido como “Operação Brother Sam” e descrevia cenários que o governo americano deveria considerar em se tratando de possíveis revoltas populares no Brasil. O tema foi largamente explorado em FICO, Carlos. *O Grande Irmão – da Operação Brother Sam aos anos de chumbo – o governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

³⁸⁶ “*A Contingency Plan For Brazil*”. Documento de 6 de janeiro de 1964. Apud NARA, RG 59, *Central Foreign Policy Files 1964-1966; Political Affairs & Relations POL 23-7 Braz 1/1/1964 to POL 23-9 Rebellion Braz 4/6/1964*, Box 1943. Ver Anexo XV.

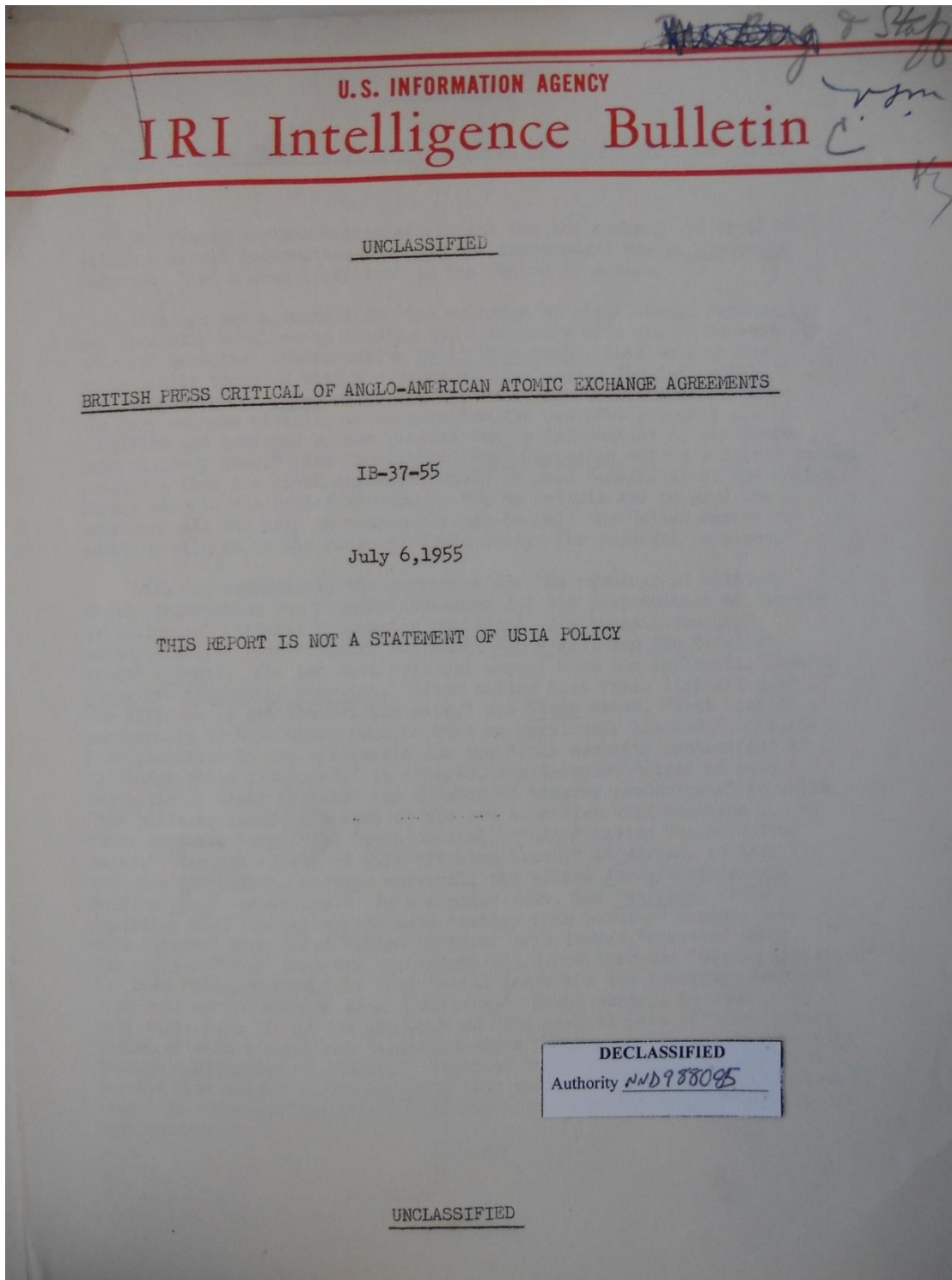
³⁸⁷ O órgão é um dos mais tradicionais lobistas em favor da comercialização do tabaco nos Estados Unidos.

³⁸⁸ “*Resignation of Director George V. Allen*”. Documento de 1/12/1960. Apud NARA, RG306, E1069 – *Biographic Files Relating to USIA Directors and Other Senior Officials*, 1953-2000. Box 5.

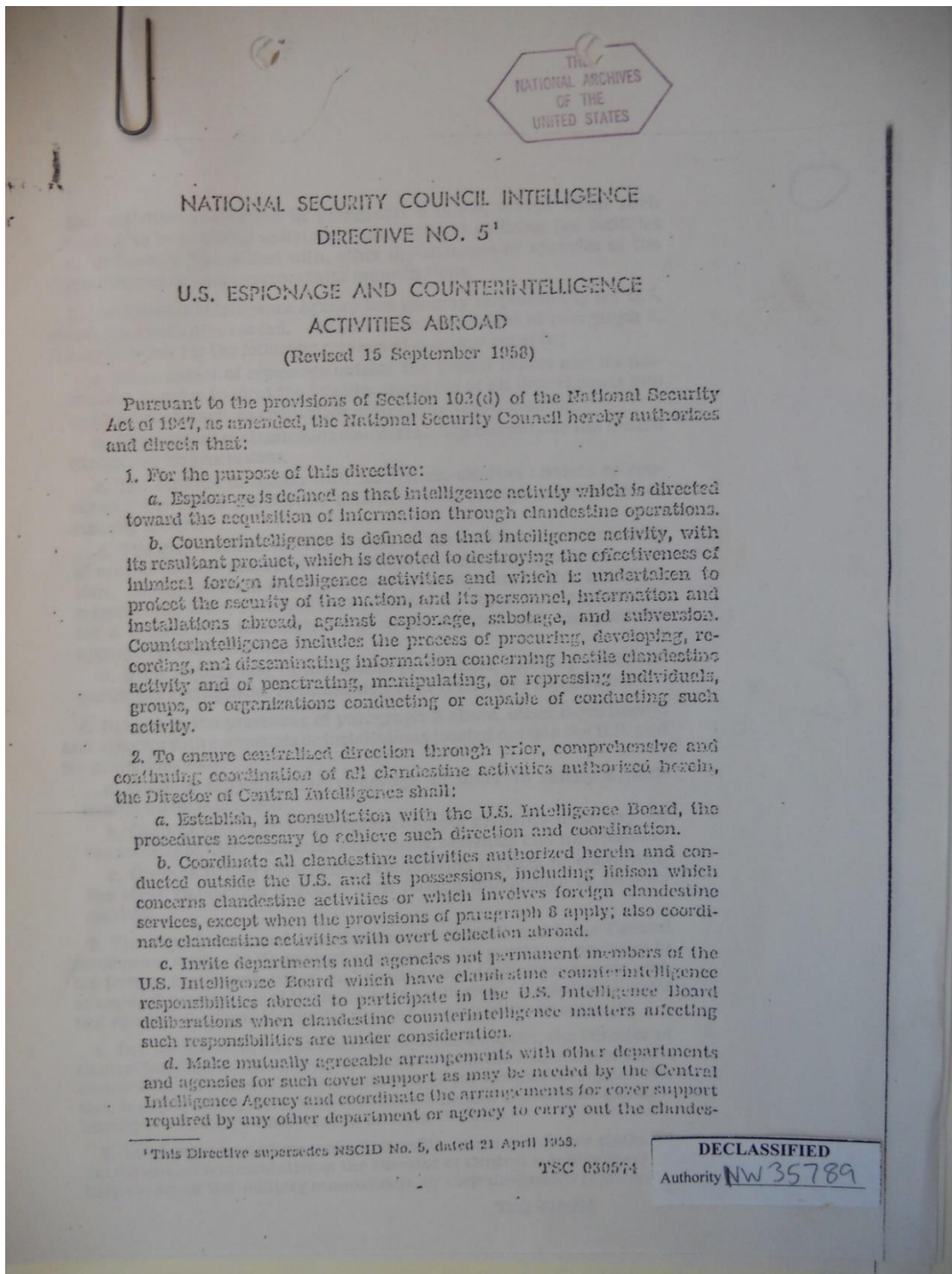
sua posição no tempo? Ademais a consciência histórica é uma percepção que só pode ser vivenciada com o rigor da interpretação e distanciamento do tempo. Um fardo compreensivelmente pesado para a maioria das pessoas. De modo similar talvez resida aí o fardo do historiador, ouvir a voz de gerações sem que a dele mesmo não seja surda ao seu próprio tempo.



³⁸⁹ Apud NARA, RG 306 – P160, *Special Reports*, Box 9



³⁹⁰ Apud RG 306, A1-1022, *Intelligence Bulletins*, Box 1.



³⁹¹ Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

NSCID 3

13 January 1948

~~SECRET~~COPY NO. 53NATIONAL SECURITY COUNCIL INTELLIGENCE DIRECTIVE NO. 3COORDINATION OF INTELLIGENCE PRODUCTION

Pursuant to the provisions of Section 102 of the National Security Act of 1947, and for the purposes enunciated in paragraphs (d) and (e) thereof, the National Security Council hereby authorizes and directs that the following over-all policies and objectives are established for the coordination of the production of intelligence:

1. In order that all facilities of the Government may be utilized to their capacity and the responsibilities of each agency may be clearly defined in accordance with its mission, dominant interest, and capabilities, the whole field of intelligence production is divided into the following categories, and responsibilities are allocated as indicated:

a. Basic Intelligence

(1) Basic intelligence is that factual intelligence which results from the collation of encyclopedic information of a more or less permanent or static nature and general interest which, as a result of evaluation and interpretation, is determined to be the best available.

(2) An outline of all basic intelligence required by the Government shall be prepared by the CIA in collaboration with the appropriate agencies. This outline shall be broken down into chapters, sections, and sub-sections which shall be allocated as production and maintenance responsibilities to CIA and those agencies of the Government which are best qualified by reason of their intelligence requirements, production capabilities, and dominant interest to assume the production and maintenance responsibility.

(3) When completed, this outline and tentative allocations of production and maintenance responsibilities shall be submitted for NSC approval and issued as an implementation of this Directive. It is expected that as the result of constant consultation with the agencies by the Director of Central Intelligence, both the out-

NSCID 3

- 1 -

~~SECRET~~

DECLASSIFIED

Authority NW 35789

³⁹² Apud NARA, RG 273, E4 - NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

NSCID
#1

Ref. by

~~CONFIDENTIAL~~

September 7, 1954

My dear Mr. Streibert:

At the direction of the President you are invited to attend a meeting of the National Security Council to be held in the Conference Room of the White House on Thursday, September 9, 1954 at 10:00 a.m. to participate with the Council in consideration of the following item which is the first item on the agenda for this meeting:

DISSEMINATION OF NATIONAL INTELLIGENCE TO THE USIA
(Memo for NSC from the Acting Executive Secretary, same subject, dated August 24, 1954; NSCID No. 1, dated March 28, 1952, Paragraph 5-a)

For consideration of the recommendation of the Acting Director of Central Intelligence that the United States Information Agency be designated as an agency to which the Director of Central Intelligence shall disseminate national intelligence,

The recommendation referred to above was transmitted to your office by the reference memorandum of August 24.

Sincerely yours,

JAMES S. LAY, Jr.
Executive Secretary

FILE COPY

WWS 941247
HRM/AL 7/7/01

COORDINATOR
RESEARCH ASSISTANT
NSC REGISTRY

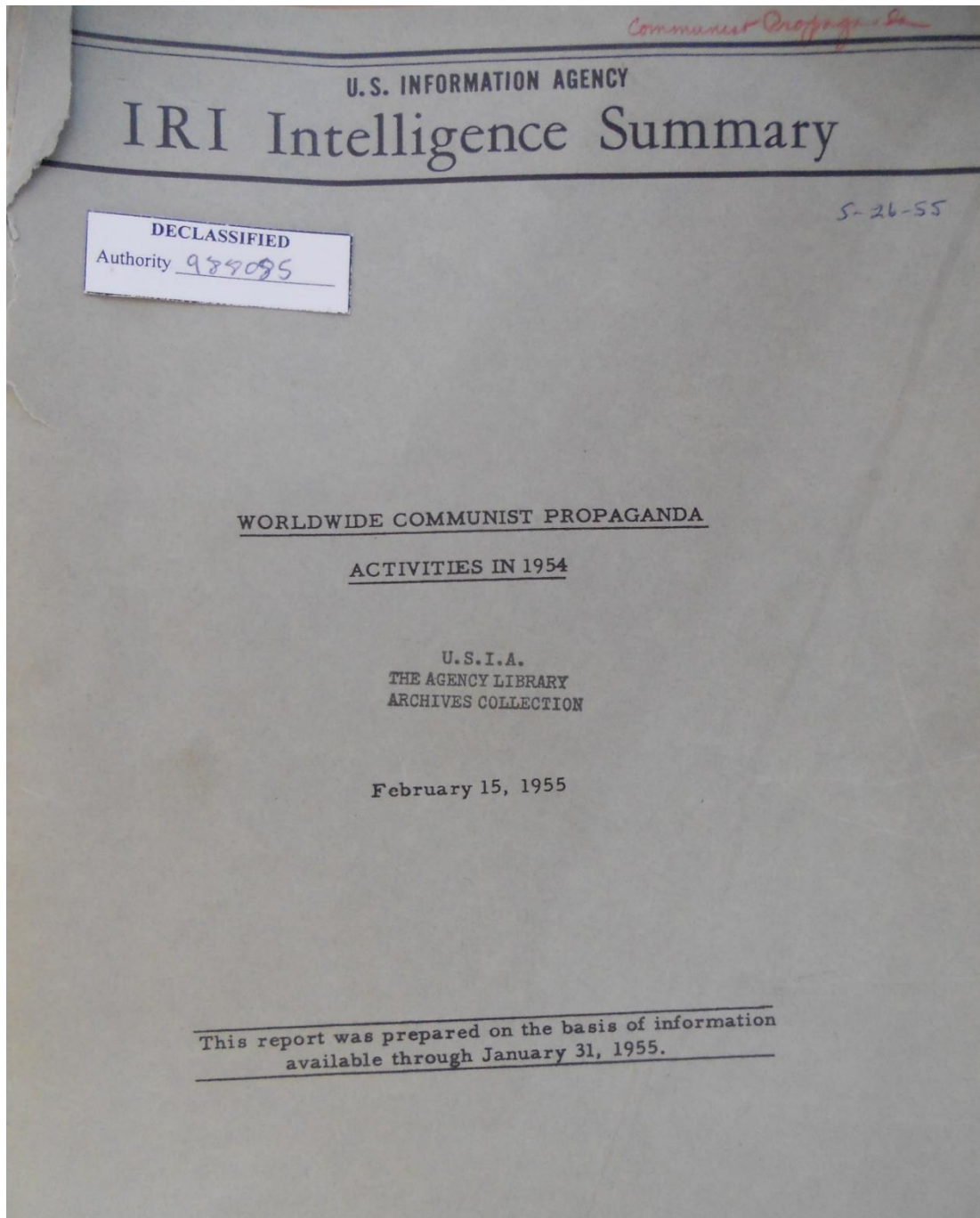
Ren

DECLASSIFIED
Authority NW 35789

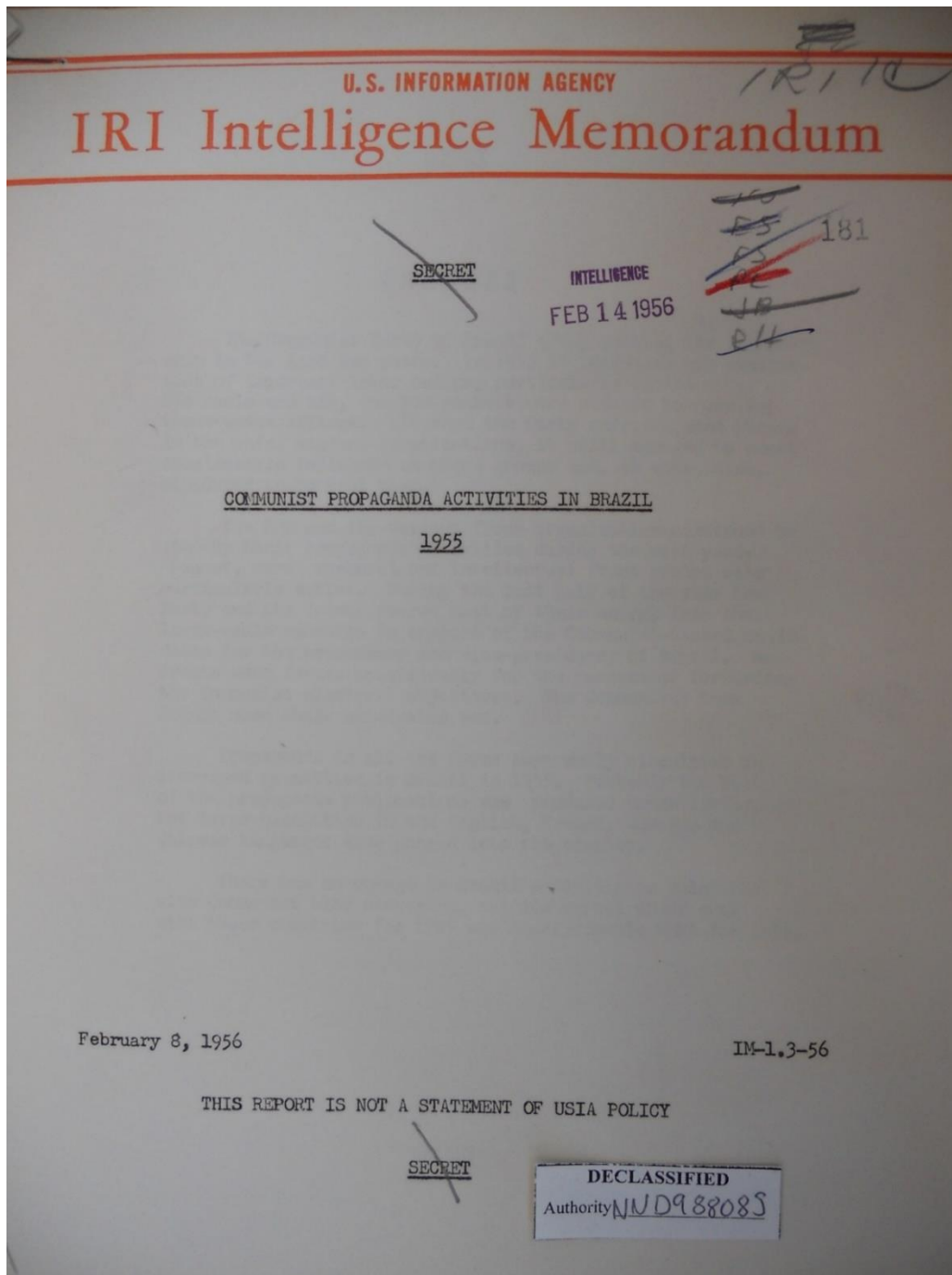
23354

~~CONFIDENTIAL~~

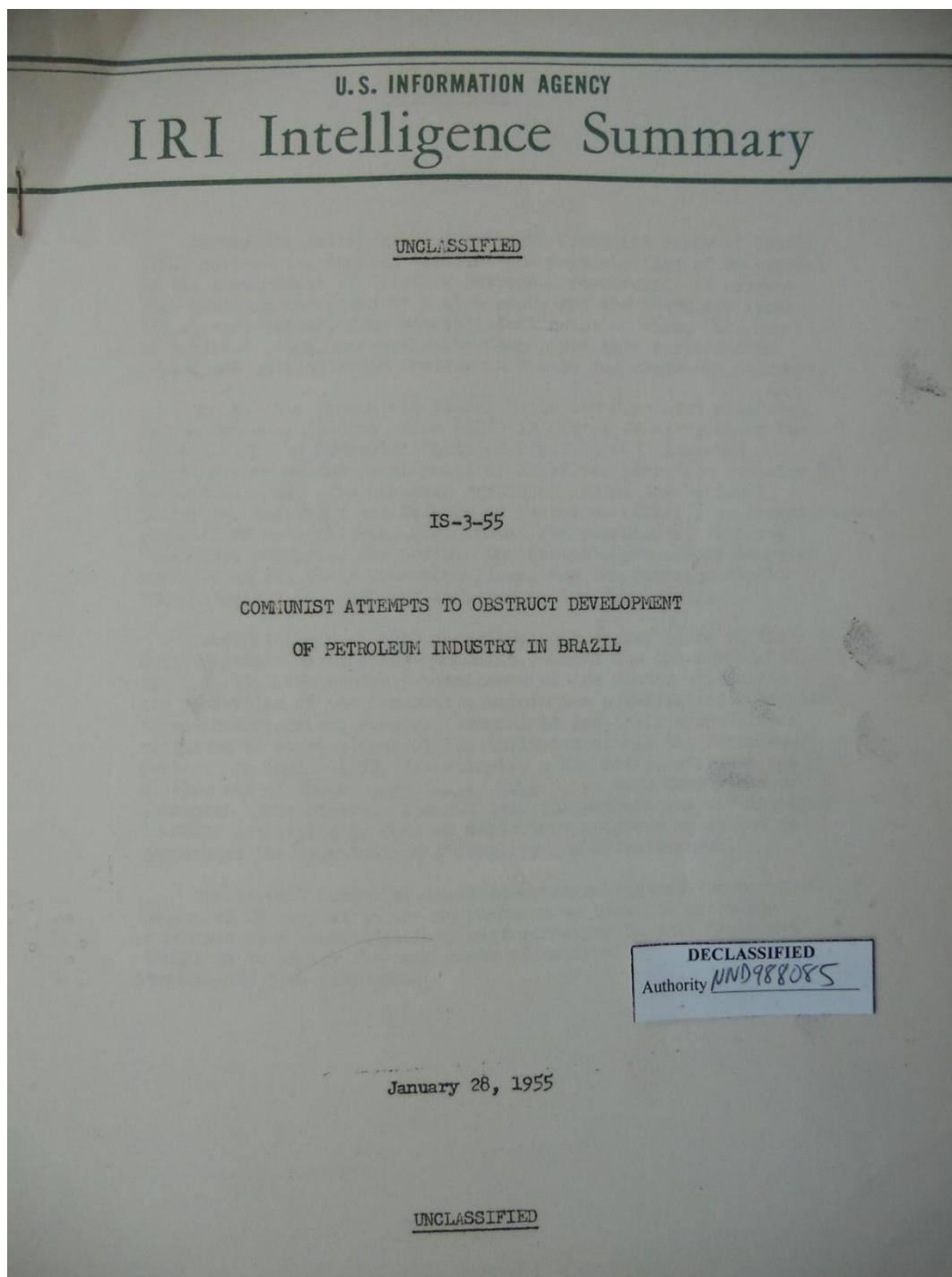
³⁹³ Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.



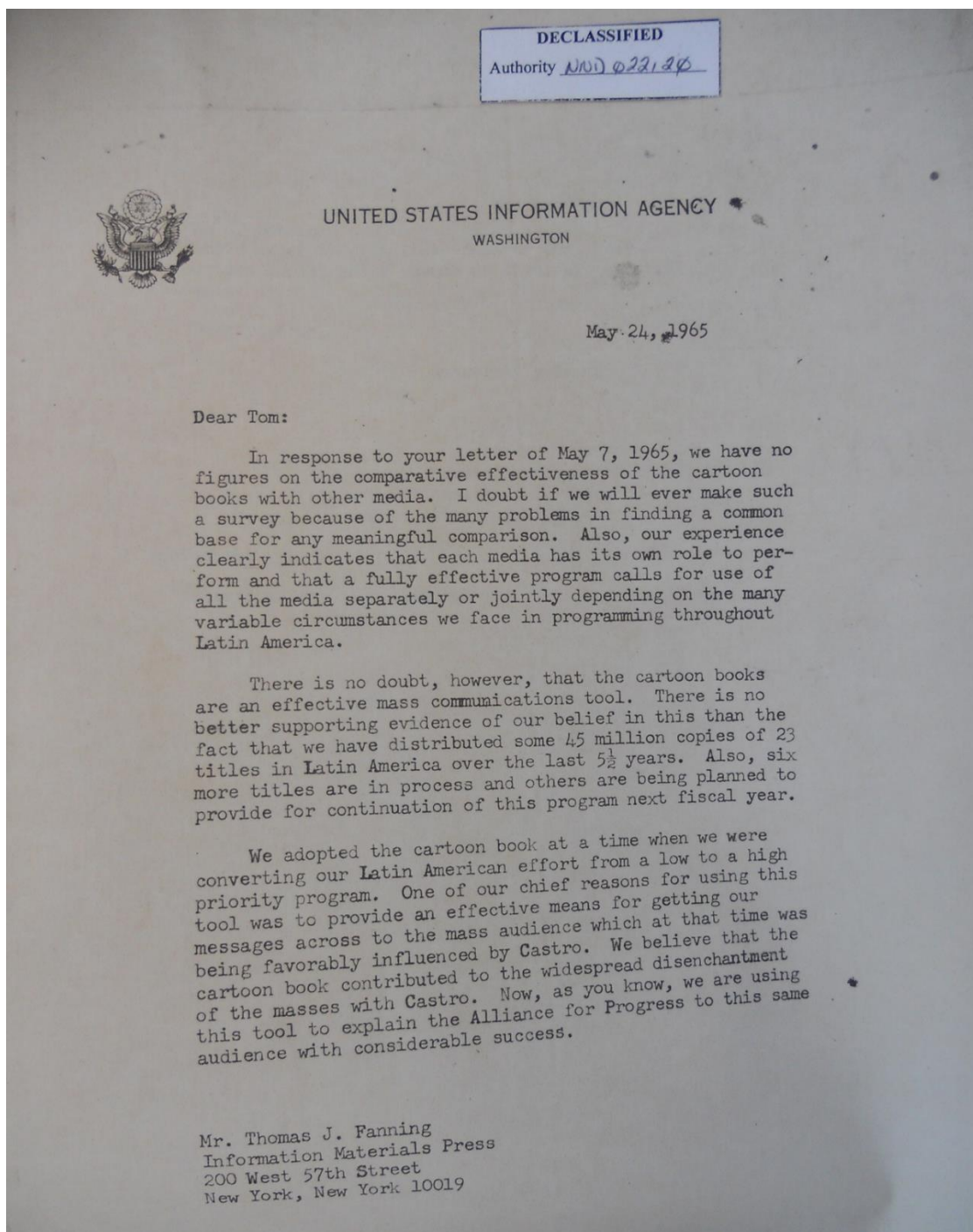
³⁹⁴ Apud NARA, RG306, P-160, *Special Reports*, Box 9.



³⁹⁵ Apud NARA, RG306, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandums and Summaries*, Box 3.



³⁹⁶ Apud NARA, RG273, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandums and Summaries*, Box 4.



³⁹⁷ Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

UNCLASSIFIEDRECENT FEATURES OF SOVIET CULTURAL OFFENSIVE IN LATIN AMERICA

Recent meetings and exhibits in Moscow devoted to Latin American literature, music and art illustrate the stepped-up Soviet Orbit cultural offensive aimed at the Hispanic nations of the Western Hemisphere.

In May the Union of Soviet Composers sponsored a gathering in Moscow devoted to the music of Latin America. According to the Soviet Embassy in Buenos Aires, the gathering was attended by composers, music critics, and professors and students of Moscow music schools. Among the guests were members of a Brazilian delegation of intellectuals and a Brazilian pianist who played several works by Villa Lobos, Brazil's leading composer. Prior to the concert, a Soviet music critic spoke of the increasing popularity of Latin American music in the USSR and the significance of visits by Latin American and Russian concert artists. An Argentine film on music was shown following the concert.

A month later the Chilean and Bolivian Communist press reported that high school students of Spanish in Moscow had held a meeting devoted to Latin American literature at which Ilya Ehrenburg, Soviet publicist, spoke on his trip to Chile last year to present the Stalin Peace Prize to the Chilean poet Pablo Neruda. Featured at the meeting was an exhibit of books by Latin American and Russian authors translated into Russian and Spanish respectively and a display of magazines and reviews of Latin American countries and photos of USSR-Latin American cultural exchange visitors. The meeting ended with readings by the students of the poetry of Nicolás Guillén, prominent Cuban Communist.

Early in July El Siglo, Chilean Communist daily, reproduced a New Times article dealing with a current exhibit of Mexican painting in Moscow. The exhibit, which had been displayed in Orbit cities, was lauded as an event of great cultural importance in the artistic life of the Soviet capital. The paintings not only reflect the finest patriotic traditions of Mexico, the article pointed out, but also portray the enemies of the people: the military dictators and the "gringo peddlers." In conclusion, it was emphasized that these Mexican "progressive" artists have played an important role in awakening the national conscience of other Latin American painters by their graphic depiction of the struggle of agricultural workers and proletariat in defense of their rights.

Distribution:

USIA/A	DEFENSE	CIA
STATE	OCB	USIS/A

IRI/P/Latin American Branch

DECLASSIFIED Authority <u>NJ 0988085</u>

UNCLASSIFIED

³⁹⁸ Apud NARA, RG 306, A1 1022, *Intelligence Bulletins*, Box 3.

COMMUNIST PROPAGANDA ACTIVITIES IN LATIN AMERICA1955H I G H L I G H T S

Membership of Communist Parties: Overall Latin American Communist Party membership is estimated to be over 250,000. This indicates that the Communists have managed to recoup some of the losses suffered in 1947-48 when total membership dropped from the post World War II peak figure of 330,000 to a low of about 200,000.

Communist Themes: The "spirit of Geneva" made little or no difference to Communist propagandists in Latin America. They continued their vicious attacks on the US.

Front Organizations: New front organizations were founded during the year, and old ones stepped-up their propaganda activities.

Media: New Communist publications, both foreign and domestic, appeared in Latin America in 1955, and many established publications increased their circulation. More Soviet bloc films were shown. The Soviet bloc increased sharply (167 percent) its Spanish language broadcasts to the area.

Cultural Exchanges: More than 1000 Latin Americans traveled abroad under Communist auspices in 1955, a figure which is at least double that for 1954.

Diplomatic Relations: Soviet bloc countries increased their diplomatic missions in Latin America in 1955 with the opening of a Czech Legation in Bolivia. Soviet bloc diplomatic missions also extended their accreditation, increased their personnel, and stepped-up their activities, particularly in the entertainment field. As 1955 closed there were fifteen Soviet bloc missions operating in Latin America.

Trade: Trade, barter and payments agreements between Latin American countries and those of the Soviet bloc envisaged a 1955 trade goal of about 500 million dollars, or about double the trade between the two areas in 1954. However, actual trade between the two areas was only slightly above the 1954 level. As the year closed, Soviet bloc countries had twenty trade agreements in effect with six Latin American countries. In addition, ad hoc trade between the Bloc and Latin America increased considerably in 1955.

DECLASSIFIED

Authority NND988085

³⁹⁹ Apud NARA, RG 306, A1 1022, *Intelligence Bulletins*, Box 6.

4
 Faculdade de Direito da Universidade do Brasil
 Presidente da Associação Libertadora Acadêmica
 (Partido Democrático)
 28 anos - 3º ano

Esquerdista-Progressista

Este é um slogan comumente usado aqui na faculdade e em outros lugares pelos esquerdistas, que eu considero subversivos. É um processo de se esconder atrás de slogan que esta em moda. O que estas pessoas que usam este slogan chamam de progressista é o fato de acreditarem no regime comunista, no regime de Marx, colocando sempre a democracia como regime superado. Então, os que se dizem esquerdistas, progressistas; basta que qualquer pessoa, mesmo que esta pessoa seja democrata autentico, nacionalista autentico, pelo simples fato de discordar deles, é imediatamente tachado (tachado) de reacionario de direitista, vendido ao capital estrangeiro, etc. Isto quer dizer que atrás de um slogan bonito, moderno, se escondem aquelas que gostariam de transformar o regime democratico em um regime totalitario de esquerda. É usando este slogan também, que os seus seguidores dizem querer reformar o Brasil. Todavia, tenho certeza que isto é apenas pretexto; o que realmente desejam é modificação lenta ou violentamente do regime democratico. É só, esquerdista, progressista, é o que lhe apresentei aí.

DECLASSIFIED
 Authority NND 727505

Capitalismo-Livre Iniciativa

Capitalismo deve ser analisado sob dois aspectos. 1º) Capitalismo medieval que era capitalismo de 1800, que realmente era capitalismo desumano e foi devido a essa desumanidade que talvez, revoltado com essa situação das coisas, Engels e Marx escreveram na Inglaterra, o Capital. Errou Marx no meu entender por julgar que o capitalismo não evoluiria que ficaria estavel, a meu ver partiu de premissa errada. Por outro lado admitiu que só sua teoria econômica e filosofica, alcançaria resultados positivos para a grande massa sofredora. Como a história se encarregou de nos mostrar, enganou-se redondamente Marx como também Lenine, pois o capitalismo na medida em que o tempo passa evolui cada vez mais, Humanizando-se cada vez mais, e a prova disto que estou dizendo, e a melhor prova aliás do que estou dizendo, é a comparação dos sistemas econômicos dos países ocidentais e dos países da cortina de ferro onde inegavelmente se verifica um índice de vida muito mais elevado nos países capitalistas que nos países socialistas.

Sobre livre iniciativa devo dizer que sou totalmente a favor dela desde que seja devidamente controlada e fiscalizada pelas autoridades competentes. Eu gostaria de falar mais sobre capitalismo, capitalismo estrangeiro, etc Evidentemente que existe o capitalismo que nos beneficia, e que nos prejudica, e logicamente é ao capitalismo que nós beneficia seja ele estrangeiro, ou não, que devemos dar-lhes certas facilidades.

⁴⁰⁰ Documento de 11/7/1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

Final

INESE - INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS E ECONÔMICOS
Rua Quint. Bocaiuva, 161, 7º. Tel. 36-5947 - SÃO PAULO
Rua Eng. Ubaldo G. de Matos, 155, 5º, s/55 - RECIFE
Rua México, 21, cj. 1301 - Tel. 42-4776 - GUANABARA

=====
Quest. nº 34

QUESTIONÁRIO DE SEMÂNTICA

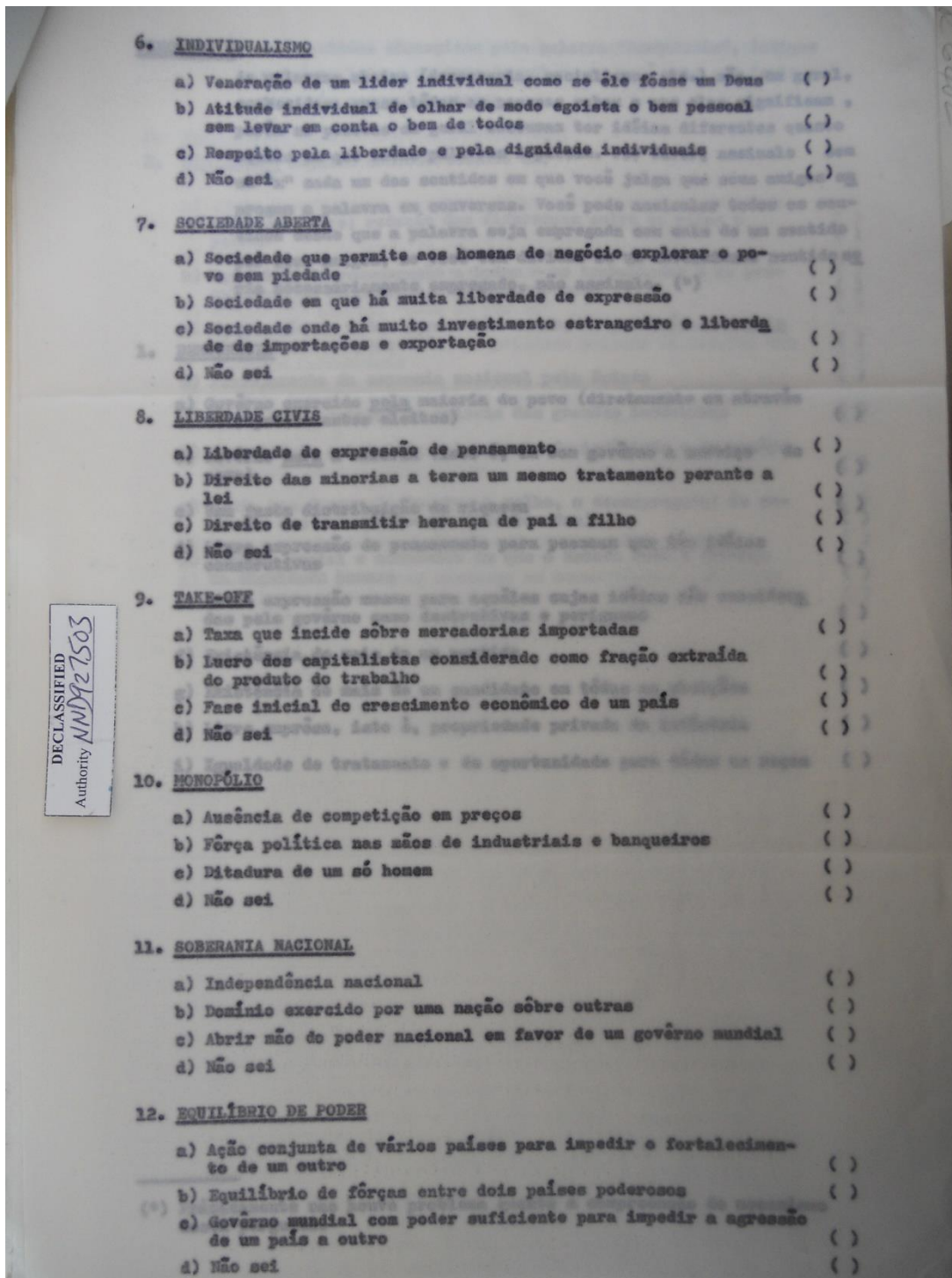
PERGUNTA 1:
Em função daquilo que o sr. entende por "democracia", responda amplamente e com exemplos concretos a pergunta abaixo:

PERGUNTA 1a:
A seu ver, a democracia é um sistema político que poderosamente se vir ao homem moderno?
SE "SIM": De que modo?
SE "NÃO": Por que não? (*)

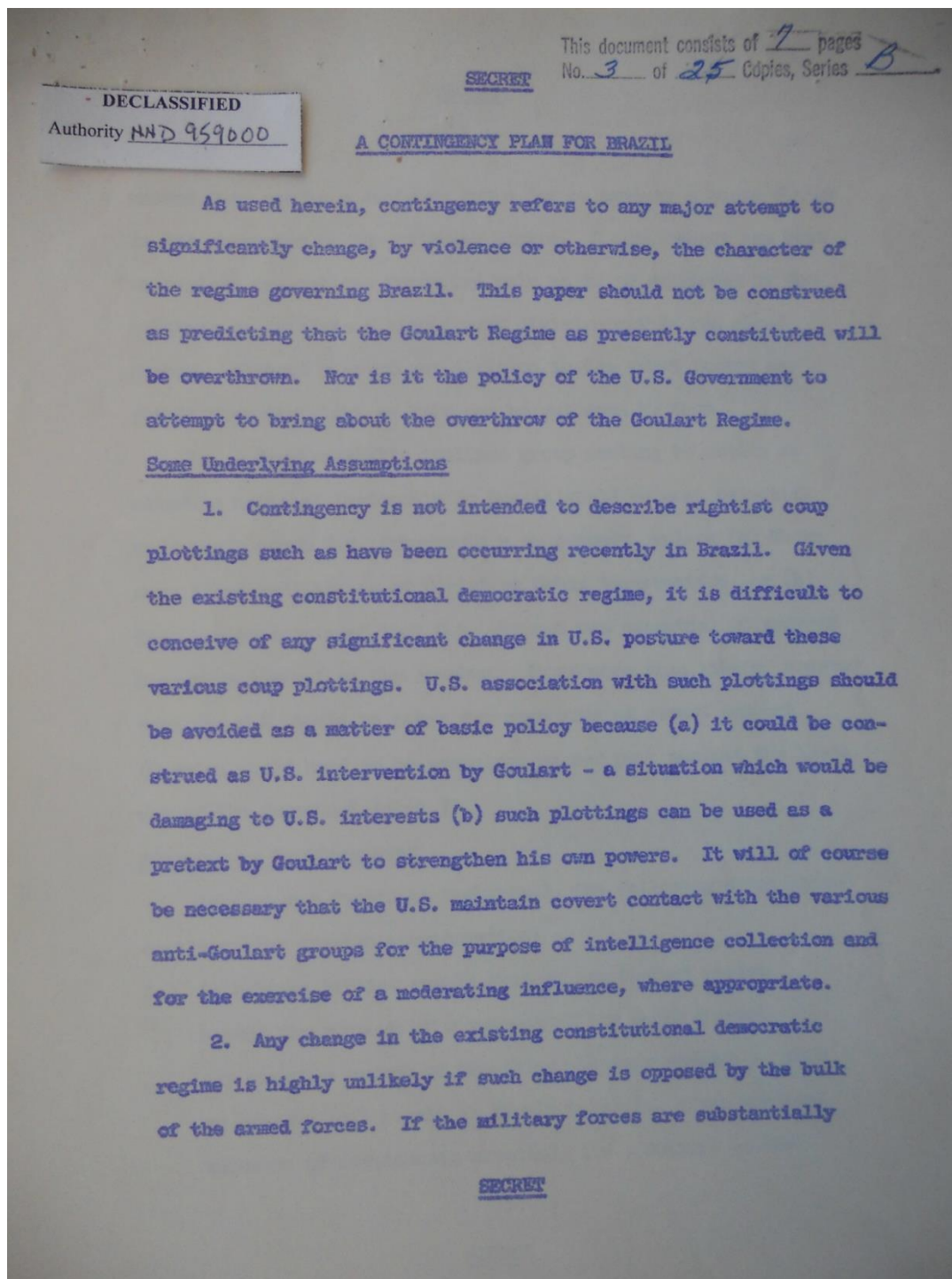
DECLASSIFIED
Authority NND927503

(*) A pergunta foi entendida corretamente pelos 15 entrevistados consultados
(*) A forma como esta apresenta deu margem a que cada um expandisse com certa franqueza suas opiniões.

⁴⁰¹ Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.



⁴⁰² Documento provavelmente de julho de 1964. Parte de "PERGUNTA 5." Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.



⁴⁰³ "A Contingency Plan For Brazil". Documento de 6 de janeiro de 1964. Apud NARA, RG 59, Central Foreign Policy Files 1964-1966; Political Affairs & Relations POL 23-7 Braz 1/1/1964 to POL 23-9 Rebellion Braz 4/6/1964, Box 1943.

Usadas no Capítulo I

Série de filmes de Frank Capra reunidos sob o título de “*Why We Fight*”. Documentos de 1942 a 1945. Disponíveis em <https://www.youtube.com/user/usnationalarchives/search?query=why+we+fight> Acesso em 27/05/2015.

“*Four Working Papers on Propaganda Theory*”. Documento de janeiro de 1955. Apud NARA, RG 306 – P160, *Special Reports*, Box 9.

“*Public Law 80-420*” ou “*Smith-Mundt Act*”. Documento de 27 de janeiro de 1948. Disponível em <http://www.state.gov/documents/organization/177574.pdf> Acesso em 1/04/2015.

“*British Press Critical Of Anglo-American Atomic Exchange Agreements*”. Documento de 6/07/1955. Apud RG 306, A1-1022, *Intelligence Bulletins*, Box 1.

“*Text of the address delivered by the president of the United States before the general assembly of the United Nations in New York City Tuesday Afternoon, December 8, 1953*”. Documento de 8 de dezembro de 1953. Disponível em http://www.eisenhower.archives.gov/research/online_documents/atoms_for_peace/Binder13.pdf Acesso em 13/04/2015.

Usadas no Capítulo II

Relatório Clifford-Elsey intitulado “*American Relations with the Soviet Union*”. Documento de 24/09/1946. Disponível em http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/sectioned.php?pagenumber=2&documentid=4-1&documentdate=1946-09-24 Acesso em 15/04/2015.

“*The Sources of the Soviet Conduct*”. Artigo de George F. Kennan publicado na revista *Foreign Affairs*. Documento de Julho de 1947. <http://www.foreignaffairs.com/articles/23331/x/the-sources-of-soviet-conduct> Acesso em 15/04/2015.

“*Public Law 99-433*.” Documento de 1/10/1986. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-100/pdf/STATUTE-100-Pg992.pdf> Acesso em 20/04/2015.

“*Public Law 253*” ou “*National Security Act*”. Documento de 26/07/1947. Disponível em <http://legisworks.org/congress/80/publaw-253.pdf> Acesso em 22/08/2015.

“National Security Council Intelligence Directive NO. 5 – U.S. Espionage and Counterintelligence Activities Abroad”. Documento de 15/09/1958. Apud RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

“National Security Council Intelligence Directive NO. 3 – Coordination of Intelligence Production”. Documento de 14/01/1948. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

“Director of Central Intelligence Directive 3/4 - Production of Scientific and Technical Intelligence”. Documento de 14/08/1952. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

Memorando do Major-Brigadeiro C.P. Cabell para Mr. James S. Lay do NSC. Documento de 23/08/1954. Apud NARA, RG 273, E4 – NSC Intelligence Directives (NSCID), 1947-72, Box 1.

“Worldwide Communist Propaganda Activities In 1954”. Documento de 15/02/1955. Apud NARA, RG306, P-160, *Special Reports*, Box 9.

“Recent Developments In Communist Use Of Press And Publications.” Documento de 21/06/1956. Apud NARA, RG306, P-160, *Special Reports*, Box 9

“Comunist Propaganda Activities In Brazil”. Documento de 8/02/1956. Apud NARA, RG306, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 3.

“Comunist Attempts To Obstruct Developmont Of Petroleum Industry In Brazil”. Documento de 28/01/1955. Apud NARA, RG273, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 4.

Usadas no Capítulo III

“Sob a Névoa da Guerra”. Direção: Errol Morris, 2003. 95 min, Em cores. Título original: *The Fog of war: Eleven Lessons from the Life of Robert S. McNamara*.

“Public Law 88-408”, “To promote the maintenance of international peace and security in southeast Asia”. Documento de 10/08/1964. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-78/pdf/STATUTE-78-Pg384.pdf> Acesso em 27/04/2015.

“NSC-68”. Documento de 14/04/1950. Disponível em https://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/pdf/10-1.pdf Acesso em 24/05/2015.

Anexo com piadas ao memorando de James M. McDonald endereçado a Katherine D. Ray. Documento de 24 de outubro de 1967. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

“Proverbs as a Clue to Vietnamise Attitudes”. Documento de 16/04/1967. Apud NARA, RG306, A1-E31 – *General Records Relating to the Joint U.S. Public Affairs Office (JUSPAO) – 1966-1975*, Box 1.

Capa de *“Tesoro Escondido”*. Documento de 1968. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Correspondência endereçada à Katherine Ray. Documento provavelmente escrito entre fevereiro e abril de 1968. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Capa de *“El Camino Hacia El Futuro”*. Documento de 1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Memorando do USIS de Santo Domingo para USIA. Documento de 8/02/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Memorando do USIS de Bogotá para USIA. Documento de 8/02/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Memorando do USIS de Tegucigalpa para a USIA. Documento de 2/4/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Correspondência de Thomas J. Fanning para Kermit Brown. Documento de 5/5/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

Correspondência de Kermit Brown para Thomas J. Fanning. Documento de 24/5/1965. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 6.

“Que es la Alianza Para El Progreso?”. Documento de 1967. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 2.

“Unclassified Operation Memorandum to All IAL Posts from RSC Mexico”. Documento de 27/04/1967. Apud NARA, RG 306, A1-E7, *Latin American Publication Files*, Box 2.

Apontamentos gerais sobre o *“Voice of America”*: NARA, RG306, A1-1037 - *Voice of America Daily Broadcast Content Reports and Scripts Translations, 1950-1955*; RG306, A1-1022 - *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 2.

Apontamentos gerais sobre bibliotecas da USIA: NARA, RG306, A1-1028 - *Estimates and Evaluations, 1966-1978*, Box 1; RG306, A1-1035 - *Library Programs Division; Special Collections Branch; Oversize Scrapbooks*, Box 1.

Apontamentos gerais sobre exposições: NARA, RG306, E1039 - *Records Concerning Exhibits in Foreign Countries*; E1040 - *Office of Exhibits, Enclousers to Reports on “USSR Photo 70” Exhibit*; RG306, E1041 - *Office of Exhibits, Guestbooks From the American Pavillion at “Expo*

67”; RG306,E1042 - *Office of Exhibits, Newspaper Clipping relating to Expo 67*; RG306,E1043- *Office of Exhibits – Comment Books and Lists of Visitors Related to U.S. Exhibits in the USSR, Rumania & Bulgaria.*

Apontamentos gerais sobre outros tipos de materiais empregados pela USIA: NARA, RG306, A1-E7 – *Latin American Publication Files*, Box 1, 4, 5 e 7.

Usadas no Capítulo IV

“*Serenata Tropical*”. Direção: Irving Cummings, 1940. 89 min. Em cores. Título original: *Down the Argentine Way*.

“*Alô, Amigos*”. Direção: Wilfred Jackson, Jack Kinney (et alii), 1942. 42 min. Em cores. Título original: *Saludos Amigos*.

“*Recent Features of Soviet Cultural Offensive in Latin America*”. Documento de 19/07/1955, Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3.

“*Latin American Communist Reactions to the 20th Congress Of The Communist Party of the Soviet Union*”. Documento de 18/04/1956. Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3.

“*Latin American Non-Communist Press Comment of the 20th Congress of the Communist Party of the Soviet Union.*”. Documento de 08/05/1956. Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 3.

“*List of Book Stores Selling Soviet Publications*”. Documento de 12/5/1955. Apud NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

“*Translations from the Soviet Encyclopedia – Biographies*”. Documento de 13/04/1955. NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

“*Translations From the Soviet Encyclopedia – Religion – The Vatican*”. Documento de 25/04/1955. NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

“*Translations from the Soviet Encyclopedia – Composers – Heitor Villa-Lobos*”. Documento de 14/05/1956. NARA, RG 306, A1 1022, Box 1.

“*Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955*”. Documento de 29/02/1956. NARA, RG 306, A1 1022, Box 6.

Imprensa Popular n. 1592, Ano VIII. Rio de Janeiro. Documento de 28/08/1955. Disponível em http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_87_2418.pdf Acesso em 7/09/2015.

“*Communist Attempts to Obstruct Development of Petroleum Industry In Brazil*”. Documento de 28/01/1955. Apud NARA, RG273, A1-1022, *Intelligence Bulletins, Memorandus and Summaries*, Box 4.

Lei 2.004. Documento de 3 de outubro de 1953. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L2004.htm Acesso em 8/09/2015.

Constituição dos Estados Unidos da América - <http://constitutionus.com/#dates> Acesso em 08/09/2015.

“The Same Subject Continued: Concerning the General Power of Taxation” In “The Federalist Papers”. Documento de 4/01/1788. Disponível em http://thomas.loc.gov/home/histdox/fed_34.html Acesso em 8/09/2015.

“1954-55 IIA Prospectus for Brazil”. Documento de 30/04/1953. Apud NARA, RG 306, A1E55 – *Master Budget Files*, Box 5.

Acervo do Folha da Noite - <http://acervo.folha.com.br/fdn> Acesso em 09/09/2015.

Usadas no Capítulo V

“*Confidential-Secutiry Information – 1954-1955 IIA Prospectus for Brazil*” Documento de 30/04/1953. NARA, RG 306, A1-55, *Master Budget Files*, 1953-1964, Box 4.

Carta de próprio punho de Paulo Emilio Gomes dos Reis Filho, estudante de Engenharia. Documento de 1964, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

Registro datilografado da entrevista com o estudante da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Documento de 11/7/1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

“PERGUNTA 3” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

“PERGUNTA 5:” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

“PERGUNTA 6:” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

“5.PROPAGANDA:” do questionário INESE sobre semântica política. Documento provavelmente de julho de 1964. Apud NARA, RG 306, A1018, *Brazil Political Semantics*, Box 3.

Carta de Bryan Wedge a John Evans. Documento de 18/10/1964. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

Carta de Bryant Wedge para John Evans, Documento de 5/2/1965. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

Carta de Mr. Stephens para Mr. Ralph White. Documento de 7/2/1964. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

Carta enviada por Jonathan P. Lane para John Evans. Documento de 13/5/1964. Apud NARA, RG 306, A1-1018, *Political Semantics*, Box 3.

“*Public Law 87-256*” ou “*Fullbright Hayes Act*”. Documento de 21/09/1961. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-75/pdf/STATUTE-75-Pg527.pdf> Acesso em 14/9/2015.

Memorando de C. Robert Payne aos funcionários da USIA. Documento de 22/12 de 1959. Apud NARA, RG 306, E1069 – *Biographic Files relating to USIA Directors and other senior Officers*, Box 2.

“*Exchange of Remarks between the president and Carl Rowan, at the swearing-in ceremony for Mr. Rowan to be Director, United States Information Agency*”. Documento de 28/02/1964. Apud NARA, RG 306, P10 – *Records Relating to the Appearances of Carl Thomas Rowan 1964-1965*, Box 1.

“*Interview with Martin Agronsky, NBC-TV ‘Today’ 7:00A.M.*”. Documento de 27/01/1964. Apud NARA, RG 306, P10 – *Records Relating to the Appearances of Carl Thomas Rowan 1964-1965*, Box 1.

Usadas nas Considerações Finais

“*1954-55 IIA Prospectus for Brazil*”. Documento de 30/04/1953. Apud NARA, RG 306, A1E55 – *Master Budget Files*, Box 5.

“*Communist Propaganda Activities in Latin America – 1955*”. Documento de 29/02/1956. NARA, RG 306, A1 1022, Box 6.

“*Public Law 87-256*” ou “*Fullbright Hayes Act*”. Documento de 21 de setembro de 1961. Disponível em <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-75/pdf/STATUTE-75-Pg527.pdf> Acesso em 14/9/2015.

“*A Contingency Plan For Brazil*”. Documento de 6 de janeiro de 1964. Apud NARA, RG 59, *Central Foreign Policy Files 1964-1966; Political Affairs & Relations POL 23-7 Braz 1/1/1964 to POL 23-9 Rebellion Braz 4/6/1964*, Box 1943.

“*NSC-68*”. Documento de 14/04/1950. Disponível em https://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/pdf/10-1.pdf Acesso em 24/05/2015.

“*Resignation of Director George V. Allen*”. Documento de 1/12/1960. Apud NARA, RG306, E1069 – *Biographic Files Relating to USIA Directors and Other Senior Officials, 1953-2000*. Box 5.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARISTÓTELES. *Poética* In *Os Pensadores* - Vol. IV. São Paulo: Abril Cultura, 1973.

ARNDT, Richard. *The First Resort of Kings – American Cultural Diplomacy in the Twentieth Century*. Washington D.C.: Potomac Books Inc., 2005.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social* (verbete). IN Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BAILYN, Bernard. *As origens Ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: EDUSC, 2003.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Brasil, Argentina e Estados Unidos – Da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

_____. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *De Marti a Fidel – A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart – As Lutas Sociais no Brasil – 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983

BASTOS, Pedro Paulo Zaluth & FONSECA, Pedro Cezar Dutra (org.). *A Era Vargas – Desenvolvementismo, Economia e Sociedade*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp. 2010.

BENEVIDES, Maria Victoria. *O Governo Kubitschek – Desenvolvimento Econômico e estabilidade política, 1956-1961*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *O PTB e o Trabalhismo (partido, sindicato e governo em São Paulo)*. São Paulo: CEDEC/Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, volumes de I a III. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

- BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro – O ciclo Ideológico do Desenvolvimento; 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BUNDY, Mc George. Presidentes, Armas Nucleares, e Verdade: Alguns Exemplos, de Roosevelt à Nixon In BERLOWITZ, Leslie. *A América em Teoria*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1993.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- CAPRA, Frank. *The Name Above the Title: An Autobiography*. New York: MacMillian, 1971.
- CARLYLE, Thomas. *História da Revolução Francesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1961.
- CARONE, Edgar. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1982.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que nunca foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Sociologia do Açúcar – Pesquisa e Dedução*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971.
- CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. São Paulo: Codex, 2003.
- CATERINA, Gianfranco. *Um Estudo Sobre o Papel do Capital Estrangeiro na Economia Brasileira (1964-1967)*. TCC de Especialização. São Paulo: Curso MASTER CEABE da Escola de Economia de São Paulo/FGV/EESP, 2014. P. 19.
- CAUTE, David. *The Dancer Defects – The Struggle for Cultural Supremacy During the Cold War*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Editora Moderna, 1986.
- DALLEK, Robert. *Nixon and Kissinger – Partners in Power*. New York: Harper Collins, 2007.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Roxo, 1997.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado – Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Vol I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

_____. *O processo civilizador. Vol II: formação do Estado e da Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

_____. *Os Alemães – A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

EMERSON, Ralph Waldo. *Os Super-Homens*. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.

FICO, Carlos. *O Grande Irmão – da Operação Brother Sam aos anos de chumbo – o governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FURHAMMAR, Leif & ISAKSSON, Folke. *Cinema e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FURTADO, Celso. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

GADAMER, Hans-Georg & FRUCHON, Pierre (org.). *O Problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

GADDIS, John Lewis. *The cold War: A New History*. New York: Penguin Press, 2006.

_____. *We Know now. Rethinking Cold War History*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada – As Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Ditadura Escancarada – As Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Ditadura Derrotada – O Sacerdote e o Feiticeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GERSTLE, Gary. *Working-Class Americanism*. New York: Cambridge University Press, 1991.

_____. *American Crucible – Race and Nation in the Twentieth Century*. New Jersey: Princeton Press, 2001.

GONÇALO Jr. *A Guerra dos Gibis - A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos – 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GORDON, Lincoln. *A Segunda Chance do Brasil – A caminho do primeiro mundo*. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – Edição revista e ampliada*. São Paulo: Ed. Ática, 2011.

GRAZIA, Victoria de. *Irresistible Empire – America's Advance through 20th-Century Europe*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2005.

GREEN, James N. *Apesar de vocês – Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

GUTERMAN, Marcos. *A moral nazista – Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2013.

HAMILTON, Alexander (et alii). *The Federalist Papers*. New York: Mentor Books, 1961.

HIXSON, Walter L. *Partin the Curtain: Propaganda, Culture, and the Cold War, 1945-1961*. New York: St. Martin's Press, 1997.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos - o Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFSTADTER, Richard. *Anti-Intellectualism in American Life*. New York: Vintage Books, s/d.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGHES-WILSON, Colonel John. *A Brief History of The Cold War – The hidden truth about how close we come to nuclear conflict*. London: Robinson, 2006.

JACOBI, Russel. *Os Últimos Intelectuais*. São Paulo: Edusp, 1990.

JOET, Philip. *China's War – Rousing the dragon, 1894-1949*. Oxford: Osprey Publishing, 2013.

JUNG, C.J. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. São Paulo: Vozes, s/d.

JUNQUEIRA, Mary A. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, wilderness e fronteira (1942 – 1970)*. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2000.

_____. *Estados Unidos - A Consolidação da Nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

KARNAL, Leandro (et alii.). *História dos Estados Unidos – das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008.

KASSOW, Samuel D.. *Quem Escreverá Nossa História? – Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KEMPE, Frederick *Berlin 1961 - Kennedy, Khrushchev and the Most dangerous Place on Earth*. New York: Berkley, 2012.

KENNAN, George Frost. *A Rússia e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Forense, 1966.

KEYSSAR, Alexander. *The Right to Vote – The contested History of Democracy in the United States*. New York: Basic Books, 2000.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.

KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste Americano – Quatro ensaios de História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

KOSSELECK, Reinhardt. *O Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. Texto hospedado no site do CPDOC. Apud <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf> Acesso em 8/9/2015.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEMONS, Thiago Tremonte de. *Cultura e Política: a natureza da guerra moderna no pensamento de Claus von Clausewitz*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: PUC-SP, 2008.

LEUCHTENBURG, W. E. *O Século Inacabado - A América desde 1900*, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LOSURDO, Domenico. *Contra-História do Liberalismo*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

LOYN, H.R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MAILER, Norman. *O Super-Homem Vai Ao Supermercado – De Kennedy ao cerco de Chicago, Reportagens Clássicas sobre Convenções Presidenciais nos Estados Unidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PATTERSON, T., CLIFFORD, J., HAGAN, K.. *American Foreign Policy – A History since 1900*. Lexington: D.C. Heath and Company, 1988.

PETERSON, Richard T.. *Democratic Philosophy and the Politics of Knowledge*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1996.

PIKE, Frederick B.. *Natureza e Cultura: América Latina, Mitos e Estereótipos nos Estados Unidos nas Décadas de 20 e 30*. In *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nov/2001.

MARANGONI, Adriano. *A racionalidade insultada: A resistência às “Ciências Sociais” e dados qualitativos nas ações United States Information Agency - 1963-1974*. In *CADUS – Revista de Estudos, Política e Cultura*, v. 1. 2015. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/polithicult/article/view/23721/17003> Acesso em 11/09/2015.

_____. *História em Quadrinhos: Entre a tradição e o desajuste como síntese da cultura americana*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: PUC-SP, 2006.

MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: UNESP, 1999.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros – Paralelos entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

MORAIS, Fernando. *Chatô – O Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MORRIS, Clarence (org.) *Os Grandes Filósofos do Direito*. São Paulo: Martins Fontes 2002.

MORRISON, Grant. *Superdeuses – Mutantes, Alienígenas, Vigilantes, Justiceiros Mascarados e o Significado do Ser Humano na Era dos Super-heróis*. São Paulo: Seoman/Pensamento-Cultrix, 2012.

MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*. Companhia das Letras. 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil – Uma interpretação*. São Paulo: SENAC, 2008.

MUNHOZ, Sidnei J. & SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *Relações Brasil-Estados Unidos: Séculos XX e XXI*. Maringá: Ed. UEM, 2010.

NETO, Lira. *Getúlio 1945-1954 – De volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ORWELL, George. *You and the Atomic Bomb*. <http://gutenberg.net.au/ebooks03/0300011h.html#part33>. Acesso em 30 de Junho/2015.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média – Textos e testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

PEREIRA, Henrique Alonso de A.R.. *Criar Ilhas de Sanidade: Os Estados Unidos e a Aliança para o Progresso no Brasil (1961-1966)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: PUC-SP, 2005.

POWASKI, Ronald E. *The Cold War – The United States and the Soviet Union, 1917-1991*. Nova York: Oxford Press, 1998.

RAGO FILHO, A.. *O ardil do Politicismo: do bonapartismo à auto-reforma da autocracia burguesa*. In *Projeto História* (PUCSP), São Paulo, v. 2, p. 139-167, 2004.

REMOND, René. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008.

RODÓ, José Henrique. *Ariel*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

SAID, Edward. *Orientalismo – O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SCHAMA, Simon. *O futuro da América – Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHLESINGER Jr., Arthur M. *Os ciclos da História Americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

SIRACUSA, Joseph. *Nuclear Weapons – A Very Short Introduction*, New York: Oxford, 2008.

SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: LPM, 1986.

SOUNDERS, Frances Stonor. *The Cultural Cold War – The CIA and The World of Arts and Letters*. New York: The New Press, 2000.

SPEKTOR, Matias. *Kissinger e o Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SUSSMAN, Warren I. *Culture as History*. Pantheon: New York, 1984.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América – Sentimentos e Opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000,

_____. *Democracy in America*. New York: Perennial Classics/Harper Collins, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. *O Amigo Americano – Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O Imperialismo Sedutor – A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Os Americanos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Perfil da Literatura Americana*. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, s/d.

VILLA, Marco Antônio. *Ditadura à Brasileira – 1964-1985 - A democracia golpeada à esquerda e à direita*. São Paulo: Leya, 2014.

VILLEY, Michel. *A formação do pensamento jurídico moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

WALTERS, Vernon. *Missões Silenciosas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.

WIGGERSHUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

WISE, David & ROSS, Thomas. *O governo invisível*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

X (KENNAN, George Frost). *The Sources of the Soviet Conduct*. In *Foreign Affairs*, Julho/1947.

YOUNG, Peter. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Círculo do Livro/Melhoramentos, 1982.